

VANESSA DIFFENBAUGH

MAIS DE  
1 MILHÃO DE  
EXEMPLARES  
VENDIDOS

Uma mulher  
inesquecível  
com o dom  
de mudar a  
vida de outras  
pessoas



a  
Linguagem  
das Flores

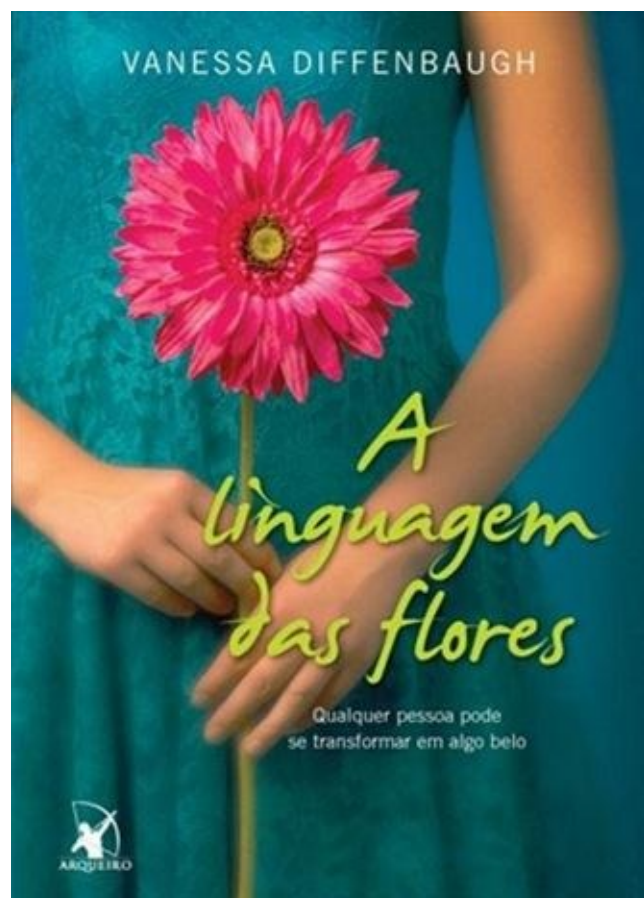








# AFTER DARK





# AFTER DARK



VANESSA DIFFENBAUGH



# A língua das flores

Qualquer pessoa pode  
se transformar em algo belo





# AFTER DARK

Victoria Jones sempre foi uma menina arredia, temperamental e carrancuda. causa de sua personalidade difícil, passou a vida sendo jogada de um abrigo para outro, de uma família para outra, até ser considerada inapta para adoção. / criança, se apaixonou pelas flores e por suas mensagens secretas. Quem lhe ensin tudo sobre o assunto foi Elizabeth, uma de suas mães adotivas, a única qu

menina amou e com quem quis ficar... até pôr tudo a perder. Agora, aos 18 anos e emancipada, ela não tem para onde ir nem com quem contar. Sozinha, passa noites numa praça pública, onde cultiva um pequeno jardim particular. Quando uma florista local lhe dá um emprego e descobre seu talento, a vida de V parece prestes a entrar nos eixos. Mas então ela conhece um misterioso vendedor do mercado de flores e esse encontro a obriga a enfrentar os fantasmas que assombram. Em seu livro de estreia, Vanessa Diffenbaugh cria uma heroína intensa e inesquecível. Misturando passado e presente num intricado quebra-cabeça, A linguagem das flores é essencialmente uma história de amor – entre mãe e filha, entre homem e mulher e, sobretudo, de amor-próprio.







# *Parte 1* *Cardo*



# AFTER DARK



1

DURANTE OITO ANOS, sonhei com fogo. Árvores se incendiavam quando eu passava por elas, oceanos ardiam em chamas. A fumaça adocicada impregnava meus cabelos enquanto eu dormia e, quando eu despertava, o aroma permanecia em meu travesseiro como uma nuvem. Porém, no instante em que meu colchão começou a queimar, acordei sobressaltada. O cheiro forte em nada se parecia com o vapor doce dos meus sonhos; os dois eram tão diferentes quanto o jasmim-neve e o jasmim-carolina, separação e união.

Inconfundíveis.



Parada no meio do quarto, localizei a origem do fogo.

Uma fileira bem ordenada de fósforos se estendia no pé da cama. Eles se acenderam, um após o outro, formando uma cerca de estacas flamejantes à beira do colchão. Quando vi o fogo, senti um terror incompatível com o tamanho das chamas e, por um momento paralisante, voltei a ter 10 anos, com uma sensação de desespero e esperança que nunca antes experimentara e que jamais viria a ter de novo.

Mas o colchão sintético sem lençol não se incendiou como aconteceu com o cardo naquele final de outubro.

Apenas chamuscou-se antes que o fogo se apagasse.

Era meu aniversário de 18 anos.

Na sala de estar, uma fileira de garotas inquietas estava sentada no sofá. Elas me olharam de alto a baixo, parando em meus pés descalços, sem queimaduras. Uma delas pareceu aliviada; outra, decepcionada. Se eu fosse ficar mais uma semana, teria memorizado cada expressão. Então me vingaria colocando pregos enferrujados em solas de sapatos ou pedrinhas em tigelas de cereais. Certa vez, cravei a ponta de um cabide de metal no ombro de uma colega de quarto enquanto ela dormia por causa de uma ofensa bem menos grave do que um incêndio premeditado.

Porém, em uma hora eu não estaria mais ali. Todas as garotas sabiam disso.

Uma delas se levantou do meio do sofá. Parecia jovem –

uns 15, no máximo 16 anos – e era bonita de um jeito que eu



não via sempre: boa postura, pele clara, roupas novas. Não a reconheci de imediato, mas, quando atravessou a sala, notei algo de familiar no modo como se movia, com os braços arqueados, um tanto agressiva. Embora ela tivesse acabado de se mudar para lá, não me era estranha. Então me dei conta de que já havia morado com ela, nos anos que precederam a vida com Elizabeth, quando eu estava mais

revoltada e agressiva do que nunca.

Ela parou a poucos centímetros do meu corpo, seu queixo erguido projetando-se no espaço entre nós duas.

– O fogo – disse, com a voz tranquila – foi presente de todas nós. Feliz aniversário.

Atrás dela, as garotas se agitaram no sofá. Uma cobriu a cabeça com um capuz, outra se enrolou um pouco mais num cobertor. A luz da manhã cintilou naquela fileira de olhos baixos e, de repente, elas me pareceram jovens aprisionadas.

As únicas maneiras de sair de um abrigo como aquele eram fugir, ser expulsa por causa da idade ou ser internada numa clínica psiquiátrica. Crianças daquele tipo não eram adotadas; raramente, quase nunca, iam para casa. Aquelas garotas sabiam quais eram suas chances. Em seus olhos, não havia nada além de medo: de mim, de suas colegas, da vida que haviam arranjado para si mesmas ou que o destino lhes reservara. Senti uma inesperada onda de compaixão. Eu estava partindo. Elas não tinham escolha, precisavam ficar.

Tentei forçar minha passagem em direção à porta, mas a garota deu um passo para o lado, bloqueando meu caminho.



– Sai da frente – falei.

Uma moça que trabalhava no turno da noite colocou a cabeça para fora da cozinha. Não devia ter nem 20 anos e estava com mais medo de mim do que qualquer uma das garotas na sala.



– Por favor – disse, em tom de súplica. – É a última manhã dela. Deixe-a passar.

Esperei preparada, enquanto a garota na minha frente encolhia a barriga, com os punhos cerrados. Mas logo em seguida ela balançou a cabeça e virou as costas. Passei por ela.

Ainda faltava uma hora para Meredith vir me buscar.

Abri a porta da frente e saí. São Francisco amanhecera em meio à neblina, eu sentia o frio piso de concreto da varanda sob meus pés descalços. Detive-me, pensativa. Tinha considerado dar o troco às garotas, algo mordaz e rancoroso, porém me senti estranhamente indulgente. Talvez por ter completado 18 anos e de repente aquilo estar acabado para mim, eu tenha sido capaz de olhar para a ofensa delas com ternura. Antes de ir embora, senti vontade de dizer algo que tirasse o medo de seus olhos.

Desci a Fell Street e dobrei na esquina com a Market.

Diminuí o ritmo ao me aproximar de um cruzamento movimentado, sem saber ao certo aonde ir. Em um dia comum, eu teria colhido plantas no Duboce Park, vasculhado o matagal do terreno baldio da Page Street com a Buchanan



ou roubado ervas do mercado do bairro. Por mais de uma década, passei cada momento livre decorando os significados e descrições científicas das flores, embora quase nunca tenha usado a maior parte desse conhecimento. Utilizava sempre as

mesmas: um buquê de calêndulas, luto; um vaso de cardos, misantropia; um pouco de manjerição seco, ódio. Minha mensagem raramente variava: um monte de cravos vermelhos para a juíza quando percebi que jamais voltaria para o vinhedo e uma peônia para Meredith, sempre que conseguia encontrá-las. Agora, enquanto procurava uma floricultura na Market Street, eu vasculhava meu dicionário mental.

Três quarteirões depois, cheguei a uma loja de bebidas, onde buquês embalados em papel murchavam em baldes debaixo das janelas gradeadas. Parei em frente à loja. Os arranjos eram quase todos de flores variadas, com mensagens conflitantes. Havia poucas opções de buquês coerentes: rosas vermelhas e cor-de-rosa, um buquê murcho de cravos e, explodindo de seu cone de papel, uma profusão de dalias roxas. Dignidade. Soube no mesmo instante que essa era a mensagem que queria transmitir. Virando as costas para o espelho inclinado em cima da porta, enfiei as flores dentro do meu casaco e saí correndo.

Estava sem fôlego quando cheguei de volta ao abrigo.

Encontrei a sala de estar vazia e entrei para desembrulhar as dalias. As flores tinham um formato perfeito, com camadas de pétalas roxas de pontas brancas se abrindo a partir dos miolos espremidos no centro, o que lembrava os raios de uma



estrela. Arrebentei com os dentes o elástico que as prendia e desembaracei os caules. As garotas jamais entenderiam o significado das dalias (que era por si só uma declaração

ambígua de encorajamento), mesmo assim, senti uma leveza incomum enquanto seguia pelo longo corredor, enfiando um caule na fresta de cada uma das portas fechadas.

Dei as flores restantes para a moça que trabalhava no turno da noite. Ela estava parada à janela da cozinha, esperando sua colega chegar para substituí-la.

– Obrigada – falou confusa, quando lhe entreguei o buquê.

Ela girou os caules rígidos entre as palmas das mãos.

Meredith chegou às 10 horas, como prometera. Eu estava esperando na varanda, com uma caixa de papelão equilibrada sobre as coxas. Em 18 anos, o que eu mais havia juntado eram livros: o Dicionário de Flores e o Peterson Field Guide to Pacific States Wildflowers, meu guia de flores silvestres (Elizabeth os enviara para mim um mês depois de eu sair de sua casa); livros de botânica de várias bibliotecas de East Bay, a região ao leste da baía de São Francisco; edições de bolso de poesia vitoriana roubadas de livrarias pouco movimentadas. Pilhas de roupas dobradas cobriam os livros, uma coleção de peças encontradas e roubadas, algumas cabiam em mim, outras não. Meredith estava me levando para um lar provisório chamado The Gathering House, no bairro de Outer Sunset. Eu estava na lista de espera desde os 10 anos.



– Feliz aniversário – disse Meredith enquanto eu colocava minha caixa no banco de trás de seu carro.

Fiquei em silêncio. Nós duas sabíamos que aquele podia ou não ser o dia do meu aniversário. O primeiro relatório de meu dossiê registrava minha idade como aproximadamente três semanas. A data e o local de meu nascimento eram desconhecidos, assim como meus pais biológicos. O dia 1º de agosto tinha sido escolhido para fins de emancipação, e não para comemorações.

Eu me afundei no banco do carona ao lado de Meredith, fechei a porta e esperei que ela se afastasse do acostamento.

Suas unhas postiças tamborilavam no volante. Afivelei o cinto de segurança. Mesmo assim, o carro continuou parado. Virei-me para encarar Meredith. Não havia tirado o pijama, então levantei meus joelhos vestidos de flanela até o peito e cobri as pernas com minha jaqueta. Corri os olhos pelo teto do carro enquanto esperava que ela dissesse alguma coisa.

– Bem, você está pronta? – perguntou.

Dei de ombros.

– Então é isso – começou Meredith. – Sua vida começa agora. Daqui pra frente, não pode culpar mais ninguém além de si mesma.

Meredith Combs, a assistente social responsável por selecionar as inúmeras famílias adotivas que me devolveram, queria me falar sobre culpa.



---

2



PRESSIONEI A TESTA contra a janela e fiquei observando as colinas passarem, secas por conta do verão. O

carro de Meredith cheirava a fumaça de cigarro e, no cinto de segurança, havia mofo de algo que uma criança tivera permissão de comer ali. Eu tinha 9 anos. Estava no banco de trás, de camisola, com meu cabelo curto desganhado. As coisas não estavam saindo como Meredith queria. Ela havia comprado um vestido para a ocasião, azul-claro, com ótimo caimento, enfeitado com bordados e renda, mas eu me recusara a usá-lo.

Meredith olhava para a estrada à sua frente. Ela não me viu destravar o cinto de segurança, baixar a janela e colocar a



cabeça para fora até pressionar minha clavícula contra a porta. Erguendo meu queixo contra o vento, fiquei esperando que ela mandasse eu me sentar. Ela olhou para trás, mas não disse nada. Sua boca permaneceu uma linha cerrada e eu não conseguia ver sua expressão por trás dos óculos escuros.

Continuei assim até Meredith pressionar um botão na sua porta que fez a janela subir alguns centímetros sem aviso. O vidro grosso se apertou contra meu pescoço esticado.

Saltei para trás, quicando no banco e caindo no chão.

Meredith continuou a fechar as janelas até o barulho do vento ser substituído pelo silêncio de dentro do carro. Não olhou para trás. Enroscando-me no carpete sujo, peguei uma

mamadeira com leite rançoso debaixo do banco do carona e a atirei contra Meredith. O objeto atingiu seu ombro e ricocheteou de volta para mim, derramando um líquido azedo nos meus joelhos. Ela nem se mexeu.

– Você quer pêssego? – perguntou.

Eu nunca recusava comida e Meredith sabia disso.

– Quero.

– Então volte para o seu lugar, coloque o cinto que comprarei o que você quiser na próxima barraca de frutas que aparecer.

Subi no banco e passei o cinto de segurança em torno da cintura.



Quinze minutos depois, Meredith parou no acostamento e comprou dois pêssegos e uns 200 gramas de cerejas, que contei enquanto comia.

– Eu não deveria lhe dizer isto – começou ela enquanto voltávamos para a estrada.

Meredith falava devagar, prolongando a frase para dar mais efeito. Então fez uma pausa e olhou para mim. Sem desviar o olhar da janela, descansei a bochecha contra o vidro, impassível. Então ela prosseguiu:

– Mas acho que você merece saber. Esta é sua última chance. A última mesmo, Victoria... está me ouvindo? – Não respondi. – Quando você completar 10 anos, o juizado vai declará-la inapta



para adoção e nem mesmo eu vou continuar tentando convencer as famílias a aceitá-la. Se não der certo desta vez, você irá para um abrigo atrás de outro até a sua emancipação. Apenas me prometa que vai pensar nisso.

Baixei o vidro e cuspi caroços de cereja ao vento. Fazia apenas uma hora que Meredith tinha me buscado e me levado embora de minha primeira estadia em um abrigo. Foi então que percebi que devia ter sido mandada para lá por um motivo – para me preparar para aquele exato momento. Não tinha feito nada para ser expulsa do meu lar adotivo e fiquei no abrigo apenas uma semana até que Meredith foi me buscar a fim de me levar para Elizabeth.

Seria típico de Meredith, pensei, me fazer sofrer para provar que tem razão. A equipe do abrigo tinha sido cruel.



Todas as manhãs, o cozinheiro fazia uma garota gorda e negra comer com a blusa levantada até o pescoço, com a barriga saliente exposta, para que não se esquecesse de que não deveria comer demais. Depois, a responsável pelas crianças, Srta. Gayle, escolhia uma de nós para ficar de pé à cabeceira de uma longa mesa e explicar por que nossa família não nos queria. Ela só me escolheu uma vez e, como fui abandonada ao nascer, pude simplesmente dizer: “Minha mãe não queria um bebê.” Outras garotas contavam histórias sobre as coisas terríveis que haviam feito com seus irmãos ou sobre como eram responsáveis por seus pais terem se tornado dependentes químicos e quase sempre choravam.

Porém, se o plano de Meredith ao me colocar no abrigo era que eu ficasse assustada e me comportasse, não tinha dado certo. Apesar da equipe, gostei de lá. As refeições eram servidas em horários fixos, eu dormia com dois cobertores e ninguém fingia que me amava.

Comi a última cereja e cuspi o caroço na nuca de Meredith.

– Apenas pense nisso – repetiu ela.

Como se quisesse me subornar para que eu refletisse sobre o assunto, ela entrou num drive-thru e comprou uma porção de peixe com batatas fritas fumegantes e um milkshake de chocolate. Comi depressa, fazendo sujeira, enquanto observava a paisagem árida de East Bay se transformar no caos superpovoado de São Francisco e, em seguida, se abrir em uma grande extensão de água. Quando



atravessamos a ponte Golden Gate, minha camisola já estava coberta de pêssego, cerejas, ketchup e sorvete.

Passamos por campos secos, por uma fazenda de flores e por um estacionamento vazio até enfim chegarmos a um vinhedo, com as plantas organizadamente enfileiradas sobre as colinas ondulantes. Meredith freou de modo brusco e dobrou à esquerda, pegando uma longa estrada de terra batida e acelerando pelo caminho acidentado como se não pudesse esperar nem mais um instante para me tirar de dentro do carro. Passamos a toda por mesas de piquenique e por carreiras de videiras bem cuidadas, com troncos grossos

e os ramos crescendo sobre grades de arame baixas. Meredith diminuiu um pouco a velocidade em uma curva antes de acelerar de novo, levantando poeira, e seguir em direção a um aglomerado de árvores altas no centro da propriedade.

Quando parou e a poeira baixou, vi uma casa de fazenda branca. Tinha dois andares e um telhado pontiagudo, uma varanda envidraçada e cortinas de renda nas janelas. À

direita, havia um pequeno trailer e mais de um barracão caindo aos pedaços, com brinquedos, ferramentas e bicicletas espalhados entre eles. Como já havia morado num trailer antes, perguntei-me imediatamente se Elizabeth teria um sofá-cama ou se eu seria obrigada a dividir o quarto com ela.

Não gostava de ouvir as pessoas respirando.

Meredith não esperou para ver se eu iria sair do carro espontaneamente. Desafivelou meu cinto de segurança, me agarrou por baixo dos braços e me arrastou até a entrada do



casarão, enquanto eu chutava o ar. Esperava que Elizabeth fosse sair do trailer, então estava de costas para a varanda e não a vi antes de sentir seus dedos ossudos no meu ombro.

Com um grito, saí correndo, descalça, até o outro lado do carro e me agachei atrás dele.

– Ela não gosta de ser tocada – ouvi Meredith dizer para Elizabeth com evidente irritação. – Eu avisei. Você precisa esperar que ela se aproxime.

Fiquei com raiva por ela saber disso. Esfreguei a pele onde Elizabeth tinha me agarrado, como se tentasse apagar suas impressões digitais, e continuei atrás do carro, fora de vista.

– Vou esperar – disse Elizabeth. – Falei que iria e não pretendo faltar com minha palavra.

Meredith começou a listar os motivos pelos quais não poderia ficar para nos ajudar a nos conhecermos melhor: um avô doente, um marido preocupado e seu medo de dirigir à noite. Elizabeth ouvia com impaciência, batendo o pé perto do pneu traseiro. Em instantes Meredith iria embora, deixando-me exposta no caminho de cascalho. Eu recuei, engatinhando. Depois de disparar para trás de uma nogueira, levantei-me e saí correndo.

Assim que as árvores acabaram, agachei-me na primeira fila de videiras, escondendo-me no meio de uma delas, especialmente densa. Puxei os galhos soltos para baixo e envolvi meu corpo magro com eles. Do meu esconderijo, ouvia



Elizabeth vindo na minha direção e, ajustando os ramos, pude vê-la andando por um dos corredores. Quando ela passou pelo lugar onde eu estava, senti-me aliviada e deixei cair a mão com a qual cobria a boca.

Erguendo o braço, apanhei uma uva do cacho mais próximo e mordi sua casca grossa. Estava amarga. Eu a cuspi e, uma a uma, peguei as outras uvas do cacho e as esmaguei com o pé, o suco jorrando entre meus dedos.

Não vi nem escutei Elizabeth voltar na minha direção.

Mas, assim que comecei a esmagar um segundo cacho de uvas, ela enfiou as duas mãos no meio dos galhos e me agarrou pelos ombros, arrancando-me de meu esconderijo.

Então, me segurou à sua frente com os braços estendidos.

Meus pés balançavam a um centímetro do chão enquanto ela me analisava.

– Eu cresci aqui – falou. – Conheço todos os bons esconderijos.

Tentei me libertar, mas Elizabeth me segurava firme pelos dois braços. Ela colocou meus pés no chão, mas continuou me prendendo com a mesma força. Chutei terra para cima de suas canelas e, como ela não me soltou, dei pontapés em seus tornozelos. Ela não recuou.

Rosnei e tentei morder seu braço esticado, mas ela previu o que eu faria e agarrou meu rosto. Apertou minhas bochechas até minha mandíbula afrouxar e meus lábios



formarem um bico. Doeui e respirei fundo, sugando o ar pela boca.

– Nada de morder – disse, inclinando-se para a frente como se fosse beijar meus lábios rosados e franzidos, mas parou a poucos centímetros do meu rosto, seus olhos escuros perfurando os meus. – Eu gosto de ser tocada. Você vai ter que se acostumar com isso.

Em seguida, abriu um sorriso alegre e soltou meu rosto.

– Não vou me acostumar – jurei. – Nunca.

No entanto, parei de lutar e deixei que ela me arrastasse até a varanda e para dentro da casa fria e escura.





3

MEREDITH FEZ UMA CURVA, saindo da Sunset Boulevard e seguindo muito devagar pela Noriega Street, lendo cada uma das placas da rua. Um motorista impaciente buzinou atrás de nós.

Ela vinha falando sem parar desde a Fell Street e a lista de motivos que tornavam minha sobrevivência improvável poderia se estender por metade de São Francisco: não tinha diploma, motivação, ninguém para me apoiar ou o mínimo de competência social. Ela perguntava quais eram os meus planos, exigindo que eu pensasse em minha autossuficiência.

Eu a ignorava.



Sempre tinha sido assim entre nós duas. Quando pequena, eu absorvia seu otimismo tagarela, sentada na beira da cama enquanto ela escovava e trançava meus cabelos castanhos e finos, prendendo-os com uma fita antes de me apresentar como um presente para uma nova mãe ou um novo pai. Mas, com o passar dos anos, à medida que as famílias me devolviam, uma após outra, Meredith parecia perder as esperanças. A maneira carinhosa como costumava pentear meus cabelos se tornou bruta, oscilando ao ritmo dos seus sermões. As recomendações sobre como eu deveria agir se tornavam mais longas a cada troca de lar e o comportamento esperado ficava cada vez mais distante da



criança que eu realmente era. Meredith mantinha uma lista de meus defeitos em sua agenda e os lia à juíza como se fossem condenações. “Distante. Temperamental. Carrancuda.

Sem remorsos.” Eu me lembro de cada uma de suas palavras.

Porém, apesar das frustrações, Meredith não desistiu do meu caso. Recusou-se a transferi-lo da unidade de adoções mesmo quando a juíza, cansada de mim, sugeriu, no verão em que completei 8 anos, que talvez ela já tivesse feito tudo o que podia. Meredith negou sem titubear. Por um instante de surpresa e animação, acreditei que sua reação era consequência de algum afeto oculto por mim, mas, quando olhei em sua direção, vi sua pele clara corar de vergonha. Ela era minha assistente social desde que eu tinha sido abandonada; se eu fosse considerada um fracasso, seria o fracasso dela.



Nós paramos em frente à Gathering House, uma casa de estuque cor de pêssego com telhado plano, em uma rua cheia de outras casas de estuque cor de pêssego com telhado plano.

– Três meses – falou Meredith. – Quero ouvir você dizer isso. Quero ter certeza de que entendeu. Três meses de aluguel grátis. Depois disso, ou paga ou vai embora.

Fiquei calada. Meredith saiu do carro e bateu a porta atrás de si.

Minha caixa tinha virado no banco de trás durante a viagem, espalhando minhas roupas sobre o assento. Eu as empilhei de novo em cima dos livros e subi os degraus da entrada atrás

de Meredith. Ela tocou a campainha.

Esperamos mais de um minuto até a porta se abrir, revelando um grupo de meninas paradas no hall. Apertei minha caixa contra o peito.

Uma garota baixa, de pernas roliças, com cabelos loiros e longos, abriu a tela de metal e estendeu a mão.

– Eu sou Eve.

Meredith pisou no meu pé, mas não estendi minha mão para cumprimentar a garota.

– Esta é Victoria Jones – falou, empurrando-me para a frente. – Ela faz 18 anos hoje.

O grupo murmurou os parabéns e duas garotas trocaram olhares com as sobrancelhas arqueadas.



– Alexis foi despejada na semana passada – disse Eve. –

Você vai ficar no quarto dela.

Ela se virou para me levar até lá e eu a segui por um corredor escuro e acarpetado até uma porta aberta. Depois de entrar, fechei a porta e girei a chave.

O quarto era de um branco ofuscante. Cheirava a tinta fresca e, quando toquei as paredes, elas estavam grudentas.

O pintor tinha sido descuidado. O carpete, que um dia fora branco como as paredes, mas tinha se encardido com o uso, estava respingado de tinta junto ao rodapé. Desejei que ele tivesse ido em frente, pintando o carpete todo, o colchão de solteiro e o criado-mudo de madeira escura. O branco era limpo e novo e gostei da ideia de aquelas coisas não terem pertencido a ninguém antes de mim.

Meredith me chamou do corredor. Ela bateu à porta.

Depois bateu outra vez. Larguei minha caixa pesada no meio do quarto. Tirei minhas roupas de dentro dela e as empilhei no chão do armário, colocando meus livros sobre o criado-mudo. Quando a caixa estava vazia, rasguei-a em tiras para cobrir o colchão sem lençol e me deitei. A luz se derramava por uma pequena janela e refletia nas paredes, aquecendo a pele de meu rosto, meu pescoço e minhas mãos. Notei que a janela era voltada para o sul, o que favorecia orquídeas e bulbos em geral.

– Victoria? – insistiu Meredith. – Preciso saber quais são os seus planos. Apenas me diga isso e deixo você em paz.



Ignorando o som dos nós de seus dedos contra a madeira, fechei os olhos, até que ela parou de bater. Quando tornei a abri-los, havia um envelope no chão, perto da porta.

Dentro dele, havia uma nota de 20 dólares e um bilhete que dizia: Compre comida e procure um emprego.

Com a nota de 20 dólares de Meredith, comprei sete

galões de leite integral. Todas as manhãs, durante uma semana, eu ia à venda da esquina, comprava o leite e bebia aquele líquido encorpado devagar ao longo do dia enquanto andava pelos parques municipais e pelos pátios das escolas, identificando as plantas da região. Como jamais tinha morado tão perto do mar, esperava estranhar a paisagem.

Imaginei que a espessa neblina matinal, que pairava a poucos centímetros do solo, cultivasse uma espécie de vegetação que eu nunca tinha visto. Mas, exceto pelos montes volumosos de babosas perto da orla, com suas flores altas e vermelhas que apontavam para o céu, o que encontrei foi uma surpreendente ausência de novidades. As mesmas plantas estrangeiras que tinha visto em jardins e viveiros por toda a baía de São Francisco – cambarás, buganvilles, jasmineiros-bastardos, capuchinhas – dominavam a região. A única diferença era o tamanho. Envolvidas pela umidade opaca da costa, as plantas se tornavam maiores, mais vivas e mais selvagens, escondendo as cercas baixas e os barracões de jardinagem.

Quando eu acabava de tomar meu galão de leite, voltava para casa, cortava-o ao meio com uma faca de cozinha e



esperava a noite chegar. A terra no canteiro do vizinho era escura e fértil, por isso a transferi para meus vasos de flores improvisados com uma colher de sopa. Depois de fazer buracos no fundo dos galões, eu os deixava no chão, no meio do quarto, onde podiam receber luz do sol por algumas horas no final das manhãs.

Eu iria procurar trabalho; sabia que precisava fazer isso.

Mas, pela primeira vez na vida, tinha meu próprio quarto com uma porta que podia trancar e ninguém para me dizer aonde ir ou o que fazer. Antes de começar a procurar emprego, decidi que iria cultivar um jardim.

Ao fim da primeira semana, eu já tinha 14 vasos e vasculhara um raio de 16 quadras para saber quais eram minhas opções. Priorizando flores que desabrochavam no outono, arranquei plantas inteiras de quintais, jardins comunitários e pracinhas. Geralmente voltava para casa a pé, com bolas de raízes lamacentas aninhadas nas mãos, porém mais de uma vez acabei me perdendo ou indo parar longe demais da Gathering House. Quando isso acontecia, eu entrava escondida em um ônibus pela porta de trás, procurava um banco vazio e seguia nele até a vizinhança me parecer familiar. De volta ao meu quarto, separava as raízes arrancadas com cuidado, depois as cobria com terra adubada e as regava abundantemente. A água dos galões era escoada direto no carpete, que a absorvia. Com o passar dos dias, ervas daninhas começaram a brotar em meio à fibra gasta.



Eu observava com atenção e arrancava as espécies invasivas quase antes de elas conseguirem irromper da escuridão.

Uma vez por semana, Meredith aparecia para ver como eu estava. A juíza a havia designado como meu contato permanente, pois a lei de emancipação exigia que eu tivesse algum tipo de vínculo e não havia mais ninguém na minha

vida. Eu me esforçava ao máximo para evitá-la. Ao voltar das minhas caminhadas, observava a Gathering House da esquina e só subia os degraus da frente se seu carro branco não estivesse parado na entrada. Com o tempo, Meredith percebeu minha tática e um dia, no começo de setembro, abri a porta e deparei com ela sentada à mesa da sala de jantar.

– Onde está seu carro? – perguntei.

– Estacionado do outro lado do quarteirão. Não vejo você há um mês, então deduzi que estivesse me evitando. Tem algum motivo para isso?

– Nenhum.

Andei até a mesa e afastei os pratos sujos que alguém deixara ali. Ao me sentar, coloquei punhados de lavanda –

que havia arrancado de um quintal no bairro de Pacific Heights – sobre a madeira riscada entre nós.

– Lavanda – falei, entregando-lhe um ramo. –

Desconfiança.

Meredith girou o ramo entre o polegar e o indicador e o largou sobre a mesa, desinteressada.



– E o emprego? – perguntou.

– Que emprego?

– Você tem algum?

– Por que teria?

Meredith suspirou. Pegou a lavanda que eu tinha lhe dado e a atirou, com a ponta para frente, na minha direção. A flor caiu de bico como um avião de papel malfeito.

Apanhando-a da mesa, alisei suas pétalas amarrotadas com o polegar.

– Você teria um emprego – disse Meredith –, porque procurou, se candidatou e foi contratada. Porque, se não fizer isso, será despejada em seis semanas e ninguém vai abrir a porta para você em uma noite fria.

Olhei para a porta da frente, perguntando-me por quanto tempo ela ainda ficaria ali.

– Você tem que querer – disse Meredith. – Só posso ajudar até certo ponto. No fim das contas, você tem que querer.

Querer o quê? Era o que eu sempre me perguntava quando ela dizia isso. Eu queria que Meredith fosse embora.

Queria beber o leite que ficava na prateleira superior da geladeira e que tinha uma etiqueta onde se lia LORRAINE e acrescentar o galão vazio à coleção no meu quarto. Queria plantar a lavanda perto do meu travesseiro e adormecer sentindo seu aroma refrescante.



Meredith se levantou.

– Voltarei na próxima semana quando você menos esperar e quero ver um monte de formulários de solicitação de emprego na sua mochila. – Ela parou à porta. – Vai ser muito difícil para mim despejar você, mas saiba que é exatamente isso que farei.

Não acreditei que fosse ser difícil.

Fui até a cozinha e abri o freezer. Fiquei revirando rolinhos primavera e croquetes de salsicha congelados até ouvir a porta da frente se fechar.

Passei minhas últimas semanas na Gathering House transferindo o jardim de meu quarto para a McKinley Square, um pequeno parque municipal na parte mais alta do bairro de Potrero Hill. Descobri aquele lugar enquanto andava pelas ruas em busca de cartazes de oferta de emprego e fui distraída pela perfeita combinação de sol, sombra, solidão e segurança do parque. Havia um pequeno playground com chão de areia e um trepa-trepa no meio de um gramado quadrangular bem cuidado, mas, depois dele, o terreno era íngreme e arborizado, com vista para o Hospital Geral de São Francisco e uma fábrica de cerveja. Em vez de continuar procurando emprego, transportei meus galões um por um até aquele local isolado. Escolhi cuidadosamente a disposição de cada planta: as que gostavam de sombra, debaixo de árvores altas; as que precisavam de sol, uns 10 metros colina abaixo, longe da penumbra.



Na manhã do meu despejo, acordei antes do amanhecer



em meu quarto vazio. O chão ainda estava úmido e sujo nas partes em que os galões de leite tinham ficado. Minha iminente condição de sem-teto não tinha sido uma decisão consciente. No entanto, quando levantei da cama para me vestir, fiquei surpresa ao descobrir que não estava com medo.

Em vez do temor e da raiva que esperava, eu estava tomada de uma ansiedade nervosa, uma sensação parecida com a que experimentava na infância sempre que ia para um novo lar adotivo. Agora, adulta, minhas esperanças para o futuro eram simples: queria ficar sozinha, cercada de flores. Parecia que, enfim, iria conseguir exatamente o que desejava.

Meu quarto estava vazio exceto por três mudas de roupa, minha mochila, uma escova de dentes, gel para cabelo e os livros que Elizabeth tinha me dado. Na noite anterior, eu ficara deitada na cama, ouvindo as meninas que moravam comigo revirarem o restante das minhas coisas como animais famintos devorando os mortos. Este era o procedimento-padrão em lares provisórios ou abrigos: fazer a limpa nas coisas deixadas para trás por crianças expulsas às pressas, aos prantos. Minhas colegas, embora emancipadas, mantinham a tradição.

Fazia anos – quase 10 – que eu não participava desse ritual, mas ainda me lembrava da emoção de encontrar algo comestível, algo que pudesse vender na escola por um trocado, algo misterioso ou pessoal. Quando estava no ensino fundamental, comecei a colecionar esses pequenos objetos



esquecidos como se fossem tesouros – um pingente de prata

com a letra M gravada; uma pulseira de relógio azul, imitando couro de cobra; um porta-remédio do tamanho de uma moeda de 25 centavos contendo um molar manchado de sangue. Eu os enfiava numa bolsa de tela com zíper que havia roubado de uma lavanderia. Os objetos despontavam dos buracos minúsculos do tecido à medida que a bolsa ficava cheia e pesada.

Durante algum tempo, tentei me convencer de que estava guardando aqueles objetos para seus verdadeiros donos – não para devolvê-los, mas para usá-los em troca de comida ou favores se por acaso voltássemos a nos encontrar em outro abrigo. Porém, à medida que fui crescendo, comecei a me tornar possessiva com a coleção, contando para mim mesma as histórias de cada objeto várias vezes: a época em que morei com Molly, a garota que adorava gatos; a colega de beliche que tivera o braço quebrado ao roubarem seu relógio; o apartamento de porão no qual Sarah descobriu a verdade sobre a Fada dos Dentes. Meu apego àquelas coisas não se baseava em nenhum vínculo com as pessoas. Na maioria das vezes eu as evitava, ignorando seus nomes, sua situação e suas esperanças para o futuro. Mas, com o tempo, os objetos começaram a parecer uma série de pistas do meu passado, uma trilha de migalhas de pão e eu tinha a vaga sensação de querer percorrê-la de volta até a origem de minhas lembranças. Então, numa apressada e caótica mudança de lar, fui obrigada a deixar a bolsa para trás. Depois disso,



passei anos recusando-me a fazer malas, chegando a cada nova casa de mãos teimosamente vazias.

Comecei a me vestir depressa: duas camisetas, seguidas por três blusas e um blusão com capuz, calça de stretch marrom, meias e sapatos. Meu cobertor de lã marrom não caberia na mochila, então dobrei-o ao meio, amarrei-o em volta da cintura e fiz pregas com alfinetes de segurança mais ou menos a cada 2 centímetros. Juntei a parte de baixo e a preendi em camadas, como um saíote. Por cima de tudo isso, vesti duas saias de comprimentos diferentes, a primeira longa, rendada e laranja; a segunda, de corte evasê e cor de vinho. Analisei meu reflexo no espelho do banheiro enquanto escovava os dentes e lavava o rosto, satisfeita ao ver que não parecia atraente nem repulsiva. Minhas curvas estavam bem escondidas debaixo das roupas e o corte de cabelo extracurto que eu mesma fizera na noite anterior ressaltava de maneira quase assustadora meus olhos azuis brilhantes – o único traço marcante num rosto que, em todos os outros aspectos, é bastante comum. Sorri para o espelho. Não parecia uma sem-teto. Pelo menos, ainda não.

Detive-me no vão da porta de meu quarto vazio. A luz do sol se refletia nas paredes brancas. Perguntei-me quem o ocuparia em seguida e o que as pessoas iam pensar das ervas que brotavam do carpete próximo ao pé da cama. Se tivesse pensado antes, teria deixado um galão cheio de erva-doce para a próxima garota. A planta sedosa e seu cheiro adocicado seriam reconfortantes. Mas agora era tarde.



Balancei a cabeça para me despedir do quarto que não seria mais meu, sentindo uma repentina gratidão pela maneira como o sol batia ali, pela porta com chave, pelo breve

privilégio do tempo e do espaço.

Caminhei, apressada, para a sala de estar. Pela janela, vi o carro de Meredith já parado na entrada, com o motor desligado. Ela estava observando seu reflexo no retrovisor, com as duas mãos agarradas ao volante. Dei meia-volta, saí escondida pela porta dos fundos e peguei o primeiro ônibus que passou.

Nunca mais vi Meredith.



# AFTER DARK



4

AO PÉ DA COLINA, A FÁBRICA de cerveja soltava uma fumaça em direção ao céu dia e noite. Eu observava a brancura se espalhar enquanto arrancava as ervas daninhas e aquela imagem contaminava minha alegria com uma pontada de desespero.

O mês de novembro em São Francisco era ameno e a McKinley Square ficava tranquila. Meu jardim, exceto por uma papoula arbórea sensível, sobreviveu ao replantio e, pela primeira vez em 24 horas, imaginei que poderia ser feliz com uma vida anônima, escondida em meio à segurança das árvores. Trabalhei o tempo todo de ouvidos atentos, preparada para correr se escutasse passos, mas ninguém se



afastou do gramado bem cuidado, ninguém bisbilhotou o matagal onde eu estava agachada. Até mesmo o parquinho ficava vazio, exceto por uns 15 minutos antes das aulas, quando crianças muito bem monitoradas vinham brincar no balanço antes de continuarem a descer a colina. No terceiro dia, eu já conseguia identificar as vozes das crianças. Sabia quem sempre escutava a mãe (Genna), quem era a favorita da

professora (Chloe) e quem preferiria ser enterrada viva na caixa de areia a aturar mais um dia de aula (a pequena Greta; se meus ásteres já tivessem florescido, eu teria deixado um balde cheio deles na caixa de areia para ela, tamanha a desolação de sua voz ao implorar para que a mãe a deixasse ficar ali). As famílias não conseguiam me ver, assim como eu não as via, mas, com o passar dos dias, comecei a esperar ansiosamente suas visitas. Passava o início das manhãs imaginando com qual daquelas crianças eu teria sido mais parecida se houvesse tido mãe para me levar à escola todos os dias. Imaginava-me obediente em vez de rebelde, sorridente em vez de emburrada. Perguntava-me se ainda amaria as flores, se ainda teria vontade de ficar sozinha.

Essas questões sem resposta giravam em minha cabeça como a água nas raízes dos meus gerânios silvestres, que eu regava generosa e frequentemente.

Quando a fome apertava a ponto de me distrair, eu pegava um ônibus e seguia para o Marina District, para a Fillmore Street ou para o bairro de Pacific Heights. Ali, fazia um tour pelos restaurantes chiques, em cujos balcões de mármore eu me demorava, beliscando uma azeitona, uma



fatia de bacon canadense ou uma lasca de queijo Havarti.

Fazia as perguntas que Elizabeth teria feito: quais azeites de oliva não eram filtrados; quão “frescos” estavam o atum, o salmão e o linguado; se as primeiras laranjas da estação estavam doces. Eu aceitava as porções extras de tira-gosto,

fingindo estar indecisa. Então, quando o garçom se virava para atender outro cliente, eu ia embora.

Depois, com minha fome mal saciada, eu andava pelas colinas, procurando plantas que pudesse adicionar ao meu jardim em expansão. Vasculhava tanto jardins particulares quanto parques públicos, esgueirando-me por baixo de dosséis de glórias-da-manhã e flores-da-paixão. Nas raras vezes em que deparava com uma planta que não conseguia identificar, arrancava um ramo e o carregava depressa até um restaurante cheio, onde esperava algum cliente ir embora para me sentar à sua mesa. Diante dos pratos de lasanha ou risoto deixados pela metade, colocava a pobre planta em um copo d'água gelada, com a haste verde enfraquecida pendendo contra a borda. Enquanto comia os restos, cheios de molho, folheava meu guia de flores, analisando as partes da planta e respondendo metodicamente às questões: Pétalas numerosas ou não aparentes? Folhas em forma de espada, de coração ou brotando umas das outras? A amostra tem seiva leitosa abundante, com ovário pendendo para um dos lados da flor, ou sem seiva leitosa, com ovário ereto? Após deduzir a família da planta e memorizar seus nomes comum e científico, eu guardava a flor entre as páginas e olhava à minha volta, em busca de outro prato deixado pela metade.



Na terceira noite, não consegui dormir. Meu estômago vazio roncava e, pela primeira vez, minhas flores não me serviram de consolo. Em vez disso, suas silhuetas na escuridão me lembravam do tempo que eu tivera para procurar um emprego, para começar uma nova vida. Apertei



o cobertor contra a minha cabeça e fechei os olhos, cochilando e acordando em seguida, recusando-me a pensar sobre o que faria quando os dias seguintes chegassem.

No meio da noite, acordei sobressaltada, sentindo um cheiro forte de tequila. Meus olhos se abriram bruscamente.

Uma urze que eu havia transplantado de um beco transversal à Divisadero Street estendia suas folhas pontudas sobre minha cabeça. Por entre os tenros botões em forma de sino, vi a silhueta de um homem se inclinar e arrancar um caule do meu helenium. Ao fazer isso, virou sua garrafa de tequila, derramando a bebida sobre o arbusto que me escondia. Uma garota atrás dele estendeu a mão para pegar a garrafa. Ela se sentou no chão de costas para mim e ergueu a cabeça para o céu.

O homem estendeu a flor e, sob a luz do luar, percebi que era jovem demais para beber e até para estar na rua à noite. Ele passou as pétalas pela cabeça e pela lateral do rosto da garota.

– Uma margarida para o meu amor – disse. Estava bêbado.

– Isso é um girassol, seu idiota – respondeu ela, rindo.



Seu rabo de cavalo, amarrado com um laço que combinava com sua blusa e com sua saia plissada, balançou de um lado para o outro. Ela pegou a flor e a cheirou. O

pequeno botão cor de laranja estava sem a metade das pétalas; ela arrancou as poucas que restavam até o centro se curvar sob o próprio peso, abandonado no ar noturno, e

então o atirou em direção ao mato.

O menino se sentou perto dela. Cheirava a suor disfarçado por perfume barato. Ela jogou a garrafa vazia nos arbustos e se virou para ele.

No mesmo instante, o garoto começou a devorar o rosto dela com um beijo barulhento, enfiando as mãos debaixo de sua blusa. Com a língua, ele a forçou a abrir a boca e pensei que ela fosse engasgar, mas, em vez disso, fingiu gemer e agarrou o cabelo oleoso dele. Senti meu estômago embrulhar, uma fatia de salame subiu até minha garganta. Tapei a boca com uma das mãos e os olhos com a outra, mas continuava a ouvi-los. Os ruídos dos dois se beijando eram molhados e grosseiros e chegavam até onde eu estava com tanta precisão que pareciam dedos vorazes, apertando meus lábios, meu pescoço e meus seios.

Eu me enrosquei em posição fetal, com a cama de folhas estalando sob meu corpo. O casal continuou a se beijar.

Na manhã seguinte, enquanto estava parada no ponto de ônibus, observei uma mulher alta, segurando um vaso cheio de tulipas brancas, pegar uma chave e abrir a porta da floricultura do bairro. Ela acendeu as luzes e a palavra



BLOOM, escrita com gravetos, surgiu iluminada por trás na vitrine ampla. Atravessei a rua e me aproximei dela.

– Estão fora de estação – falei, inclinando a cabeça para as tulipas.

A mulher ergueu as sobrancelhas.

– Noivas.

Ela largou o vaso e me encarou como se esperasse que eu dissesse alguma coisa.

Pensei nos namorados enroscados debaixo de minha urze. Eles tinham dormido mais perto de mim do que eu imaginara e, ao acordar, pisei no ombro do rapaz antes de conseguir localizá-los no meio das plantas. Nenhum dos dois se mexeu. Os lábios da garota estavam sobre o pescoço dele como se ela tivesse desmaiado no meio de um beijo. O queixo dele estava apontado para cima, a cabeça recostada em ramos de helenium, como se ele estivesse gostando daquela sensação. Num piscar de olhos, minha ilusão de segurança e solidão havia desaparecido.

– Em que posso ajudá-la? – perguntou a mulher. Ela corria os dedos com impaciência por seus cabelos grisalhos e repicados.

Só então percebi que tinha me esquecido de passar gel no cabelo e torci para que não houvesse folhas presas nele.

Balancei a cabeça, constrangida, antes de falar:

– Precisa de uma ajudante?



Ela me olhou dos pés à cabeça.

– Você tem experiência?

Correndo o dedão do pé por uma linha funda no chão de cimento, refleti sobre minha experiência. Potes de geleia cheios de cardo e espigas de babosa presas com fita adesiva não contavam muito no mundo dos arranjos florais. Eu poderia citar um monte de nomes científicos e desfiar as histórias das famílias botânicas, mas duvidei que isso fosse impressioná-la. Balancei a cabeça.

– Não.

– Então, não.

Ela me encarou novamente e seu olhar era tão firme quanto o de Elizabeth costumava ser. Senti um nó na garganta e agarrei o cobertor marrom que usava como saiote, com medo de que ele se soltasse e caísse aos meus pés.

– Posso lhe dar 5 dólares para descarregar minha caminhonete – ofereceu ela.

Mordi o lábio e assenti.

Devem ser as folhas no meu cabelo, pensei.



5



OBANHO JÁ ESTAVA PREPARADO. Fiquei sem graça ao pensar que Elizabeth sabia que eu ia chegar suja.

– Você precisa da minha ajuda? – perguntou ela.

– Não. – A banheira era de um branco impecável, com o sabonete aninhado entre duas conchas numa bandeja de metal espelhado.

– Então, desça quando estiver pronta. E não demore.

Havia roupas limpas separadas para mim sobre uma penteadeira branca de madeira.

Esperei até ela sair, tentei trancar a porta e notei que o trinco havia sido removido. Empurrei a cadeira pequena da penteadeira e a apoiei debaixo da maçaneta, assim poderia ao



menos ouvi-la chegar. Tirei minhas roupas o mais rápido que pude e entrei na água quente.

Quando voltei para o andar de baixo, Elizabeth estava sentada à mesa da cozinha, diante da comida intocada e com o guardanapo no colo. Eu estava vestida com as roupas que ela havia comprado para mim: calça amarela e blusa branca.

Elizabeth me olhou dos pés à cabeça, certamente percebendo como tinham ficado enormes. Eu havia enrolado a cintura e as bainhas da calça, mas ainda assim elas estavam tão frouxas que, se a blusa não fosse tão grande, deixariam à mostra minha calcinha. Eu era bem mais baixa do que a maioria das garotas do terceiro ano e tinha perdido quase 2,5

quilos no começo do verão.

Quando contei para Meredith o motivo de minha perda de peso ela me chamou de mentirosa, mas me levou embora assim mesmo, dando início a uma investigação formal. A juíza ouviu minha versão e depois a da Sra. Tapley. Não vou ser tratada como uma criminosa por me recusar a satisfazer as exigências de uma criança enjoada para comer, dissera ela em seu testemunho. A juíza declarou que a verdade deveria estar em algum lugar entre as duas versões, encarando-me com um olhar duro e acusador. Mas ela estava errada. A Sra.

Tapley havia mentido. Eu tinha mais defeitos do que Meredith poderia listar em seus relatórios para o juizado, mas não era enjoada para comer.

Durante todo o mês de junho, a Sra. Tapley pôs minha fome à prova. Começou assim que cheguei à sua casa, um



dia depois do início das férias escolares. Ela me ajudou a desfazer as malas no meu novo quarto e me perguntou qual era minha comida favorita e a de que eu menos gostava. Sua voz era tão gentil que me deixou desconfiada. No entanto, como estava com fome, respondi: pizza e ervilhas congeladas.

No jantar daquela noite, ela me serviu uma tigela de ervilhas ainda congeladas. Disse que, se eu estivesse mesmo como fome, comeria. Virei-lhe as costas e me afastei. A Sra. Tapley trancou a geladeira e todos os armários da cozinha.

Durante dois dias, só saí do meu quarto para ir ao banheiro. O aroma da comida sendo preparada entrava por baixo de minha porta regularmente, o telefone tocava e o volume da tevê aumentava e diminuía. A Sra. Tapley não foi falar comigo. Depois de 24 horas, telefonei para Meredith, mas era tão comum eu falar que estava passando fome que ela não retornou minha ligação. Quando voltei à cozinha na terceira noite, estava suando e tremendo. A Sra. Tapley ficou me observando enquanto eu tentava afastar a cadeira pesada da mesa com meus braços enfraquecidos. Desisti e deslizei meu corpo magrelo pela fresta que as separava, sentando-me no vão entre a mesa e as costas da cadeira. As ervilhas na tigela estavam enrugadas e duras. A Sra. Tapley me fuzilava com o olhar enquanto a gordura estalava no fogão, dando-me um sermão sobre crianças adotadas que comiam demais porque eram traumatizadas. Comida não é consolo, disse ela enquanto eu colocava a primeira ervilha na boca. Ela rolou pela minha língua e parou na minha garganta como uma pedra. Comi outra, fazendo força para engolir. À medida que



as ervilhas desciam pela minha garganta, eu as contava uma a uma. O cheiro de gordura e de algo fritando me deu forças para continuar. Trinta e seis. Trinta e sete. Depois da 38ª

ervilha, vomitei na tigela. Tente outra vez, disse ela, gesticulando para as ervilhas semidigeridas. Então, sentou-se em uma banquetta e tirou um bife fumegante da frigideira, abocanhando pedaços quentes e me observando. Tentei outra vez. As semanas seguiram dessa forma até a visita mensal de Meredith. Àquela altura, eu já havia perdido peso.



Elizabeth sorriu quando entrei na cozinha.

– Você é bonita – disse ela, sem tentar disfarçar a surpresa em sua voz. – Era difícil saber debaixo de todo aquele ketchup. Está se sentindo melhor?

– Não – falei, embora não fosse verdade.

Não conseguia lembrar qual tinha sido a última casa em que me haviam deixado usar a banheira. Jackie tinha uma no andar de cima, mas as crianças eram proibidas de subir.

Antes disso, houve uma longa série de apartamentos pequenos, os boxes estreitos entulhados de produtos de beleza e crostas de mofo. O banho quente tinha sido gostoso, mas agora, olhando para Elizabeth, eu me perguntava quanto ele me custaria.

Subindo em uma cadeira, eu me sentei à mesa da cozinha. Havia comida suficiente para uma família de seis pessoas. Travessas grandes de macarrão, fatias grossas de presunto, tomates-cereja, maçãs verdes, queijo processado



em embalagens de plástico transparentes e até uma colher cheia de pasta de amendoim sobre um guardanapo de pano branco. Era tanta coisa que nem dava para contar. Meu coração batia tão forte que eu até podia ouvi-lo. Meus lábios se curvaram para dentro da boca e os cerrei com uma mordida. Elizabeth me forçaria a comer tudo o que estava na mesa. E, pela primeira vez em meses, não senti fome. Olhei para ela, esperando a ordem.

– Comida de criança – disse, gesticulando para a mesa, meio sem jeito. –

Como eu me saí?

Não falei nada.

– Duvido que esteja com fome – prosseguiu ela, ao perceber que eu não ia responder. – Pelo menos a julgar pelo aspecto da sua camisola.

Balancei a cabeça.

– Coma só o que quiser – falou. – Mas me faça companhia até eu terminar.

Soltei a respiração, momentaneamente aliviada.

Baixando os olhos para a mesa, notei um pequeno buquê de flores brancas. Estava amarrado com uma fita lilás e posicionado em cima da minha tigela de macarrão. Analisei as pétalas delicadas antes de tirá-lo de cima da comida com um tapa. Minha mente se encheu de histórias que ouvira de outras crianças, sobre envenenamentos e internações. Olhei à minha volta para ver se as janelas estavam abertas, caso eu precisasse fugir. Havia apenas uma na cozinha cheia de



armários de madeira branca e utensílios antigos: um quadrado pequeno sobre a pia, com miniaturas de garrafas de vidro azul enfileiradas no peitoril. Estava trancada.

Apontei para as flores.

– Você não pode me envenenar, nem me dar remédios

que eu não queira tomar, nem me bater, mesmo que eu mereça. Essas são as regras.

Enquanto falava, olhei com raiva para o outro lado da mesa, esperando que ela tivesse compreendido minha ameaça. Já havia acusado mais de uma pessoa de espancamento.

– Se estivesse tentando envenenar você, lhe daria dedaleiras ou hortênsias, ou talvez anêmonas, dependendo de quanta dor gostaria que sentisse e qual mensagem quisesse transmitir.

A curiosidade venceu minha aversão por conversas.

– Do que você está falando?

– Essas flores se chamam morrião-dos-passarinhos.

Elas significam seja bem-vindo. Ao lhe oferecer um buquê delas, estou lhe dando as boas-vindas à minha casa, à minha vida.

Ela enrolou um bocado de macarrão na manteiga em seu garfo e fitou meus olhos sem o menor vestígio de deboche.



– Para mim, parecem margaridas – falei. – E ainda acho que são venenosas.

– Não são venenosas e não são margaridas. Está vendo como elas só têm cinco pétalas, mas parecem ter 10? Cada par de pétalas está conectado ao centro.

Pegando o ramalhete, examinei o pequeno arranjo branco. As pétalas se uniam antes de chegar à haste, o que lhes conferia formato

de coração.

– Essa é uma característica do gênero Stellaria –

prosseguiu Elizabeth ao perceber que eu estava entendendo.

– Margarida é um nome comum e engloba várias famílias diferentes, mas as flores que costumamos chamar de margaridas têm mais pétalas, que crescem separadas umas das outras. É importante saber a diferença, ou então você pode confundir os significados. Margaridas significam inocência, que é bem diferente de seja bem-vindo.

– Ainda não entendo do que você está falando.

– Já acabou de comer? – perguntou Elizabeth, pousando o garfo. Eu tinha apenas beliscado as fatias de presunto, mas assenti. – Então venha comigo que vou lhe explicar.

Levantando-se, Elizabeth se virou para atravessar a cozinha. Eu enfiei um punhado de macarrão em um bolso e despejei uma tigela de tomates no outro. Elizabeth parou diante da porta dos fundos, mas não olhou para trás. Puxei minhas meias para cima e escondi o queijo processado dentro delas. Antes de sair da cadeira, peguei a colher com pasta de



amendoim, que fui lambendo devagar enquanto seguia Elizabeth. Descendo quatro degraus de madeira, chegamos a um amplo jardim de flores.

– Estou falando da linguagem das flores – disse Elizabeth. –

Ela surgiu na era vitoriana, quando as pessoas ainda se comunicavam por meio das flores. Ao receber um buquê de um rapaz, as moças corriam para casa a fim de tentar decifrar sua mensagem secreta. Rosas vermelhas significam amor; as amarelas, infidelidade. Então os homens precisavam escolher as flores com cuidado.

– O que é infidelidade? – perguntei enquanto dobrávamos para um caminho em que rosas amarelas nos cercavam por todos os lados.

Elizabeth parou de andar. Quando ergui os olhos, vi que sua expressão tinha se tornado triste. Por um instante, pensei que algo que eu dissera a havia perturbado, mas então percebi que seus olhos estavam voltados para as rosas, não para mim. Perguntei-me quem as teria plantado.

– Significa ter amigos... amigos secretos – disse ela por fim. – Amigos que você não deveria ter.

Não entendi a definição, mas Elizabeth já havia seguido em frente, pegando minha colher de pasta de amendoim para me arrastar junto. Puxei a colher de volta e a segui quando ela fez outra curva.

– Este é o alecrim, que significa lembrança. Estou citando Shakespeare. Você vai ler sua obra no ensino médio.



Temos

também

a

arquilégia,

abandono;

azevinho,

previdência; lavanda, desconfiança.

Chegamos a uma bifurcação e Elizabeth se agachou para passar sob um galho baixo. Acabei de comer a pasta de amendoim com uma lambida lenta e atirei a colher nos arbustos. Pulei para me pendurar no galho e me balançar. A árvore nem se mexeu.

– Esta é uma amendoeira. Suas flores de primavera simbolizam indiscrição... mas você não precisa saber disso.

De todo modo, é uma bela árvore – acrescentou ela. – Faz tempo que acho que este seria um ótimo lugar para uma casa na árvore. Vou pedir para Carlos construir uma.

– Quem é Carlos? – perguntei, saltando de volta para o chão.

Elizabeth estava à minha frente e corri para alcançá-la.

– O caseiro. Ele mora no trailer entre os galpões de ferramentas, mas você não vai conhecê-lo esta semana, porque ele foi acampar com a filha. Perla tem 9 anos, é da sua idade. Ela vai cuidar de você na escola, quando as aulas começarem.

– Não vou para a escola – falei, me esforçando para acompanhar seu ritmo.

Elizabeth tinha chegado ao centro do jardim e estava voltando para a casa. Continuava apontando plantas e dizendo seus significados, mas andava rápido demais para



# AFTER DARK

que eu pudesse acompanhá-la. Comecei a correr e a alcancei assim que ela chegou aos degraus da varanda dos fundos.

Ela se agachou para ficarmos cara a cara.

– Você começa na escola sem ser nessa segunda-feira, na próxima – falou. – Quarta série. E só vai entrar em casa depois que trazer minha colher de volta.

Então ela se virou e entrou, trancando a porta atrás de si.



# AFTER DARK

---

6





ENFIEI A NOTA DE 5 DÓLARES que a florista me deu no vão entre as taças do meu sutiã e fui andar pela região.

Ainda era cedo e havia mais bares do que cafés abertos enquanto eu caminhava pelo Mission District. Na esquina da Rua 24 com a Alabama, entrei em um café e passei duas horas sentada comendo donuts e esperando as lojinhas da Valencia Street abrirem. Às 10 horas, contei o dinheiro que me restava – 1 dólar e 87 centavos – e andei até encontrar uma loja de tecidos. Comprei meio metro de fita de cetim branca e um alfinete com cabeça de pérola.

Quando voltei à McKinley Square, a manhã já estava no fim e segui furtivamente até meu jardim. Tive medo de que o casal ainda estivesse esparramado sobre minhas flores, mas



eles haviam ido embora. Restavam apenas a marca das costas do rapaz em meu helenium e a garrafa de tequila que despontava de um arbusto cerrado.

Eu só tinha uma chance. Estava claro que a florista precisava de ajuda; seu rosto estava pálido e abatido como o de Elizabeth costumava ficar nas semanas antes da colheita.

Se eu conseguisse convencê-la de que era capaz, ela me contrataria. Com o dinheiro que iria ganhar, poderia alugar um quarto com chave e cuidar do meu jardim somente durante o dia, quando pudesse ouvir estranhos se aproximando.

Sentada debaixo de uma árvore, avaliei minhas opções.

As flores de outono haviam desabrochado completamente: verbenas, tangos, crisântemos e uma rosa temporã. Os canteiros bem cuidados ao redor do parque eram cobertos de sempre-verdes de várias texturas, mas com pouca cor.

Comecei

a

trabalhar,

levando

em

conta

as

características das flores: altura, densidade, textura e gradações de perfume. Com todo o cuidado, arranquei as pétalas danificadas. Quando terminei, crisântemos brancos brotavam em espiral de um leito de verbenas cor de neve, enquanto cachos de rosas trepadeiras claras pendiam em volta do ramalhete amarrado com firmeza. Tirei todos os

espinhos. O buquê era branco como o de uma noiva e remetia a preces, sinceridade e um coração inocente. Ninguém jamais desconfiaria.



## AFTER DARK

A mulher estava fechando a loja quando cheguei. Ainda não era meio-dia.

– Se veio atrás de mais 5 dólares, chegou tarde – disse ela, indicando a caminhonete com a cabeça. Ela estava cheia de arranjos pesados. – Bem que eu teria gostado de sua ajuda.

Estendi o buquê.

– O que é isso?

– Experiência – respondi, entregando-lhe as flores.

Ela cheirou os crisântemos e as rosas, então cutucou a verbena, examinando a ponta do seu dedo. Estava limpa.

Subindo a ladeira em direção à caminhonete, fez um gesto para que eu a seguisse.

Pegou de dentro do veículo um ramalhete de rosas brancas, muito unidas e amarradas com uma fita de cetim cor-de-rosa. Segurou os dois buquês lado a lado. Não havia comparação. Ela jogou as rosas brancas para mim e eu as apanhei com uma das mãos.

– Leve isso ao Spirati's, um restaurante no alto da ladeira. Procure Andrew e diga que fui eu que mandei você.

Ele vai aceitar as flores e lhe dar um almoço em troca.

Assenti e ela subiu na caminhonete.

– Meu nome é Renata – disse, dando a partida no motor.

– Se quiser trabalhar no sábado que vem, esteja aqui às cinco



da manhã. Se chegar um minuto atrasada, irei embora sem você.

Tive vontade de descer a ladeira correndo, tomada por uma sensação de alívio. Não importava que ela tivesse me prometido apenas um dia de trabalho ou que o dinheiro provavelmente só fosse suficiente para alugar um quarto por algumas noites. Já era alguma coisa. E, se eu provasse meu valor, ela me chamaria outra vez. Sorri na calçada, meus dedos dançando dentro dos sapatos.

Renata afastou a caminhonete do acostamento, então desacelerou até parar e abriu a janela.

– Qual é o seu nome? – perguntou.

– Victoria – respondi, erguendo os olhos e contendo um sorriso. – Victoria Jones.

Ela assentiu e foi embora.

No sábado seguinte, cheguei à Bloom pouco depois da meia-noite. Havia adormecido no meu jardim, recostada numa sequoia, enquanto tentava me manter alerta, e acordei

sobressaltada ao som de risadas se aproximando. Dessa vez, era um bando de jovens bêbados. O que estava mais perto, um rapaz alto com cabelos que iam até abaixo do queixo, sorriu para mim como se fôssemos namorados nos encontrando em um local previamente combinado. Evitei seu olhar e andei a passos rápidos até o poste mais próximo e depois desci a ladeira até a floricultura.



Enquanto esperava, passei desodorante e apliquei gel no cabelo. Em seguida fiquei andando pelo quarteirão, para me manter acordada. Quando a caminhonete de Renata apareceu na rua, eu já havia conferido meu reflexo nos retrovisores dos carros estacionados duas vezes e rearrumado minhas roupas outras três. Mesmo assim, sabia que estava começando a parecer e a cheirar como uma mendiga.

Renata estacionou, abriu a porta do carona e fez um gesto para que eu entrasse. Sentei-me o mais longe possível dela e, quando fechei a porta, ela bateu em meu quadril magro.

– Bom dia – falou. – Você chegou na hora.

Ela fez um retorno e começou a descer a rua vazia.

– Cedo demais para me dar bom-dia? – perguntou.

Assenti, esfregando os olhos e fingindo que tinha acabado de acordar. Contornamos em silêncio uma rotatória.

Renata pegou a saída errada e teve que dar outra volta.

– Acho que está um pouco cedo para mim também –  
declarou.

Ela subiu e desceu as ruas de mão única ao sul da Market Street até parar em um estacionamento cheio.

– Não se afaste de mim – recomendou, saindo da  
caminhonete e me entregando uma pilha de baldes vazios. –

Está cheio lá dentro e não tenho tempo para ficar procurando  
você. Tenho um casamento às duas da tarde; as flores devem



ser entregues às 10. Por sorte são girassóis, não vou demorar muito para fazer os  
arranjos.

– Girassóis? – perguntei, surpresa.

Falsa riqueza. Não seria a flor que eu escolheria para o  
meu casamento, pensei e em seguida revirei os olhos diante  
do absurdo da expressão meu casamento.

– Fora de estação, eu sei – disse ela. – Mas pode-se  
encontrar de tudo, em qualquer época, no mercado de flores.

E quando os casais soltam a grana na minha mão, não reclamo.

Ela abriu caminho aos empurrões pela entrada  
apinhada. Eu a segui de perto, encolhendo-me à medida que baldes, cotovelos  
e ombros roçavam meu corpo.

Do lado de dentro, o mercado de flores era como uma caverna, profunda e sem janelas, com um teto de metal e chão de cimento. A artificialidade daquele mar de flores, tão longe da terra e da luz do sol, me deixou aflita. Barracas estavam repletas de flores sazonais, as mesmas que brotavam no meu jardim, mas cortadas e dispostas em buquês. Outros vendedores ofereciam flores tropicais, orquídeas, hibiscos e plantas exóticas cujos nomes eu não sabia, vindas de estufas a centenas de quilômetros dali. Eu arranquei uma flor-da-paixão e a preendi na minha cintura enquanto seguíamos às pressas.

Renata passou as mãos por alguns girassóis como se eles fossem páginas de um livro. Pechinchava os preços, ia



embora, voltava. Fiquei imaginando se ela era americana ou se tinha sido criada em algum país onde pechinchar era um estilo de vida. Tinha um leve sotaque que eu não conseguia identificar. Outras pessoas apareciam, entregavam maços de dinheiro e cartões de crédito e iam embora com seus baldes de flores. Mas Renata continuava barganhando. Os vendedores pareciam estar acostumados a ela e negociavam sem muita determinação. Era como se soubessem que, no fim das contas, ela iria vencer – o que de fato acontecia. Ela então encheu meus baldes com montes de girassóis cor de laranja com caules de meio metro de altura e correu até a barraca seguinte.

Quando a alcancei, ela estava segurando dezenas de copos-de-leite gotejantes, com suas pétalas rosadas e cor de laranja bem enroladas. A água das hastes encharcava as mangas finas de sua blusa de algodão e ela jogou as flores

para mim quando me aproximei. Apenas metade delas foi parar dentro do balde vazio. Curvei-me devagar para pegar as que haviam caído no chão.

– É o primeiro dia dela – explicou Renata para o vendedor. – Ainda não entende a pressa. Daqui a 15 minutos seus lírios já terão acabado.

Enfiei a última flor no vaso e me levantei. O vendedor tinha dezenas de lírios diferentes para oferecer: asiático, stargazer, imperial e casablanca brancos como a neve.

Limpei um pouco de pólen que havia caído na pétala de um stargazer aberto enquanto ouvia Renata negociar o preço de



suas compras. Ela metralhava o vendedor com valores muito abaixo do que os clientes ao redor haviam pagado, mal esperando sua resposta, e parou de repente quando ele concordou. Ergui os olhos.

Renata pegou sua carteira e balançou um maço fino de notas diante do rosto do vendedor, mas ele não pegou o dinheiro. Estava olhando para mim. Seus olhos desceram do meu cabelo endurecido até meu rosto, passando rapidamente pela minha clavícula e queimando meus braços cobertos antes de se deterem no pólen marrom e grudento nas pontas dos meus dedos. Seu olhar fez com que eu me sentisse invadida. Apertei a borda do balde que estava segurando com tanta força que os nós de meus dedos ficaram brancos.

Com



o

braço

estendido,

Renata

balançou

impacientemente as notas na cara do homem, que continuava calado.

– Com licença.

Ele pegou as notas, mas sem interromper sua exploração atrevida do meu corpo. Continuando pelas minhas camadas de saias, analisou o pedaço de perna visível entre minhas meias e a calça stretch.

– Esta é Victoria – disse Renata, apontando para mim.

Então fez uma pausa, como se esperasse o florista se apresentar, mas ele ficou calado.



Seus olhos voltaram depressa para o meu rosto. Eu o encarei. Havia algo de perturbador em seu olhar – um lampejo de reconhecimento – que chamou minha atenção. Ao analisá-lo, minha primeira impressão foi a de que se tratava de um homem que havia lutado tanto quanto eu, ainda que de maneira diferente. Concluí que era pelo menos cinco anos mais velho. Seu rosto tinha a aparência desgastada e

marcada de um trabalhador braçal. Imaginei que ele mesmo tivesse plantado aquelas flores, cuidado delas e as colhido.

Consequentemente, seu corpo era magro e musculoso – e ele não desviou os olhos nem sorriu enquanto eu o examinava.

Sua pele morena devia estar salgada. Esse pensamento fez meu coração acelerar por conta de algo que não era apenas raiva, uma emoção que eu não conhecia, mas que aquecia o centro do meu corpo. Mordi o lábio e forcei meus olhos a voltarem para seu rosto.

Ele retirou um lírio asiático cor de laranja de um vaso.

– Fique com um – disse ele, entregando-o para mim.

– Não – falei. – Não gosto de lírios. – E não sou uma rainha, pensei.

– Pois deveria. Combinam com você.

– Como sabe o que combina ou não comigo?

Sem pensar, dei um tapa no lírio que ele segurava. Seis pétalas pontiagudas caíram, o miolo da flor ficou virado para o chão. Renata levou um susto.



– Eu não sei – disse ele.

– Não sabe mesmo – respondi.

Balancei o vaso de flores que carregava, dispersando o

calor que irradiava do meu corpo. O movimento chamou atenção para os meus braços trêmulos.

Virei-me para Renata.

– Lá fora – disse ela, indicando a entrada do mercado.

Fiquei esperando que ela dissesse algo mais, apavorada diante da ideia de ser demitida menos de uma hora após começar no meu primeiro emprego. Mas o olhar de Renata estava fixo na fila que crescia na barraca seguinte. Quando olhou de volta e viu que eu continuava parada, arqueou as sobrancelhas, confusa.

– O que foi? – perguntou. – Vá esperar na caminhonete.

Abrindo caminho pela multidão, segui para a saída. O

peso do balde cheio fazia meus braços doerem, mas carreguei-o por todo o estacionamento sem descansar.

Quando cheguei à caminhonete de Renata, pousei o balde no chão e me sentei, exausta, no concreto duro.





7

POR TRÁS DAS JANELAS APAGADAS, Elizabeth me espiava. Eu tinha certeza disso, mesmo que não pudesse distinguir sua silhueta através do vidro. A porta dos fundos continuava trancada. Tremendo, eu observava o sol sumir no horizonte. Restavam-me no máximo 10 minutos, se não quisesse ter que procurar a colher no escuro.

Já haviam me trancado do lado de fora antes. Na primeira vez, eu tinha 5 anos, e vivia com minha barriga saliente vazia, numa casa com crianças e garrafas de cerveja de mais. Sentada no chão da cozinha, eu ficara observando um minúsculo chihuahua branco comer seu jantar de uma tigela de cerâmica. Cheguei um pouco mais perto, dominada pela inveja. Eu não tinha a intenção de comer a comida do cachorro, mas quando meu pai adotivo me viu com o rosto a



poucos centímetros da tigela, me apanhou pela parte de trás do meu suéter de gola rolê e me pôs para fora. Se agir como um animal, vai ser tratada como um animal, disse ele.

Pressionando o corpo contra a porta de vidro de correr, fiquei absorvendo o calor da casa e vendo a família se preparar para dormir, sem jamais imaginar que eles me deixariam ali fora a noite inteira. Mas foi o que fizeram. Meu corpo tremia, de frio e de medo, e eu não conseguia parar de pensar na maneira como o cachorrinho tiritava quando estava assustado, suas orelhas triangulares vibrando. Minha mãe adotiva desceu às escondidas no meio da noite e jogou um cobertor para mim por uma janela alta da cozinha, mas só abriu a porta pela manhã.

Sentada nos degraus, comi o macarrão e os tomates que estavam no meu bolso e pensei se deveria ou não procurar a colher. Talvez Elizabeth me obrigasse a dormir do lado de fora mesmo que eu encontrasse e lhe entregasse a colher. Fazer o que me mandavam nunca fora garantia de que eu receberia o que havia sido prometido. Mas eu tinha visto meu quarto de relance enquanto me encaminhava para o andar de baixo, depois do banho, e ele parecia mais confortável do que os degraus de madeira lascados. Decidi arriscar.

Segui lentamente pelo jardim até chegar ao local em que havia atirado a colher. Ajoelhando-me debaixo da amendoeira, tateei o chão com as mãos, espinhos arranhavam meus dedos enquanto eu vasculhava o matagal.



Separei caules altos e arranquei pétalas de arbustos cerrados. Rasguei folhas, quebrei galhos. Ainda assim, não consegui encontrá-la.

– Elizabeth! – gritei, começando a me sentir frustrada.

A casa estava silenciosa.

A escuridão estava ficando mais densa, pesada. O

vinhedo parecia se estender em todas as direções, um mar de onde não era possível sair, e de repente senti-me aterrorizada. Agarrei o tronco de um arbusto denso com as duas mãos, espinhos furando minhas palmas macias

enquanto eu puxava com toda a força. A raiz da planta se soltou. Continuei arrancando tudo o que podia, até a terra ficar nua. A colher jazia sozinha no solo revolvido, refletindo o luar.

Limpando na calça as mãos ensanguentadas, peguei a colher e corri em direção à casa, aos tropeços, caindo e me levantando sem jamais largar meu troféu. Subi os degraus aos pulos, batendo a colher de metal pesada contra a porta de madeira sem parar. O trinco girou e Elizabeth surgiu à minha frente.

Por um curto instante, ficamos olhando uma para a outra em silêncio – dois pares de olhos arregalados, sem piscar –, então joguei a colher para dentro da casa com toda a força que pude reunir em meu braço fino. Mirei a janela em cima da pia da cozinha. A colher passou zunindo a centímetros da orelha de Elizabeth, descreveu um arco em



direção ao teto e ricocheteou na janela antes de cair retinindo dentro da pia de porcelana. Uma das garrafinhas azuis oscilou no parapeito antes de cair e se despedaçar.

– Aí está sua colher – falei.

Elizabeth respirou fundo, mal contendo a raiva, antes de partir para cima de mim. Seus dedos se afundaram na parte de baixo da minha caixa torácica e ela me carregou até a pia da cozinha, praticamente me jogando dentro dela. Os ossos do meu quadril estavam pressionados contra o balcão de azulejo e meu rosto pairava tão perto do vidro quebrado que, por um instante, o mundo inteiro ficou azul.

– Isso – disse Elizabeth, baixando meu rosto para ainda mais perto do vidro – foi da minha mãe. – Ela me segurava, totalmente imóvel, mas eu podia sentir a raiva nas pontas de seus dedos, ameaçando me empurrar até os cacos.

Com um puxão, ela me tirou de cima da pia e me largou antes de meus pés tocarem o chão. Caí para trás. Ela parou em cima de mim e esperei sua mão atingir meu rosto.

Bastava apenas um tapa. Meredith voltaria antes mesmo de a marca sumir e aquela última tentativa chegaria ao fim. Eu seria declarada inapta para adoção e Meredith pararia de buscar uma família para mim. Eu estava mais do que preparada para isso.

Mas Elizabeth deixou sua mão cair e se empertigou.

Então, se afastou de mim, dando um passo para trás.



– Minha mãe não teria gostado de você – disse ela, cutucando-me com o pé até eu me levantar. – Agora suba e vá para a cama.

Quer dizer que não acabou ainda, pensei, desapontada.

Meu corpo foi invadido por um terror palpável, opressivo e sufocante. Mas vai acabar. Não acreditava que houvesse a menor possibilidade de minha estadia na casa de Elizabeth ser outra coisa senão curta e queria que ela terminasse naquele exato momento, antes mesmo de passar uma noite ali. Dei um passo na direção dela com o queixo erguido, desafiando-a, esperando que minha proximidade a tirasse do sério.



Mas o momento tinha passado. Elizabeth olhou por cima da minha cabeça, com a respiração controlada.

Pisando firme, dei as costas para ela. Peguei uma fatia de presunto sobre a mesa e subi as escadas. A porta do meu quarto estava aberta. Recostei-me por alguns instantes no batente, absorvendo tudo o que seria temporariamente meu: a mobília de madeira escura, o tapete redondo feito de retalhos cor-de-rosa e o abajur com cúpula de vitral perolado.

Tudo parecia novo – o edredom branco e fofo que combinava com as cortinas, as roupas penduradas em fileiras bem-arrumadas no armário e dobradas em pilhas em cada gaveta da cômoda. Subindo na cama, mordisquei o presunto, salgado e com gosto de ferro nas partes em que minhas mãos ensanguentadas o haviam segurado. Entre mordidas, eu parava e escutava.



Até onde conseguia me lembrar, tinha morado em 32

casas. A única coisa que todas tinham em comum era o fato de serem barulhentas: ônibus, freios de carros, o chacoalhar de um trem de carga passando. Do lado de dentro, várias televisões competindo entre si, apitos de micro-ondas e aquecedores

de

mamadeiras,

campainhas

tocando,

xingamentos, o estalo de um trinco girando. E, para completar, havia os sons das outras crianças: bebês chorando, irmãos sendo separados aos berros, um grito agudo por causa de um banho gelado demais e o gemido de uma colega de quarto durante um pesadelo.

Mas a casa de Elizabeth era diferente. Assim como o vinhedo ao cair da noite, o interior da casa também era silencioso. Apenas um zumbido distante e agudo entrava pela janela aberta. Ele me lembrava o ruído de eletricidade em cabos de energia, mas, como estávamos no campo, imaginei que viesse de algo natural – uma cachoeira, talvez, ou um enxame de abelhas.

Por fim, ouvi Elizabeth subindo as escadas. Escondi minha cabeça e orelhas com as cobertas para não ouvir seus passos. Com um susto, senti que ela se sentava à beira da cama. Afastei o cobertor um centímetro das minhas orelhas, mas não descobri o rosto.

– Minha mãe também não gostava de mim – sussurrou Elizabeth, num tom gentil, como se pedisse desculpas.



Tive vontade de espiar por baixo das cobertas. Aquela voz era tão diferente da que havia me segurado sobre a pia que, por um instante, achei que não pertencia à Elizabeth.

– Pelo menos isso nós temos em comum – concluiu ela.

Ao falar isso, ela pousou a mão na base das minhas

costas e me afastei do seu toque, arqueando o corpo e colando-o à parede ao lado da cama. Pressionei o rosto contra a fatia de presunto. Elizabeth continuou a falar, contando-me sobre o nascimento de Catherine, sua irmã mais velha, e sobre os sete anos de abortos espontâneos que se seguiram: quatro bebês, todos meninos.

– Quando nasci, minha mãe pediu aos médicos que me levassem embora. Não me lembro disso, mas meu pai me contou que foi minha irmã, que tinha apenas 7 anos, que me alimentou, me deu banho e trocou minhas roupas até eu ter idade suficiente para fazer essas coisas sozinha.

Elizabeth prosseguiu, descrevendo a depressão da mãe e a devoção com que o pai cuidou dela. Antes mesmo de saber falar, ela já tinha aprendido os lugares exatos onde devia pisar enquanto atravessava os corredores nas pontas dos pés, para evitar que os pisos de madeira antigos rangessem. Sua mãe não gostava de barulho, por menor que fosse.

Fiquei ouvindo Elizabeth. A emoção em sua voz despertou meu interesse – raras vezes as pessoas tinham falado comigo como se eu fosse capaz de entender as suas experiências. Engoli um pedaço de presunto.



– A culpa foi minha – continuou Elizabeth. – A doença da minha mãe. Ninguém se preocupou em esconder isso de mim. Meus pais não queriam outra filha: as pessoas achavam que garotas não tinham as papilas gustativas necessárias para reconhecer uma uva madura para fazer vinho. Mas

provei que elas estavam erradas.

Elizabeth afagou minhas costas e percebi que ela havia terminado. Comi meu último pedaço de presunto.

– Que tal essa história de ninar? – perguntou.

Sua voz era alta demais na casa silenciosa, fingindo um otimismo que eu sabia não ser sincero.

Tirando meu nariz de baixo das cobertas, respirei fundo e disse:

– Decepcionante.

Elizabeth soltou uma risada, expirando com força.

– Acredito que você também pode provar que todos estão errados, Victoria. Seu comportamento é uma escolha, não quem você é de verdade.

Se Elizabeth acreditava mesmo nisso, pensei, a única coisa que ela poderia esperar do futuro era frustração.



---

8



RENATA E EU TRABALHAMOS a maior parte da manhã em silêncio. A Bloom tinha uma fachada minúscula, mas uma área útil maior nos fundos, com uma mesa de madeira longa e uma câmara frigorífica. Havia seis cadeiras em volta da mesa. Escolhi a que estava mais perto da saída.

Ela colocou na minha frente um livro chamado Casamentos com girassóis. Pensei em um subtítulo apropriado: Como iniciar um casamento com base nos valores da mentira e do materialismo. Ignorando o livro, montei 16 arranjos de mesa com os girassóis, lírios e ramos bem finos de aspargo-samambaia. Renata trabalhou nos buquês das madrinhas e, quando os terminou, começou um arranjo em um balde de metal corrugado mais alto do que



suas pernas. Sempre que a porta da frente se abria com um rangido, Renata corria para a loja. Ela conhecia seus clientes pelo nome e escolhia flores para cada um deles sem precisar de instruções.

Quando acabei, parei na frente dela, esperando que levantasse os olhos. Ela virou-se para a mesa em que os vasos cheios estavam enfileirados.

– Bom – disse, assentindo com aprovação. – Mais do que bom, na verdade. Surpreendente. É difícil acreditar que você nunca teve aulas.

– Nunca tive – falei.

– Sei disso. – Ela me olhou de alto a baixo de um jeito que não gostei. – Carregue a caminhonete. Já estou terminando aqui.

Levei os arranjos ladeira acima de dois em dois. Quando Renata acabou, carregamos o vaso alto juntas, depositando-o com cuidado na caçamba da caminhonete, que já estava cheia. Quando voltamos à loja, ela tirou todo o dinheiro da registradora, fechando a gaveta à chave. Esperei que fosse me pagar, mas em vez disso ela me entregou papel e lápis.

– Pagarei na volta – disse ela. – O casamento é do outro lado da colina. Mantenha a loja aberta e diga a meus clientes que podem acertar outro dia.

Renata esperou que eu assentisse e então saiu.



Sozinha na floricultura, não soube o que fazer. Fiquei parada atrás da registradora por alguns instantes, analisando a tinta verde descascada. Do lado de fora, a rua estava silenciosa. Uma família passou sem parar ou olhar para a vitrine. Pensei em abrir a porta e arrastar alguns baldes de orquídeas para a frente da loja, mas me lembrei dos anos que havia passado roubando arranjos expostos do lado de fora. Renata não aprovaria.

Em vez disso, fui até a área de trabalho, catei os talos soltos em cima da mesa e os joguei na lata de lixo. Limpei a mesa com um pano úmido e varri o chão. Quando não consegui pensar em mais nada para fazer, abri a pesada porta de metal da câmara frigorífica e espiei lá dentro. Era escura e fria, com as paredes cobertas de flores. O espaço me atraiu e tudo que eu queria era soltar o cobertor marrom da cintura e dormir entre os baldes. Estava cansada. Passara

uma semana inteira tirando apenas cochilos de meia hora, sendo despertada por vozes, pesadelos ou os dois. O céu era sempre uma massa ondulante de vapor branco da fábrica de cerveja. Todas as manhãs, eu levava muitos minutos para me libertar de sonhos apavorantes, esfumaçados, que se dispersavam no céu noturno como o vapor. Deitada ao relento, imóvel, eu lembrava a mim mesma que tinha 18 anos e estava sozinha: já não era uma criança, não tinha mais nada a perder.



Agora, na segurança da floricultura vazia, eu queria dormir. A porta se fechou atrás de mim com um clique e me sentei no chão, apoiando a têmpora na borda de um balde.

Tinha acabado de encontrar uma posição confortável quando uma voz abafada atravessou a porta da câmara.

– Renata?

Eu me levantei com um salto. Correndo os dedos pelo cabelo, saí de lá de dentro apertando os olhos contra a luz forte.

Um homem de cabelos brancos estava apoiado no balcão, tamborilando os dedos com impaciência.

– Renata? – perguntou ele outra vez quando me viu.

Balancei a cabeça.

– Ela foi entregar as flores de um casamento. O senhor quer alguma coisa?

– Flores. Por que outro motivo estaria aqui? – respondeu



ele, indicando a loja à sua volta como se quisesse me lembrar qual era minha função. – Renata nunca me pergunta o que quero. Eu não saberia diferenciar uma rosa de um rabanete.

– Qual é a ocasião? – perguntei.

– Aniversário de 16 anos da minha neta. Tenho certeza de que ela não queria passar o dia conosco, mas a mãe está insistindo. – Ele puxou uma rosa branca de um vaso azul e a



cheirou. – Não estou nem um pouco ansioso. Aquela garota virou a chatice em pessoa.

Avaliei as opções de flores na câmara frigorífica e olhei ao redor da loja. Um presente para uma adolescente mal-humorada: as palavras do velho eram um quebra-cabeça, um desafio.

– Rosas brancas são uma boa escolha para uma adolescente – falei. – E alguns lírios-do-vale, talvez? –

acrescentei, sacando uma haste longa com sinos cor de marfim balançando na ponta.

– Você que sabe.

Enquanto arrumava as flores e as embalava em papel pardo como tinha visto Renata fazer, senti uma alegria parecida com a de quando passara as dalias por baixo das portas dos quartos de minhas colegas de abrigo na manhã em que completei 18 anos. Era uma sensação estranha: o entusiasmo de um segredo misturado à satisfação de ser útil.

Era algo tão diferente e tão decididamente prazeroso que tive uma vontade repentina de lhe falar sobre as flores, de lhe explicar seus significados ocultos.

– Sabe – comecei, tentando usar um tom casual, amigável, mas sentindo as palavras presas em minha garganta, por causa da emoção –, há quem diga que os lírios-do-vale trazem a felicidade de volta.

O homem torceu o nariz. Sua expressão era uma mistura de impaciência e desconfiança.



– Isso seria um milagre – falou, balançando a cabeça. Eu lhe entreguei as flores. – Acho que não ouço aquela garota rir desde que tinha 12 anos... e vou lhe dizer uma coisa, sinto muita falta de sua risada.

Ele fez menção de pegar a carteira, mas levantei a mão.

– Renata disse para os fregueses pagarem outro dia.

– O.k. – concordou ele, virando-se para ir embora. – Diga a ela que Earl esteve aqui. Ela sabe onde me encontrar.

Quando ele bateu a porta, as flores se sacudiram em seus baldes.

Quando Renata voltou uma hora mais tarde, eu já havia atendido meia dúzia de pessoas. No pedaço de papel que ela me dera, constava um registro completo das vendas: nomes dos clientes, flores e quantidades. Renata correu os olhos pela lista e assentiu, como se soubesse exatamente quem iria

à loja e o que pediriam. Ela enfiou o papel na registradora e tirou um maço de notas de 20 dólares, separando três delas.

– Sessenta dólares – falou. – Por seis horas de trabalho.

Está bom?

Fiz que sim com a cabeça, mas não me movi. Renata me encarou como se estivesse esperando que eu dissesse alguma coisa.

– Você vai me perguntar se precisarei de ajuda no próximo sábado?

– Vai precisar?



– Sim, às cinco da manhã. E no domingo, também. Não sei por que alguém iria querer se casar em um domingo de novembro, mas não importa. Geralmente esta é uma época com pouco movimento, só que estou mais atarefada do que nunca.

– Até semana que vem, então – falei, fechando a porta com cuidado ao sair.

Com dinheiro na mochila, aquela parecia uma nova cidade. Desci a ladeira, olhando as vitrines das lojas com interesse, lendo menus e pesquisando preços de quarto em hotéis baratos ao sul da Market Street. Enquanto caminhava, pensei em meu primeiro dia de trabalho: uma câmara frigorífica cheia de flores, uma vitrine praticamente vazia e uma chefe com um estilo direto, quase frio. Era o emprego perfeito para mim. Só uma situação havia me deixado constrangida: a breve conversa que tivera com o

vendedor de flores. A ideia de revê-lo no sábado seguinte me deixava nervosa. Decidi que precisaria estar preparada.

Depois de pegar um ônibus, desci no bairro de North Beach. Estava anoitecendo e a neblina apenas começava a se espalhar por Russian Hill, transformando os faróis e as lanternas dos carros em globos opacos amarelos e vermelhos.

Andei até encontrar um albergue, sujo e barato. Mostrei o dinheiro para uma mulher atrás do balcão e esperei.

– Quantas noites? – perguntou ela.

Meneei a cabeça para as notas.



– Quantas posso pagar com isso?

– Vou deixar que fique quatro – disse ela –, mas só porque é baixa temporada. – Ela preencheu um recibo e apontou para o fim do corredor. – O dormitório feminino fica à direita.

Durante quatro dias, dormi, tomei banho e comi os restos dos almoços dos turistas na Columbus Avenue.

Quando minhas noites no albergue terminaram, voltei para o parque, com medo do rapaz alto e das dezenas de outros como ele, mas consciente de que não tinha muitas opções.

Cuidei do meu jardim e esperei o fim de semana.

Na sexta-feira, não dormi, com medo de perder a hora.

Vaguei pelas ruas a noite inteira. Quando me cansei, fiquei zanzando em frente à boate ao pé da colina, a música vibrando contra minhas pálpebras pesadas. Quando a caminhonete de Renata chegou, eu esperava encostada na porta de vidro da Bloom.

Ela desacelerou apenas o suficiente para eu entrar, começando a fazer o retorno antes mesmo que eu fechasse a porta.

– Eu devia ter pedido que você chegasse às quatro. Não conferi minha agenda. Vamos precisar de flores para 40

mesas hoje. E os noivos têm 12 madrinhas. Quem é que faz um casamento desses? – Não consegui saber se devia responder ou se era uma pergunta retórica. Fiquei calada. –



Se eu fosse me casar, não teria nem 12 convidados – acrescentou –, pelo menos não neste país.

Eu não teria nenhum, pensei, neste país ou em qualquer outro. Ela desacelerou ao chegar à rotatória e, desta vez, acertou a saída.

– Earl apareceu na loja – disse ela. – Pediu que eu lhe dissesse que a neta dele ficou feliz. Falou que era importante eu usar a palavra “feliz” e não outra qualquer. Segundo ele, você fez alguma coisa com as flores para que ela tivesse essa reação.

Sorri e me virei para a janela, desviando os olhos de Renata. Então ele tinha se lembrado. Para minha surpresa,

não me arrependi de ter compartilhado meu segredo. Mas não queria contá-lo para ela.

– Não sei do que ele está falando – respondi.

Ela olhou da estrada para o meu rosto e então de volta para a estrada, uma de suas sobrancelhas erguida, intrigada.

Depois de alguns instantes de silêncio, prosseguiu:

– Bem, Earl é um senhor engraçado. Rabugento na maior parte do tempo, mas, às vezes, surpreendentemente doce. Ontem ele me falou que está velho demais para voltar atrás depois de ter desistido de Deus.

– O que ele quis dizer com isso?

– Imagino que acredite que você se consultou com Ele antes de escolher as flores no fim de semana passado.



– Humpf. Até parece – debochei.

– É, eu sei. Mas ele me disse que vai voltar hoje e quer que você escolha algo para a esposa dele.

Senti um entusiasmo repentino por receber uma nova tarefa.

– Como ela é? – perguntei.

– Reservada – disse Renata, balançando a cabeça. – Não sei muito mais que isso. Certa vez Earl me disse que ela era

poeta, mas quase não fala e não escreve mais. Ele compra flores para ela quase toda semana... acho que sente falta da maneira como ela costumava ser.

Pervinca, pensei, boas lembranças. Seria difícil fazer um buquê com elas, mas não impossível. Teria que prendê-las com alguma coisa alta e de haste forte.

O mercado de flores não estava tão cheio quanto na semana anterior, mas Renata ainda corria como se o último buquê de rosas estivesse em leilão. Precisávamos de 15

dúzias de rosas cor de laranja e mais lírios stargazer do que caberia nos meus baldes. Carreguei as flores para fora e voltei para buscar uma segunda leva. Quando tudo já estava guardado na caminhonete, voltei para o galpão movimentado a fim de procurar Renata.

Ela estava na barraca que eu vinha evitando, pechinchando o preço de um maço de ranúnculos cor-de-rosa. O preço por atacado, escrito a giz em um pequeno



quadro negro com uma caligrafia quase ilegível, era 4 dólares.

Ela balançou uma nota de 1 dólar sobre os baldes de flores.

O vendedor não respondeu nem olhou para ela. Ele me observou descer o corredor até parar na sua frente.

Nossa interação na semana anterior tinha me atormentado e vasculhei a McKinley Square inteira até

encontrar a flor certa para desencorajar seu assédio indesejado. Tirei minha mochila dos ombros e peguei um ramalhete cheio de folhas de dentro dela.

– Rododendro – falei, depositando os ramos cortados sobre o balcão de compensado.

As flores roxas ainda não estavam abertas e os botões apontavam em sua direção, muito enrolados e venenosos.

Cuidado.

Ele analisou primeiro a planta, depois meu olhar de advertência. Quando desviou os olhos, tive certeza de que havia entendido que as flores não eram um presente. Ele as pegou entre o polegar e o indicador e jogou-as na lata de lixo.

Renata ainda barganhava e, com um movimento rápido, o vendedor a interrompeu. Ela podia levar as flores, disse ele, com um gesto impaciente, enxotando-a dali.

Renata se virou para ir embora e eu a segui.

– O que foi aquilo, Victoria? – perguntou ela quando já estávamos longe demais para sermos ouvidas.



Renata olhou de volta para a barraca, depois para mim e então outra vez para a barraca com uma expressão intrigada.

– Preciso de pervinca – falei, mudando de assunto. – Ela não é vendida cortada. É uma planta rasteira.



– Sei o que é pervinca – disse ela, indicando com a cabeça uma parede nos fundos, onde plantas estavam dispostas em baldes com suas raízes intactas. Então, me entregou um maço de dinheiro e não fez mais perguntas.

Renata e eu trabalhamos freneticamente durante toda a manhã. O casamento era em Palo Alto, um bairro de gente rica ao sul da cidade, a cerca de 60 quilômetros da floricultura. Para entregar todas as flores, Renata teve que fazer duas viagens. Enquanto levava a primeira metade dos arranjos, eu trabalhava na segunda. Durante o tempo em que ela esteve fora, mantive a loja fechada e com as luzes apagadas. Os clientes faziam fila do lado de fora, esperando que ela voltasse. Sozinha no escuro, eu me sentia feliz.

Quando ela chegou, eu estava ocupada examinando meu trabalho – limpando grãos de pólen e podando uma ou outra folha torta com uma tesoura afiada. Renata olhou para os buquês e inclinou a cabeça para a fila de pessoas atrás dela.

– Vou começar os buquês das madrinhas. Você assume a loja. – Ela me entregou uma lista de preços plastificada e a chave da registradora, pequena e dourada. – E nem ouse pensar que não sei quanto dinheiro tem lá dentro.



Earl já estava diante do balcão, acenando para mim.

Aproximei-me dele.

– Para a minha mulher – disse ele. – Renata não lhe

disse? Só tenho alguns minutos e quero que você escolha algo para deixá-la feliz.

– Feliz? – perguntei, olhando as flores disponíveis na loja. Fiquei desapontada. – O senhor não pode ser mais específico?

Earl inclinou a cabeça para o lado e pensou por alguns instantes.

– Sabe, pensando bem, ela nunca foi uma mulher realmente feliz – disse ele, rindo para si mesmo. – Mas era apaixonada, inteligente e se interessava pelas coisas. Sempre tinha uma opinião, mesmo sobre assuntos que desconhecia.

Sinto falta disso.

Era esse o pedido para o qual eu havia me preparado.

– Entendo – falei, começando a trabalhar.

Arranquei caules finos de pervinca pelas raízes até eles penderem em fios longos e moles, apanhando em seguida uma dúzia de crisântemos-agulha vistosos. Fiz um buquê com várias camadas de crisântemos. Enrolei a pervinca na base deles, como uma fita, e, usando arame, criei arabescos com a planta rasteira. O efeito era como o de uma queima de fogos de artifício, estonteante e grandioso.



– Bem, isso vai merecer algum tipo de reação – disse Earl enquanto eu lhe entregava as flores. Ele me deu uma nota de 20 dólares. – Fique com o troco, querida. – Consultei a lista de preços que Renata tinha me dado e coloquei a nota

de 20 na gaveta, pegando uma de 5 para mim.

– Obrigada.

– Até semana que vem – disse Earl.

– Talvez – respondi, mas ele já havia atravessado a porta, batendo-a ao sair.

A loja estava em polvorosa e voltei minha atenção para o próximo cliente da fila. Embrulhei rosas, orquídeas, crisântemos de todas as cores e preparei buquês para casais, senhoras idosas e entregadores adolescentes. Enquanto trabalhava, fiquei pensando na esposa de Earl, tentando evocar a imagem de uma mulher que havia perdido a paixão: seu rosto cansado, introspectivo, sem malícia. Será que ela esboçaria alguma reação ao buquê de crisântemos e pervincas, sinceridade e boas lembranças? Tinha certeza de que sim e imaginei o alívio e a gratidão no rosto de Earl enquanto ele fervia água para o chá, tentando fazer a mulher obstinada de quem sentia falta embarcar numa discussão sobre política ou poesia. Essa imagem acelerou meus dedos e deixou meus passos mais leves enquanto eu trabalhava.

Assim que a loja ficou vazia, Renata terminou os buquês.

– Carregue a caminhonete – ordenou ela.



Transportei as braçadas de flores o mais rápido que pude. Eram quase duas da tarde. Renata foi para trás do volante, pedindo-me para manter a loja aberta até que ela voltasse, em uma hora.

A entrega demorou muito mais do que Renata havia imaginado. Às cinco e meia, ela entrou como um furacão na Bloom, furiosa, praguejando sobre flores de lapela e gravatas-borboleta. Fiquei calada, esperando que ela me pagasse para eu poder ir embora. Tinha trabalhado 12 horas e meia sem descanso e estava ansiosa por um quarto com chave e talvez até um banho. Mas Renata não fez menção de pegar a carteira.

Quando acabou seu monólogo frustrado, abriu a registradora, correndo os dedos por notas amassadas, cheques e recibos.

– Não tenho dinheiro suficiente – declarou. – Vou passar no banco antes de jantar. Venha comigo e falaremos sobre negócios.

Eu preferiria ter pegado o dinheiro e fugido noite adentro, mas saí com ela assim mesmo, ciente da precariedade da minha situação.

– Comida mexicana? – perguntou ela.

– Pode ser.

Entramos na caminhonete e ela seguiu em direção ao Mission District.



– Você não fala muito, hein? – comentou.

Balancei a cabeça.

– A princípio, achei que fosse só uma dessas pessoas que não funcionam pela manhã – disse ela. – Como meus sobrinhos e sobrinhas, por exemplo, é melhor nem tentar

conversar antes do meio-dia, mas depois disso é preciso rezar por um minuto de silêncio.

Ela me olhou como se esperasse uma resposta.

– Humm – murmurei.

Ela riu.

– Tenho 12 sobrinhos e sobrinhas, mas quase nunca os vejo. Sei que deveria fazer um esforço, mas não faço.

– Não?

– Não – repetiu. – Eu os adoro, mas só consigo lidar com eles em doses homeopáticas. Minha mãe sempre brinca dizendo que não herdei seu gene maternal.

– O que é isso? – perguntei.

– Bem, é aquele traço biológico que faz as mulheres se derreterem quando veem um bebê na rua. Nunca tive isso.

Renata estacionou em frente a um restaurante mexicano. Como se quisessem provar o que ela tinha dito, duas mulheres faziam a maior festa diante de um carrinho de bebê na entrada.



– Entra e peça o que quiser – disse ela. – Pagarei quando voltar do banco.

Renata e eu comemos até as oito da noite. Foi tempo suficiente para ela saborear um taco e beber três Cocas Light,

enquanto eu comia um burrito de frango, duas enchiladas de queijo, uma porção pequena de guacamole e três cestos de batatas fritas. Ela me observou comer e de vez em quando um sorriso satisfeito iluminava seu rosto. Ela preencheu o silêncio com histórias sobre sua infância na Rússia, contando como um bando de irmãos atravessou o oceano até os Estados Unidos.

Quando terminei, me recostei na cadeira, sentindo o peso da comida em meu corpo. Tinha me esquecido de quanto podia comer e também da moleza que tomava conta de mim depois que eu exagerava.

– Então, qual é o seu segredo? – perguntou Renata.

Ao ouvir a pergunta, apertei os olhos e encolhi os ombros.

– Para continuar magra? – prosseguiu ela. – Comendo desse jeito?

Não tem mistério, pensei. É só estar sem grana, sem amigos e sem ter onde morar. Passar semanas comendo as sobras de outras pessoas ou nada.

– Coca Light – disse ela, como se não quisesse ouvir minha resposta ou como se já soubesse qual seria. – Esse é o



meu segredo. Cafeína e zero caloria. Mais um motivo pelo qual nunca quis ter filhos. Que tipo de bebê se desenvolveria com uma alimentação dessas?

– Um bebê faminto – respondi.

Renata sorriu.

– Vi você na loja hoje, atendendo Earl. Ele foi embora satisfeito. E vai voltar, imagino, todas as semanas, procurando você.

Eu estarei lá?, perguntei-me. Seria essa a maneira de Renata me oferecer um emprego?

– Foi assim que construí meu negócio – disse ela. –

Sabendo o que meus clientes queriam antes deles mesmos.

Prevendo seus desejos. Embrulhando as flores antes de eles entrarem, adivinhando os dias em que estariam com pressa e os dias em que queriam ficar olhando as flores, conversando.

Acho que você tem o mesmo talento, esse tipo de intuição...

isto é, se quiser o emprego.

– Eu quero – respondi depressa. – Quero, sim.

Lembrei-me das palavras que Meredith me dissera na Gathering House e outras centenas de vezes antes: Você tem que querer. Você tem que querer ser uma filha, uma irmã, uma amiga, uma estudante, repetira ela à exaustão. Eu nunca quisera nenhuma dessas coisas e as promessas, ameaças ou os subornos de Meredith nunca haviam mudado minha convicção. Mas, de repente, eu soube que queria ser



florista. Queria passar minha vida escolhendo flores para

desconhecidos, meus dias oscilando entre o frio da câmara frigorífica e o barulho da gaveta da registradora.

– Mas vou pagar você de modo informal – disse Renata. –

Todos os domingos. Duzentos dólares por 20 horas de trabalho e você tem que ir sempre que eu precisar.

Combinado?

Assenti. Renata estendeu a mão e eu a apertei.

Na manhã seguinte, encontrei Renata encostada nas portas de vidro do mercado de flores, me esperando. Conferi as horas. Estávamos as duas adiantadas. O casamento daquele dia era pequeno, sem madrinhas e com menos de 50

convidados em duas mesas longas. Andamos pelo galpão, procurando flores em tons de amarelo. Esse tinha sido o único pedido da noiva, disse-me Renata. Ela queria que as flores lembrassem a luz do sol, para o caso de chover. O céu estava seco, mas nublado; seria melhor se ela tivesse se casado em junho.

– A barraca dele não abre aos domingos – disse Renata enquanto andávamos, indicando o ponto do vendedor misterioso com um gesto.

Mas, quando nos aproximamos de sua barraca vazia, deparamos com um vulto encapuzado, empoleirado em um banco e recostado na parede. Ele se levantou quando me viu, inclinándose sobre os baldes sem flores, sua imagem





refletida nos círculos de água parada. Do bolso do seu blusão, retirou algo verde e fino, erguendo-o no ar.

Renata o cumprimentou quando passamos. Só não ignorei completamente sua presença porque estiquei o braço para pegar o que ele havia me trazido, sem desgrudar os olhos do chão. Depois de fazer uma curva, quando já estava segura e fora de vista, olhei para minha mão.

Folhas ovais, verde-acinzentadas, brotavam de um emaranhado de ramos verde-limão, com esferas translúcidas presas aos galhos como gotas de chuva. O ramalhete cabia exatamente na palma da minha mão e as folhas macias mordiscavam minha pele onde a tocavam.

Visco.

Eu supero todos os obstáculos.



# AFTER DARK



9

MINHAS FERIDAS CRIARAM cascas durante a noite e se grudaram aos lençóis de algodão. Ao despertar, demorei um pouco para localizar de onde vinha a ardência em meu corpo e mais ainda para lembrar o que havia causado aquilo.

Fechei os olhos com força e então recordei tudo de uma só vez: os espinhos, a colher, a longa viagem de carro e Elizabeth. Tirei minhas mãos de baixo das cobertas com um puxão rápido e analisei as palmas. As casquinhas tinham saído e sangue fresco brotava dos cortes.

Era cedo e ainda estava escuro. Desci o corredor até o banheiro Tateando as paredes e deixando rastros de sangue onde tocava. Lá dentro, Elizabeth já estava acordada e vestida. Sentada à penteadeira, olhava para o espelho como



se fosse se maquiar, mas não havia nada sobre o móvel, apenas um pote de creme pela metade. Ela mergulhou o anular dentro dele. Percebi que suas unhas eram retas e

curtas. Em seguida, Elizabeth espalhou o creme embaixo dos olhos castanhos, ao longo das maçãs do rosto bem definidas e pelo topo do nariz reto. Sua pele não tinha rugas e brilhava sob o calor de verão. Imaginei que fosse muito mais jovem do que sua blusa de gola alta e seu cabelo preso, repartido ao meio, sugeriam.

Ela se virou ao me ver e seu perfil anguloso se refletiu no espelho.

– Dormiu bem?

Dei um passo à frente, erguendo minhas mãos tão perto de seu rosto que ela precisou se afastar para enxergar direito.

Em seguida, inspirou o ar com força.

– Por que não me contou ontem à noite?

Dei de ombros e Elizabeth suspirou.

– Bem, deixe eu ver suas mãos. Não quero que infeccionem.

Ela deu um tapinha em seu colo, convidando-me a sentar, mas recuei um passo. Retirando uma pequena bacia de baixo da pia, Elizabeth a encheu de água oxigenada e pegou minhas mãos, uma de cada vez, mergulhando-as no líquido. Observou meu rosto, à espera de uma careta de dor, mas cerrei os dentes e mantive minha expressão impassível.



Minhas feridas ficaram brancas e espumantes. Ela esvaziou a bacia, tornou a enchê-la e mergulhou minhas mãos outra vez.

– Não que eu vá mimar você e deixá-la sem punição por seus erros – começou Elizabeth. – Mas, se não conseguisse encontrar a colher depois de procurar de verdade, eu teria aceitado um pedido sincero de desculpas.

Ela falava sem rodeios, num tom de voz severo. Ainda sonolenta por causa da hora, perguntei-me se teria imaginado seu tom gentil da noite anterior.

Ela mergulhou minhas mãos na bacia novamente, observando as bolhas brancas minúsculas se formarem uma terceira vez. Depois de enxaguá-las em água fria, secou-as de leve com uma toalha branca limpa. Os pequenos furos pareciam profundos e vazios, como se a água oxigenada tivesse corroído a carne, formando círculos perfeitos. Com uma gaze, ela começou a enfaixar meu punho, subindo lentamente em direção aos meus dedos.

– Sabe – disse Elizabeth –, quando eu tinha 6 anos, descobri que a única maneira de tirar minha mãe da cama era aprontando. Eu me comportava de maneira terrível, só para ela levantar e me punir. Quando fiz 10 anos, ela se cansou e me mandou para um internato. Isso não vai acontecer com você. Nada que aprontar será capaz de me fazer mandá-la embora. Nada. Então pode me testar quanto quiser, pode até jogar a prataria da minha mãe pela cozinha,



se é o que precisa fazer. Mas saiba que minha resposta será sempre a mesma: eu te amo e vou ficar com você. O.k.?

Olhei para Elizabeth, meu corpo tenso de desconfiança, minha respiração presa no banheiro cheio de vapor. Eu não a entendia. Com os ombros retesados e usando frases ríspidas, ela falava com uma formalidade que eu nunca tinha visto.

Ainda assim, por trás de suas palavras havia uma ternura inexplicável. Seu toque também era diferente: havia limpado minhas mãos com todo o cuidado, enquanto todas as minhas outras mãos adotivas agiam como se estivessem cumprindo uma obrigação, caladas e tensas. Não confiei nem um pouco naquilo.

O silêncio pairou entre nós. Elizabeth prendeu uma mecha de cabelo atrás da minha orelha e olhou no fundo dos meus olhos, querendo uma resposta.

– O.k. – falei por fim, pois sabia que essa era a melhor maneira de terminar a conversa e sair do calor daquele banheiro pequeno.

Os cantos da boca de Elizabeth se ergueram.

– Está bem, então venha – disse ela. – Hoje é domingo.

Dia de irmos ao mercado dos fazendeiros.

Ela girou meu corpo e me conduziu de volta ao quarto, onde me ajudou a trocar a camisola por um vestido bordado.

Quando descemos, preparou ovos mexidos e me deu a comida na boca, em pequenos pedaços, numa colher idêntica à que eu havia atirado pela cozinha na noite anterior. Mastiguei e



engoli, seguindo suas ordens, ainda tentando me conformar com os tons de voz contrastantes e com as reações imprevisíveis de Elizabeth. Ela não tentou conversar durante o café da manhã, apenas observou os ovos viajarem da colher até minha boca e descerem pela minha garganta. Quando terminei, ela comeu um pequeno prato de ovos e depois lavou, secou e guardou a louça.

– Pronta? – perguntou ela.

Dei de ombros.

Saindo de casa, atravessamos o caminho de cascalho e ela me ajudou a subir em sua velha caminhonete cinza. O

estofado de plástico azul-piscina estava solto nas beiradas e não havia cintos de segurança. A caminhonete sacolejou pela entrada da garagem. Poeira, vento e fumaça invadiam a cabine. Elizabeth dirigiu por menos de um minuto antes de entrar num estacionamento que estava vazio quando passei por ele no carro de Meredith. Agora, porém, encontrava-se repleto de caminhões e barracas de frutas, com famílias subindo e descendo as alas.

Elizabeth andou de barraca em barraca como se eu não estivesse ali, trocando dinheiro por sacolas pesadas de produtos: feijão-rajado, abóboras de formato alongado e curvo, batatas-roxas misturadas com outras, doces e inglesas. Enquanto ela estava ocupada pagando por um saco de nectarinas, abocanhei uma uva verde de uma mesa repleta delas.



– Por favor! – exclamou um homem baixinho e barbudo que eu não tinha notado. – Prove à vontade! Estão deliciosas, bem maduras.

Ele arrancou um cacho e o pôs em minhas mãos enfaixadas.

– Diga obrigado – falou Elizabeth, mas eu estava de boca cheia.

Elizabeth comprou quase 1,5 quilo de uvas, seis nectarinas e um saco de damascos secos. Em um banco de frente para um campo amplo e coberto de grama, nos sentamos juntas e ela segurou uma ameixa amarela a poucos centímetros dos meus lábios. Eu me inclinei para a frente e comi a fruta em sua mão, o suco escorrendo pelo meu queixo até o vestido.

Quando só restou o caroço, Elizabeth o jogou no campo e olhou para o outro extremo da feira.

– Está vendo aquela barraca de flores ali, a última da fileira? – perguntou-me.

Assenti. Um adolescente estava sentado na caçamba descoberta de uma picape, suas botas pesadas pendendo sobre o asfalto. Na mesa à sua frente, havia rosas amarradas em buquês bem apertados.

– Aquela é a barraca da minha irmã – prosseguiu Elizabeth. – Está vendo o menino? A esta altura já é quase



um rapaz. É meu sobrinho, Grant. Nunca fomos apresentados.

– O quê? – perguntei, surpresa. Depois de ouvir a



história de ninar de Elizabeth, imaginava que ela e a irmã fossem próximas. – Por que não?

– É uma longa história. Há 15 anos não nos falamos, com exceção de quando fizemos a partilha dos bens de nossos pais depois que eles morreram. Catherine ficou com as plantações de flores e eu, com o vinhedo.

O garoto saltou da traseira da picape e deu o troco para um cliente. Seu cabelo castanho longo caiu sobre o rosto e ele o tirou da frente dos olhos antes de apertar a mão de um velho. Suas calças estavam um pouco curtas e, dali de onde estávamos sentadas, seus membros longos e magros eram sua única semelhança com Elizabeth. Ele parecia estar cuidando da barraca de flores sozinho e me perguntei por que Catherine não estava ali.

– O mais estranho – disse Elizabeth, seguindo os movimentos do rapaz com os olhos – é que hoje, pela primeira vez em 15 anos, estou sentindo falta dela.

O menino jogou o último buquê de rosas para um casal que passava por ali e Elizabeth se virou para mim, passando os braços pelas minhas costas e puxando-me para mais perto dela no banco. Eu me inclinei para o outro lado, mas ela enterrou os dedos na lateral do meu corpo, segurando-me com força.



*10*



O VISCO REPOUSAVA SOBRE meu peito. Eu o observava subir e descer num movimento irregular. Meu coração e minha respiração ainda não haviam voltado ao ritmo normal desde que eu interpretara a resposta que aquele estranho pusera na palma da minha mão.

Não me lembrava do que tinha feito com os baldes de flores amarelas. No entanto, devia ter feito alguma coisa, pois ao meio-dia elas estavam arrumadas na traseira da caminhonete de Renata – buquês de luz do sol descendo a autoestrada para iluminar um casamento quase no inverno –

e eu tinha me deitado sozinha em cima da mesa de trabalho.

Renata me pedira para manter a loja aberta, mas nenhum cliente apareceu. Geralmente ela não abria aos domingos,



então deixei a porta destrancada, mas as luzes apagadas.

Tecnicamente, não estava descumprindo sua ordem, mas também não estava atraindo os clientes.

Embora a manhã tivesse sido fria, minha testa estava molhada de suor e eu me encontrava gelada, num estado de fascinação semelhante ao terror. Durante anos, as mensagens que eu enviara por meio das flores haviam sido sistematicamente ignoradas, um traço do meu estilo de comunicação que eu achava reconfortante. Paixão, intimidade, desavença ou rejeição: nada disso era possível em uma linguagem que não provocava reações. No entanto,

aquele simples ramallete de visco, se a pessoa que o dera para mim de fato entendesse seu significado, mudou tudo.

Tentei me acalmar, pensando que poderia ser apenas uma coincidência. Viscos eram considerados uma planta romântica. Ele tinha me imaginado amarrando-o com uma fita vermelha à armação de madeira de sua barraca e parando debaixo do ramallete para receber um beijo. Não me conhecia bem o suficiente para saber que eu jamais permitiria tanta intimidade. Mas, embora só tivéssemos trocado poucas palavras, não conseguia me livrar da sensação de que, de alguma forma, ele me conhecia bem o bastante para compreender que um beijo estava fora de cogitação.

Eu teria que dar uma resposta. Se ele me presenteasse com uma segunda flor e o significado se encaixasse



perfeitamente, eu já não teria como ignorar o fato de que ele entendia.

Minhas pernas tremiam quando descii da mesa e cambaleei rumo à câmara frigorífica. Acomodando-me entre as flores frias, pensei em minha resposta.

Renata voltou e começou a me dar ordens na câmara.

Havia outro trabalho, pequeno desta vez, que deveria ser entregue mais abaixo na ladeira. Ela pegou um vaso de cerâmica azul enquanto eu reunia as flores amarelas restantes.

– Quanto? – perguntei, porque o preço servia de parâmetro para os arranjos.

– Não importa. Mas diga a ela que não pode ficar com o vaso. Vou passar lá para buscá-lo na semana que vem.

Enquanto eu terminava o arranjo, Renata deslizou um pedaço de papel com um endereço anotado na minha direção.

– Você leva – disse.

Quando eu saía da loja, com os braços em volta do vaso, senti Renata enfiar algo na minha mochila. Virei-me para olhar. Ela havia saído e trancado a porta atrás de si e seguia para a caminhonete.

– Só vou precisar de você de novo no sábado, às quatro da manhã – falou, acenando para mim. – Prepare-se para um dia longo, sem folga.



Assenti, observando-a subir no veículo e sair dirigindo.

Quando fez a curva, pousei o vaso no chão e abri minha mochila. Lá dentro, havia um envelope com quatro notas de 100 dólares. Um bilhete dizia: Seu salário para as duas primeiras semanas. Não me decepcione. Dobrei o dinheiro e o guardei no sutiã.

O endereço me levou até o que parecia um prédio comercial, a apenas dois quarteirões da Bloom. As janelas de vidro da fachada estavam escuras. Não dava para saber se havia uma loja dentro, fechada aos domingos, ou se o lugar estava vazio. Quando bati, as portas chacoalharam em suas dobradiças de metal.

Uma janela se abriu no segundo andar e uma voz se fez ouvir lá de cima.

– Já estou descendo. Não vá embora.

Sentei-me no meio-fio, depositando as flores aos meus pés.

Dez minutos depois, a porta se abriu lentamente, revelando uma mulher que não aparentava ter tido a menor pressa de descer. Ela estendeu as mãos para pegar as flores.

– Victoria – disse ela. – Eu sou Natalya.

Ela lembrava Renata, com sua pele branca como leite e olhos azuis-claros, mas seu cabelo era cor-de-rosa e estava encharcado.

Eu lhe entreguei o vaso e me virei para ir embora.



– Mudou de ideia? – perguntou ela.

– Como?

Natalya se afastou, como se me convidasse a entrar.

– Sobre o quarto. Falei para Renata lhe dizer que é literalmente um closet, mas ela achou que você não se importaria.

Um quarto. O dinheiro na minha mochila. Renata tinha armado tudo aquilo sem deixar transparecer que entendia minha situação. Meu instinto foi fugir, mas a realidade de não ter para onde ir não podia ser ignorada.

– Quanto? – perguntei, dando um passo para trás.

– Duzentos por mês. Você vai ver por quê.

Olhei de um lado para o outro da rua, sem saber o que dizer. Quando me virei de novo, Natalya já havia atravessado a fachada vazia da loja e subia a escada íngreme.

– Você pode entrar ou não, mas feche a porta – disse ela.

Respirei fundo, soltando o ar por entre os lábios frouxos, e entrei.

O apartamento de um quarto em cima da loja parecia projetado para ser um escritório, com carpete fino sobre um piso de cimento e uma cozinha com um balcão longo e um frigobar. A janela estava aberta e tinha vista para um telhado plano.



– Legalmente, eu nem poderia alugar este quarto – falou Natalya, indicando uma portinhola na parede perto do sofá da sala, que parecia dar acesso a um entrepiso ou a um pequeno aquecedor de água. Natalya me entregou um chaveiro com seis chaves numeradas e disse: – Número um.

Ajoelhando, abri a porta baixa e entrei engatinhando. O

quarto era escuro demais para que eu pudesse examiná-lo.

– Levante-se – falou Natalya. – Tem uma cordinha pendurada na lâmpada do teto.

Tateei na escuridão até sentir a corda na altura do meu rosto. Então a puxei.

Uma lâmpada nua iluminou um quarto vazio, azul como

a palheta de um pintor no meio do mar, claro como a água sob a luz do sol. O carpete era felpudo e branco e parecia quase vivo. Não havia janelas. O quarto era grande o bastante para caber uma pessoa deitada, mas não para uma cama ou uma penteadeira, mesmo que eu conseguisse encontrar uma que passasse por aquela porta. Uma das paredes tinha uma fileira de trincos de metal e, quando olhei mais de perto, vi que eles uniam o vão entre a parede e uma porta de tamanho normal e que, por aquela fresta, entrava luz. Natalya tinha razão: o quarto era literalmente um closet.

– A última pessoa que morou comigo era esquizofrênica

– disse Natalya, indicando os cadeados. – A porta dá para o meu quarto. Essas são as chaves para todos os cadeados. –

Ela apontou para o chaveiro na minha mão.



– Vou ficar com ele – falei.

Estendi o braço para fora e coloquei duas notas de 100

dólares no braço do sofá. Então fechei a meia-porta, girei o trinco e me deitei no meio do cômodo azul.





# AFTER DARK



*11*

O CÉU PARECIA MAIOR ONDE Elizabeth morava. Ele descrevia um arco acima da linha do horizonte, o azul infiltrando-se nas colinas secas e embotando o amarelo do verão. A cor se refletia no telhado corrugado do galpão de ferramentas, no trailer de metal de formato arredondado e nas pupilas de Elizabeth. Parecia inescapável e tão pesada quanto os silêncios repentinos dela.

Eu estava sentada em uma cadeira no jardim, esperando Elizabeth voltar da cozinha. Mais cedo naquela manhã, ela havia feito panquecas de banana com pêssego, que comi até precisar me debruçar sobre a mesa da cozinha, incapaz de me mexer. Mas, em vez de sua habitual série de perguntas – algumas eu respondia; outras, ignorava –, ela passara o tempo todo estranhamente calada. Tinha apenas



beliscado sua comida, catando os pêssegos grelhados e deixando o resto de sua panqueca boiar em uma poça de calda.

De olhos fechados, ouvi Elizabeth empurrar sua cadeira para trás, fazendo-a ranger, atravessar só de meias o chão de madeira e empilhar nossa louça na pia da cozinha. Porém, em vez do som de água corrente que geralmente vinha em seguida, escutei um clique inesperado e, quando levantei a cabeça, Elizabeth estava encostada nos armários, com a atenção voltada para um telefone antigo. Ela desembolou o fio espiralado que conectava o fone à base e então ficou olhando para o disco como se tivesse esquecido o número para o qual pretendia ligar. Depois de um tempo, começou a girar o disco, mas parou quando chegou ao sexto número, mordeu os

lábios e bateu o telefone com força. O barulho fez meu estômago cheio embrulhar e respirei fundo.

Elizabeth levou um susto e, quando se virou, pareceu surpresa ao me ver ali, como se toda a concentração na ligação que não conseguira completar a tivesse feito se esquecer completamente da minha existência. Bufando, ela me puxou da cadeira da cozinha e me levou até o jardim, onde fiquei esperando.

Então ela surgiu da porta dos fundos, com uma pá enlameada em uma das mãos e uma xícara fumegante na outra.

– Beba – disse ela, entregando-me a xícara. – Vai ajudar na digestão.



Segurei a xícara entre minhas mãos enfaixadas. Já fazia uma semana que Elizabeth havia limpado e coberto minhas feridas e eu tinha me acostumado a não poder fazer nada por causa da gaze. Elizabeth cozinhava e limpava, enquanto eu ficava à toa dia após dia. Quando ela me perguntava se minhas mãos estavam sarando, eu lhe dizia que pareciam piores.

Depois de soprar o chá, tomei um gole, desconfiada, e então o cuspi.

– Não gostei – disse, inclinando a xícara para a frente e deixando o líquido cair no chão diante de minha cadeira.

– Tente outra vez – falou Elizabeth. – Você vai se acostumar com o sabor. Hortelã significa sensação de ternura.

Tomei outro gole. Dessa vez, mantive o líquido um pouco mais na boca antes

de cuspi-lo por sobre o braço da cadeira.

– Sensação de gosto ruim, você quer dizer.

– Não, sensação de ternura – corrigiu-me Elizabeth. –

Aquele arrepio que você sente quando vê uma pessoa amada, sabe?

Não conhecia esse sentimento.

– Sensação de vômito – falei.

– A linguagem das flores é incontestável, Victoria – disse Elizabeth, virando-se e colocando suas luvas de jardinagem.



Ela pegou a pá e começou a cuidar do solo onde eu havia desenraizado uma dúzia de plantas enquanto procurava a colher.

– O que você quer dizer com “incontestável”? –

perguntei.

Tomei um gole do chá de hortelã, engoli e fiz uma careta, esperando meu estômago sossegar.

– Significa que só existe uma definição, um único significado para cada flor. Como o alecrim, que significa...

– Recordação – falei. – Segundo Shakespeare, seja lá quem ele for.

– Isso mesmo – disse Elizabeth, parecendo surpresa. – E

a arquilégia...

– Abandono.

– Azevinho?

– Previdência.

– Lavanda?

– Desconfiança.

Elizabeth largou suas ferramentas de jardinagem, tirou as luvas e se ajoelhou perto de mim. Seus olhos eram tão penetrantes que me recostei até minha cadeira começar a se inclinar para trás e Elizabeth esticar a mão para segurar meu tornozelo.



– Por que Meredith me disse que você não conseguia aprender?

– Porque não consigo – respondi.

Ela segurou meu queixo e virou meu rosto até poder olhar dentro dos meus olhos.

– Não é verdade – disse simplesmente. – Ela me alertou que em quatro anos de escola você não tinha aprendido nem os fonemas básicos. Disse que iriam colocar você na educação especial se conseguisse vaga em alguma escola pública.

Nessas quatro tentativas, eu tinha feito o jardim de infância duas vezes e a segunda série outras duas. Não

estava fingindo que era incapaz; só que ninguém nunca tinha me perguntado qual era o problema. Depois do primeiro ano, minha reputação de instável e dada a rompantes imprevistos era tão grande que eu era expulsa de cada turma em que entrava. Pilhas de exercícios me ensinaram o alfabeto, os números e as operações matemáticas básicas. Aprendi a ler a partir dos livros ilustrados que pegava às escondidas das mochilas dos meus colegas ou roubava das estantes nas salas de aula.

Houve uma época em que acreditei que a escola poderia ser diferente. No meu primeiro dia de aula, sentada em uma mesa em miniatura numa fileira bem-ordenada, percebi que o abismo que me separava das outras crianças não era visível.

Minha professora do jardim de infância, a Sra. Ellis, falou



meu nome com brandura, dando ênfase à sílaba do meio, e me tratou como uma criança igual às outras. Ela me colocou junto de uma menina menor que eu. Seus punhos magros roçavam nos meus enquanto andávamos lado a lado, da sala para o pátio e depois de volta. A Sra. Ellis acreditava em alimentar a mente, então todos os dias depois do recreio colocava um copo de papel com uma sardinha em cima de cada mesa. Depois que comíamos o peixe, devíamos virar o copo de cabeça para baixo para ver a letra escrita no fundo.

Se conseguíssemos falar uma palavra que começasse com ela, podíamos comer uma segunda sardinha. Decorei todas as letras e palavras na primeira semana e sempre consegui a comida extra.

Mas depois de cinco semanas na escola, Meredith me colocou em outra família, que vivia em outro bairro de ricos, e sempre que me lembrava do peixe escorregadio eu ficava furiosa. Minha raiva me fazia virar mesas, rasgar cortinas e roubar merendeiras. Fui suspensa, transferida e suspensa novamente. Ao final daquele primeiro ano, todos já esperavam que eu me comportasse de forma violenta e minha educação foi deixada de lado.

Elizabeth apertou minhas bochechas, seus olhos exigindo uma resposta.

– Eu sei ler – falei.

Elizabeth continuou a vasculhar meu rosto, como se estivesse determinada a desencavar cada mentira que eu já tivesse contado na vida. Fechei os olhos até ela me soltar.



– É bom saber disso – falou.

Então balançou a cabeça e voltou a cuidar do jardim, calçando suas luvas antes de depositar em buracos rasos as plantas que eu havia arrancado. Fiquei observando-a trabalhar, repondo a camada superficial do solo e dando tapinhas delicados ao redor de cada caule. Quando terminou, levantou a cabeça para me olhar.

– Chamei Perla para vir aqui brincar. Preciso descansar e seria bom você fazer uma amiga antes de as aulas começarem amanhã.

– Perla não vai ser minha amiga – retruquei.



– Você ainda nem a conheceu! – disse Elizabeth, exasperada. – Como pode saber se ela vai ou não ser sua amiga?

Sabia que Perla não seria minha amiga porque, em nove anos, eu nunca havia tido uma amiga. Meredith provavelmente dissera isso a Elizabeth. Ela contara para todas as minhas outras mães adotivas, que então aconselhavam as outras crianças da casa a comerem depressa e dormirem com seus doces de Dia das Bruxas bem guardados dentro de seus travesseiros.

– Agora venha comigo. Ela já deve estar esperando no portão.

Elizabeth me conduziu pelo jardim até a pequena cerca de madeira branca que ficava do outro lado. Perla estava



apoiada nela, esperando. Estava perto o suficiente para ter escutado cada palavra que dissemos, mas não parecia chateada, somente esperançosa. Era apenas poucos centímetros mais alta do que eu e seu corpo era macio e arredondado. Sua blusa estava muito curta e apertada. O

tecido verde-limão se esticava sobre sua barriga e terminava antes do cóis da calça. Linhas vermelhas fundas marcavam seus braços onde o elástico das mangas havia estado antes de subirem e se perderem em suas axilas.

– Bom dia – cumprimentou Elizabeth. – Esta é minha filha, Victoria. Victoria, esta é Perla.

O som da palavra filha fez meu estômago embrulhar de

novo. Chutei poeira contra Elizabeth até ela pisar nos meus dois pés com seu sapato direito, os dedos de sua mão apertando minha nuca. Minha pele queimava ao seu toque.

– Oi, Victoria – disse Perla, tímida.

Então pegou uma trança preta pesada de cima do ombro e mastigou as pontas já molhadas.

– Ótimo – falou Elizabeth, como se as palavras acanhadas de Perla e meu silêncio teimoso tivessem estabelecido algum tipo de vínculo entre nós. – Vou para casa descansar. Victoria, fique aqui fora brincando com Perla até eu chamar você.

Sem esperar resposta, ela entrou em casa. Perla e eu ficamos sozinhas, olhando para o chão. Depois de um tempo,



ela estendeu o braço de modo hesitante e tocou uma das minhas mãos enfaixadas com um dedo gordo.

– O que aconteceu?

Puxei a gaze com os dentes, subitamente louca para voltar a usar as mãos.

– Espinhos – falei. – Tire isso para mim.

Perla puxou as beiradas da fita e eu me liberei da gaze sacudindo os braços. Minha pele estava pálida e enrugada, as cascas dos furos formavam círculos pequenos e secos.

Cutuquei a ponta de uma casca com a unha e ela se soltou na mesma hora, caindo no chão.

– A gente vai estar na mesma turma amanhã na escola –

disse Perla. – Só tem uma turma de quarta série.

Não respondi. Elizabeth achava que eu iria para a escola. Mas ela também achava que eu seria sua filha e que poderia me obrigar a ter uma amiga. Estava redondamente enganada. Fui andando até o galpão de ferramentas. Perla me seguiu com seus passos pesados. Não sabia o que ia fazer, mas de repente quis que Elizabeth entendesse quão enganada estava a meu respeito. Peguei uma faca e uma tesoura de jardinagem numa das prateleiras e dei a volta furtivamente até um dos lados do jardim.

Contornando uma amendoeira, segui uma fileira de suculentas verde-acinzentadas até elas cederem lugar ao cascalho. Ali, no lugar onde a estrada de terra se encontrava



com o jardim viçoso, havia um cacto grande e intricado. Era maior do que o carro de Meredith, tinha o tronco marrom e coberto de cicatrizes, como se tivesse sido ferido várias vezes por seus próprios espinhos. Cada ramo era estruturado como uma série de mãos espalmadas, que cresciam uma a partir da outra: direita, depois esquerda, então direita outra vez.

Assim, cada um deles mantinha equilíbrio suficiente para se manter reto e alto.

Eu já sabia o que fazer.

– Tabaibeira – disse Perla, quando aponteí para o cacto.

– Figueira-da-índia.

– O quê?

– É uma figueira-da-índia. Está vendo a fruta no topo?

No México, eles a vendem no mercado. São gostosas, se você souber descascar direito.

– Corte a planta – ordenei.

Perla ficou parada.

– Como assim? Inteira?

Fiz que não com a cabeça.

– Só o ramo mais alto, o que tem as frutas. Quero levá-lo para Elizabeth. Mas você tem que cortar, senão vou machucar minhas mãos.

Perla continuou parada, mas ergueu os olhos para o cacto, que era duas vezes mais alto do que ela. Frutas de um



vermelho flamejante cresciam como dedos inchados no topo de cada mão espalmada. Empurrei a faca para ela, a lâmina cega apontando para baixo, para sua barriga.

Perla estendeu a mão, testou a ponta da lâmina com seu

dedo macio, então chegou mais perto e pegou a faca pelo cabo.

– Onde? – perguntou baixinho.

Apontei um ponto logo acima do tronco marrom, onde começava um ramo verde e longo. Perla encostou a lâmina no cacto e fechou os olhos antes de se inclinar para a frente com todo o peso de seu corpo. A casca era resistente, mas, assim que ela rompeu a camada externa, a faca deslizou com facilidade e o galho caiu no chão. Apontei para as frutas e Perla as cortou uma por uma. Elas ficaram caídas no chão, sangrando sumo vermelho.

– Espere aqui – mandei e atravessei correndo o jardim até onde eu tinha largado a gaze suja.

Quando voltei, Perla estava exatamente onde eu a deixara. Segurei um dos figos-da-índia com a gaze, peguei a faca e removi seus espinhos com cuidado, como se estivesse esfolando um animal morto. Então estendi o fruto maduro, comestível, para Perla.

– Aqui – falei. Ela me encarou, confusa.

– Você não queria essas frutas? – perguntou ela. – Para Elizabeth?



– Se quiser, leve você mesma para ela – falei. – Eu só preciso desta parte. – Embrulhei as tiras de pele espinhosa com a gaze. – Agora vá para casa.

Perla pegou as frutas e foi embora lentamente,

suspirando, como se esperasse algo mais de mim por seu gesto de lealdade.

Eu não tinha nada para lhe oferecer.





*12*

NATALYA ERA A IRMÃ CAÇULA de Renata. Ao todo eram seis, todas mulheres. Renata era a segunda mais velha.

Demorei a semana inteira para reunir essa informação e me senti grata por isso. Na maioria dos dias, Natalya dormia até o fim da tarde e, quando estava acordada, não fazia barulho.

Ela me disse certa vez que não gostava de desperdiçar sua voz e o fato de considerar conversar comigo um desperdício não me ofendia nem um pouco.

Natalya era vocalista de uma banda punk que, em suas palavras, só tinha “estourado” num raio de 20 quarteirões de seu apartamento. A banda tinha uma legião de seguidores fervorosos no Mission District e alguns outros fãs perto do Dolores Park, mas era desconhecida em qualquer outro



bairro ou cidade. Eles ensaiavam no andar de baixo. O

restante do quarteirão era composto de salas comerciais, algumas alugadas e outras vazias, mas todas fechadas depois das cinco da tarde. Natalya me deu uma caixa de tampões de ouvido e uma pilha de travesseiros. Usando os dois recursos, eu conseguia reduzir a música a apenas uma vibração no carpete felpudo, o que o fazia parecer ainda mais vivo. Em geral, a banda não começava a ensaiar antes da meia-noite, então eu tinha apenas algumas horas para tentar dormir antes de despertar.

Não trabalhei até o sábado seguinte, mas todas as manhãs daquela semana eu me vi caminhando pelas ruas



perto do mercado de flores, observando os atacadistas entrarem de ré no estacionamento cheio, com seus caminhões abarrotados de produtos. Não estava procurando o florista misterioso; pelo menos foi isso que disse a mim mesma. Quando o vi, me esgueirei para uma viela e corri até perder o fôlego.

No sábado, já havia escolhido minha resposta. Boca-de-leão. Presunção. Cheguei ao mercado de flores antes das quatro da manhã, a hora combinada com Renata, com uma nota de 5 dólares e um chapéu de tricô novo, cor de mostarda, enterrado até minha testa.

O florista estava curvado, descarregando cestas de lírios, rosas e ranúnculos em baldes de plástico brancos. Ele não me viu chegar. Aproveitei a oportunidade para retribuir o olhar despudorado que ele havia lançado sobre meu corpo no



primeiro dia em que nos vimos, avaliando-o desde a nuca até as botas enlameadas. Ele usava o mesmo blusão preto com capuz de quando nos conhecemos, só que mais sujo desta vez, e sua calça estava respingada de tinta branca. Elas eram do tipo que tem um alça para segurar um martelo, mas a alça estava vazia. Quando ele se levantou, eu estava parada bem na sua frente, com os braços repletos de bocas-de-leão. Tinha gastado 5 dólares naquelas flores e, a preço de atacado, isso dava seis maços – buquês sortidos de flores roxas, cor-de-rosa e amarelas. Segurei as flores bem no alto, fazendo com que suas pontas chegassem até a aba do meu chapéu, escondendo completamente meu rosto.

Senti as mãos dele se fecharem em torno da base dos caules; seus dedos tocaram os meus e tinham a temperatura do céu matinal de novembro. Por um instante, senti vontade de aquecê-los: não com minhas próprias mãos, que não estavam nem um pouco mais quentes, mas com meu chapéu ou minhas meias, algo que eu pudesse deixar para trás. O

vendedor pegou as flores e fiquei exposta diante dele, o calor subindo para o meu rosto, formando manchas rosadas. Virei-me depressa e fui embora dali.

Renata estava me esperando na entrada, agitada e furiosa. Tinha outro casamento grande para fazer e a noiva, que acabara de estrelar um grande sucesso de Hollywood, era exigente e insensata. Ela dera a Renata uma lista com várias páginas de flores, dizendo de quais gostava ou não, especificando os tons com paletas de cores e o tamanho em



centímetros. Renata rasgou a lista ao meio e me entregou uma parte, junto com um envelope de dinheiro.

– Não compre sem desconto! – gritou enquanto eu me afastava correndo. – Diga que são para mim!

Na manhã seguinte, Renata me mandou para o mercado de flores sozinha. Tínhamos feito arranjos e amarrado buquês até as cinco da tarde, para um casamento que começava às seis, e o estresse a obrigou a ficar na cama descansando. Dali para a frente, a Bloom abriria todos os domingos; ela havia feito uma placa nova e informado a todos os clientes assíduos

que eu estaria em seu lugar. Ela me deu dinheiro, seu cartão para compras em atacado e uma chave. Prendeu um pedaço de papel com o número do telefone de sua casa à registradora com fita adesiva, mas avisou-me para não incomodá-la em hipótese alguma.

Quando cheguei ao mercado de flores, o céu ainda estava escuro e eu quase não o enxerguei parado à entrada.

Ele estava imóvel e não carregava nenhuma flor, tinha a cabeça inclinada para o chão, mas os olhos erguidos, esperando. Caminhei até a porta com passos decididos, os olhos colados à maçaneta de metal. O mercado estaria cheio e barulhento, mas lá fora o silêncio era quase absoluto.

Quando passei, ele ergueu a mão, revelando um tubo de papel amarrado com uma fita amarela. Eu o peguei como uma corredora agarrando um bastão numa prova de revezamento, sem desacelerar, e abri a porta. O barulho me



recebeu como o rugido de uma multidão. Quando espiei por sobre o ombro, ele não estava mais lá.

Dentro do mercado, sua barraca estava vazia. Agachei-me atrás da madeira branca, desatei o laço e desenrolei o tubo. O papel era velho, amarelado e esfarelava nas beiradas.

Resistia a ser aberto. Segurei os dois cantos de baixo com os dedos do pé e os de cima com meus polegares.

O papel continha um desenho feito a lápis, desbotado,

não de uma flor, mas do tronco de uma árvore, com a superfície texturizada e descascada. Corri a ponta do dedo ao longo do tronco; por mais liso que fosse o papel, o desenho era tão realista que eu quase conseguia sentir os nós ásperos da madeira. No canto inferior direito, escrita em letras curvilíneas, estava a palavra álamo-branco.

Álamo-branco. Não era uma planta que eu conhecesse de cor. Tirei minha mochila das costas e peguei o dicionário de flores. Procurei na letra A, mas o verbete não existia. Se houvesse um significado, eu não conseguiria descobri-lo ali.

Enrolei o tubo de papel de novo e comecei a amarrá-lo com a fita, mas parei no meio do nó.

Na parte debaixo dela, em um garrancho que reconheci ser o mesmo dos preços das flores no quadro negro, havia as palavras: Segunda-feira, cinco da tarde, esquina da Rua 16

com a Mission. Donuts para o jantar. A tinta preta havia borrado a seda e as palavras estavam quase ilegíveis, mas a hora e o local estavam claros.



Naquela manhã, comprei as flores sem pensar, sem pechinchar. Quando abri a loja, uma hora depois, me surpreendi ao ver o que estava carregando.

O movimento foi fraco pela manhã e fiquei feliz por isso.

Sentei-me em um banco alto atrás da registradora e folheei uma lista telefônica pesada. O número listado como sendo da

Biblioteca Pública de São Francisco tinha uma longa mensagem gravada. Eu a ouvi duas vezes, anotando os horários e endereços nas costas da mão. A Biblioteca Central fechava às cinco da tarde aos domingos, como a Bloom. Eu teria que esperar até segunda-feira. Então, dependendo do significado que descobrisse, decidiria se iria ou não ao encontro.

Ao final do dia, assim que acabei de guardar as flores da vitrine na câmara frigorífica, a porta da frente se abriu. Uma mulher entrou sozinha e ficou parada ali, parecendo confusa no espaço vazio.

– Posso ajudá-la? – perguntei, impaciente e pronta para ir embora.

– Você é Victoria?

Assenti.

– Earl me mandou aqui. Pediu-me que lhe dissesse que precisa de mais do mesmo, exatamente o mesmo. – Ela me deu 30 dólares. – Disse para você ficar com o troco.



Coloquei o dinheiro em cima do balcão e fui até a câmara frigorífica, sem saber ao certo se tinha crisântemos-agulha suficientes. Soltei uma gargalhada quando vi que tinha comprado um monte deles pela manhã. O que restava das pervincas estava esquecido no chão, onde eu havia deixado na semana anterior. Renata não tinha regado a planta, que estava seca, mas não morta.

– Por que Earl não veio? – perguntei enquanto começava o arranjo.

Os olhos da mulher oscilavam rapidamente entre meu trabalho e a janela. Ela tinha a energia de um pássaro engaiolado.

– Ele queria que eu conhecesse você.

Fiquei calada e não levantei a cabeça. Pelo canto do olho, pude vê-la puxar as raízes de seu cabelo castanho-avermelhado, a cor cobrindo o que provavelmente eram fios grisalhos.

– Ele achou que você poderia fazer um buquê para mim... algo especial.

– Qual o motivo? – perguntei.

Ela fez uma pausa, tornando a olhar pela janela.

– Sou solteira, mas quero um namorado.

Olhei à minha volta. Meu sucesso com Earl havia me deixado confiante. Ela precisava de lilases e rosas vermelhas,



decidi, mas eu não tinha comprado nenhum dos dois.

Costumava evitá-los.

– Você pode voltar depois? – perguntei. – No próximo sábado?

Ela assentiu.

– Deus sabe que sei esperar – falou, revirando os olhos.

Ela observou meus dedos se moverem em círculos ao

redor dos crisântemos, silenciosos. Quando saiu, 10 minutos depois, parecia mais leve, subindo a passos lépidos o quarteirão rumo à casa de Earl, como se fosse muito mais jovem do que de fato era.

Na manhã seguinte, fui de ônibus até a Biblioteca Central e esperei nos degraus de entrada até ela abrir. Não demorei muito para encontrar o que estava procurando. Os livros sobre a linguagem das flores estavam no último andar, espremidos entre os poetas vitorianos e uma ampla coleção sobre jardinagem. Havia mais deles do que eu esperava. Iam desde exemplares de capa dura muito velhos, caindo aos pedaços, como o que eu carregava, até edições brochura que pareciam saídas de mesinhas de centro antigas. Todos os volumes tinham uma coisa em comum: pareciam que não eram tocados havia anos. Elizabeth tinha me dito que no passado todos conheciam a linguagem das flores, por isso, o fato de ela ter caído num esquecimento quase absoluto me impressionava. Empilhei o máximo de livros que consegui carregar em meus braços trêmulos.



Na mesa mais próxima, abri uma edição encadernada em couro. Seu título, antes todo dourado, fora reduzido a um ou outro pontinho dessa cor. O cartão de locação tinha sido carimbado pela última vez antes de eu nascer. O livro continha toda história da linguagem das flores. Começava com o dicionário de flores original, publicado na França do século XIX, e incluía uma longa lista de nobres que haviam flertado valendo-se dessa linguagem, oferecendo descrições minuciosas dos buquês que haviam trocado. Folheei o livro

até o final, onde havia um pequeno glossário. O álamo-branco não estava listado.

Vasculhei outra meia dúzia de livros, minha ansiedade aumentando a cada volume. Estava com medo de decifrar a resposta do vendedor, mas sentia ainda mais medo de não encontrar a definição e nunca saber o que ele estava tentando me dizer. Depois de 20 minutos de pesquisa, finalmente encontrei o que estava procurando, uma única linha entre dois outros verbetes. Álamo-branco. Tempo. Soltei a respiração, aliviada, mas também confusa.

Fechei o livro e apoiei a cabeça em sua capa fria. Tempo, como resposta para presunção, era mais abstrato do que eu esperava. O tempo dirá? Me dê tempo? A resposta dele era muito vaga; estava claro que não tinha aprendido com Elizabeth. Abri mais um livro e depois outro, na esperança de encontrar uma definição mais abrangente para aquela planta, mas, embora tenha procurado na coleção inteira, não encontrei mais nada. Não me surpreendi. O álamo-branco é



uma árvore, por isso não devia ser popular para mensagens românticas. Não havia nada de desejável em galhos morrendo nem em longas tiras de casca de árvore.

Eu estava prestes a devolver os livros para as prateleiras quando uma edição de bolso chamou minha atenção. A capa continha desenhos de flores em uma grade de quadrados pequenos, com o significado de cada uma delas em letras miúdas embaixo da imagem. Na última fileira, havia



desenhos delicados de rosas de todas as tonalidades. Debaixo da rosa amarelo-clara estava a palavra ciúme.

Se fosse qualquer outra flor, talvez eu não tivesse percebido a discrepância. Mas eu jamais esquecera a tristeza que atravessou o rosto de Elizabeth quando ela indicou com um gesto suas roseiras amarelas, ou a maneira como ela cortava minuciosamente cada botão na primavera, deixando-os murchar em uma pilha diante da cerca do jardim. Trocar infidelidade por ciúme mudava completamente o sentido. Um era uma atitude, o outro, apenas uma emoção. Abri o livro pequeno, folhee as páginas, então o larguei e abri outro.

Horas se passaram enquanto eu assimilava centenas de páginas de informações novas. Fiquei sentada ali, imóvel, apenas as páginas dos livros se virando. Consultando as flores uma de cada vez, cruzei todos os dados que havia decorado com o que constava nos dicionários empilhados na mesa.



Não demorei muito a descobrir: Elizabeth havia estado tão enganada sobre a linguagem das flores quanto a meu respeito.



# AFTER DARK

---

*13*



ELIZABETH ESTAVA SENTADA nos degraus da frente, com os pés de molho em uma panela cheia d'água. De onde eu estava, no ponto de ônibus, ela parecia pequena e seus tornozelos expostos, pálidos.

Ela ergueu os olhos enquanto eu me aproximava e senti uma onda de nervosismo – eu sabia que ela ainda não havia terminado comigo. Naquela manhã, o grito de Elizabeth, seguido do baque alto de um salto de madeira contra o piso de linóleo, anunciara que ela havia descoberto os espinhos de cacto. Então eu me levantei, me vesti e desci as escadas correndo, mas, quando entrei na cozinha, ela já estava sentada à mesa, comendo tranquilamente seu mingau de



aveia. Não levantou a cabeça para me olhar quando entrei nem falou nada quando me sentei.

Fiquei furiosa com sua falta de reação.

– O que você vai fazer comigo? – gritei e a resposta de Elizabeth me desconcertou.

Com um olhar sarcástico, ela me disse que cactos significavam amor ardente e, embora talvez nunca conseguisse consertar os sapatos, estava grata pelo sentimento. Balancei a cabeça com violência, mas Elizabeth me lembrou o que havia explicado no jardim outro dia: cada flor tinha apenas um significado, para evitar confusões.

Peguei minha mochila e saí andando em direção à porta, mas

Elizabeth veio atrás de mim, pressionando um buquê contra a minha nuca.

– Não quer ver minha resposta? – perguntou. Dei meia-volta e deparei com pétalas roxas minúsculas. – Baunilha-dos-jardins – disse ela. – Amor devoto.

Eu não tinha parado para recuperar o fôlego, então o que disse em seguida saiu como um sussurro feroz.

– Cactos significam ódio você – falei, batendo a porta na sua cara.

Agora, um dia inteiro de aula havia passado e minha raiva tinha se reduzido a algo parecido com arrependimento.

Mas Elizabeth sorriu ao me ver, sua expressão transmitindo



boas-vindas, como se tivesse esquecido completamente minha declaração de ódio de poucas horas antes.

– Como foi o primeiro dia de aula?

– Péssimo – respondi.

Subi os degraus de dois em dois, minhas pernas se esticando ao máximo em minha tentativa de passar por Elizabeth, mas ela estendeu depressa seus dedos finos e os fechou em volta do meu tornozelo.

– Sente-se – ordenou, segurando-me com firmeza e impedindo que eu fugisse.

Virei-me e me sentei no degrau logo abaixo de Elizabeth para evitar seu olhar, mas ela me puxou para cima pela gola da blusa até ficarmos cara a cara.

– Assim está melhor – falou, dando-me um prato com uma pera cortada e um muffin. – Agora coma. Vou lhe dar uma tarefa que pode levar a tarde inteira, então você vai começar assim que terminar de comer isso.

Eu odiava o fato de Elizabeth cozinhar tão bem. Ela me mantinha tão bem alimentada que eu nem havia recorrido ao queijo processado que escondera na gaveta da minha mesa.

As peras no prato estavam descascadas e descaroçadas; o muffin, cheio de pedaços quentes de banana e lascas de pasta de amendoim derretida. Comi até o último pedaço.

Quando terminei, troquei o prato por um copo de leite.



– Pronto – disse ela. – Agora você já pode passar o tempo que for preciso tirando cada espinho de dentro dos meus sapatos. –

Elizabeth me entregou um par de luvas de couro grandes demais para as minhas mãos, uma tesoura e uma lanterna. –

Quando terminar, calce-os e suba e desça estes degraus três vezes, para me provar que conseguiu.

Joguei as luvas escada abaixo e elas aterrissaram como mãos esquecidas no chão de terra. Enfiando minhas mãos nuas dentro da escuridão do sapato, vasculhei o couro macio com os dedos em busca de espinhos. Encontrei um e o preendi entre as unhas, arrancando-

o e jogando-o no chão.

Elizabeth ficou me observando trabalhar com uma concentração silenciosa: primeiro o revestimento interno, depois as laterais e, por fim, a ponta dos dedos. O sapato com o qual Elizabeth tinha pisado foi o mais difícil, pois seu peso cravara os espinhos até o fundo do couro. Arranquei um por um com a tesoura, como uma cirurgiã desleixada.

– Se não é amor ardente, então o que é? – perguntou Elizabeth quando eu já estava quase terminando a tarefa. – O

que significa, se não sua devoção eterna e compromisso apaixonado para comigo?

– Já falei antes de ir para a escola – respondi. – Cactos significam odeio você.

– Não, não significam – disse Elizabeth com firmeza. – Se quiser, posso lhe ensinar a flor que significa ódio, mas essa é uma palavra vaga. O ódio pode ser passional ou desdenhoso;



pode nascer da antipatia, mas também do medo. Se você me disser exatamente o que está sentindo, poderei ajudá-la a encontrar a flor certa para transmitir sua mensagem.

– Não gosto de você – falei. – Não gosto que me tranque do lado de fora da casa ou me jogue em cima da pia da cozinha. Não gosto que fique tocando minhas costas, apertando meu rosto ou me forçando a brincar com Perla.

Não gosto das suas flores, das suas mensagens nem dos seus

dedos finos. Não gosto de nada a seu respeito. E também não gosto de nada no mundo.

– Muito melhor! – Elizabeth parecia sinceramente impressionada por meu monólogo repleto de ódio. – Sem dúvida, a flor que você está procurando é o cardo, que simboliza a misantropia. Misanthropia significa ódio pela humanidade ou falta de confiança nela.

– Humanidade significa todo mundo?

– Sim.

Pensei naquilo. Misanthropia. Ninguém nunca tinha resumido meus sentimentos numa única palavra. Repeti-a mentalmente até me certificar de que não a esqueceria.

– Você tem essa flor aqui?

– Tenho – disse ela. – Termine sua tarefa e vamos procurar juntas. Tenho que fazer uma ligação e só vou sair da cozinha depois disso. Quando nós duas tivermos terminado, podemos sair em busca de cardo.



Elizabeth entrou em casa mancando e, quando a porta de tela se fechou com um baque, subi correndo os degraus, agachando-me debaixo da janela. Esfreguei minha mão contra o couro macio dos sapatos para ver se havia deixado escapar algum espinho. Se ela iria finalmente dar o telefonema que vinha tentando havia dias, eu queria ouvir. A ideia de que Elizabeth – que nunca parecia tropeçar nas palavras –



tivesse dificuldade de dizer alguma coisa era intrigante. Bisbilhotando pela janela, eu a vi se sentar diante do balcão da cozinha. Ela discou sete números depressa, talvez tenha escutado o primeiro toque, mas então desligou.

Tornou a discar, lentamente dessa vez. Manteve o telefone colado à orelha. Mesmo de onde eu estava sentada, pude ver que ela estava prendendo a respiração. Elizabeth ficou ouvindo por um bom tempo.

Por fim, falou:

– Catherine. – Ela tapou o fone com uma das mãos e emitiu um som entre um engasgo e um soluço. Observei-a secar os cantos dos olhos. Então, levou o fone de volta à boca. – Aqui é Elizabeth. – Ela fez mais uma pausa e aguicei a audição, tentando escutar a voz que vinha do outro lado da linha, mas não consegui. Elizabeth prosseguiu em tom frágil.

– Sei que já se passaram 15 anos e que você provavelmente achou que nunca mais teria notícias minhas. Para ser franca, eu achei que você nunca mais teria notícias minhas. Mas eu tenho uma filha agora e não consigo parar de pensar em você.



Percebi que ela estava falando com uma secretária eletrônica, não com uma pessoa. Suas palavras se atropelavam, cada vez mais rápidas.

– Sabe – disse ela –, a primeira coisa que todas as mulheres que conheço que tiveram bebês fizeram foi ligar

para as mães. Querem sua companhia, mesmo que as odeiem. –

Então Elizabeth soltou uma risada, relaxando os ombros, que até esse momento estavam erguidos quase até as orelhas. Ela brincou com o fio espiralado em seu dedo. –

Entendo isso agora, sabe? De uma forma totalmente diferente. Como nossos pais estão mortos, você é tudo o que me resta, e penso em você o tempo todo: quase não consigo pensar em outra coisa. – Elizabeth fez uma pausa, talvez pensando no que dizer em seguida ou em como dizê-lo. – Eu não tive um bebê... pretendia ter, quer dizer, pretendia adotar um... mas acabei arranjando uma menina de 9 anos. Um dia, quando nos encontrarmos, vou lhe contar essa história direito. Espero que isso aconteça. Enfim, quando você conhecer Victoria, vai entender... ela tem olhos selvagens, iguais aos que eu tinha quando era pequena, depois que descobri que a única maneira de tirar nossa mãe do quarto era tacar fogo na cozinha ou quebrar todas as conservas de pêssego da estação. – Elizabeth voltou a rir, secando os olhos.

Embora ela estivesse chorando, não parecia. – Lembra?

Então, só estou ligando para dizer que perdoo você pelo que aconteceu. Faz tanto tempo, uma vida, na verdade. Eu deveria ter telefonado há anos e sinto muito por não ter feito isso. Espero que você me ligue ou venha me ver. Sinto sua



falta. E quero conhecer Grant. Por favor. – Elizabeth aguardou, esperando, então colocou o telefone no gancho com tanta suavidade que mal pude ouvir o clique.

Desci correndo os degraus e fiquei olhando atentamente para os sapatos de Elizabeth, torcendo para ela não ter notado que eu estava ouvindo. Por fim, ela saiu da cozinha e desceu mancando a escada. Seus olhos estavam secos, mas ainda brilhavam. Ela parecia mais leve do que nunca, até mais feliz.

– Bem, vamos ver se você conseguiu – disse ela. –

Experimente-os.

Calcei os sapatos, então tornei a tirá-los, arrancando do meu dedão um espinho que tinha deixado escapar. Em seguida calcei-me de novo. Subi e desci os degraus três vezes.

– Obrigada – disse ela, calçando um sapato no seu pé ileso e suspirando de prazer. – Ah, muito melhor. – Ela se levantou devagar. – Agora vá até a cozinha e pegue um pote de geleia vazio no armário dos copos, um pano de pratos e a tesoura que está em cima da mesa.

Fiz o que ela pediu e, quando voltei, ela estava parada sobre o último degrau, tentando se apoiar no pé machucado.

Olhou da estrada para o jardim e do jardim para a estrada, como se não soubesse bem para onde ir.

– O cardo cresce em qualquer lugar – falou. – Talvez por isso os seres humanos sejam sempre tão cruéis uns com os outros. – Ela deu o primeiro passo em direção à estrada e fez



uma careta. – Você vai ter que me ajudar ou não vamos chegar nunca –

disse, segurando meu ombro.

– Você não tem uma bengala ou coisa parecida? –

perguntei, afastando-me do seu toque.

Elizabeth riu.

– Não, você tem? Não sou uma velha, embora você possa pensar que sim.

Ela estendeu o braço na minha direção e, dessa vez, não recuei. Elizabeth era tão alta que teve que se curvar para se apoiar no meu ombro. Seguimos até a estrada a passos lentos. Ela parou uma vez para ajeitar o sapato antes de prosseguirmos. Meu ombro queimava debaixo de sua mão.

– Aqui – falou Elizabeth quando chegamos à estrada. Ela se sentou no cascalho, recostando-se contra a haste da caixa de correio. – Está vendo? Está em toda a parte. – Ela indicou com um gesto a vala que separava a rodovia das fileiras de vinhas. Sua profundidade equivalia à minha altura, era cheia de plantas duras e secas, sem uma só flor.

– Não estou vendo nada – falei, decepcionada.

– Entre na vala – ordenou ela.

Eu me virei e deslizei pela parede de terra íngreme. Ela me estendeu o pote de geleia e a tesoura.

– Procure flores do tamanho de moedas que já foram roxas, embora a esta época do ano provavelmente já tenham



# AFTER DARK

ficado marrons, como tudo no Norte da Califórnia. Elas são afiadas, por isso, quando as encontrar, corte-as com cuidado.

Peguei o pote e a tesoura, agachando-me em meio às plantas. A vegetação era espessa, dourada e cheirava a final de verão. Cortei uma planta seca na altura da raiz. Ela ficou em pé onde estava, sustentada por todos os lados pelas outras plantas. Desembaraçando-a, eu a atirei no colo de Elizabeth.

– É essa?

– Sim, mas esta aqui não tem flores. Continue procurando.

Escalei alguns centímetros pelo lado da vala para ter uma visão melhor, mas ainda assim não achei nada roxo.

Frustrada, peguei uma pedra e a atirei com toda a minha força. Ela atingiu a parede oposta, ricocheteando de volta na minha direção e me obrigando a saltar para não ser atingida.

Elizabeth deu uma gargalhada.

Pulando de volta para o meio do mato, separei as plantas com as mãos e examinei cada talo seco.

– Achei! – disse finalmente, arrancando um botão do tamanho de um trevo e jogando-o dentro do pote.

A flor parecia um pequeno baiacu dourado com um tufo desbotado de cabelo roxo. Subi até onde estava Elizabeth para lhe mostrar a flor, que saltitava dentro do pote como se



tivesse vida própria. Tapei-o com a mão para que ela não escapasse.

– Cardo! – falei, entregando-lhe o pote. – Para você –  
acrescentei.

Estendi meu braço desajeitadamente e toquei seu ombro. Talvez aquela fosse a primeira vez na vida que eu tomava a iniciativa do contato físico com outro ser humano; pelo menos era a primeira de que me lembrava. Segundo Meredith, quando bebê eu gostava de pegar as coisas, sempre esticando as mãos para agarrar cabelos, orelhas ou dedos quando conseguia encontrá-los – ou, quando não conseguia, as tiras da minha cadeirinha de bebê dentro do carro – com meus punhos arroxeados e pulsantes. Mas não me lembrava de nada disso, então meu gesto – o breve contato da palma de minha mão com a omoplata de Elizabeth – me surpreendeu.

Recuei um passo, fuzilando-a com o olhar como se tivesse sido obrigada a fazer aquilo.

No entanto, ela apenas sorriu.

– Se eu não soubesse o que significa, estaria encantada

– falou. – Acho que essa é a maior gentileza que você já fez para mim e tudo isso para expressar seu ódio e desconfiança em relação à humanidade.

Pela segunda vez naquela tarde, seus olhos se encheram de lágrimas, mas, como antes, ela não parecia triste.



# AFTER DARK

Elizabeth estendeu os braços para me abraçar, mas antes que pudesse me puxar para junto de si, eu me desvencilhei, saltando de novo para dentro da vala.



# AFTER DARK



14



A FORMA SÓLIDA DA CADEIRA em que eu estava sentada começou a se desmanchar. Sem saber como tinha chegado àquela posição, deitei-me de barriga para baixo no chão da biblioteca, com livros espalhados em um semicírculo ao meu redor. Quanto mais eu lia, mais sentia minha compreensão do universo me escapar. Arquilégia significava tanto abandono quanto insensatez; papoula, imaginação e extravagância. A flor de amendoeira, listada como indiscrição no dicionário de Elizabeth, aparecia em outros como esperança e, às vezes, imprudência. As definições não eram apenas diferentes, mas muitas vezes contraditórias. Mesmo o cardo – o elemento básico da minha comunicação – só



aparecia como misantropia quando não estava definido como austeridade.

A temperatura na biblioteca subiu com o sol. No meio da tarde, eu já estava suada, passando minha mão molhada pela testa como se tentasse apagar memórias de uma mente saturada. Eu tinha dado peônias para Meredith: raiva, mas também vergonha. Admitir vergonha estava mais perto de pedir desculpas do que jamais tinha sido minha intenção.

Era ela quem deveria me dar buquês e mais buquês de peônias, costurar colchas cheias delas, fazer bolos com cobertura dessas flores. Se a peônia podia ser mal interpretada, quantas vezes – e para quantas pessoas – eu teria enviado a mensagem errada? A ideia fez meu estômago embrulhar.

As escolhas que eu fizera para o florista eram uma incógnita ameaçadora. Em todos os dicionários à minha frente, a definição de rododendro era cuidado – mas provavelmente havia centenas, talvez milhares, de outros dicionários em circulação. Era impossível saber como ele havia interpretado minhas mensagens ou no que estava pensando enquanto aguardava na loja de donuts. Já passava das cinco. Ele estaria lá, me esperando, com os olhos grudados na porta.

Eu tinha que ir. Deixando os livros espalhados no chão da biblioteca, desci os quatro lances de escada aos saltos e saí para a luz do fim da tarde de São Francisco.



Já eram quase seis horas quando cheguei à lanchonete.

Abri as portas de vidro duplas e o encontrei sentado sozinho  
diante de uma mesa, com meia dúzia de donuts em uma caixa cor-de-rosa  
à sua frente.

Andei até lá, mas não me sentei.

– Rododendro – falei, interrogando-o como Elizabeth um dia fizera comigo.

– Cuidado.

– Visco.

– Eu supero todos os obstáculos.

Assenti e continuei.

– Boca-de-leão?

– Presunção.

– Álamo-branco?

– Tempo.

Tornei a assentir, espalhando diante dele alguns cardos que havia  
colhido enquanto cruzava a cidade a pé.

– Cardo. Misanthropia – disse ele.

Eu me sentei. Tinha sido um teste e ele havia passado.

Meu alívio era desproporcional às suas cinco respostas  
corretas. Subitamente faminta, peguei um donut da caixa.

Não tinha comido nada o dia inteiro.



# AFTER DARK

– Por que o cardo? – perguntou ele, servindo-se de um donut clássico de chocolate.

– Porque sim – falei entre mordidas vorazes. – E isso é tudo que você precisa saber a meu respeito.

Ele terminou seu donut e começou a comer outro.

– Não é possível – falou, balançando a cabeça.

Peguei um donut com glacê e outro confeitado da caixa e os coloquei em cima de um guardanapo. Ele estava comendo tão depressa que tive medo de que a caixa acabasse antes que eu comesse o primeiro.

– O que mais haveria para saber? – perguntei com a boca cheia.

Ele fez uma pausa e então olhou nos meus olhos.

– Por onde você andou nos últimos oito anos?

Aquela pergunta me surpreendeu.

Parei de mastigar e tentei engolir, mas tinha colocado comida de mais na boca. Cuspi uma bola marrom em um guardanapo branco e levantei os olhos.

De repente, entendi tudo. A obviedade daquilo era tão chocante quanto o fato de termos nos reencontrado. Eu não conseguia acreditar que não o reconheceria de imediato. O

menino que ele havia sido estava escondido dentro do homem que se tornara, mas seus olhos ainda eram profundos e

medrosos, seu corpo, plenamente desenvolvido agora, ainda



tinha os ombros curvados, como se estivesse se defendendo.

Lembrei-me da primeira vez que o vi, um adolescente desengonçado sentado na caçamba de um caminhão, jogando rosas para os fregueses.

– Grant.

Ele assentiu.

Meu instinto foi sair correndo. Eu tinha passado anos de mais tentando não pensar no que fizera, tentando não me lembrar de tudo o que havia perdido. No entanto, por mais que quisesse fugir, meu desejo de saber que fim teriam levado Elizabeth e o vinhedo era mais forte.

Cobri o rosto com as mãos. Elas estavam com cheiro de açúcar. Sussurrei minha pergunta, sem saber ao certo se ele a responderia:

– Elizabeth?

Grant ficou calado. Espiei por entre os espaços de meus dedos. Ele não parecia irritado como eu temia, apenas angustiado. Puxou uma mecha de cabelo para cima da orelha, a pele do seu couro cabeludo se esticando.

– Não sei – disse. – Não a vejo desde...

Grant se deteve, olhando pela janela e depois para mim.

Tirei as mãos do rosto, procurando sua raiva. Ele ainda parecia somente aflito. O silêncio entre nós era pesado.



## AFTER DARK

– Não sei por que você me chamou aqui – falei por fim. –

Não sei por que você quer me ver depois de tudo o que aconteceu.

Ele respirou fundo, liberando a tensão em suas sobrancelhas.

– Eu estava com medo de que você não quisesse me ver.

Grant lambeu um dedo. A luz fluorescente iluminou seus olhos e se refletiu na sua barba por fazer. Eu não estava acostumada a homens de modo geral – tendo passado minha adolescência em abrigos só para meninas nos quais havia apenas um ou outro terapeuta ou professor do sexo masculino – e não conseguia me lembrar de ter estado tão perto de um que fosse ao mesmo tempo jovem e bonito. Grant era muito diferente de tudo a que eu estava habituada: desde o tamanho de suas mãos, pesadas sobre a mesa, até a voz grave e tranquila que ecoava no silêncio entre nós.

– Foi sua mãe quem lhe ensinou? – perguntei, indicando o cardo espalhado na mesa.

Ele assentiu.

– Mas ela morreu há sete anos. Seu rododendro foi a primeira flor com uma mensagem que recebi desde então.

Fiquei surpreso por ainda me lembrar do significado.

– Sinto muito – falei. – Pela sua mãe.

Minhas palavras não soaram sinceras, mas Grant não pareceu notar. Ele deu de ombros.



– Você aprendeu com Elizabeth?

Foi a minha vez de assentir.

– Ela me ensinou o que sabia – falei –, mas não sabia tudo.

– O que você quer dizer?

– “A linguagem das flores é incontestável, Victoria” –

falei, imitando o tom de voz austero de Elizabeth. – E hoje, na biblioteca, descobri que existem três definições contraditórias para flor de amendoeira.

– Indiscrição.

– Sim. E não.

Contei a Grant que o álamo-branco não estava listado no meu dicionário e por isso tinha ido à biblioteca, onde encontrei o livro com a rosa amarela.

– Ciúme – disse Grant quando descrevi a pequena ilustração na capa do livro.

– Era exatamente isso que estava escrito – falei. – Mas

não foi o que aprendi.

Acabei de comer o último donut, lambi os dedos e peguei meu dicionário surrado da mochila. Abri na letra R e procurei por rosa, amarela na página. Apontei o verbete.

– Infidelidade. – Os olhos dele se arregalaram. – Nossa!

– Muda tudo, não é?



– É – concordou ele. – Muda tudo.

Ele enfiou a mão em sua mochila e retirou um livro com capa de tecido vermelho e quarta capa verde. Folheou-o até a página com o verbete rosa amarela e colocou os dicionários lado a lado. Ciúme, infidelidade. Essa simples discrepância e os modos como a rosa amarela tinha alterado nossas vidas pairavam entre nós. Grant talvez soubesse os detalhes, mas eu não sabia e não perguntei. Estar com ele já era o suficiente; eu não tinha vontade de descobrir mais nada sobre o passado.

Grant tampouco parecia disposto a perder tempo com isso. Ele fechou a caixa de donuts vazia.

– Está com fome?

Eu sempre estava com fome. Mas, acima de tudo, não me sentia pronta para me despedir. Grant não estava com raiva. A sensação que eu tinha em sua companhia era a de estar sendo perdoada. Queria sugar todo aquele perdão, levá-



lo comigo, enfrentar o dia seguinte um pouco menos assombrada, com um pouco menos de rancor.

Respirei fundo.

– Faminta.

– Eu também. – Ele fechou os dois dicionários e deslizou o meu pela mesa em direção à minha mochila. – Vamos jantar e comparar os dois. É o único jeito.



Grant e eu decidimos jantar no Mary's Diner, porque ficava aberto a noite toda. Tínhamos centenas de páginas de flores para comparar e, para cada discrepância, debateríamos qual seria a melhor definição. Concordamos que o perdedor riscaria o significado antigo do seu dicionário e o substituiria pelo novo.

Chegamos a um impasse logo no começo. O dicionário de Grant definia acácia como amizade, enquanto o meu dizia amor secreto.

– Amor secreto – falei. – Próxima.

– Próxima? Assim, sem mais nem menos? Você nem sequer deu uma justificativa.

– Ela é espinhosa e dá vagens. Basta o modo como a árvore balança para você pensar em homens à espreita em lojas de conveniência, indignos de confiança.

– Como indigno de confiança pode estar relacionado a amor secreto? – perguntou ele.

– Como pode não estar? – retruquei.

Grant pareceu não saber como responder, então tentou uma tática diferente.

– Acácia. Subfamília: Mimosoideae. Família: Fabaceae.

Leguminosa. Legumes nos alimentam, nos dão energia e satisfazem o corpo humano. Um bom amigo faz o mesmo.



– Besteira – falei. – Cinco pétalas. Tão pequenas que ficam quase escondidas por um estame longo. Escondidas – repeti. – Secreto. Estame: amor.

Meu rosto ficou vermelho quando falei isso, mas não desviei o olhar. Grant também não.

– Você venceu – disse ele por fim, apanhando a caneta preta na mesa entre nós.

Passamos horas comendo e discutindo. Grant era a única pessoa que eu conhecia capaz de acompanhar meu ritmo na hora de comer e, assim como eu, nunca parecia ficar satisfeito. Quando amanheceu, tínhamos comido três refeições cada e estávamos apenas na metade da letra C.

Depois de ceder quanto ao significado do crócus, Grant fechou seu dicionário. Eu não o havia deixado ganhar nenhuma vez.

– Acho que não vou ao mercado hoje – disse ele, olhando para mim com uma expressão culpada.

Conferi meu relógio. Seis da manhã. Renata já estaria lá, lançando um olhar surpreso para a barraca vazia de Grant.

– Novembro é um mês fraco, as quintas-feiras também são. Tire o dia de folga.

– Para fazer o quê?

– Eu que sei?



De repente me senti cansada, pronta para ficar sozinha.

Eu me levantei, espreguicei-me e guardei meu dicionário na mochila. Deslizando a conta pela mesa na direção de Grant, saí do restaurante sem me despedir.



# AFTER DARK



*Parte 2*

*Um coração  
Inexperiente*



# AFTER DARK



1

ASSIM COMO ELIZABETH, Grant era uma pessoa difícil de se esquecer. Era mais do que o fato de nossos passados

terem se cruzado, mais do que o desenho do álamo-branco, que, com seu mistério, me levou a descobrir a verdade sobre a linguagem das flores. Era algo no próprio Grant, no modo como levava as flores a sério ou no tom de sua voz quando discutia sobre elas, ao mesmo tempo suplicante e contundente. Ele dera de ombros quando exprimi meus sentimentos pela morte de sua mãe, o que também me pareceu intrigante. Seu passado, com exceção dos momentos que eu havia testemunhado quando criança, era um mistério para mim. As garotas dos abrigos nunca se cansavam de relatar sua infância e, nas raras ocasiões em que eu encontrava alguém avesso a expor os detalhes de sua vida,



## AFTER DARK

me sentia aliviada. Mas com Grant era diferente. Depois de apenas uma noite, eu queria saber mais.

Durante uma semana, acordei cedo e passei todo o horário de funcionamento da biblioteca comparando definições. Enchi meus bolsos de seixos que peguei em frente à casa de chá japonesa do Golden Gate Park e os usei como peso de papel. Enfileirando dicionários em duas mesas, abria todos eles na mesma letra e colocava as pedras sobre as beiradas das páginas. Passando de um livro para outro, comparava os verbetes um a um. Sempre que encontrava definições conflitantes, imaginava debates longos e acalorados com Grant. De vez em quando eu o deixava ganhar.

No sábado, cheguei ao mercado de flores antes de Renata. Entreguei a Grant o rascunho que havia criado, uma compilação de definições até a letra J, incluindo revisões que



tinha feito na lista que tínhamos criado juntos. Quando Renata e eu voltamos à barraca de Grant uma hora depois, ele ainda estava lendo o papel. Levantou a cabeça para observar Renata analisar suas rosas.

– Algum casamento hoje? – perguntou.

Renata assentiu.

– Dois. Mas são pequenos. Um é da minha sobrinha mais velha. Ela está casando escondida, mas me contou porque queria que eu lhe desse as flores. – Renata revirou os olhos. – Está me usando, a espertinha.



– O expediente vai ser curto, então? – perguntou Grant, olhando para mim.

– Provavelmente, do jeito que Victoria trabalha –

respondeu ela. – Pretendo fechar a loja às três.

Grant embrulhou as rosas de Renata e lhe deu mais troco do que devia. Ela já não pechinchava mais com ele; não precisava. Viramos as costas para ir embora.

– Até logo – disse ele enquanto nos afastávamos.

Dei meia-volta, lançando-lhe um olhar inquisidor. Ele ergueu três dedos.

De repente, senti como se meus pulmões estivessem saturados. O galpão pareceu muito claro e com excesso de oxigênio, de um jeito nada natural. Concentrei-me em

expirar, seguindo automaticamente as ordens de Renata. Só depois de já termos colocado tudo na caminhonete, me lembrei da promessa que fizera na semana anterior.

– Espere – falei, batendo a porta do veículo e deixando Renata dentro da cabine.

Atravessei correndo o mercado, procurando lilases e rosas vermelhas. Grant tinha baldes cheios das duas, mas passei por ele sem erguer os olhos. No caminho de volta para a caminhonete, passei por ele outra vez. Protegendo meu rosto com o caule de um lilás branco, espiei em sua direção.

Ele ergueu três dedos novamente e abriu um sorriso tímido.



Meu rosto estava quente, envergonhado. Torci para que ele não pensasse que as flores em meus braços eram para ele.

Trabalhei o dia inteiro atordoada pelo nervosismo. A porta se abria e se fechava e os clientes entravam e saíam, mas eu nem sequer erguia os olhos.

À uma e meia da tarde, Renata tirou o cabelo de cima da minha testa e, quando levantei a cabeça, seus olhos estavam a poucos centímetros dos meus.

– Alô? Chamei você três vezes – disse ela. – Tem uma cliente à espera.

Peguei as rosas e os lilases da câmara frigorífica e fui até à loja. A mulher encarava a porta como se estivesse prestes a sair, com os ombros encurvados.

– Não me esqueci da senhora – falei quando a vi.

Ela se virou.

– Earl me disse que você não esqueceria.

Ela me observou trabalhar, arranjando os lilases brancos em volta das rosas até o vermelho sumir. Passei ramos de alecrim – que, segundo descobri na biblioteca, além de lembranças podiam significar compromisso – em volta das hastes, como uma fita. O alecrim era jovem e maleável e não se partiu quando o amarrei em um nó. Acrescentei uma fita branca para deixar o arranjo mais firme e embrulhei tudo com papel pardo.



– Primeiros sentimentos amorosos, amor verdadeiro e compromisso – falei, entregando-lhe as flores.

Ela me deu 40 dólares. Fui à registradora pegar o troco, mas quando tornei a levantar a cabeça, ela já tinha ido embora.

Quando voltei para a mesa de trabalho, Renata me examinou com um meio sorriso.

– O que você estava fazendo lá fora?

– Só estava dando às pessoas o que elas querem –

respondi, revirando os olhos como Renata tinha feito no dia em que nos conhecemos, quando ela estava parada na calçada com dúzias de tulipas fora de época.

– Seja lá o que for – concordou Renata, cortando uma fileira de espinhos afiados de uma rosa amarela.

Uma rosa amarela para o casamento de sua sobrinha fugitiva e aproveitadora. Ciúme, infidelidade. A definição exata não importava muito neste caso, pensei. O resultado não era muito promissor. Terminei meu último arranjo e conferi as horas. Duas e quinze.

– Vou só levar esses aqui para a caminhonete – falei para Renata, apanhando o máximo de vasos que conseguia carregar. Eles estavam cheios demais e a água transbordou, molhando minha blusa.

– Não se preocupe – disse ela. – Grant está esperando na porta há duas horas. Eu lhe disse que, se queria ficar



sentado ali, era melhor não espantar meus clientes e que, em troca, iria carregar os arranjos pesados.

– Ele topou?

Ela assentiu e larguei os vasos. Colocando minha mochila nas costas, acenei para Renata, evitando seu olhar.

Grant estava sentado na calçada, encostado no muro de tijolos aquecido pelo sol. Ele se agitou quando saí, levantando-se com um salto.

– O que você está fazendo aqui? – O tom de acusação em minha voz me surpreendeu.

– Queria levar você até minha fazenda. Discordo de algumas de suas definições e acho que você vai entender melhor se tiver as flores nas mãos. Sabe que sou péssimo para argumentar.

Olhei para cima e para baixo da ladeira. Queria ir com Grant, mas estar com ele me deixava nervosa. Parecia algo ilícito. Não sei se a sensação era um vestígio do tempo que eu havia passado com Elizabeth ou se aquilo era simplesmente próximo demais de um romance ou de uma amizade: duas coisas que evitara minha vida inteira. Sentei-me no meio-fio, pensativa.

– Ótimo – disse ele, como se o fato de eu ter me sentado fosse um sim. Ele me estendeu as chaves do seu carro e apontou com a cabeça para o outro lado da rua. – Se quiser, pode esperar lá dentro enquanto carrego as flores da Renata.

Eu trouxe nosso almoço.



Ao ouvir aquela palavra, superei minha relutância e aceitei as chaves. No caminhão, havia um saco de papel branco sobre o banco do carona. Eu o peguei e subi na cabine. O caminhão estava cheio de restos de flores: pedaços cortados de caules cobriam o chão e pétalas murchas se enfiavam no estofado. Eu me afundei no banco e abri o saco.

Um sanduíche grosso feito com pão francês, peru, bacon, tomate e abacate com maionese. Dei uma mordida.

Do outro lado da rua, Grant carregava vasos de dois em

dois ladeira acima. Ele parou apenas uma vez no alto, olhando para o caminhão estacionado em que eu estava sentada. Então sorriu e perguntou “Está gostoso?”, de modo que eu pudesse ler seus lábios.

Escondi o rosto atrás do sanduíche.



---



2

O MOTORISTA SE RETRAIU quando entrei no ônibus

escolar. Reconheci a expressão em seu rosto: pena, desprezo e uma quantidade considerável de medo. Ao me sentar, atirei minha mochila com força no banco vazio. O único motivo pelo qual ele deveria sentir pena de mim, pensei com raiva, era o fato de eu ter que ficar olhando para sua careca feia até a escola.

Perla se sentou do outro lado do corredor e me deu seu sanduíche de presunto antes mesmo que eu mandasse.

Estávamos no segundo mês de aula e ela já conhecia a rotina.

Mordi pedaços grandes e os empurrei para dentro da boca, pensando na maneira como Elizabeth saía correndo de casa naquela manhã, deixando-me sozinha para colocar o lanche na mochila e encontrar meus sapatos. Não queria ir para a



escola: tinha implorado para ficar em casa para o primeiro dia da colheita. Mas ela havia ignorado meus apelos, mesmo depois que eles se tornaram violentos. Se você me amasse, iria me querer aqui, falei, jogando meu livro de matemática na sua cabeça enquanto ela cruzava a porta, apressada. Não fui rápida o bastante. Ela desapareceu pelo vão e desceu os degraus da entrada, sem nem ao menos se virar quando o livro se chocou contra o batente. Pela maneira como Elizabeth andava, eu percebia que ela não estava pensando em mim. Não havia pensado a manhã inteira. O estresse da colheita a consumia por completo e ela me queria longe. Era a primeira vez que eu sentia que entendia Elizabeth e, em minha raiva, gritei que ela não era diferente de todas as minhas outras mães adotivas. Batendo os pés desde a casa



até o ponto de ônibus, ignorei os olhares dos trabalhadores que chegavam nos caminhões.

O

motorista

me

olhava

feio

pelo

retrovisor,

acompanhando cada mordida que eu dava no sanduíche com os mesmos olhos que deveriam estar atentos à estrada. Abri a boca enquanto mastigava e ele franziu o rosto de nojo.

– Então, não olhe! – gritei, pondo-me de pé. – Se é tão nojento, não olhe.

Peguei minha mochila com a vaga ideia de saltar do ônibus em movimento e seguir a pé pelo resto do caminho até a escola, mas em vez disso a levantei bem alto, balançando-a no ar, e golpeei a cabeça reluzente do motorista. Ouvi um baque gratificante quando a minha garrafa térmica de metal



se chocou contra o seu crânio. O ônibus deu uma guinada, o motorista xingou e as crianças berraram em um tom agudo,

quase ensurdecedor. Em meio à barulheira, ouvi a vozinha de Perla implorando para que eu parasse e começando a chorar em seguida. O ônibus derrapou até o acostamento e o motorista desligou o motor; os soluços de Perla eram os únicos sons restantes.

– Desça – falou o motorista.

Um grande galo já estava se formando em sua cabeça e ele o apertou com a palma da mão enquanto pegava o rádio com outra. Botei a mochila nas costas e saltei do ônibus.

Poeira da estrada girava o meu redor enquanto eu olhava para cima, através das portas abertas.

– Qual é o nome da sua mãe? – exigiu saber o motorista, apontando para mim.

– Não tenho mãe – respondi.

– Sua tutora, então.

– O estado da Califórnia.

– Então com quem você vive, porra?

As palavras ríspidas fizeram o rádio estalar e o motorista o desligou. O silêncio no ônibus era completo. Até Perla tinha parado de chorar e estava imóvel.

– Elizabeth Anderson – respondi. – Não sei o número de telefone nem o endereço dela.



Tinha passado toda a infância me recusando a decorar números de telefone para não ser capaz de responder a perguntas como essa.

O motorista atirou o rádio no chão com raiva. Ele me fuzilou com o olhar e eu o encarei, desafiando-o. Torci para que ele fosse embora e me deixasse sozinha no acostamento.

Preferia ser deixada ali a seguir no ônibus até a escola. Além do mais, gostava da ideia de que me abandonar no meio do caminho provavelmente custaria ao motorista seu emprego.

Ele tamborilou com os dedos na buzina enquanto minha expectativa se estendia ao longo da estrada vazia.

Foi então que Perla se levantou e parou na frente do motorista.

– O senhor pode ligar para o meu pai. Ele virá buscá-la.

Eu a fitei com os olhos apertados. Perla desviou o olhar.

Carlos foi mesmo me buscar. Ele me colocou no seu caminhão, ouviu a versão do motorista e então me levou de volta ao vinhedo, em silêncio. Fiquei olhando pela janela enquanto ele dirigia, prestando atenção aos mínimos detalhes, como se estivesse vendo aquela paisagem pela última vez. Elizabeth não ficaria comigo depois disso. Senti um embrulho no estômago.

Mas quando Carlos contou a Elizabeth o que eu tinha feito, com sua mão áspera segurando firme minha nuca, forçando-me a encará-la, ela riu. O som foi tão inesperado e



# AFTER DARK

breve que, no instante em que ela parou de rir, achei que tinha sido minha imaginação.

– Obrigada, Carlos – disse ela, seu rosto ficando sério.

Estendeu a mão para apertar a dele, soltando-a logo em seguida num gesto ao mesmo tempo de gratidão e desdém.

Carlos se virou depressa para ir embora. – Os trabalhadores precisam de alguma coisa? – perguntou Elizabeth enquanto ele se afastava. Carlos balançou a cabeça. – Então, estarei de volta em uma hora, talvez um pouco mais. Cuide da colheita enquanto eu estiver fora, por favor.

– Fique tranquila – respondeu ele, desaparecendo atrás dos barracões.

Elizabeth foi direto para seu caminhão. Quando se virou e viu que eu não a seguia, andou de volta até onde eu estava.

– Você vem comigo – falou. – Agora.

Ela deu um passo na minha direção e me lembrei da maneira como havia me carregado para dentro de casa, apenas dois meses antes. Eu tinha crescido desde então, recuperado o peso que perdera, mas não duvidava que ela ainda conseguisse me jogar dentro do caminhão se quisesse.

Enquanto a seguia até a cabine, imaginei o que me aguardava: a viagem até a sede do juizado, a sala de espera de paredes brancas, Elizabeth indo embora antes mesmo de a assistente social de plantão poder conferir meus dados no sistema. Tudo isso já havia acontecido antes. Cerrando os punhos com força, olhei pela janela.



# AFTER DARK

Mas, quando começamos a descer a entrada de veículos, as palavras de Elizabeth me surpreenderam.

– Vamos visitar minha irmã. Essa briga já durou mais tempo do que devia, você não acha?

Meu corpo ficou rígido. Elizabeth me encarou como se esperasse uma resposta, então assenti, tensa, assimilando a realidade do que ela tinha me dito.

Ela iria ficar comigo.

Meus olhos se encheram de lágrimas. A raiva que sentira de Elizabeth naquela manhã se dissolveu, imediatamente substituída por um estado de choque. Eu não havia acreditado em Elizabeth, nem por um instante sequer, quando ela me dissera que nada do que eu aprontasse faria com que ela me devolvesse. Mas lá estava eu, minutos depois de ser mandada de volta para casa da escola – e prestes a ser suspensa, se não expulsa –, ouvindo Elizabeth falar sobre sua irmã. Dentro de mim, havia um turbilhão de pensamentos confusos e inesperados – alívio, talvez, ou até alegria. Mordi os lábios, tentando não sorrir.

– Catherine não vai acreditar que você deu uma pancada na cabeça do motorista enquanto ele dirigia – falou Elizabeth.

– Quero dizer, ela não vai acreditar porque também fiz isso: exatamente a mesma coisa! Mas acho que estava na segunda série. Não me lembro. Enfim, num instante ele estava

dirigindo e no outro estava me encarando pelo retrovisor e, antes que eu pudesse me controlar, já estava fora do banco,



## AFTER DARK

gritando: “Preste atenção na estrada, seu gordo desgraçado!”

E, sério, ele era mesmo gordo.

Comecei a rir e não consegui mais parar. Inclínada para a frente e com a testa pressionada contra o painel, meu riso saía em uma série de barulhos guturais que pareciam soluços. Cobri o rosto com as mãos.

– O motorista do meu ônibus não é gordo – falei, quando consegui me acalmar o suficiente –, mas é feio.

Voltei a rir, mas o silêncio de Elizabeth me calou.

– Não quero que pense que estou incentivando você. É

claro que o que fez foi errado. Mas estou me sentindo mal por ter ignorado sua raiva, por ter mandado você para escola naquele estado. Deveria ter me explicado melhor, deveria ter incluído você.

Elizabeth entendia.

Afastei minha testa do painel e descansei a cabeça em seu colo, sentindo-me de repente menos sozinha do que me sentira em toda a vida. O volante estava a poucos centímetros do meu nariz e aninhei minha cabeça na barriga de Elizabeth. Se ela ficou surpresa com minha repentina demonstração de afeto, não demonstrou. Em vez disso, tirou

a mão da alavanca de câmbio e a colocou sobre a minha testa, bem onde começavam meus cabelos, acariciando minha têmpora.



– Espero que ela esteja em casa – falou e eu soube que seus pensamentos tinham voltado para Catherine.

Ela ligou a seta, esperando uma fileira de veículos passar antes de pegar a estrada.

Elizabeth não tinha parado de pensar na irmã nas semanas anteriores à colheita. Eu sabia disso por causa dos telefonemas, dezenas deles: todas mensagens deixadas na secretária eletrônica de Catherine. Os primeiros foram parecidos com o que eu tinha ouvido da varanda: momentos de lembranças dispersas seguidos por declarações de perdão.

Mas, ultimamente, as mensagens tinham mudado, ficaram mais longas, pareciam conversas. Às vezes eram tão longas que a secretária eletrônica desligava e Elizabeth precisava telefonar novamente. Ela tagarelava sobre os mínimos detalhes do nosso cotidiano, descrevendo as intermináveis degustações de uvas e a limpeza das bacias que os catadores usavam. Muitas vezes descrevia o que estava preparando para o jantar enquanto cozinhava, enrolando-se no longo fio espiralado ao sair do fogão para buscar o porta-temperos e voltar.

Quanto mais tempo Elizabeth passava falando com Catherine ou, mais precisamente, com sua secretária eletrônica, mais me impressionava como ela falava pouco com qualquer outra pessoa. Ela só saía de casa para ir ao

mercado dos fazendeiros, à mercearia, à loja de ferragens e, de vez em quando, à agência dos correios. Essas últimas visitas eram apenas para buscar plantas que havia



encomendado de algum catálogo de jardinagem, nunca para enviar ou receber cartas. Era óbvio que ela conhecia todo mundo daquela pequena comunidade – mandava lembranças para a esposa do açougueiro e, quando se aproximava dos vendedores atrás das barracas no mercado dos fazendeiros, cumprimentava cada um deles pelo nome. Mas não conversava com essas pessoas. Na verdade, pensei, eu não a vira ter uma só conversa com ninguém desde que chegara a sua casa. Ela falava com Carlos sempre que necessário, mas apenas sobre aspectos específicos do cultivo e da colheita das uvas, sem jamais se desviar do assunto.

Enquanto seguíamos para a casa de Catherine, com minha cabeça no colo de Elizabeth, comparei minha estada tranquila ao seu lado a todas as coisas que antes havia entendido como componentes de uma vida: famílias numerosas, lares barulhentos, conselhos tutelares, cidades agitadas, explosões de violência. Não queria voltar. Gostava de Elizabeth. Gostava de suas flores, de suas uvas, de sua concentração inabalável. Por fim, percebi que tinha encontrado um lugar onde queria ficar.

Saindo da estrada, Elizabeth estacionou o caminhão e respirou fundo, nervosa.

– O que ela fez com você? – perguntei, interessada como nunca antes estivera.



Elizabeth não pareceu surpresa com minha pergunta, mas não respondeu de imediato. Acariciou minha testa,



minha bochecha e meu ombro. Quando finalmente falou, suas palavras saíram na forma de um sussurro.

– Ela plantou as rosas amarelas.

Então ela puxou o freio de mão e segurou na maçaneta.

– Venha – disse. – Está na hora de você conhecer Catherine.



# AFTER DARK



3

GRANT GUIAVA SEU caminhão pela cidade, o veículo imenso desacelerando para fazer curvas fechadas nos cruzamentos mais movimentados.

– Grant?

– Sim?

Vasculhei o saco de papel branco em busca de migalhas, mas não encontrei nenhuma.

– Não quero ver Elizabeth.

– E daí?

Como o álamo-branco, sua resposta era vaga.



# AFTER DARK

– E daí o quê?

– Se não quer ver Elizabeth, não vá vê-la.

– Ela não vai à fazenda?

– Não me visita desde o dia em que você foi com ela e isso faz... o quê... quase 10 anos? – Grant olhou pela janela em direção à água e eu não conseguia ver seu rosto, mas, quando voltou a falar, sua voz beirava a raiva. – Elizabeth não foi nem ao enterro de minha mãe, mas você acha que ela vai aparecer hoje só porque você está aqui?

Ele baixou a janela e o vento se tornou um muro entre nós dois.

Grant e Elizabeth não tinham contato. Ele me dissera isso quando nos encontramos na lanchonete, mas não acreditei que fosse possível. Ele devia saber a verdade e, se sabia, o que o impediria de contá-la a Elizabeth? Tentei pensar em uma explicação durante o resto da viagem, mas quando ele parou diante do portão de metal trancado, ainda não tinha encontrado nenhuma. Ele saiu para abrir o portão, então voltou para o veículo e entramos.

A visão das flores interrompeu minhas reflexões. Saltei do caminhão e me ajoelhei no chão. Deveria haver uma cerca delimitando a propriedade em algum lugar, mas ela não estava visível e as flores pareciam se estender a perder de vista. Uma placa de jardim com um nome científico que não reconheci indicava o gênero e a espécie da planta mais próxima. Levei punhados das pequenas flores amarelas ao



# AFTER DARK

rosto como se descobrisse água depois de muitos dias no deserto. O pólen se grudou nas minhas bochechas e pétalas caíam pelo meu peito, pela barriga e pelas coxas. Grant riu.

– Vou deixar você sozinha por um tempo – falou, subindo no caminhão. – Quando tiver terminado, vá para trás da casa. – O veículo levantou poeira enquanto sacolejava pela entrada.

Eu me deitei no chão entre as fileiras de plantas, sumindo de vista.

Encontrei Grant atrás da casa, sentado em uma mesa de piquenique castigada pelo tempo. Em cima da mesa havia uma caixa de bombons, dois copos de leite e a lista de definições que eu lhe dera pela manhã. Sentei-me de frente para ele e indiquei a folha de papel com a cabeça.

– Então, qual o problema?

Pegando a caixa de bombons, analisei as opções.

Chocolate preto, em sua maioria, com nozes e caramelo.

Exatamente o que eu teria escolhido.

Grant correu o dedo pelo papel, parando em uma linha e cutucando uma palavra que eu não conseguia ler de cabeça para baixo.

– Avelã – declarou. – Reconciliação. Por que não paz?

– Por causa da história da família Betulaceae, por séculos dividida em duas, Betulaceae e Corylaceae. Faz pouco



# AFTER DARK

tempo que foram reunidas como subgrupos de uma mesma família – expliquei. – Reconciliação.

Grant baixou os olhos para a mesa e eu conseguia notar pela sua expressão que ele já conhecia a história.

– Nunca vou vencer você, não é?

– Você sabe que não – falei. – Foi para isso mesmo que me trouxe aqui, para tentar?

Ele olhou para a casa e depois para as plantações ao longe.

– Não – admitiu. – Não foi para isso. – Então pegou um punhado de chocolates e se levantou. – Coma o chocolate.

Volto num instante. E depois vamos dar um passeio.

Tomei meu leite. Quando Grant voltou, trazia uma velha câmera fotográfica em volta do pescoço, preta e pesada, com uma alça bordada. Parecia pertencer à era vitoriana, como a linguagem das flores.

Ele tirou a câmera do pescoço e a entregou para mim.

– Para seu dicionário – falou e entendi na mesma hora.

Eu criaria meu próprio dicionário e as flores dele ilustrariam as páginas. – Faça uma cópia para mim. Assim nunca haverá um mal-entendido entre nós.

Isso tudo já é um mal-entendido, pensei, pegando a

câmera. Eu não ando de caminhão com rapazes nem me sento com eles em mesas de piquenique para comer



## AFTER DARK

chocolate. Não tomo leite enquanto converso sobre famílias, seja de flores ou de gente.

Grant saiu andando e eu o segui. Ele me conduziu até uma estrada de terra que se estendia para o oeste. O sol estava se pondo atrás dos morros mais adiante. O céu estava indeciso, alternando-se entre cor de laranja e azul atrás das nuvens carregadas que se aproximavam, trazendo uma promessa nervosa de chuva. Abracei meu próprio corpo com força e me mantive um passo atrás dele. Grant apontou para a esquerda, em direção a uma longa fileira de galpões de madeira, todos fechados a cadeado. Tinham um negócio de flores secas ali, explicou-me, mas ele o havia fechado depois que sua mãe ficara doente. Grant não dava muita importância para as coisas que já não estavam vivas. À

direita, havia uma vasta extensão de estufas iluminadas, longas mangueiras saindo de portas entreabertas. Grant se aproximou de uma delas e a abriu para que eu passasse.

Entrei na estufa.

– Orquídeas – disse ele, gesticulando para prateleiras de vasos com estacas de madeira. – Ainda não estão prontas para venda.

Não havia um só botão à vista.

Sáímos dali e continuamos seguindo o caminho, que

subia um morro e descia do outro lado. Em algum lugar depois das plantações de flores começava o vinhedo, mas a linha que separava as propriedades estava longe demais para ser divisada. Mais adiante, a trilha contornava as estufas e



voltava por campos não cultivados até nos deixar outra vez em frente à casa.

Grant me conduziu por um declive até um jardim de rosas. Era pequeno, bem cuidado e parecia pertencer à casa e não à fazenda. A mão de Grant roçou a minha enquanto caminhávamos e me afastei um passo.

– Você já deu uma rosa vermelha para alguém? –

perguntou ele. Eu o encarei como se ele estivesse tentando me forçar a engolir um monte de dedaleiras. – Rosa marroquina? Murta? Cravina? – insistiu ele.

– Confissão de amor? Amor? Amor puro? – perguntei, para me certificar de que concordávamos com as definições.

Ele assentiu. – Não.

Peguei um botão cor-de-rosa claro e arranquei as pétalas uma de cada vez.

– Faço mais o tipo cardo-peônia-manjericão – falei.

– Misanthropia-raiva-ódio – disse Grant.

Virei as costas para ele.



– Você perguntou – retruquei.

– É um pouco irônico, não acha? – indagou ele, olhando para as rosas à nossa volta. Estavam todas abertas e nenhuma era amarela. – Você estar obcecada com uma linguagem romântica, inventada para que amantes pudessem se comunicar, e usá-la para espalhar a hostilidade.



– Por que todas as roseiras estão em flor? – perguntei, ignorando sua observação.

Já estava tarde para rosas naquela estação.

– Minha mãe me ensinou a podar todas elas na segunda semana de outubro, assim sempre teríamos rosas para o Dia de Ação de Graças.

– Você faz o jantar de Ação de Graças? – perguntei, olhando na direção da casa.

Mesmo depois de todos aqueles anos, a janela do frontão ainda estava quebrada. Alguém tinha posto uma chapa de compensado atrás dela.

– Não – admitiu ele. – Minha mãe costumava fazer quando eu era mais novo, antes de começar a passar a maior parte dos dias na cama. Mas eu sempre podava as rosas como ela tinha me ensinado, na esperança de que, ao vê-las da janela do quarto, ela tivesse vontade de voltar para a cozinha. Só funcionou uma vez, no Dia de Ação de Graças antes de ela morrer. Agora que ela se foi, continuo, por hábito.

Tentei lembrar se o Dia de Ação de Graças já havia passado ou se seria na semana seguinte. Não prestava muita atenção aos feriados, embora trabalhando com flores fosse difícil ignorá-los. Ainda devia estar por vir, pensei. Quando levantei os olhos, Grant estava me encarando como se esperasse uma resposta.



– O que foi? – perguntei.

– Você conhece sua mãe biológica?

Balancei a cabeça. Ele começou a fazer outra pergunta, mas eu o interrompi.

– Sério. Não perca seu tempo perguntando: sei tanto a respeito dela quanto você.

Eu me afastei e me ajoelhei no chão, levando o visor da câmera ao olho. Tirei uma foto desfocada de um tronco velho e nodoso e da superfície de raízes profundas.

– Ela é manual. Você sabe usar?

Fiz que não com a cabeça. Ele indicou os botões e mostrou o seletor, usando termos de fotografia que eu jamais ouvira. Eu só estava prestando atenção à distância dos seus dedos em relação à câmera pendurada em meu pescoço.

Sempre que ele chegava perto demais do meu peito, eu recuava um passo.

– Tente – disse Grant quando terminou de explicar.

Ergui a câmera novamente e girei o anel de foco para a esquerda. Uma flor cor-de-rosa deixou de ficar borrada para se tornar irreconhecível.

– Para o outro lado – corrigiu-me ele.

Voltei a girar o anel para a esquerda. O som de sua voz, perto demais da minha orelha, fez com que eu me arrepiasse.



Sua mão se fechou sobre a minha e nós giramos o anel juntos para a direita. As mãos dele eram macias e eu não sentia minha pele queimar onde ele me tocava.

– Isso – falou. – Agora sim.

Grant levou minha outra mão até a parte de cima da máquina e pressionou meu indicador sobre um botão de metal redondo. Meu coração parou e voltou a bater em seguida. A lente abriu e fechou com um clique.

Grant recolheu as mãos, mas não baixei a câmera. Não confiava em meu próprio rosto. Não sabia se ele veria alegria ou ódio em meus olhos, medo ou prazer escrito nas minhas faces vermelhas. Não sabia o que estava sentindo, apenas que estava sem fôlego.

– Gire o filme para tirar outra foto – disse ele, mas não me mexi. – Quer que eu lhe mostre como é?

Recuei um passo.

– Não – falei. – Já chega.

– Muita informação para um dia só? – perguntou Grant.

– Sim – concordei. Tirei a câmera e a entreguei para ele.

– Muita informação.

Fomos andando de volta para a casa. Grant não me convidou a entrar. Foi direto para o caminhão e abriu a porta do carona, estendendo a mão para mim. Depois de hesitar por um instante, eu a agarrei. Ele me ajudou a subir e fechou a porta.



Seguimos de volta para a cidade em silêncio. Começou a chover, fraco a princípio, mas depois de forma tão violenta e inesperada que não era possível enxergar nada. Carros paravam no acostamento para esperar a tempestade amainar, mas ela só piorava. Era a primeira chuva forte daquele outono e a terra se abriu para ser regada depois de uma longa espera, liberando o aroma característico. Grant dirigia devagar, guiado mais por sua memória do que pela visão da estrada. A ponte Golden Gate estava deserta. Água espirrava da baía e caía do céu com a mesma intensidade. Imaginei-a invadindo o veículo, o nível subindo acima dos nossos pés, joelhos, barrigas e pescoços enquanto seguíamos viagem.

Nervosa com a ideia de revelar onde ficava o apartamento de Natalya, pedi que Grant me deixasse em frente a Bloom. Ainda estava chovendo quando ele parou diante da loja. Não sei se acenou para mim; não conseguia enxergá-lo através da água que escorria pelo para-brisa.

Quando abri a porta, Natalya e sua banda estavam montando os instrumentos. Eles me cumprimentaram com acenos de cabeça enquanto eu subia as escadas. Tirando as chaves da mochila, abri minha portinhola, entrei engatinhando no quarto e me enrosquei no chão. O carpete felpudo absorvia a água das minhas roupas encharcadas e o mundo inteiro estava molhado, azul e frio. Eu tremia com os olhos arregalados. Naquela noite, não conseguiria dormir.





4

ELIZABETH PERGUNTOU se eu estava preparada.

Fiquei surpresa ao notar como a viagem havia sido curta. Elizabeth tinha estacionado em frente a um portão de metal trancado, em uma entrada para veículos. À esquerda, ficava o estacionamento que abrigava o mercado dos fazendeiros e, logo depois dele, o vinhedo. Percebi que, em algum lugar além da vasta extensão de asfalto, as duas propriedades deviam se interligar.

Saindo do caminhão, Elizabeth sacou uma chave-mestra do bolso. Enfiou-a na fechadura e o portão se abriu. Esperei que ela voltasse, mas em vez disso acenou para que eu sáísse.



– Vamos andando – falou, quando a alcancei. – Faz muito tempo que não piso nesta terra.

Ela subiu lentamente em direção à casa, parando para arrancar flores murchas e enfiar o polegar uns dois centímetros no solo. Cercada de flores, fiquei impressionada ao finalmente compreender a magnitude da briga entre as duas irmãs. Eu não podia imaginar nada capaz de deixar Elizabeth tão furiosa a ponto de abrir mão por tanto tempo não só de sua irmã, mas também daquela imensidão de flores. Ela só podia ter sofrido o pior tipo de traição possível.

Elizabeth acelerou o passo ao se aproximar da casa, menor do que a nossa e amarela, mas com o mesmo tipo de telhado pontiagudo. Enquanto subíamos os degraus de entrada, notei que a madeira estava frágil, como se não

tivesse secado bem desde as chuvas da última primavera. Ao redor da porta da frente, grandes trechos da pintura amarela começavam a descascar, enquanto a calha, que estava solta, pendia acentuadamente sobre o último degrau. Elizabeth se abaixou para passar por ela.

Uma vez na varanda, ela se aproximou da porta. Havia uma janela retangular estreita na madeira pintada de azul e ela se inclinou para a frente. Fiquei na ponta dos pés e encaixei minha cabeça no espaço logo abaixo do queixo de Elizabeth. Espiamos o interior da casa. O vidro, turvo e sujo, dava a impressão de estarmos observando uma cena debaixo d'água. As quinas da mobília se embaçavam; fotografias emolduradas pareciam flutuar sobre uma lareira. Um tapete,



fino e florido, desaparecia sob nossa respiração, que se condensava no vidro. Notei o despojamento daquela sala: não havia pessoas, pratos, jornais nem qualquer outro sinal de atividade humana.

Mas Elizabeth bateu à porta mesmo assim: primeiro de leve, depois com mais força. Ela esperou e, quando ninguém apareceu, começou a bater sem parar. A intensidade com que batia aumentava na mesma medida de sua frustração.

Mesmo assim, ninguém veio atender.

Elizabeth se virou e desceu os degraus pisando firme.

Com medo de que a escada cedesse sob meu peso, eu a segui



na ponta dos pés. Dez passos depois, ela se virou e apontou para um frontão: a janela estava fechada, mas a cortina, não.

– Está vendo aquela janela? – perguntou Elizabeth. – Lá dentro era o sótão, onde brincávamos quando éramos pequenas. Quando fui mandada para o internato eu tinha 10

anos, então Catherine, que devia ter 17, o transformou em um ateliê. Minha irmã era muito talentosa. Poderia ter ido para qualquer escola de arte do país, mas não quis abandonar nossa mãe.

Elizabeth parou de falar e nós duas erguemos os olhos para a janela. Manchas d'água e poeira no vidro refletiam a luz do sol. Eu não conseguia enxergar lá dentro.

– Ela está lá agora – disse Elizabeth. – Sei que está. Você acha que ela pode não ter ouvido as batidas?



Se ela estivesse lá dentro, teria ouvido. Embora tivesse dois andares, a casa não era grande. Mas os olhos de Elizabeth estavam cheios de esperança; eu não podia lhe dizer a verdade.

– Não sei – respondi. – Talvez não.

– Catherine? – chamou Elizabeth. A janela não se abriu e não vi movimento algum atrás dela. – Ela pode estar dormindo.

– Vamos embora – falei, puxando a manga de sua blusa.

– Só depois de termos certeza de que ela nos viu. Se nos vir e mesmo assim não descer, então vai ter deixado seus sentimentos bem

claros.

Elizabeth se virou, chutando a terra diante da fileira mais próxima de flores. Inclinou-se para pegar uma pedra, áspera e redonda, do tamanho de uma noz. Mirou a janela e atirou-a sem força. A pedra ricochetou nas telhas do frontão e caiu de volta no solo, a poucos passos de onde estávamos.

Ela a apanhou e tentou de novo, e de novo e de novo. Sua pontaria não melhorava com a prática.

Perdendo a paciência, peguei uma pedra e a atirei na janela. Ela atingiu o alvo e o atravessou, produzindo um som como o de uma bala estilhaçando vidro, formando um círculo perfeito no centro da janela. Elizabeth tapou os ouvidos com as mãos, trincando os dentes e fechando os olhos.



– Ai, Victoria – disse ela, com a voz aflita. – Foi muito forte. Forte demais.

Ela abriu os olhos e levantou o rosto para a janela.

Segui seu olhar. Lá dentro, a mão magra e pálida de uma mulher se esticou, os dedos se fechando ao redor de um conjunto de cordões. Uma persiana desceu atrás do vidro quebrado. Ao meu lado, Elizabeth suspirou, com os olhos ainda fixos no local onde a mão havia aparecido.

– Vamos – falei, agarrando-a pelo cotovelo.

Seus pés se moveram devagar, como se estivessem

andando em areia e eu a puxei com delicadeza até a estrada.

Depois de ajudá-la a entrar no caminhão, voltei para fechar o portão de metal.



5



PASSEI UMA SEMANA INTEIRA com insônia e me sentindo inútil. Meu chão felpudo demorou dias para secar e, todas as vezes que eu me deitava nele, a umidade penetrava

em minha blusa como as mãos de Grant, um lembrete constante de seu toque. Quando conseguia dormir, sonhava que a câmera estava voltada para meu corpo nu, tirando fotos dos meus pulsos, da parte de baixo de meu queixo e, uma vez, dos meus mamilos. Quando andava por ruas desertas, ouvia o clique do obturador e me virava para trás, esperando que Grant estivesse a poucos passos de mim. Mas nunca havia ninguém.



Renata não deixou de notar minha incapacidade de formar frases coerentes e de trabalhar no caixa. Era a semana do Dia de Ação de Graças e a loja estava sempre lotada, mas ela me relegou à área dos fundos junto com baldes transbordando de flores cor de laranja e amarelas e longas hastes de folhas secas em tons fortes de outono.

Entregou-me um livro com fotos de arranjos para datas comemorativas, mas eu não o abri. Não estava completamente desperta, mas, àquela altura, poderia fazer arranjos de flores dormindo. Ela me trazia pedidos anotados às pressas e voltava para pegá-los quando estavam prontos.

Na sexta, passada a correria do feriado, Renata me mandou para a área de trabalho para varrer o chão e lixar a bancada, que estava começando a empenar e ficar cheia de farpas depois de anos de água e trabalho. Uma hora depois, quando voltou para verificar meu progresso, eu estava dormindo sobre a mesa, de barriga para baixo, com a bochecha colada à madeira áspera.

Ela me sacudiu. Eu ainda tinha a lixa na mão e as pontas dos meus dedos estavam marcadas onde eu a havia segurado.

– Se você não fosse tão requisitada, estaria no olho da rua – falou Renata, mas com a voz bem-humorada e não em tom de irritação.

Perguntei-me se ela achava que eu estava apaixonada. A verdade era muito mais complexa do que isso.



– Levante daí – ordenou. – Aquela mesma senhora está procurando você.

Suspirei. As rosas vermelhas tinham acabado.

A mulher estava curvada, com os cotovelos apoiados no balcão. Usava uma capa de chuva verde-maçã com cinto e ao seu lado havia uma segunda mulher, mais jovem e mais bonita, com uma capa vermelha do mesmo modelo. Suas galochas pretas estavam molhadas. Olhei para fora. Tinha voltado a chover, logo agora que minhas roupas e meu quarto tinham secado da semana anterior. Aquilo me fez estremecer.

– Esta é a famosa Victoria – disse a senhora, inclinando a cabeça na minha direção. – Victoria, esta é a minha irmã, Annemarie. A propósito, meu nome é Bethany.

Ela estendeu a mão para mim e eu a cumprimentei.

Meus ossos se derreteram sob o seu aperto de mão forte.

– Como vai? – perguntei.

– Nunca estive melhor – respondeu Bethany. – Passei o feriado na casa do Ray. Nenhum de nós dois tinha feito um jantar de Ação de Graças antes, então acabamos jogando fora um peru que não deu certo e esquentando sopa de tomate enlatada. Estava uma delícia.

Pela maneira como disse aquilo, era óbvio que não estava se referindo apenas à sopa. Sua irmã resmungou.

– Quem é Ray? – perguntei.



Renata apareceu no vão da porta com a vassoura e evitei seu olhar curioso.

– Um cara do trabalho. Nunca tínhamos feito nada além de trocar reclamações sobre ergonomia, mas, então, na quarta-feira, lá estava ele em frente à minha mesa, me convidando para ir à casa dele.

Bethany tinha planos de sair novamente com Ray na noite seguinte e queria algo para seu apartamento, algo sedutor, falou, corando, mas que não fosse muito óbvio.

– Nada de orquídeas – decretou, como se essa fosse uma flor sensual e não um símbolo de beleza refinada.

– E para a sua irmã? – perguntei.

Annemarie parecia desconfortável, mas não protestou quando Bethany começou a descrever os detalhes de sua vida amorosa.

– Ela é casada – falou, frisando a palavra como se a

origem dos problemas de Annemarie estivesse na própria definição do termo. – Tem medo de que seu marido não se sinta mais atraído por ela. O que é ridículo: olhe só para essa mulher. Mas eles não... bem, você sabe. E já faz muito tempo.

Annemarie olhou pela janela e não defendeu seu marido e seu casamento.

– O.k. – falei, processando tudo aquilo. – Amanhã?

– Ao meio-dia – respondeu Bethany. – Vou precisar da tarde inteira para limpar meu apartamento.



– Annemarie? – perguntei. – Meio-dia está bom?

Ela não respondeu imediatamente. Cheirou as rosas e as dalias, as flores cor de laranja e amarelas que restavam.

Quando levantou a cabeça, seus olhos estavam vazios de uma maneira que eu compreendia muito bem. Ela assentiu.

– Sim – concordou. – Por favor.

– Nos vemos amanhã – falei enquanto elas se viravam para ir embora.

Quando a porta se fechou, ergui os olhos para encarar Renata, que ainda estava no vão da porta com a vassoura.

– A famosa Victoria – caçoou. – Dando às pessoas o que elas querem.

Dei de ombros e passei direto por ela. Pegando meu casaco do gancho, virei-me para ir embora.



– Amanhã? – perguntei.

Renata nunca tinha me dado uma escala de trabalho.

Eu ia quando ela pedia.

– Às quatro da manhã – respondeu ela. – Casamento no começo da tarde, 200 convidados.

Passei a noite sentada no quarto azul, refletindo sobre o pedido de Annemarie. Conhecia muito bem o oposto das relações íntimas: havia tempos que a hortênsia, apatia, era uma de minhas flores favoritas. Ela crescia nos jardins bem cuidados de São Francisco durante seis meses do ano e era



útil para manter colegas e funcionários dos abrigos afastados.

Mas intimidade, proximidade e prazer sexual, essas eram coisas sobre as quais eu nunca tivera necessidade de pesquisar. Passei horas sentada debaixo da lâmpada nua, a luz amarelando as páginas manchadas d'água do meu dicionário, buscando as flores adequadas.

Havia a tília, que significava amor conjugal, mas não parecia o caso. Sua definição remetia mais a uma descrição do passado do que a uma sugestão para o futuro. Isso sem contar a dificuldade de encontrar uma tília, arrancar um galho pequeno e explicar a Annemarie por que ela deveria expor aquilo na mesa da sala de jantar em vez de um buquê de flores. Não, decidi, a tília não serviria.

No andar de baixo, a banda de Natalya começou a ensaiar e procurei um par de tampões de ouvido. As páginas do livro vibravam em meu colo. Encontrei flores para afeto, sensualidade e prazer, mas nenhuma me parecia, por si só, capaz de combater o olhar vazio de Annemarie. Cada vez mais frustrada, cheguei à última flor do livro e voltei ao começo.

Grant saberia, pensei, mas eu não podia perguntar a ele.

Seria intimidade de mais.

Enquanto procurava, me ocorreu que, se não conseguisse encontrar a flor certa, poderia dar a Annemarie um buquê de alguma coisa ousada e chamativa e mentir sobre o significado. Afinal, as flores em si não eram capazes de transformar definições abstratas em realidade concreta.

Na verdade, o mais provável era que Earl e, depois, Bethany



tivessem chegado em casa com um buquê esperando uma mudança e a própria crença nessa possibilidade houvesse causado uma transformação. Resolvi que seria melhor embrulhar um buquê de gérberas em papel pardo e dizer que significavam satisfação sexual do que pedir a opinião de Grant sobre o assunto.

Fechei primeiro o livro, em seguida meus olhos, e tentei dormir.

Duas horas depois, levantei-me e me vesti para ir ao mercado. Estava frio e, antes mesmo de acabar de trocar de roupa e vestir minha jaqueta, eu já sabia que não poderia dar

gérberas para Annemarie. A linguagem das flores era a única coisa à qual eu era leal. Se começasse a mentir sobre ela, não restaria nada de belo ou de verdadeiro em minha vida. Saí correndo do apartamento e atravessei 12 quarteirões frios a passos rápidos, torcendo para chegar antes de Renata.

Grant ainda estava no estacionamento, descarregando seu caminhão. Esperei que ele me entregasse os baldes e então os levei para dentro. Havia apenas um banco em sua barraca; eu me sentei nele e Grant se recostou na parede de compensado.

– Você chegou cedo – comentou.

Conferi meu relógio. Passava pouco das três horas.

– Você também.

– Não conseguia dormir.



Eu também não, mas fiquei calada.

– Conheci uma mulher – falei.

Para não encarar Grant, virei o banco para o outro lado, como se fosse atender um cliente, mas o mercado estava praticamente vazio.

– Ah, é? Quem? – perguntou ele.

– Uma mulher. Ela esteve na floricultura ontem. Ajudei a irmã dela na semana passada. Enfim, ela disse que seu

marido não está mais interessado nela. Você sabe, em... –  
parei de falar, incapaz de concluir a frase.

– Hum... – murmurou Grant. Eu sentia seus olhos nas minhas costas, mas não me virei para encará-lo. –

Complicado. É uma linguagem da era vitoriana, entende? Não se falava muito de sexo.

Eu não tinha pensado nisso. Ficamos em silêncio, observando o mercado começar a encher. Renata chegaria a qualquer momento e eu passaria horas sem poder pensar em nada além das flores do casamento de outra pessoa.

– Desejo – falou Grant por fim. – Seria minha escolha.

Acho que é o mais próximo que você vai conseguir chegar.

Mas eu não conhecia o desejo.

– Como?



– Junquilha – respondeu ele. – É uma espécie de narciso, uma planta silvestre dos estados do Sul. Tenho alguns, mas os bulbos só vão florescer na primavera.

Ainda faltavam meses. Annemarie não parecia poder esperar tanto assim.

– Não tem outro jeito?

– Poderíamos forçar os bulbos a desabrocharem na estufa. Geralmente não faço isso. Essas flores são tão associadas à primavera que não há muita procura por elas antes do final de fevereiro. Mas, se quiser, podemos tentar.

– Quanto tempo demoraria?

– Não muito. Aposto que já teríamos as flores em meados de janeiro.

– Vou perguntar a ela – falei. – Obrigada.

Fiz menção de ir embora, mas Grant colocou a mão sobre o meu ombro para me deter. Eu me virei.

– Hoje à tarde? – perguntou ele.

Pensei nas flores, na câmera dele e no meu dicionário.

– Devo estar liberada às duas – respondi.

– Pego você na loja.

– Vou estar com fome – falei ao me afastar.

Grant riu.

– Eu sei.



Annemarie me pareceu mais aliviada do que desapontada quando lhe dei a notícia. Janeiro estava bom, disse ela, estava ótimo. O período das festas era uma correria

e o mês de dezembro passaria voando. Ela anotou seu telefone para mim, apertou o cinto da capa vermelha em volta do corpo e saiu da loja atrás de Bethany, que já estava a meio quarteirão de distância. Eu havia lhe dado ranúnculos: você irradia charme.

Grant chegou adiantado, como na semana anterior.

Renata o convidou a entrar. Ele se sentou à mesa e nos observou trabalhar enquanto comia um fumegante frango ao curry de uma embalagem de isopor. Ao seu lado, havia uma segunda embalagem, fechada. Quando terminei os arranjos de mesa, Renata disse que eu podia ir embora.

– E as flores de lapela? – perguntei, olhando para a caixa em que ela estava dispondo os buquês das madrinhas.

– Pode deixar que eu termino – disse ela. – Tenho tempo de sobra. Pode ir. – Ela me despachou, acenando para a porta.

– Você quer comer aqui? – perguntou Grant, me entregando um garfo de plástico e um guardanapo.

– No carro. Não quero desperdiçar a luz.

Renata nos olhou com curiosidade, mas não fez perguntas. Ela era a pessoa menos intrometida que eu já havia conhecido e senti uma ponta de afeição por ela enquanto saía da loja atrás de Grant.



O fumegante frango ao curry e nossa respiração embaçaram as janelas durante a longa viagem até a fazenda.

Seguimos em silêncio e o único som que ouvíamos era o zumbido constante do desembaçador. Estava chovendo, mas o tempo começava a clarear. Quando Grant abriu o portão e passamos de carro pela casa, o céu já estava azul. Ele foi pegar a câmera e fiquei surpresa ao vê-lo entrar em uma construção de três andares, e não na casa.

– O que é aquilo? – perguntei quando ele voltou, gesticulando para o prédio do qual acabara de sair.

– A torre de água. Eu a transformei num apartamento.

Quer ver por dentro?

– A luz – respondi, olhando para o sol, que já começava a se pôr.

– Certo.

– Talvez depois.

– Tudo bem. Quer outra aula? – perguntou Grant.

Ele deu um passo na minha direção e colocou a alça da câmera em volta do meu pescoço. Suas mãos roçaram minha nuca.

Fiz que não com a cabeça.

– Velocidade do obturador, abertura do diafragma, foco –

falei, girando o seletor e os anéis e repetindo o vocabulário que ele me ensinara na semana anterior. – Posso aprender sozinha.



– Está certo. Estarei lá dentro.

Ele se virou e andou de volta até a torre de água.

Esperei até ver uma luz se acender na janela do terceiro andar antes de me encaminhar para o jardim de rosas.

A primeira seria a rosa branca; parecia-me um bom começo. Sentando-me em frente a uma roseira em flor, desencavei um bloco de anotações novo da minha mochila.

Aprenderia a fotografar sozinha, registrando meus sucessos e fracassos. Se, ao revelar o filme, visse que só uma foto ficou boa, precisaria saber exatamente o que tinha feito para produzir aquela imagem. Numerei uma folha de papel de 1 a 36.

Sob a luz fraca, fotografei várias vezes o mesmo botão semiaberto de rosa branca, anotando em termos descritivos e não técnicos as leituras do fotômetro e as posições exatas dos diversos anéis, seletores e botões. Registre o foco, a posição do sol e os ângulos das sombras. Com uma de minhas mãos, medi em palmos a distância entre a câmera e a rosa. Quando a luz e o filme acabaram, parei.

A porta da torre de água estava aberta e, quando entrei, Grant estava sentado à mesa da cozinha. Lá dentro estava tão frio quanto do lado de fora. O sol havia desaparecido e, com ele, todo o calor. Esfreguei minhas mãos uma na outra.

– Chá? – ofereceu-me ele, estendendo uma caneca fumegante.

Fechei a porta atrás de mim.





# AFTER DARK

– Por favor.

Sentei-me de frente para ele numa mesa de piquenique de madeira surrada, idêntica à que ficava do lado de fora. Ela estava encostada numa pequena janela com vista para a propriedade: fileiras inclinadas de flores, os galpões e estufas e a casa abandonada. Grant se levantou para ajeitar a tampa de uma panela de arroz que estava transbordando água por uma abertura. Então abriu um armário e pegou um frasco de molho de soja e o pousou sobre a superfície irregular da mesa.

– O jantar está quase pronto – declarou. Olhei para o fogão e vi que a única coisa cozinhando era o arroz. – Quer ver o apartamento?

Dei de ombros, mas me levantei.

– Esta é a cozinha.

Os armários eram pintados de verde-claro e os balcões eram de fórmica cinza com acabamento prateado. Grant parecia não ter uma tábua de corte, pois os balcões estavam lascados e arranhados. O fogão a gás era antigo, branco e cromado, com uma prateleira dobrável. Nela, havia uma fileira de copos de vidro verde vazios e uma colher de pau, com uma etiqueta branca com o preço apagado na ponta, o que me fez pensar que ela nunca tinha sido usada ou lavada.

De todo modo, eu não estava nem um pouco ansiosa para provar seus dotes culinários.



# AFTER DARK

No canto da cozinha, havia uma escada caracol de metal preto, que acabava num pequeno buraco quadrado. Grant começou a subi-la e eu o segui. O segundo andar era composto de uma sala de estar na qual cabiam apenas um sofá de dois lugares de veludo laranja e uma estante de livros que ia do chão ao teto. Uma porta levava a um banheiro de azulejos brancos com uma banheira vitoriana. Não havia televisão nem aparelho de som. Não vi nem mesmo um telefone.

Grant voltou à escada e me levou até o terceiro andar, no qual um colchão de espuma grosso ocupava todo o espaço, de uma parede a outra. Dava para ver a espuma esfarelada nas beiradas em que o lençol havia se soltado.

Roupas estavam amontoadas em dois dos cantos, algumas dobradas, outras não. No lugar dos travesseiros, havia pilhas de livros.

– Meu quarto – disse Grant.

– Onde você dorme? – perguntei.

– No meio. Geralmente mais perto dos livros que das roupas.

Ele engatinhou pelo colchão e apagou a luminária.

Agarrei-me ao corrimão e desci de volta para a cozinha.

– Legal – falei. – Silencioso.

– É assim que eu gosto. Consigo me esquecer de onde estou, entende?



# AFTER DARK

Eu entendia. Na torre de água, sem nada automático ou digital, era fácil esquecer não só onde, mas também em que década se estava.

– A banda da garota que mora comigo ensaia todas as noites no andar de baixo do nosso apartamento – falei.

– Parece terrível.

– E é mesmo.

Ele foi até o balcão e serviu colheradas de arroz quente e empapado em grandes tigelas de cerâmica. Entregou-me uma delas e uma colher. Começamos a comer. O arroz aqueceu minha boca, garganta e estômago. Estava muito mais gostoso do que eu esperava.

– Você não tem telefone? – perguntei, olhando ao meu redor.

Eu achava que era a única jovem no mundo moderno que não tinha algum tipo de aparelho para me comunicar.

Grant fez que não com a cabeça.

– Nenhum outro parente? – prossegui.

Ele repetiu o gesto.

– Meu pai foi embora antes que eu nascesse. Voltou para Londres. Nunca o conheci. Quando minha mãe morreu, ela me deixou a terra e as flores, nada mais.

Ele comeu outra colherada de arroz.

– Você sente falta dela? – perguntei.



Grant despejou mais molho em sua tigela.

– Às vezes. Sinto falta de como ela era na minha infância, quando fazia o jantar todas as noites e preparava meu lanche com sanduíches e flores comestíveis. Mas, no final da vida, ela começou a me confundir com meu pai.

Tinha ataques de raiva e me expulsava de casa. Então, quando percebia o que tinha feito, se desculpava com flores.

– É por isso que você mora aqui?

Grant assentiu.

– E sempre gostei de ficar sozinho. Ninguém entende isso.

Eu entendia.

Ele terminou seu arroz e se serviu de outra tigela, então pegou a minha e a encheu também. Ficamos em silêncio até terminarmos a refeição.

Grant se levantou para lavar sua louça e a colocou emborcada em um escurridor de metal. Lavei a minha e fiz o mesmo.

– Pronta para ir? – perguntou ele.

– O filme? – Peguei a câmera do gancho em que ele a havia pendurado e a entreguei para ele. – Não sei tirá-lo da máquina.

Ele rebobinou o rolo e descarregou a câmera. Guardei o tubo no bolso.



– Obrigada.

Subimos no caminhão de Grant e pegamos a estrada. Já estávamos a meio caminho da cidade quando me lembrei do pedido de Annemarie. Soltei um arquejo.

– O que foi? – perguntou ele.

– O junquinho. Esqueci.

– Eu os plantei enquanto você estava no roseiral. Estão em uma caixa de papel na estufa: os bulbos precisam de escuridão até a folhagem começar a crescer. Você pode dar uma olhada neles no sábado que vem.

Sábado que vem. Como se já tivéssemos um encontro marcado. Fiquei observando Grant dirigir, seu perfil duro e sério. Eu poderia dar uma olhada neles no sábado que vem.

Era uma frase simples, mas que mudava tudo, exatamente como a descoberta do significado da rosa amarela.

Cíume, infidelidade. Solidão, amizade.



# AFTER DARK

---

6



JÁ ESTAVA ESCURO QUANDO entrei para jantar. A casa estava iluminada e vi Elizabeth sentada sozinha à mesa da cozinha, emoldurada pelo vão da porta. Ela tinha feito canja de galinha – o cheiro me alcançara no vinhedo, atraindo-me como um ímã – e estava curvada diante de sua tigela, como se analisasse seu reflexo na sopa.

– Por que você não tem nenhum amigo? – perguntei.

As palavras saíram sem eu pensar. Havia uma semana que eu observava Elizabeth administrar a colheita sem ânimo, com um semblante carregado, e sua imagem sentada à mesa da cozinha, claramente solitária, arrancou a pergunta de dentro de mim.



Elizabeth olhou na minha direção. Ela se levantou em silêncio e derramou o conteúdo de sua tigela de volta na panela. Com um fósforo, acendeu o anel de fogo azul debaixo dela.

Então, virou-se para mim.

– Bem, por que você não tem?

– Porque não quero – respondi.

Além de Perla, as únicas crianças que eu conhecia eram meus colegas de turma, que me chamavam de a órfã. O

apelido pegou de tal forma que eu achava que nem minha professora se lembrava do meu verdadeiro nome.

– Por que não? – insistiu Elizabeth.

– Não sei – respondi, assumindo um tom defensivo. Mas eu sabia.

Havia ganhado cinco dias de suspensão por ter atacado o motorista do ônibus e, pela primeira vez na vida, não me sentia triste. Em casa com Elizabeth, eu não precisava de mais ninguém. Todos os dias eu a seguia enquanto ela cuidava da colheita, direcionando os catadores para as frutas maduras e afastando-os daquelas que precisavam de mais um ou dois dias de sol. Ela colocava uvas em sua boca e depois na minha, falando números que correspondiam ao grau de maturação: 74/6, 73/7 e 75/6. Isto, dizia quando localizávamos um cacho maduro, é o que você precisa ter em mente. Este exato sabor – açúcar 75 e tanino 7. Essa é uma





uva perfeitamente madura, algo que nem uma máquina nem um amador conseguem identificar. Ao final da semana, eu tinha mastigado e cuspidor uvas de quase todas as videiras e os números começaram a se revelar para mim quase antes de elas entrarem na minha boca, como se a minha língua simplesmente os lesse como o número em um selo postal.

A sopa começou a ferver e Elizabeth a mexeu com uma colher de pau.

– Tire os sapatos – ordenou. – E lave as mãos. O jantar está quente.

Elizabeth dispôs sobre a mesa duas tigelas e duas broas enormes, do tamanho de melões. Parti o pão ao meio, arrancando o miolo branco e macio com a mão e mergulhando-o na canja fumegante.

– Já tive uma amiga – falou Elizabeth. – Minha irmã era minha amiga. Eu tinha minha irmã, meu trabalho e meu primeiro amor e não queria mais nada no mundo. Então, de repente, tudo o que me restou foi o meu trabalho. O que eu havia perdido me parecia insubstituível. Então passei a dedicar cada instante da minha vida a construir um negócio de sucesso, a cultivar as uvas mais cobiçadas da região. A meta que estabeleci era tão ambiciosa e consumia tanto tempo que não tive um só minuto para pensar em tudo o que havia perdido.

Compreendi que o fato de ela ter me acolhido havia mudado aquilo. Minha presença era um lembrete constante



da família, do amor e me perguntei se ela teria se arrependido de sua decisão.

– Victoria – perguntou Elizabeth sem rodeios –, você é feliz aqui?

Assenti, com meu coração subitamente disparado.

Ninguém nunca havia me feito uma pergunta dessas sem depois acrescentar algo como: porque, se estivesse feliz, se tivesse o bom senso de saber que tem sorte de estar aqui, não agiria como uma pirralha ingrata. Mas, quando o sorriso de Elizabeth finalmente surgiu, transmitia apenas alívio.

– Ótimo – falou. – Porque estou feliz por ter você aqui.

Na verdade, nem estou ansiosa para que volte à escola amanhã. Tem sido bom tê-la em casa. Você se abriu um pouco. Pela primeira vez, parece interessada em alguma coisa e, embora eu admita sentir um pouco de ciúme das uvas, fico alegre em ver você se relacionando com o mundo.

– Odeio a escola – falei.

O simples fato de pronunciar aquela palavra fez a canja subir e voltar até minha garganta, uma sensação desagradável, nauseante.

– Odeia de verdade? Porque sei que você não odeia aprender.

– Odeio de verdade.

Engoli em seco, então lhe contei do que eles me chamavam, contei como era igual a todas as outras escolas



que tinha frequentado na vida, que eu era isolada, rotulada,

observada e que ninguém nunca me ensinava nada.

Elizabeth comeu seu último pedaço de pão e em seguida levou a tigela para a pia.

– Então vamos tirar você de lá amanhã. Posso lhe ensinar mais coisas do que você jamais aprenderia naquele colégio. E, se quer saber, acho que você já sofreu o suficiente para uma vida inteira.

Ela voltou à mesa, recolheu minha tigela e a encheu de novo até a borda.

Meu alívio foi tão grande que esvaziei a segunda tigela e depois uma terceira. Ainda assim, uma sensação de leveza ameaçava me arrancar da cadeira e me atirar, rodopiando, pelas escadas acima, até a cama.



# AFTER DARK

---



7

MINHAS FOTOGRAFIAS FICARAM horríveis, tão ruins que joguei a culpa no laboratório de revelação em uma hora e levei os negativos para uma loja especializada. O cartaz na porta alardeava que eles só aceitavam filmes de profissionais.

Levaram três dias para revelar as fotos e, quando as peguei, estavam tão ruins quanto antes. Até piores. Meus erros estavam mais evidentes, as manchas verdes e brancas mais definidas contra o fundo turvo. Joguei as fotos na sarjeta e me sentei no meio-fio em frente à loja, derrotada.

– Fazendo experiências com abstração?

Eu me virei. Uma moça estava parada atrás de mim, olhando para as fotografias espalhadas na rua. Usava um



avental e fumava um cigarro. A cinza caía ao redor das fotos.

Desejei que elas pegassem fogo.

– Não – respondi. – Fazendo experiências com o fracasso.

– Câmera nova? – perguntou ela.

– Fotógrafa nova.

– O que você precisa saber?

Peguei uma das fotografias do chão e a entreguei para ela.

– Tudo – falei.

Ela jogou o cigarro no chão, pisou sobre ele e analisou a revelação.

– Acho que o problema é a velocidade do filme – disse ela, gesticulando para que eu a seguisse até a loja.

Ela me levou até a vitrine de filmes, apontando os números nos cantos das caixas que eu nem sequer havia notado. A velocidade do obturador estava muito baixa, explicou-me ela, e a velocidade do filme não combinava com a luz fraca de fim de tarde. Anotei tudo o que ela disse no verso das fotos e as guardei no bolso de trás da calça.

No sábado seguinte, esperei ansiosa o fim do expediente.

A loja estava vazia; não tínhamos nenhum casamento.

Renata estava cuidando de uma papelada e passou a manhã inteira sem desgrudar os olhos da mesa. Quando me cansei



de esperar que ela me liberasse, parei perto dela e fiquei batendo com o pé no chão de concreto.

– Está bem, pode ir – disse ela, gesticulando para que eu saísse. Eu me virei e já estava a meio caminho da porta quando a ouvi acrescentar: – E não venha amanhã, nem na semana que vem ou na outra.

Parei de andar.

– O quê?

– Você trabalhou o dobro de horas pelas quais recebeu.

É justo que saiba disso.

Eu não vinha fazendo as contas. Afinal, mesmo se quisesse, não poderia arranjar outro trabalho. Não tinha diploma de nível superior, não havia nem concluído o ensino médio e não sabia fazer nada. Imaginava que Renata soubesse disso e me colocasse para trabalhar quanto quisesse. Eu não me ressentia dela.

– E daí?

– Tire umas semanas de folga. Venha daqui a duas semanas, no domingo, e lhe pagarei como se tivesse trabalhado: estou lhe devendo dinheiro. Voltarei a precisar de você perto do Natal e tenho dois casamentos no dia de Ano-novo.

Ela me entregou um envelope com dinheiro, o que deveria me dar no dia seguinte. Eu o guardei na mochila.



– Está bem – falei. – Obrigada. Até daqui a duas semanas.

Grant estava no estacionamento do mercado quando cheguei, carregando um balde de flores não vendidas. Eu me aproximei e estendi as fotos desfocadas para ele, segurando-as em um leque.

– Quer uma aula agora? – perguntou ele, achando graça.

– Não – respondi, entrando em seu caminhão.

Ele balançou a cabeça.

– Comida chinesa ou tailandesa?

Eu estava lendo as anotações que fizera no verso das fotos constrangedoras e não respondi. Quando ele parou para comprar comida tailandesa, fiquei esperando no veículo.

– Alguma coisa picante – gritei pela janela aberta. – Com camarão.

Eu tinha comprado 10 rolos de filme colorido, cada um com uma velocidade diferente. Começaria com o de asa 100, para a luz forte da tarde, e então iria subindo até o de 800, que usaria logo depois do pôr do sol. Grant se sentou à mesa de piquenique com um livro e de vez em quando parava a leitura e olhava para mim. Eu mal saía da minha posição agachada entre dois arbustos de rosas brancas. Todas as flores estavam abertas; dentro de sete dias não haveria mais rosas. Como na semana anterior, numerei todas as minhas



fotografias e anotei cada ângulo e ajuste. Dessa vez, estava determinada a acertar.



Quando a escuridão era quase total, guardei a câmera.

Grant já não estava sentado à mesa de piquenique. A luz brilhava nas janelas da torre de água em meio a uma nuvem espessa de vapor. Grant estava cozinhando; eu me sentia faminta. Coloquei os 10 rolos de filme na mochila e entrei na cozinha.

– Está com fome?

Ele me observou fechar o zíper da mochila e respirar fundo.

– Você está falando sério?

Grant sorriu. Fui até a geladeira e a abri. Estava vazia, exceto por um pouco de iogurte e um galão de suco de laranja. Peguei o suco e bebi direto do gargalo.

– Fique à vontade.

– Obrigada. – Tomei outro gole e me sentei à mesa. – O que você está fazendo?

Ele apontou para seis latas vazias de ravióli de carne.

Fiz uma careta.

– Quer cozinhar? – perguntou ele.

– Eu não cozinho. Os abrigos têm cozinheiros e, desde que saí do último, como na rua.

– Você sempre viveu em abrigos?



# AFTER DARK

– Desde que saí da casa de Elizabeth. Antes morei com um monte de pessoas diferentes. Algumas cozinhavam bem, outras não.

Ele me analisou como se quisesse saber mais, porém não me estendi no assunto. Nós dois nos sentamos à mesa com as tigelas de ravióli. Do lado de fora, caía uma chuva torrencial, que ameaçava transformar as estradas de terra em rios.

Quando terminamos de comer, Grant lavou sua louça e foi para o andar de cima. Fiquei sentada à mesa da cozinha, esperando que ele voltasse para me levar embora, mas ele não voltou. Bebi mais suco de laranja e olhei pela janela.

Quando voltei a sentir fome, vasculhei o armário até encontrar uma embalagem fechada de biscoitos, que comi inteira. Grant continuou lá em cima. Coloquei uma chaleira para ferver e fiquei parada diante dela, aquecendo minhas mãos com a chama do fogão. A chaleira começou a chiar.

Enchi duas canecas, peguei saquinhos de chá de uma caixa sobre o balcão e subi as escadas.

Grant estava sentado no sofá do segundo andar, com um livro aberto no colo. Entreguei-lhe uma caneca e me sentei no chão em frente à estante. A sala era tão pequena que, mesmo eu tendo me sentado o mais longe possível dele, Grant poderia tocar meu joelho com os dedos dos pés se esticasse as pernas. Eu me virei para a estante. Na prateleira mais baixa, havia uma pilha de livros maiores do que o



# AFTER DARK

normal – a maioria manuais de jardinagem, misturados com livros de biologia e botânica.

– Biologia? – perguntei, pegando um dos livros e abrindo-o em um desenho científico de um coração.

– Comecei um curso de dois anos numa faculdade pública. Depois que minha mãe morreu, passei algum tempo pensando em vender a fazenda e ir para a universidade. Mas abandonei o curso na metade. Não gostava dos auditórios.

Muita gente e poucas flores.

Uma veia azul grossa saía do coração, fazendo uma curva. Corri meu dedo por ela e ergui os olhos para Grant.

– O que você está lendo?

– Gertrude Stein.

Balancei a cabeça. Nunca tinha ouvido falar dela.

– A poeta? – perguntou ele. – “Uma rosa é uma rosa é uma rosa”?

Tornei a balançar a cabeça.

– Durante seu último ano de vida, minha mãe ficou obcecada por ela. Passou quase a vida toda lendo os poetas vitorianos e, quando descobriu Gertrude Stein, disse que foi um alívio.

– O que ela quer dizer com isso, “uma rosa é uma rosa é uma rosa”? – perguntei.



# AFTER DARK

Fechando o livro de biologia com força, deparei com o esqueleto de um corpo humano. Cutuquei a órbita vazia com o dedo.

– Que as coisas são apenas o que são – respondeu ele.

– “Uma rosa é uma rosa.”

– “É uma rosa” – acrescentou ele, com um sorriso tímido.

Pensei em todas as rosas no jardim lá embaixo, com seus vários tons e idades diferentes.

– Exceto quando ela é amarela – falei. – Ou vermelha, ou cor-de-rosa, ou quando está fechada ou morrendo.

– Foi o que sempre pensei – disse Grant. – Mas estou dando à Sra. Stein uma chance de me convencer. – Ele voltou ao seu livro.

Peguei outro volume de uma prateleira mais alta. Era um livro de poesia fino. Elizabeth Barrett Browning. Tinha lido sua obra quase completa no início da adolescência, quando descobri que os poetas românticos muitas vezes faziam referências à linguagem das flores, e devorei tudo o que pude encontrar. As páginas do livro estavam dobradas nas pontas, com anotações nas margens. O poema em que abri tinha 11 versos, todos começando com a expressão Amame. Fiquei surpresa. lembrava de todas aquelas referências ao amor, somente das referências às flores. Guardei o livro de volta e peguei outro,



# AFTER DARK

depois outro. Durante todo o tempo, Grant ficou sentado ali, virando as páginas em silêncio. Conferi meu relógio. Dez e dez.

Grant levantou a cabeça. Olhou seu próprio relógio e depois pela janela. Ainda estava chovendo.

– Você quer ir para casa?

As estradas estavam molhadas e a viagem seria lenta.

Eu ficaria ensopada nos dois quartos entre a Bloom e meu quarto azul e a banda de Natalya estaria ensaiando.

Renata não me esperava para trabalhar no dia seguinte.

Então percebi que eu não estava com muita vontade de voltar para casa.

– Eu tenho escolha? – perguntei. – Não vou dormir aqui com você.

– Não vou ficar aqui. Você pode dormir na minha cama.

Ou no sofá. Ou onde quiser.

– Como vou saber que você não vai voltar no meio da noite?

Grant pegou seu chaveiro no bolso, separou a chave da torre de água, entregou-a para mim e desceu para o andar de baixo. Eu o segui.

Na cozinha, pegou uma lanterna dentro de uma gaveta e um casaco de flanela pendurado num gancho. Abri a porta e ele saiu, parando debaixo da cobertura da varanda. A água



da chuva corria como um lençol d'água em volta do alpendre coberto.

– Boa noite – disse ele.

– Você tem uma cópia da chave? – perguntei.

Grant bufou e balançou a cabeça, mas estava sorrindo.

Ele se agachou e pegou um regador enferrujado, cheio até a metade de água da chuva. Despejou a água pelo bico, como se estivesse regando o cascalho encharcado. No fundo do recipiente, havia uma chave.

– Está tão enferrujada que nem deve funcionar mais. De todo modo, aqui está. – Ele me entregou a chave e nossas mãos se fecharam em volta do metal molhado.

– Obrigada – falei. – Boa noite. – Ele ficou parado enquanto eu fechava e trancava a porta.

Respirei fundo no vazio da torre de água e subi as escadas. No terceiro piso, tirei o lençol da cama de Grant e voltei para a cozinha, enroscando-me debaixo da mesa de piquenique. Se a porta se abrisse, eu escutaria.

Mas tudo o que ouvi a noite inteira foi o barulho da chuva.

Na manhã seguinte, Grant bateu à porta por volta das dez e meia. Eu ainda estava dormindo debaixo da mesa.

Tinha passado 12 horas ali, por isso estava com o corpo rígido e demorei a me levantar. Parei diante da porta,



# AFTER DARK

recostando-me contra a madeira firme e esfregando os olhos, as maçãs do rosto e a nuca. Então a abri.

Grant estava parado do lado de fora com as mesmas roupas que usara na noite anterior. Parecia apenas um pouco mais desperto do que eu. Depois de cambalear para dentro da cozinha, ele se sentou à mesa.

A tempestade tinha passado. Do outro lado da janela, sob um céu sem nuvens, as flores cintilavam. Um dia perfeito para fotografar.

– Mercado dos fazendeiros? – perguntou ele. – Aos domingos vendo as flores lá em vez de na cidade. Quer vir comigo?

Eu me lembrava de que dezembro era uma época ruim para frutas, legumes e verduras. Laranjas, maçãs, brócolis, couve. Mas, mesmo que estivéssemos no meio do verão, eu não iria querer visitar o mercado dos fazendeiros. Não queria me arriscar a ver Elizabeth.

– Para ser sincera, não. Mas preciso de filme.

– Então venha comigo. Pode esperar no caminhão enquanto vendo o que sobrou de ontem. Depois levo você à farmácia.

Grant subiu para trocar de roupa enquanto eu escovava os dentes com o dedo. Após jogar uma água no rosto e no cabelo, fui esperar no caminhão. Minutos depois, quando ele chegou, tinha feito a barba, vestido um blusão cinza limpo e



# AFTER DARK

uma calça jeans apenas um pouco suja. Ainda parecia cansado e puxou o capuz do blusão sobre a cabeça enquanto trancava a porta.

A estrada havia alagado em alguns trechos e Grant dirigiu devagar, seu caminhão balançando como um barco em alto-mar. Fechei os olhos.

Menos de cinco minutos depois ele parou e, quando abri os olhos, estávamos em um estacionamento lotado. Grant saltou e eu me afundei no banco. Baixando seu capuz sobre a testa, ele arrastou os baldes para fora da caçamba. Tornei a fechar os olhos e pressionei a orelha contra a porta trancada, tentando não ouvir os barulhos do mercado agitado ou me lembrar de quantas vezes estivera ali quando criança. Após um tempo, Grant finalmente voltou.

– Pronta? – perguntou.

Ele seguiu até a loja mais próxima, uma drogaria que vendia equipamentos de pesca e produtos farmacêuticos. O

fato de estar exposta, tão perto de Elizabeth, me deixou nervosa.

Eu me detive, agarrando a porta do caminhão.

– Elizabeth?

– Ela não vai estar lá dentro. Não sei onde ela faz compras, mas frequento esta loja há mais de 20 anos e nunca a vi aqui.





# AFTER DARK

Aliviada, entrei na farmácia e fui direto para o balcão de revelações, colocando meus rolos de filme num envelope e entregando-os num guichê.

– Uma hora? – perguntei a uma atendente de avental azul que parecia entediada.

– Menos – disse ela. – Há dias não tenho nenhum filme para revelar.

Segui de cabeça baixa até o corredor mais próximo. A loja estava com uma promoção de camisetas: três por 5

dólares. Peguei as primeiras três de uma pilha alta e as coloquei numa cesta junto com filmes novos, uma escova de dentes e um desodorante. Grant estava parado na frente do caixa, comendo uma barra de chocolate e me observando subir e descer os corredores. Estiquei a cabeça para fora e, ao ver que a loja estava vazia, me juntei a ele.

– Café da manhã? – perguntei.

Ele assentiu. Peguei uma barra de caramelo coberta de amendoim e comi toda a cobertura até sobrar apenas uma tira de recheio grudento.

– A melhor parte – disse Grant, indicando o caramelo com a cabeça. Eu lhe dei o recheio, que ele comeu rápido, como se eu fosse mudar de ideia e pegá-lo de volta. – Você deve gostar mais de mim do que demonstra – falou, com um sorriso.



# AFTER DARK

A porta se abriu e um casal de idosos caminhou em nossa direção de mãos dadas. A mulher tinha as costas arqueadas para a frente e o homem mancava da perna esquerda; parecia que ela o estava arrastando para dentro da loja. O velho me olhou dos pés à cabeça com um sorriso juvenil que parecia deslocado em sua pele manchada pela idade.

– Grant – disse ele, piscando e meneando a cabeça para mim. – Bom trabalho, filho, bom trabalho.

– Obrigado, senhor – respondeu Grant, olhando para o chão.

O homem se afastou cambaleando e, alguns passos depois, parou e deu um tapa no traseiro da esposa. Então se virou e piscou para Grant outra vez.

Ele olhou para mim e depois para o velho, balançando a cabeça.

– Ele era amigo da minha mãe – falou, quando o casal já estava longe demais para ouvir. – Acha que, daqui a 60 anos, seremos como eles.

Revirei os olhos, peguei uma segunda barra de caramelo com amendoim e fui até o balcão esperar minhas fotos. Nada tinha menos probabilidade de acontecer do que Grant e eu andarmos de mãos dadas dali a 60 anos. A atendente me entregou o primeiro rolo, que já havia sido revelado, os negativos cortados e depositados em um envelope



# AFTER DARK

transparente. Enfileirei as fotografias sobre o balcão amarelo-vivo.

As primeiras 10 estavam desfocadas. Não manchas brancas irreconhecíveis, como as da minha primeira tentativa, apenas desfocadas. A partir da 11ª, eram passáveis, mas nada de que eu pudesse me orgulhar. A moça continuou me entregando um rolo de cada vez e continuei a enfileirar as fotos sobre o balcão, tomando cuidado para não tirá-las da ordem.

Grant ficou por perto, abanando-se com cinco embalagens de chocolate vazias. Eu me aproximei dele e mostrei-lhe uma foto. Era a 16ª fotografia do oitavo rolo –

uma rosa branca perfeita, luminosa e nítida, o contraste com o fundo escuro criando uma moldura natural. Grant se inclinou para a frente como se quisesse cheirá-la e assentiu.

– Muito bem.

– Vamos – falei.

Paguei pelos produtos de minha cesta e pelas barras de chocolate de Grant e fui andando em direção à saída.

– E as fotos? – perguntou ele, detendo-se e olhando para o mar de impressões que eu havia deixado em cima do balcão.

– Só preciso desta aqui – respondi, erguendo aquela única fotografia.



# AFTER DARK

---

8



COM A COLUNA PRESSIONADA contra o tronco de uma videira grossa, eu ouvia o barulho do esfregão de Elizabeth.

Deveria estar dando minha caminhada matinal, mas não tinha vontade de andar. Elizabeth abrira todas as janelas para deixar entrar o primeiro ar quente da primavera e, de onde eu estava, na fileira de vinhas mais próxima da casa, podia escutar cada movimento seu.

Já estava na casa dela havia seis meses e tinha me acostumado ao seu conceito de educação domiciliar. Eu não tinha uma mesa. Elizabeth não comprou um quadro-negro, um livro didático nem cartilhas. Em vez disso, colocou uma programação à porta da geladeira – uma folha fina de papel



de arroz com uma letra delicada, as beiradas se enrolando em volta de ímãs redondos e prateados – e eu era responsável pelas atividades e tarefas descritas nela.

A lista de Elizabeth era detalhada, exaustiva e precisa, mas nunca aumentava nem mudava. Todos os dias, depois

do café da manhã e da minha caminhada matinal, eu escrevia no diário encadernado em couro preto que ela havia comprado para mim. Sabia escrever bem e minha ortografia era excelente, mas cometia erros de propósito para que Elizabeth ficasse do meu lado, soletrando e corrigindo as palavras. Quando terminava, eu a ajudava a preparar o almoço e calculávamos as medidas das receitas, dobrando ou reduzindo pela metade os ingredientes. A prataria cuidadosamente enfileirada se tornava frações e xícaras de grãos de feijão complicavam problemas de aritmética. Com o calendário que usava para acompanhar as mudanças climáticas, ela me ensinou a calcular médias, porcentagens e probabilidades.

Ao final de cada dia, Elizabeth lia para mim. Em sua casa, havia diversas prateleiras de clássicos infanto juvenis, edições de capa dura empoeiradas com títulos estampados em dourado: O jardim secreto, Poliana e Laços humanos. Mas eu preferia os livros sobre viticultura, com ilustrações de plantas e equações químicas que davam pistas sobre o mundo que me cercava. Eu decorava os termos técnicos –

lixiviação de nitrato, sequestro de carbono, controle integrado



de pragas – e os usava em conversas casuais, com uma seriedade que fazia Elizabeth rir.

Antes de dormir, riscávamos aquele dia no calendário do meu quarto. Durante o mês de janeiro, simplesmente fiz um pequeno X vermelho na caixa que havia abaixo da data, mas, no final de março, já anotava as temperaturas mínima e

máxima (como Elizabeth fazia em seu próprio calendário), o que tínhamos comido no jantar e uma lista das atividades do dia. Elizabeth cortou um bloco de Post-its do tamanho dos quadrados das datas e muitas noites eu preenchia cinco ou seis deles antes de me deitar.

Mais do que um ritual noturno, o calendário era uma contagem regressiva. O dia 2 de agosto – um após meu suposto aniversário – estava destacado, o quadrado inteiro pintado de cor-de-rosa. Com um hidrocor preto, Elizabeth escrevera 11h, 3º andar, sala 305. Por lei, eu deveria morar com Elizabeth um ano antes que minha adoção pudesse ser formalizada. Meredith havia marcado nossa audiência com a juíza para um ano depois de minha chegada.

Conferi as horas no relógio que Elizabeth me dera. Ainda faltavam 10 minutos para ela me deixar voltar para casa.

Encostei a cabeça nos galhos nus da videira. Analisei as primeiras folhas verdes que já haviam brotado de gomos cerrados, perfeitas versões em miniatura do que se tornariam. Cheirando uma delas, mordisquei uma beirada, pensando em escrever no meu diário sobre o gosto de uma



videira antes de ela dar frutos. Conferi as horas outra vez.

Cinco minutos.

Então, em meio ao silêncio, ouvi a voz de Elizabeth.

Soava clara, confiante, e por um instante achei que ela

estivesse me chamando. Corri de volta para casa, mas me detive quando percebi que ela estava ao telefone. Embora não tivesse voltado a falar sobre a irmã desde nossa visita à fazenda de flores, soube na mesma hora que ela havia telefonado para Catherine. Chocada, sentei-me no chão de terra debaixo da janela da cozinha.

– Outra safra garantida – disse ela. – Não sou de beber, mas hoje em dia entendo melhor o papai. Compreendo a tentação de começar o dia com uma dose de uísque, “para espantar o medo do frio”, como ele dizia. – Ela fez uma pausa breve e percebi que, mais uma vez, estava falando com a secretária eletrônica da irmã. – Enfim... Sei que você me viu naquele dia em outubro. Viu a Victoria? Ela não é linda? É

claro que você não quis me receber e preferi respeitar isso, lhe dar mais tempo. Por isso não tenho telefonado. Mas não posso esperar mais. Decidi voltar a ligar, todos os dias. Mais de uma vez por dia, provavelmente, até você aceitar falar comigo. Preciso de você, Catherine. Não entende isso? Você é a única família que me resta.

Fechei os olhos ao ouvir aquelas palavras. Você é a única família que me resta. Havia oito meses que estávamos juntas, fazendo três refeições por dia à mesa da cozinha, trabalhando lado a lado. Faltavam menos de quatro meses



para minha adoção. Ainda assim, Elizabeth não me considerava sua família. Em vez de tristeza, senti raiva e, quando ouvi o clique do telefone, seguido pelo barulho de



água suja sendo despejada por um ralo, subi os degraus da frente pisando firme. Esmurrei a porta com os punhos cerrados, como se quisesse arrombá-la. O que eu sou, então?

Tive vontade de gritar. Por que estamos fingindo?

Mas quando Elizabeth abriu a porta e olhei seu rosto surpreso, comecei a chorar. Não me lembrava de ter chorado antes e as lágrimas pareciam uma traição à minha raiva.

Estapeei meu rosto, por onde elas corriam. A pontada de dor que sentia a cada tapa me fazia chorar ainda mais.

Elizabeth não perguntou por que eu estava chorando, apenas me puxou para dentro da cozinha. Sentando-se numa cadeira de madeira, me aninhou desajeitadamente em seu colo. Dentro de poucos meses eu teria 10 anos. Estava velha demais para me sentar no seu colo, para ser aninhada daquele jeito e consolada. Também já era velha demais para ser devolvida. De repente, fiquei ao mesmo tempo aterrorizada diante da ideia de ser mandada para um abrigo e surpresa pelo fato de a tática de Meredith para me assustar ter funcionado. Com o rosto enterrado no pescoço de Elizabeth, eu soluçava sem parar. Ela me abraçou apertado.

Esperei que dissesse para eu me acalmar, mas ela não fez isso.

Minutos se passaram. Um cronômetro de cozinha apitou no fogão, mas Elizabeth não se levantou. Quando finalmente



ergui a cabeça, a cozinha recendia a chocolate. Elizabeth

havia feito um suflê para comemorar a virada do tempo e o aroma era forte e doce. Sequei os olhos no ombro da sua blusa e me endireitei, afastando-me para encará-la. Quando nossos olhares se cruzaram, pude ver que ela também tinha chorado. Lágrimas pendiam da sua mandíbula para cair em seguida.

– Eu amo você – disse Elizabeth, fazendo-me voltar a chorar.

No forno, o suflê de chocolate começou a queimar.



# AFTER DARK



9

NA MANHÃ DE SEGUNDA-FEIRA, Grant saiu bem cedo para o mercado de flores, mas não fui com ele. Quando acordei, horas depois, fiquei surpresa ao descobrir que não estava sozinha na fazenda. Homens gritavam uns para os outros entre as fileiras de flores e mulheres se ajoelhavam no solo molhado, arrancando ervas daninhas. Observei tudo aquilo pelas janelas: a poda, o cultivo, a fertilização e a colheita.

Nunca tinha me passado pela cabeça que outras pessoas além de Grant cuidassem daqueles vários acres de flores, mas, assim que vi os trabalhadores em ação, me pareceu ridículo que eu pudesse ter imaginado algo diferente.



Havia muito trabalho; inúmeras tarefas. E, embora não gostasse da ideia de dividir a fazenda com mais ninguém, especialmente no primeiro dia em que Grant me deixava sozinha ali, me senti grata pelos trabalhadores que persuadiam as centenas de tipos de flores a desabrocharem.

Troquei de roupa, vestindo uma camiseta branca limpa, e escovei os dentes. Peguei um pedaço de pão, a câmera e saí

da torre de água. Os trabalhadores me cumprimentaram meneando a cabeça e sorrindo, mas não puxaram conversa.

Entrei na estufa mais próxima. Era a que Grant havia me mostrado em nosso primeiro passeio por ali, quase toda composta de orquídeas, com uma só parede de vários tipos de hibisco e açucenas. Estava mais quente lá dentro e me senti confortável com minha camiseta fina. Comecei pela prateleira mais alta da parede esquerda. Numerando meu bloco de notas, tirei duas fotos de cada flor e escrevi seus nomes científicos em vez dos ajustes da câmera. Mais tarde, usaria os livros de jardinagem de Grant para determinar o nome comum de cada uma, escrevendo-o nas margens da folha e abrindo meu dicionário para colocar um X ao lado das que havia fotografado. Gastei quatro rolos de filme e fiz 16

marcações em meu dicionário. Levaria a semana inteira para fotografar todas as flores desabrochadas e toda a primavera para esperar as outras abrirem. Mesmo assim, provavelmente não conseguiria fotografar tudo.

A poucos passos da parede dos fundos, com o olho colado ao visor da câmera, tropecei em um objeto grande no



meio do corredor. Quando olhei para baixo vi uma caixa de papelão fechada. A palavra junquilha estava escrita no topo com hidrocor preto grosso.

Espiei dentro da caixa. Seis vasos de cerâmica encontravam-se dispostos lado a lado, a terra arenosa dentro

deles estava úmida, como se tivessem sido regados naquela manhã. Enfieí meu dedo uns dois centímetros na terra, esperando sentir um broto prestes a emergir, mas não havia nada. Fechando a caixa, segui adiante, a câmara clicando e o filme avançando sempre que eu encontrava uma nova planta com um botão aberto.

Os dias se seguiram dessa forma. Grant saía antes que eu acordasse. Eu passava longas tardes sozinha nas estufas, cruzando com trabalhadores gentis no trajeto entre meu trabalho e a torre de água. Quase todas as noites, Grant trazia comida da rua, mas às vezes jantávamos pizza congelada ou sopa enlatada com pacotes inteiros de pão de fôrma.

Depois do jantar, líamos juntos no segundo andar e às vezes até dividíamos o sofá. Nessas noites, eu esperava a necessidade atordoante de solidão tomar conta de mim, mas assim que o clima começava a ficar pesado, Grant se levantava, me dava boa-noite e desaparecia pela escada em espiral. Às vezes, voltava uma hora depois, outras, só na noite seguinte. Eu não sabia para onde ele ia nem onde dormia, mas não perguntava.



Já estava em sua casa havia quase duas semanas quando ele chegou um fim de tarde com um frango. Cru.

– O que vamos fazer com isso? – perguntei, erguendo a ave fria em sua embalagem de plástico.

– Cozinhar – respondeu ele.

– Como assim “cozinhar”? Nem sabemos limpar esse bicho.

Grant me mostrou uma tira comprida de papel, a nota fiscal das compras. No verso, havia anotado instruções de preparo e as leu em voz alta para mim. Começavam com preaquecer o forno e terminavam com algo sobre alecrim e batatas.

Acendi o forno.

– Pronto, já dei minha contribuição – falei. – Daqui pra frente é com você. –  
Sentei-me à mesa.

Ele pegou um tabuleiro e lavou as batatas, cortando-as em cubos e salpicando-as com alecrim. Depois de colocá-las no tabuleiro com o frango, regou tudo com azeite de oliva, sal e temperos de um pequeno jarro. Por fim, lavou as mãos e colocou o tabuleiro no forno.

– Pedi ao açougueiro a receita mais simples possível e foi essa que ele me passou. Nada mal, não é?

Dei de ombros.



– O único problema – acrescentou ele – é que leva mais de uma hora para assar.

– Mais de uma hora!

A ideia de esperar me deu dor de cabeça. Não tinha comido nada desde o café da manhã e meu estômago estava vazio a ponto de eu ficar enjoada.

Grant acendeu uma vela e pegou um baralho.

– Para passar o tempo – falou.

Então programou um cronômetro de cozinha e se sentou à minha frente.

Jogamos cartas à luz de velas. Isso nos manteve entretidos o suficiente para que não desmaiássemos. Quando o cronômetro apitou, coloquei os pratos na mesa e Grant cortou o peito do frango em fatias finas. Arranquei uma coxa da ave dourada e comecei a comer.

Estava delicioso – o sabor era inversamente proporcional ao trabalho que Grant tivera para preparar. A carne estava quente e macia. Mastiguei e engoli pedaços enormes, então arranquei a outra coxa antes que Grant pudesse pegá-la, comendo primeiro a pele bem temperada.

Na minha frente, Grant comia uma fatia de peito com garfo e faca, cortando um pedaço de cada vez e mastigando devagar. Seu rosto demonstrava tanto o prazer de saborear o prato quanto o orgulho por seu feito. Ele largou os talheres e,



quando olhou para mim, pude notar que estava gostando de ver meu apetite voraz. Seu olhar atento me deixou sem graça.

Larguei a segunda coxa, da qual só restava o osso.

– Você sabe que não vamos ficar daquele jeito, certo? –

perguntei. – Como aqueles dois?



Grant olhou para mim, confuso.

– Na farmácia, aquele casal de velhos, o tapinha e as piscadelas. Não vamos ficar daquele jeito. Você provavelmente nem vai mais me conhecer daqui a 60 anos – falei.

O sorriso dele se desfez.

– Por que você tem essa certeza?

Refleti sobre a pergunta dele. Eu tinha certeza e Grant sabia disso. Mas era difícil explicar por quê.

– O máximo de tempo que já convivi com uma pessoa, com exceção da minha assistente social, que não conta, foram 15 meses.

– O que aconteceu depois desses 15 meses?

Eu o encarei com olhos suplicantes. Quando percebeu qual era a resposta, ele desviou o olhar, constrangido.

– Mas por que não agora?

Essa era a pergunta mais apropriada e, quando ele a fez, eu soube qual era a resposta.



– Não confio em mim mesma – declarei. – Seja qual for a vida que você imagine para nós dois juntos, não vai acontecer. Eu estragaria tudo.

Eu podia ver que Grant estava pensando no que falei,

tentando vislumbrar o abismo entre meu tom categórico e sua visão do nosso futuro, e construindo uma ponte entre os dois extremos, com uma combinação de esperança e mentiras. Diante de suas fantasias desesperadas, senti uma mistura de pena e vergonha.

– Por favor, não perca seu tempo – pedi. – Tentando, quero dizer. Já tentei uma vez e fracasei. Não é possível para mim.

Quando Grant voltou a me olhar, a expressão em seu rosto havia mudado. Seu maxilar estava contraído, as narinas ligeiramente dilatadas.

– Você está mentindo – disse ele.

– O quê? – perguntei. Aquela não era a resposta que eu estava esperando.

Grant pressionou os dedos contra a testa e, quando falou, suas palavras saíram lentas e cautelosas:

– Não minta. Pode dizer que nunca vai me perdoar pelo que minha mãe fez ou que tem nojo de olhar para mim. Mas não minta dizendo que é por sua culpa que nós nunca poderemos ficar juntos.



Peguei os ossos do frango, limpando a gordura dos tendões. Não conseguia encará-lo. Precisava de tempo para processar o que ele estava dizendo. Pelo que minha mãe fez.

Só havia uma explicação. Quando reencontrei Grant, procurei raiva em seu rosto. Como não a encontrei, imaginei estar

sendo perdoada. Mas a realidade era bem diferente. Grant não estava com raiva de mim porque não conhecia a verdade.

Eu não sabia como era possível que ele morasse com sua mãe na época e ainda assim não soubesse, mas não perguntei.

– Não estou mentindo – foi tudo o que consegui dizer.

Grant largou o garfo, o metal retinindo contra o prato de cerâmica, e se levantou.

– Você não foi única que teve a vida arruinada por ela –

disse, saindo da cozinha e desaparecendo na noite.

Tranquei a porta atrás dele.



*10*



OMERCADO DOS FAZENDEIROS ficava cheio em julho.

Carrinhos de bebê abarrotados de compras e carregando crianças sujas de frutas bloqueavam os corredores, enquanto velhos com carrinhos de mão agitavam impacientemente os braços para as mães distraídas. Ao caminhar, eu esmagava cascas de pistache descartadas. Apertei o passo para acompanhar Elizabeth, que estava indo comprar amoras.

Ela me disse que, depois do almoço, faríamos bolo de amoras e sorvete. Era um suborno para me manter dentro de casa, longe do calor sem precedentes e de suas uvas que amadureciam depressa. Relutei, mas acabei concordando.



Durante toda a primavera, Elizabeth e eu havíamos trabalhado lado a lado no vinhedo e, agora que não havia quase mais nada a fazer além de esperar, eu não queria me afastar das plantas. Sentia falta das longas manhãs chupando as uvas, podando brotos que surgiam na base dos troncos para que as videiras concentrassem suas forças onde deveriam. Sentia falta de pegar uma faca de cozinha e seguir o pequeno trator que Elizabeth usava para sulcar a terra, arrancando as ervas daninhas restantes à mão, como ela me ensinara: primeiro afrouxando as raízes com a ponta afiada

da faca e depois puxando as plantas do solo. Já estava usando a faca havia mais de três meses quando falei para Elizabeth que deixar crianças ainda não legalmente adotadas usarem facas era contra o código de bem-estar infantil. No entanto, ela não a tirou de mim. Você já foi adotada, limitou-se a dizer. E, embora eu realmente me sentisse assim (sentia-me tão diferente da garota que havia chegado ali quase um ano antes que quase todas as manhãs ficava olhando meu rosto no espelho do banheiro, procurando sinais físicos da mudança que eu sabia que tinha ocorrido), aquilo não era exatamente a verdade. Eu ainda não tinha sido oficialmente adotada e não o seria até comparecer diante da juíza, em agosto.

Abrindo caminho pela multidão, cheguei ao lado de Elizabeth.

– Amoras? – ofereceu-me ela, passando-me uma bandeja de papel verde.



Sobre uma mesa coberta por um pano vermelho, o vendedor havia disposto pilhas de vários tipos de amoras.

Peguei uma da bandeja e a coloquei na boca. Era roliça e doce e manchou meus dedos de roxo.

Elizabeth colocou seis bandejas de papel em uma bolsa de plástico, pagou e foi para a barraca seguinte. Eu a acompanhava pelo mercado quente, carregando as sacolas que não cabiam em sua bolsa de lona abarrotada. Em um caminhão de laticínios, ela me entregou um garrafão de leite, o recipiente de vidro suava.

– Já acabou? – perguntei.

– Quase. Venha – disse ela, chamando-me para o outro lado do mercado.

Antes mesmo de ela passar pela barraca de damascos, o último vendedor que conhecíamos naquele corredor, entendi aonde estávamos indo. Enfiando o garrafão escorregadio debaixo do braço, corri até Elizabeth, agarrei a manga de sua blusa e a puxei. Mas isso fez apenas com que ela andasse mais rápido. Ela não parou até chegar à barraca de flores.

A mesa estava coberta de buquês de rosas. De perto, a perfeição das flores era surpreendente: cada pétala firme e lisa, colada uma sobre a outra, as bordas se enrolando lindamente. Elizabeth ficou parada; assim como eu, analisava as flores. Apontei para um buquê misto, na esperança de que ela escolhesse um arranjo, pagasse e se virasse para ir embora sem falar nada. Mas, antes que ela pudesse comprar



qualquer coisa, o rapaz arrebatou as flores que restavam em cima da mesa e as jogou na caçamba do caminhão. Meus olhos se arregalaram. Ele não ia vender nada para Elizabeth.

Observei o rosto dela em busca de uma reação, mas sua expressão era indecifrável.

– Grant? – falou Elizabeth. Ele não respondeu; nem sequer olhou em sua direção. Ela tentou novamente. – Sou sua tia. Elizabeth. Você precisa saber disso.

Ele estendeu uma lona sobre as flores. Continuou

olhando fixamente para as rosas, mas suas orelhas recuaram um pouco e ele ergueu o queixo. De perto, parecia mais velho.

Havia pelos finos sobre seu lábio superior e seus braços, que eu imaginara magros, eram definidos. Ele usava apenas uma camiseta branca e a curva de suas omoplatas fazia o tecido fino subir e descer de uma maneira que me parecia hipnotizante.

– Você vai me ignorar? – insistiu Elizabeth. Quando ele não respondeu, a voz dela mudou, assumindo o mesmo tom que eu recordava de minhas primeiras semanas em sua casa: austero, paciente e inesperadamente irritado. – Você poderia ao menos olhar para mim? Olhe para mim quando eu estiver falando com você.

Ele não olhou.

– Isso não tem nada a ver com você. Nunca teve. Passei anos observando você crescer de longe e tudo que mais queria era correr até aqui e segurá-lo em meus braços.



Grant prendeu a lona com uma corda, os músculos de seus braços retesados. Era difícil imaginar alguém o pegando nos braços, difícil imaginar que não tivesse sido sempre tão forte. Depois de apertar um último nó, ele se virou.

– Então deveria ter feito isso, se era o que queria. – Sua voz era fria, sem emoção. – Ninguém a impediu.

– Não – disse Elizabeth, balançando a cabeça. – Você não sabe do que está falando.



Suas palavras saíram num tom baixo, frisadas por uma vibração grave que, em outros lares adotivos nos quais eu morara, era um indício de um ataque. Mas Elizabeth não partiu para cima dele, como eu imaginei que faria. Em vez disso, falou algo tão surpreendente que Grant girou o rosto na minha direção, seus olhos encontrando os meus pela primeira vez.

– Victoria vai fazer um bolo de amora – sussurrou ela. –

Você deveria aparecer lá em casa.





*11*

A IMAGEM DO ROSTO DE GRANT, desapontado e desesperado, me manteve acordada. Antes mesmo do amanhecer, desisti de tentar dormir e me sentei à mesa da cozinha, esperando o som do motor do caminhão. Em vez disso, fui assustada por uma batida leve na porta. Quando a abri, Grant passou sonolento por mim e subiu as escadas. Lá em cima, ouvi o chuveiro ser aberto. Foi então que me dei conta de que era domingo.

Queria voltar ao quarto azul, à loja de Renata, aos pagamentos e à correria dos arranjos para as festas de fim de ano. Tinha ficado tempo de mais na casa de Grant. Mas ele não iria à cidade. Sentei-me no último degrau da escada e



pensei em como convencê-lo a fazer uma viagem de ida e volta de três horas no seu dia de folga.

Ainda estava pensando quando senti seu pé contra as minhas costas. A pressão inesperada me fez escorregar do degrau e cair no chão da cozinha.

– Levante-se – disse ele. – Vou levá-la de volta.

Suas palavras não me eram estranhas. Lembrei-me das diversas variações daquela frase que tinha escutado ao longo dos anos: Faça suas malas. Alexis não quer mais dividir o quarto dela. Você já está velha demais para passar por isso outra vez. O mais normal era que dissessem simplesmente

Meredith está vindo, às vezes seguido por um Sinto muito.

Para Grant, repeti minha resposta de sempre:

– Estou pronta.

Peguei minha mochila, pesada por causa da câmera e de dezenas de rolos de filme, e subi no caminhão. Grant dirigiu depressa pelas estradas ainda escuras, pegando a contramão para ultrapassar caminhões que transportavam produtos agrícolas. Ele enveredou pela primeira saída ao sul da ponte e então parou no acostamento da rampa de acesso movimentada. Não havia um só ponto de ônibus à vista. Sem sair do lugar, olhei para os dois lados da rua.

– Tenho que voltar para o mercado dos fazendeiros – disse ele, sem olhar para mim.



Grant desligou o motor e deu a volta pela frente do caminhão. Abriu a porta do carona e estendeu o braço para pegar a mochila que estava sobre meus pés. Seu peito roçou meus joelhos e, quando ele recuou, o calor entre nossos corpos se dispersou em uma lufada de vento frio de dezembro. Saltei e peguei minha mochila.

Então é assim que termina, pensei, com uma câmera cheia de imagens de uma fazenda de flores à qual eu nunca mais voltaria. Já sentia falta delas, mas não me permitiria sentir falta de Grant.

Tive que pegar quatro conduções para voltar a Potrero Hill, mas só porque peguei o 38 na direção errada e acabei parando na região de Point Lobos. Já era metade da manhã quando cheguei à Bloom e Renata ainda estava abrindo a loja. Ela sorriu ao me ver.

– Duas semanas sem trabalho e sem ajudante – disse ela. – Quase enlouqueci de tédio.

– Por que as pessoas não se casam em dezembro? – perguntei.

– O que tem de romântico em árvores sem folhas e céu cinzento? Os casais esperam a primavera e o verão: céu azul, flores, férias, essas coisas.

Para mim, azul e cinza eram igualmente pouco românticos e luz forte não favorecia ninguém nas fotografias.

Mas noivas eram irracionais; pelo menos isso eu tinha aprendido com Renata.



– Quando você precisa que eu volte a trabalhar? – perguntei.

– Tenho um casamento grande no Natal. Depois vou precisar de você todos os dias até a primeira semana de janeiro.

Concordei e perguntei a que horas deveria chegar.

– No Natal? Ah, não se preocupe em acordar cedo. O

casamento é tarde e vou comprar as flores na véspera. Mas esteja aqui às nove.

Assenti e Renata tirou um envelope de dinheiro da registradora.

– Feliz Natal – disse ela.

Mais tarde, no quarto azul, abri o envelope e vi que ela me pagara o dobro do que havia prometido. Bem a tempo de comprar os presentes de Natal, pensei com ironia, enfiando o dinheiro na mochila.

Gastei a maior parte do bônus em uma caixa de rolos de filme que comprei num fornecedor de artigos fotográficos por atacado e o restante numa loja de materiais artísticos na Market Street. Meu dicionário não seria um livro. Comprei duas caixas de fotos forradas de tecido, uma laranja e outra azul; cartolina preta cortada em retângulos de 13 por 18

centímetros; uma lata de spray adesivo para fotografias; e uma caneta prateada.



Ainda faltavam 10 dias para o Natal. Exceto pelas fotos que tirei de meu jardim negligenciado na McKinley Square – a urze e o helenium haviam sobrevivido, apesar do clima ruim e do abandono –, parei de fotografar por um tempo. Tinha gastado 25 rolos de filme na fazenda de Grant e levei todos esses 10 dias para revelá-los, separar as impressões, montá-

las na cartolina e identificá-las. Abaixo da imagem de cada flor, escrevi seu nome comum, seguido do nome científico e anotei seu significado no verso. Fiz duas versões de cada flor e coloquei uma em cada caixa de fotos.

Na véspera de Natal, todos os cartões estavam prontos.

Natalya e sua banda tinham ido para algum desses lugares aonde as pessoas vão nas festas de fim de ano e o apartamento estava deliciosamente silencioso. Levei as caixas para o estúdio no andar de baixo, espalhei as fotos em fileiras bem-ordenadas, com espaço suficiente entre elas para que eu pudesse andar. Dispus os cartões da caixa cor de laranja com as flores viradas para cima e os da caixa azul com as flores viradas para baixo. Fiquei horas andando por entre as fileiras, alfabetando primeiro as flores e depois os significados. Quando terminei, guardei todos os cartões de volta nas caixas e abri o dicionário de flores de Elizabeth para avaliar meu progresso. Estávamos no meio do inverno e eu já havia concluído metade do meu dicionário ilustrado.

A pizzaria no topo da ladeira estava vazia. Pedi uma pizza para viagem e a comi na cama de Natalya, olhando para a rua deserta lá embaixo. Mais tarde, fui me deitar no quarto



azul. Embora ele estivesse silencioso, quente e escuro, não consegui pregar os olhos. Um feixe de luz branca e tênue de um poste de rua invadia o quarto de Natalya e se esgueirava pela fresta da porta do closet. O raio era da finura de um lápis e traçava uma linha na parede oposta, passando pelo

meio das minhas caixas de fotos. A caixa azul era exatamente da mesma cor da parede, o que fazia com que a cor de laranja, em cima dela, parecesse flutuar. Ela não deveria estar ali.

Seu lugar era na estante de Grant, de frente para o sofá laranja. Esse foi o motivo pelo qual escolhi aquela cor, embora não tivesse admitido. Grant tinha ficado para trás. Já não havia mais necessidade de evitar mal-entendidos na linguagem das flores, ainda assim, comprei uma caixa a mais, cor de laranja, e fiz um segundo jogo de cartões.

Destranquei a portinhola que dava para a sala de estar e coloquei a caixa cor de laranja do lado de fora.







*12*

GRANT NÃO FOI COMER o bolo de amoras. Ele deveria ter vindo, pensei, lambendo o fundo do prato na manhã seguinte. Estava uma delícia.

Enquanto eu colocava a louça na pia, Elizabeth entrou correndo pela porta dos fundos, sem fôlego. Seu cabelo estava solto, caído sobre os ombros, e percebi que nunca, em quase um ano, eu a vira sem um coque apertado na nuca. Ela sorriu, com os olhos cheios de uma felicidade incontida que eu nunca tinha visto.

– Descobri! – exclamou. – É ridículo que eu não tenha pensado nisso antes.

– O quê? – perguntei.



A alegria dela me deixou inexplicavelmente nervosa.

Lambendo geleia de amora de uma colher, eu a observava com atenção.

– Quando eu estava no internato, Catherine e eu trocávamos cartas... até minha mãe começar a interceptá-las.

– Interceptá-las?

– É. Ela pegava as cartas e as lia. Não confiava em mim, achava que de alguma forma aquela correspondência corromperia Catherine, embora ela já fosse quase adulta e eu não passasse de uma criança. Por muitos anos paramos de escrever uma para a outra. Mas pouco depois de completar

20 anos, minha irmã descobriu um dicionário de flores vitoriano na estante do meu avô. Então começou a me enviar desenhos de flores, com o nome científico escrito com capricho no canto inferior direito. Ela me mandou dezenas desses desenhos junto com bilhetes que diziam apenas: “Você sabe o que estou lhe dizendo?”

– Você sabia? – perguntei.

– Não – respondeu Elizabeth, balançando a cabeça como se revivesse sua frustração adolescente. – Perguntei a todos os bibliotecários e professores. Já haviam se passado meses quando a bisavó da minha colega de quarto foi visitá-la, viu os desenhos na minha parede e me falou sobre a linguagem das flores. Então encontrei um dicionário na biblioteca e enviei um bilhete para minha irmã na mesma hora, mas em



vez de desenhos, mandei flores dentro do envelope, porque eu não tinha nenhum talento artístico.

Elizabeth foi para a sala de estar e voltou com uma pilha de livros, que pôs sobre a mesa da cozinha.

– Durante anos, foi assim que nos comunicamos. Eu enviava poemas e histórias ligando flores secas com pedaços de linha, intercaladas por palavras datilografadas em pedacinhos de papel: e, o/a, se, isso. Minha irmã continuou mandando desenhos, às vezes paisagens inteiras, repletas de vários tipos de flores, todas numeradas e com legenda, para que eu soubesse qual ler primeiro para decodificar a

sequência de acontecimentos e emoções em sua vida. Eu vivia para aquelas cartas e checava a caixa de correio mil vezes por dia.

– Mas como isso vai ajudar você a conquistar o perdão de sua irmã? – perguntei.

Elizabeth já estava se encaminhando para o jardim, mas parou de repente e girou o corpo para me encarar.

– Sou eu que estou dando meu perdão a ela – falou. –

Não se esqueça disso. – Ela respirou fundo e prosseguiu: –

Mas vou lhe dizer como isso vai me ajudar. Catherine vai se lembrar de como éramos próximas e de como eu a entendia melhor do que qualquer outra pessoa no mundo. E, mesmo que seu remorso não a deixe atender o telefone, ela vai me responder com flores. Sei que vai.



Elizabeth saiu. Quando voltou, trazia um ramalhete de três flores, uma de cada tipo. Pegou uma tábua de corte em cima do balcão e pôs em cima da mesa da cozinha junto com as flores e uma faca afiada.

– Vou lhe ensinar – disse Elizabeth. – E você vai ser minha ajudante.

Eu me sentei à mesa da cozinha. Elizabeth ainda me ensinava sobre as flores e seus significados, mas não de maneira formal ou estruturada. No dia anterior, tínhamos passado por uma carteira costurada à mão no mercado dos fazendeiros, o tecido estampado com pequenas flores

brancas. Pobreza para uma carteira, dissera Elizabeth, balançando a cabeça. Ela apontou para as flores e explicou as características que definiam a clemátis.

Sentada ao seu lado, eu estava animada diante da perspectiva de receber uma aula formal. Puxei minha cadeira para o mais perto possível de Elizabeth. Ela pegou uma flor roxa do tamanho de uma noz com um centro amarelo como o sol.

– Prímula – declarou, girando a flor com formato de catavento entre o polegar e o indicador antes de colocá-la, com a face para cima, sobre a palma macia e branca de sua mão. – Infância.

Eu me debrucei sobre sua mão, aproximando o nariz das pétalas. A prímula tinha um aroma forte, como álcool



adocicado misturado com perfume de mãe. Afastando o rosto, expeli o ar das minhas narinas com força.

Elizabeth riu.

– Também não gosto do cheiro. Doce demais, como se ela quisesse esconder seu verdadeiro aroma indesejável.

Concordei com a cabeça.

– Então, se não soubéssemos que esta é uma prímula, como poderíamos descobrir? – perguntou Elizabeth, largando a flor e pegando um livro de bolso. – Este é um guia de flores silvestres norte-americanas, dividido por cores. A prímula deve estar na parte das roxas e azuis.

Ela me entregou o livro. Abri-o na seção indicada, folheando as páginas até encontrar o desenho que combinava com a flor em questão.

– *Prímula cusickiana* – li. – Família das primuláceas, Primulaceae.

– Ótimo. – Ela pegou a segunda das três flores, grande e amarela, com seis pétalas pontudas. – Agora esta. Lírio, majestade.

Pesquisando as flores amarelas, encontrei o desenho correspondente. Apontei para ele com um dedo úmido e observei a mancha d'água se espalhar. Elizabeth assentiu.

– Agora vamos supor que você não tenha encontrado o desenho ou não tivesse certeza de que fosse o certo. É aí que você precisa conhecer as partes das flores. Usar um guia



como este é um pouco como ler um daqueles livros-jogos, em que a gente escolhe o rumo da história. Você deve começar com algumas perguntas simples: a flor tem pétalas?

Quantas? E cada resposta conduz você a outra série de perguntas mais complexas.

Elizabeth apanhou a faca e cortou o lírio ao meio, suas pétalas caindo abertas sobre a tábua. Ela me mostrou o ovário e pressionou a ponta do meu dedo contra o topo grudento do estigma alongado.

Contamos pétalas e descrevemos seus formatos.

Elizabeth me ensinou a definição de simetria, a diferença entre os ovários inferior e superior e as várias maneiras como as flores podem estar dispostas nos caules. Depois me testou, usando a terceira flor que havia escolhido: uma violeta, pequena e murcha.

– Ótimo – disse, quando respondi à sua sabatina. –

Muito bem. Você aprende rápido. – Ela puxou minha cadeira para trás e eu descí. – Agora vá se sentar no jardim enquanto faço o jantar. Pare diante de cada planta que conhece e faça a si mesma as mesmas perguntas que lhe fiz. Quantas pétalas, qual a cor, qual o formato? Se souber que é uma rosa, o que faz dela uma rosa e não um girassol?

Elizabeth ainda estava tagarelando suas perguntas quando saí da cozinha correndo.

– Pegue algo para Catherine! – gritou ela.

Desapareci pelos degraus abaixo.



---

*13*





AO ESTACIONAR A CAMINHONETE na rua vazia, Renata pareceu surpresa ao me ver sentada no meio-fio às sete da manhã. Dava para notar que eu havia passado a noite em claro. Ela ergueu as sobrancelhas e sorriu.

– Está esperando o Papai Noel? – perguntou. – Ninguém lhe contou a verdade?

– Não – falei. – Nunca.

Segui Renata até a câmara frigorífica e ajudei-a a tirar baldes de rosas vermelhas, cravos brancos e cravos-de-amor.

Essas eram as flores de que eu menos gostava.



– Por favor, diga que esse pedido veio de uma noiva perigosa.

– Ela ameaçou me matar – disse ela.

Nós compartilhávamos o mesmo desprezo pelas rosas vermelhas.

Renata saiu e, quando voltou com dois copos de café, eu já havia terminado três arranjos de mesa.

– Obrigada – falei, pegando o copo de papel.

– Não tem de quê. E vá mais devagar. Quanto mais cedo terminarmos, mais tempo terei para ficar na festa de Natal de minha mãe.

Peguei uma rosa e cortei os espinhos em câmera lenta, enfileirando os triângulos

afiados na mesa.

– Assim está melhor – disse ela –, mas ainda poderia ser mais devagar.

Trabalhamos com uma lentidão exagerada durante o restante da manhã, mas ainda assim terminamos ao meio-dia. Renata apanhou o pedido e conferiu duas vezes nossos arranjos. Por fim, baixou a lista.

– Está tudo certo?

– Sim, infelizmente. É só fazer a entrega e depois ir para a festa de Natal. Você vem comigo.

– Não, obrigada – respondi, tomando um último gole de café frio e colocando a mochila nas costas.



– Dei a entender que você tinha escolha? Porque não tem.

Eu poderia ter discutido, mas me sentia em dívida por causa do bônus que ela me dera e estava no clima para comidas de fim de ano, mesmo que não para as comemorações. Não sabia nada sobre comida russa, mas tinha que ser melhor do que o presunto processado que eu pretendia comer direto da embalagem.

– Está bem – falei. – Mas tenho outro compromisso às cinco.

Ela deu uma gargalhada. Devia saber que era inconcebível que eu tivesse qualquer outro compromisso no Natal.

A mãe de Renata vivia no Richmond Discript e atravessamos a cidade pelo caminho mais longo possível.

– Minha mãe é dose – falou Renata.

– Em que sentido? – perguntei.

– Em todos os sentidos – disse ela.

Renata estacionou em frente a uma casa rosa-shocking.

Uma bandeira de Natal tremulava em um mastro de madeira e a varanda pequena estava entulhada de criaturas de plástico reluzentes: anjos, uma rena, esquilos com chapéus de Papai Noel e pinguins dançantes com cachecóis de tricô.

Renata abriu a porta e adentramos uma muralha de calor. Homens e mulheres estavam sentados nas almofadas,



nos braços e nas costas dos sofás; meninos e meninas estavam deitados de barriga para baixo no tapete felpudo, enquanto bebês passavam engatinhando por cima de suas pernas magras. Entrei e tirei o casaco e o suéter, mas o caminho até o closet, onde Renata cumprimentou alguém mais ou menos da minha idade, estava totalmente bloqueado por pequenos corpos.

Fiquei parada diante da porta e uma versão mais velha e rechonchuda de Renata abriu caminho em meio à multidão.

Ela carregava uma grande travessa de madeira com rodela

de laranja, nozes, figos e tâmaras.

– Victoria! – exclamou ao me ver.

Entregou a travessa para Natalya, que estava estirada no sofá e passou por cima das crianças que bloqueavam seu caminho até onde eu estava. Quando me abraçou, meu rosto se afundou em sua axila e as mangas largas de seu suéter de lã cinza envolveram minhas costas como se tivessem vida própria. A mãe de Renata era alta e forte. Quando finalmente consegui me soltar, ela agarrou meus ombros e inclinou minha cabeça para cima para que eu a encarasse.

– Victoria, querida – falou, seus cabelos brancos longos e ondulados caindo para a frente e fazendo cócegas no meu rosto. – Minhas filhas me falaram tanto a seu respeito que eu já amava você antes mesmo de nos conhecermos.

Ela cheirava a prímula e cidra. Eu me desvencilhei.



– Obrigada por me convidar, senhora... – parei de falar, percebendo que Renata nunca tinha me dito o nome de sua mãe.

– Marta Rubina – disse ela. – Mas as pessoas me chamam de Mamãe Ruby.

Ela esticou a mão como se quisesse me cumprimentar, então riu e me abraçou outra vez. Estávamos encurraladas num canto e eram apenas as paredes grossas atrás de mim que me mantinham de pé. Ela me puxou para a frente e, com o braço em volta dos meus ombros, me conduziu pela sala.

As crianças saíram do caminho e Renata, empoleirada em uma cadeira dobrável num canto, observava a cena com um sorriso.

Mamãe Ruby me levou até a cozinha, onde me fez sentar a uma mesa diante de dois pratos cheios de comida. O

primeiro tinha um grande peixe assado, inteiro, com especiarias e o que parecia ser algum tipo de tubérculo. O

segundo tinha feijões, ervilha e batatas com salsa. Ela me deu um garfo, uma colher e uma tigela de sopa de cogumelos.

– Nós já comemos há horas – falou –, mas guardei um pouco para você. Renata me disse que você estaria com fome, o que me deixou muito feliz. A coisa de que mais gosto no mundo é alimentar minha família.

Mamãe Ruby se sentou de frente para mim. Ela tirou as espinhas do meu peixe, enfiou o dedo nas minhas ervilhas e, constatando que estavam frias, as requentou. Ela me



apresentava a todos que passavam por ali: filhas, genros, netos, namorados e namoradas de vários membros da família.

Eu erguia os olhos e balançava a cabeça, mas não largava o garfo.

Dormi na casa de Mamãe Ruby. Não era a minha intenção. Depois do jantar, escapei para um quarto de hóspedes vazio e, graças à combinação da comida pesada com a insônia da noite anterior, apaguei quase antes de me deitar.

O cheiro de café me arrancou da cama na manhã seguinte. Espreguicei-me e caminhei pelo corredor até encontrar o banheiro. A porta estava aberta. Lá dentro, Mamãe Ruby estava debaixo do chuveiro atrás de uma cortina de plástico transparente. Quando a vi, me virei e saí correndo.

– Entre! – gritou ela. – Só tem um banheiro. Faça de conta que não estou aqui!

Encontrei Renata na cozinha, servindo café. Ela me entregou uma caneca.

– Sua mãe está no banho – falei.

– Com a porta aberta, aposto – disse ela, bocejando.

Assenti.

– Desculpe por isso.



Servi-me de café e me recostei na pia.

– Minha mãe era parteira na Rússia – contou Renata. –

Está acostumada a ver mulheres nuas logo depois de conhecê-las. A década de 1970 nos Estados Unidos caiu como uma luva para ela e acho que ainda não percebeu que os tempos mudaram.

Então, Mamãe Ruby entrou na cozinha, vestindo um roupão felpudo coral.

– O que mudou? – perguntou ela.

Renata balançou a cabeça.

– A nudez.

– Não acho que a nudez tenha mudado desde o nascimento do primeiro ser humano – disse Mamãe Ruby. –

O que mudou foi a sociedade.

Renata revirou os olhos e me encarou.

– Minha mãe e eu temos essa mesma discussão desde que aprendi a falar. Aos 10 anos, garanti que não teria filhos porque nunca mais voltaria a ficar nua na frente dela. E olhe para mim: 50 anos e sem filhos.

Mamãe Ruby quebrou um ovo numa frigideira e ele estalou na chapa quente.

– Fiz o parto de todos os meus 12 netos – disse ela, com orgulho.

– A senhora ainda é parteira?



– Não oficialmente – respondeu ela. – Mas ainda recebo ligações às duas da manhã de todos os cantos da cidade. E

sempre vou. – Ela me deu um prato com ovos com a gema mole.

– Obrigada – falei. Eu os comi e fui para o banheiro em seguida, trancando a porta ao entrar.

– Seria bom me avisar da próxima vez – falei para Renata mais tarde naquela manhã, enquanto voltávamos para a Bloom.

Tínhamos uma semana inteira de casamentos pela frente e nos sentíamos descansadas e bem alimentadas.

– Se eu tivesse avisado – retrucou Renata –, você não teria vindo. E precisava de um pouco de descanso e boa comida. Nem pense em dizer que não.

Não discuti.

– Minha mãe é uma lenda no círculo das parteiras. Já viu de tudo e os resultados dela são melhores que os da medicina moderna, embora não devessem ser. Você provavelmente vai aprender a gostar dela; é o que acontece com a maioria das pessoas.

– Com a maioria das pessoas – arrisquei –, mas não com você?

– Eu a respeito – disse Renata, fazendo uma pausa. –

Mas somos diferentes. Só isso. Todo mundo imagina que



exista algum tipo de compatibilidade biológica entre mães e filhos, mas nem sempre é assim. Você não conhece minhas outras irmãs, mas veja só Natalya, minha mãe e eu.

Ela tinha razão: as três não poderiam ser mais diferentes.



Durante todo o dia, enquanto organizava pedidos e fazia as listas das flores e suas quantidades para os casamentos da semana, fiquei pensando na mãe de Grant. Lembrava-me da mão pálida saindo da escuridão na tarde em que eu e Elizabeth fomos à sua casa. Como deveria ter sido a infância dele? Tendo somente a companhia das flores, com uma mãe que oscilava entre o passado e o presente como quem entra e sai de dois cômodos diferentes. Decidi que iria perguntar. Se ele voltasse a falar comigo.

Mas ele não foi ao mercado de flores naquela semana nem na seguinte. Sua barraca ficou vazia, o compensado branco descascando, parecendo abandonado. Perguntei-me se ele voltaria ou se a ideia de me ver de novo o manteria afastado para sempre.

Obcecada com a ausência de Grant, a qualidade do meu trabalho ficou comprometida. Renata começou a se sentar ao meu lado à mesa de trabalho e, em vez de ficar calada como de costume, me contava histórias longas e engraçadas sobre sua mãe, suas irmãs e seus sobrinhos. Embora eu não prestasse muita atenção, o som constante de sua voz me mantinha concentrada nas flores.



O Ano-novo chegou e passou, um turbilhão de casamentos brancos e buquês enfeitados com halésia. Grant ainda não tinha voltado ao mercado de flores. Renata me deu a semana de folga e me enfurnei no quarto azul, saindo apenas para comer e ir ao banheiro. Todas as vezes que saía pela portinhola, dava de cara com a caixa de fotos cor de laranja e era

invadida por uma vaga sensação de perda.

Renata dissera que só precisaria de mim no domingo seguinte, mas na tarde de sábado ouvi alguém bater à minha porta. Coloquei a cabeça para fora e vi Natalya, ainda de pijama, claramente irritada.

– Renata ligou – falou. – Precisa da sua ajuda. Disse para você tomar um banho e ir o mais rápido possível.

Tomar um banho? Aquele me pareceu um pedido estranho, vindo de Renata. Ela provavelmente queria que eu a acompanhasse numa entrega e deve ter presumido, com razão, que eu havia passado a semana quase inteira na cama e sem tomar banho.

Demorei no chuveiro, me ensaboando, passando xampu e escovando os dentes com água tão quente quanto consegui suportar. Ao me secar, vi que minha pele estava vermelha e manchada. Vesti minha melhor roupa: calça social preta e uma blusa branca macia, o tecido pregueado como o de uma camisa de botão à moda antiga. Antes de sair do banheiro, aparei meu cabelo com esmero e tirei as pontas de cima da minha blusa com o secador.



Quando me aproximei da Bloom, vi uma figura familiar sentada no meio-fio, com uma caixa de papelão aberta no colo. Grant. Então foi por isso que Renata ligou. Parei de andar e observei seu perfil, sério e atento. Ele se virou para mim e se levantou.

Andamos um na direção do outro, nossos passos curtos no mesmo ritmo, até nos encontrarmos no meio da ladeira íngreme, Grant se assomando acima de mim. Estávamos afastados demais para eu ver o conteúdo da caixa, que ele segurava abaixo do queixo.

– Você está bonita – disse ele.

– Obrigada.

Eu teria retribuído o elogio, mas ele não estava bonito.

Pela lama fresca em suas botas e pela terra em seus joelhos, dava para ver que Grant tinha trabalhado a manhã inteira. E

também havia seu cheiro, não de flores, mas de um homem sujo: uma mistura equilibrada de suor, fumaça e terra.

– Eu não troquei de roupa – falou ele, como se de repente tivesse se dado conta de sua aparência. – Devia ter trocado.

– Não faz diferença – respondi.

Queria que as palavras soassem gentis, mas elas pareceram desdenhosas. O rosto de Grant ficou inexpressivo e senti uma onda de raiva me invadir (não de Grant, mas de mim mesma, por nunca ter sido capaz de dominar as



sutilezas da elocução). Dei um passo na direção dele, ensaiando um pedido desajeitado de desculpas.

– Sei que não – disse ele. – Só vim porque achei que você iria querer isto aqui... para a sua amiga.

Ele baixou a caixa. Dentro dela, vi seis vasos de cerâmica de junquilha, as flores amarelas altas e desabrochadas em cachos viçosos. Uma doçura inebriante emanava delas.

Enfiei a mão na caixa e peguei os vasos, tentando tirar os seis ao mesmo tempo. Queria estar cercada daquela cor.

Grant baixou mais um pouco a caixa e, puxando-os com cuidado, consegui erguer os seis. Afundei meu rosto nas pétalas. Por um breve instante, eles ficaram equilibrados em meus braços, mas então os dois do meio escorregaram. Os vasos se estilhaçaram na calçada, fazendo os bulbos saírem da terra e os caules se vergarem para os lados. Grant se ajoelhou e começou a recolher as flores.

Apertei os quatro vasos restantes contra o corpo, baixando-os para que eu pudesse observar Grant por sobre as pétalas. Ele aninhou os bulbos em suas mãos fortes e ajeitou as hastes, enroscando folhas longas e pontiagudas em volta dos talos nas partes em que eles haviam sido enfraquecidos pela queda.

– Onde quer que coloque estas? – perguntou ele, erguendo os olhos.

Eu me agachei, ajoelhando-me ao seu lado.



– Aqui – falei, fazendo um movimento com o queixo para que ele pusesse as flores em cima dos vasos que eu estava segurando.

Ele separou os ramos e depositou os bulbos expostos sobre a terra, aninhando as flores partidas entre as demais.

Suas mãos se demoraram entre os caules, sua respiração lenta e regular me dizendo que estava se preparando para ir embora.

Relaxe os braços e os vasos de flores deslizaram do meu colo em câmera lenta, parando ao lado das minhas coxas na calçada íngreme. As mãos de Grant pousaram sobre meus joelhos. Eu as peguei, levei-as ao rosto e as apertei contra meus lábios, minhas bochechas e minhas pálpebras. Enlacei as mãos dele em volta da minha nuca e o puxei mais para perto. Encostei minha testa na dele. Fechei os olhos e nossos lábios se tocaram. Apesar de seu lábio superior me arranhar um pouco, sua boca era carnuda e macia. Ele prendeu a respiração e eu o beijei novamente, dessa vez com mais intensidade, faminta. De joelhos, arrastei-me ladeira acima, derrubando os vasos em meu desejo de estar mais perto de Grant, de beijá-lo com mais força, por mais tempo, de mostrar quanto tinha sentido sua falta.

Quando enfim nos separamos, sem fôlego, um dos vasos havia rolado ladeira abaixo, com suas flores retas e altas, de um amarelo quase ofuscante sob o sol de inverno.

Talvez eu estivesse enganada, pensei, observando os ramos se balançarem na brisa. Talvez a essência do



significado de cada flor estivesse mesmo em algum lugar dentro de seu caule forte, no conjunto macio de suas pétalas.

Tive certeza de que Annemarie ficaria satisfeita com os junquinhos.



# AFTER DARK



14

SENTADA NA VARANDA, eu separava a pilha de minúsculas flores brancas de camomila aos meus pés. Uma linha de 1,5 metro, com uma agulha em cada ponta, me conectava a Elizabeth. Nós trabalhávamos rápido, perfurando miolos amarelos esponjosos e empurrando as flores até o meio da linha. De vez em quando eu parava, distraída por um inseto ou por uma farpa, mas Elizabeth nunca interrompia seus movimentos. Em uma hora nossa tarefa estava terminada e uma delicada fita coberta de pétalas se estendia entre nós.

– Definição? – perguntei.



Elizabeth estava debruçada, amarrando um quadrado de papel na ponta da linha. Vi de relance a palavra agosto e o número 2, além da expressão por favor repetida várias vezes e uma frase que me pareceu mentirosa: Não consigo fazer isso sem você.

Elizabeth enrolou o cordão florido.

– Ânimo diante das adversidades.



Nada poderia ter definido de forma mais objetiva sua postura. Desde que havia decidido se comunicar com a irmã por meio das flores, Elizabeth estava em constante movimento: plantando sementes, regando as plantas, conferindo o desenvolvimento de botões semiabertos e esperando uma resposta – e até essa espera era um tipo de ação, dinâmica e inquieta.

– Venha comigo – chamou-me Elizabeth, subindo em seu caminhão e depositando as flores de camomila entre nós.

Fomos até a casa de Catherine. Elizabeth deixou o motor ligado ao saltar do veículo, enrolou o cordão florido em volta da estaca de madeira da caixa de correio e colocou o bilhete dentro dela. Voltando ao caminhão, continuou descendo a estrada, afastando-se do vinhedo.

– Aonde estamos indo? – perguntei.

– Às compras.

Por causa do vento, seus cabelos se agitavam em volta do rosto e ela logo os prendeu com um elástico, controlando o



volante com os joelhos. Então, me lançou um sorriso travesso.

– Onde? – indaguei.

Havia um armazém a menos de 2 quilômetros dali, onde Elizabeth havia comprado minha capa de chuva e botas de jardinagem, mas ficava para o outro lado.

– Na Chestnut Street, em São Francisco. Lá tem várias lojas para crianças, daquelas que vendem conjuntinhos de moletom para recém-nascidos a 200 dólares, vestidos para bebês de organza de seda... esse tipo de coisa. Um vestido para a sua adoção vai me custar mais do que posso conseguir por duas toneladas de uvas, mas se não fizer isso agora, vou fazer quando? Ora, você tem 10 anos! Na semana que vem vai ser a minha garotinha, mas não vai continuar sendo garotinha por muito mais tempo. Tenho que vesti-la enquanto posso. – Ela sorriu para mim outra vez e seu sorriso era um convite.

Eu me aproximei dela, pressionando minha cabeça contra seu ombro enquanto seguíamos pela estrada.

Elizabeth havia me ensinado a me sentar ereta e longe dela no caminhão, para que não fôssemos multadas por não usar cinto de segurança, mas seu sorriso me dizia que aquele dia era uma exceção. Ela dirigia com apenas uma das mãos no volante e o outro braço em volta dos meus ombros, apertando-me contra seu corpo. Ninguém nunca tinha me levado para comprar roupas novas e aquela me parecia a maneira perfeita de começar minha vida como filha de



alguém. Eu cantarolava junto com as músicas antigas do rádio enquanto atravessávamos a ponte em direção à cidade, tentando conciliar emoções conflitantes: queria que aquele dia durasse para sempre, mas também queria que acabasse logo, assim como os dois seguintes. Faltavam somente três dias para minha audiência com a juíza.

Na Chestnut Street, Elizabeth estacionou e eu a segui por uma porta aberta. A loja estava vazia, exceto por uma vendedora parada diante de um balcão de vidro, arrumando broches cravejados de diamantes num suporte de feltro em formato de árvore.

– Em que posso ajudá-la? – perguntou, seu sorriso me recebendo com o que parecia ser um interesse sincero. –

Procurando algo em especial?

– Sim – respondeu Elizabeth. – Algo para Victoria.

– E quanto anos você tem, querida? Sete? Oito?

– Dez – falei.

A vendedora pareceu ficar sem graça, mas suas palavras não me ofenderam.

– Já me avisaram para nunca tentar adivinhar –  
confessou. – Deixe-me mostrar o que temos no seu tamanho.

Eu a segui até os fundos da loja, onde uma fileira de vestidos estava pendurada em frente a um espelho com uma barra de balé de madeira. Elizabeth agarrou a barra e fez um agachamento exagerado, seus joelhos se dobrando em



ângulos agudos e os dedos de seus pés apontando para cima.

Seu corpo era magro e ossudo como o de uma bailarina clássica, mas nem

de longe tão gracioso. Nós duas rimos.

Examinei os vestidos um por um duas vezes.

– Se você não gostar de nada, podemos ir a outras lojas

– disse Elizabeth atrás de mim.

Mas esse não era o problema. Eu tinha gostado de todos os vestidos, sem exceção. Minha mão se deteve sobre as fitas de veludo de um modelo frente única. Eu o peguei, segurando-o na frente do corpo. A etiqueta indicava 8 anos, mas mesmo assim ia até bem abaixo do meu joelho. A frente azul-clara era separada da saia estampada por uma fita de veludo marrom que se amarrava atrás. Mas foi a estampa da saia que me seduziu: flores marrons de veludo em relevo sobre um fundo azul. As pétalas concêntricas me lembravam mil-folhas ou crisântemos. Olhei para Elizabeth.

– Experimente – disse ela.

Entrei no pequeno provador e tirei minhas roupas.

Parada diante do espelho com minha calcinha de algodão branca e Elizabeth sentada atrás de mim, observei minha imagem pálida, minha pele clara e sem marcas, minha cintura reta sobre quadris estreitos. Elizabeth analisou meu corpo com tanto orgulho que imaginei que era assim que uma mãe olharia para sua filha biológica, toda formada dentro de seu ventre.

– Levante os braços – disse ela.



Passando o vestido pela minha cabeça, ela amarrou as fitas da parte de cima sob o meu cabelo e as de baixo logo acima da cintura.

O vestido me serviu perfeitamente. Olhei para o meu reflexo com os braços esticados, rígidos, dos dois lados da saia.

Quando meu olhar cruzou com o de Elizabeth, seu rosto estava tão emocionado que não consegui saber se ela iria rir ou chorar. Ela me puxou para junto de si, seus braços passando por baixo das minhas axilas, suas mãos espalmadas sobre o meu peito. Minha nuca se apertava contra suas costelas.

– Olhe só para você – falou. – Meu bebê.

E, de alguma forma, naquele momento, suas palavras diziam a verdade. Tive a vaga sensação de ser uma criança muito pequena, uma recém-nascida até, abraçada com força e aninhada em seus braços. Era como se a infância que eu tivera pertencesse à outra pessoa, a uma garota que não existia mais, que havia sido substituída pela que estava refletida no espelho.

– Catherine também vai amá-la – sussurrou Elizabeth. –

Você vai ver.



# AFTER DARK

---



15

ANTES DO INÍCIO DA TEMPORADA de casamentos, Renata me contratou em período integral. Ela me ofereceu benefícios ou um bônus – não os dois. Eu estava com a saúde perfeita e cansada de depender de Grant para me levar e trazer da fazenda de flores, então optei pelo dinheiro.

O baterista da banda de Natalya me vendeu seu carro.

Sua bateria nova – que parecia bem mais barulhenta do que a anterior – não cabia no porta-malas, então ele ficou com meu bônus e me deu os documentos do veículo. Parecia uma troca justa, embora eu não soubesse nada sobre preços de automóveis. Não tinha carteira nem sabia dirigir. Grant rebocou meu carro da Bloom até a fazenda na traseira de seu caminhão e, durante semanas, me proibiu de sair de lá com



ele. Quando finalmente deixou, foi só para ir até a drogaria e voltar. Ainda assim, fiquei apavorada. Levei outro mês inteiro para estar pronta para dirigir sozinha até a cidade.

Naquela primavera, passei as manhãs trabalhando para

Renata e as tardes procurando as flores que faltavam em meu dicionário. Depois de fotografar tudo o que havia na fazenda de Grant, passei para o Golden Gate Park e para a orla. O

norte da Califórnia era um grande jardim botânico, com flores silvestres crescendo entre autoestradas movimentadas e flores de camomila brotando de rachaduras nas calçadas. Às vezes Grant me acompanhava; ele era bom em identificar plantas, mas se cansava rápido de parques municipais de um quarteirão e banhistas magricelas.

Nos fins de semana, se terminasse a tempo o trabalho com Renata, eu ia com Grant fazer trilha na floresta de sequoias ao norte de São Francisco. Sempre ficávamos sentados no estacionamento o tempo necessário para ver quais trilhas eram as mais concorridas antes de escolher qual seguiríamos. Sozinhos na floresta, Grant se contentava em passar

horas

me

observando

fotografar

e

falava

detalhadamente sobre cada espécie de planta e sua relação com as demais no ecossistema. Depois que terminava de me contar o que sabia, ele se recostava no musgo que cobria o tronco de uma sequoia e olhava o céu pálido por entre os galhos. O silêncio pairava sobre nós e eu sempre esperava que ele fosse mencionar Elizabeth, Catherine ou a noite em que me acusou de ter mentido. Eu passava horas pensando





# AFTER DARK

no que diria, em como explicaria a verdade sem fazer com que ele se voltasse contra mim para sempre. Mas Grant não trouxe o passado à tona, nem na floresta nem em nenhum outro lugar. Ele parecia satisfeito em manter nossa vida juntos restrita às flores e ao presente.

Muitas noites eu dormia na torre de água. Grant havia começado a levar a culinária a sério e o balcão de sua cozinha estava cheio de livros de receitas ilustrados.

Enquanto eu me sentava à mesa e lia, ou olhava pela janela, ou contava alguma história sobre uma noiva antipática, Grant picava, temperava e mexia. Depois do jantar ele me beijava – só uma vez – e esperava minha reação. Às vezes eu retribuía, então ele me puxava para junto de seu corpo e ficávamos meia hora enroscados no vão da porta; outras meus lábios permaneciam frios e impassíveis. Eu mesma não sabia como iria reagir a cada dia. No que dizia respeito ao aprofundamento de nossa relação, eu sentia medo e desejo em partes iguais e imprevisíveis. Ao final de todas as noites, ele saía para onde quer que fosse dormir e eu trancava a porta em seguida.

No final de maio, em uma noite no meio de semana, após meses desse ritual, Grant se inclinou para a frente como se fosse me beijar, mas parou a centímetros dos meus lábios.

Então, colocou as mãos na base das minhas costas e meu puxou para junto dele, para que nossos corpos se tocassem por inteiro, mas não nossos rostos.

– Acho que está na hora – falou.



# AFTER DARK

– De quê? – perguntei.

– De eu ter minha cama de volta.

Estalei a língua e olhei pela janela.

– Do que você tem medo? – indagou ele, depois de eu ficar um bom tempo calada.

Refleti sobre sua pergunta. Sabia que ele tinha razão, que era o medo que nos mantinha afastados. Mas o que exatamente eu temia?

– Não gosto de ser tocada – falei, repetindo as palavras que Meredith dissera tanto tempo atrás.

Mas, assim que as pronunciei, percebi como soavam ridículas. Embora nossos corpos estivessem colados, eu não me afastava dele.

– Então não vou tocar você – disse Grant. – A menos que me peça.

– Nem mesmo quando eu estiver dormindo?

– Aí mesmo que não.

Sabia que ele estava falando a verdade.

– Você pode dormir na sua cama – falei. – Mas vou passar a noite no sofá. E é melhor eu não acordar com você do meu lado, senão pego meu carro e volto para casa imediatamente.

– Isso não vai acontecer – disse Grant. – Eu prometo.



## AFTER DARK

Naquela noite eu fiquei acordada no sofá, tentando não pegar no sono antes de Grant, mas ele também não conseguia dormir. Eu o ouvia se virar de um lado para o outro no andar de cima, ajeitando as cobertas, derrubando uma pilha de livros. Por fim, depois de um longo silêncio, quando eu estava certa de que ele havia adormecido, ouvi uma batidinha de leve no teto. Então um sussurro desceu pelo vão da escada:

– Victoria?

– Sim?

– Boa noite.

– Boa noite – respondi, pressionando o rosto no tecido cor de laranja para esconder um sorriso.

Depois de uma estação inteira de junquinhos, Annemarie era outra pessoa. Ela vinha todas as sextas pela manhã para buscar um buquê novo. Sua pele estava mais rosada e seu corpo, finalmente liberado da capa com cinto, mostrava-se curvilíneo debaixo de suéteres de algodão finos. Disse que Bethany tinha ido passar um mês na Europa com Ray e voltaria de lá noiva. Falou com tanta certeza que era como se já tivesse acontecido.

Annemarie trouxe suas amigas, muitas delas com filhas usando vestidos de babados e todas com casamentos em

crise. Elas se debruçavam no balcão enquanto as crianças pegavam flores de baldes mais altos do que elas e corriam pela loja. As mulheres discutiam os detalhes de seus



relacionamentos, tentando resumir seus problemas em uma única palavra. Eu havia explicado como era importante que seus pedidos fossem específicos e elas levaram isso a sério.

As conversas eram ao mesmo tempo tristes, divertidas e estranhamente esperançosas. O empenho com que tentavam salvar seus casamentos era totalmente estranho para mim.

Eu não entendia por que elas não desistiam de uma vez.

Eu sabia que, se fosse comigo, teria jogado tudo para o alto: marido, filhos e outras mulheres com quem discutia o assunto. Mas, pela primeira vez na vida, essa constatação não me trouxe alívio. Comecei a notar como eu me mantinha isolada. Havia coisas óbvias, como viver em um closet com seis cadeados, e outras mais sutis, como trabalhar à mesa de frente para Renata, e não ao seu lado, ou ficar atrás da caixa quando conversava com os clientes. Sempre que possível, eu separava meu corpo das pessoas ao meu redor com paredes, mesas de madeira maciça ou objetos de metal pesados.

Mas, de alguma maneira, ao longo de seis meses cautelosos, Grant havia rompido essa barreira. Eu não só permitia que ele me tocasse como desejava isso e comecei a me perguntar se não haveria alguma possibilidade de que eu mudasse. Passei a ter esperanças de que meu desapego

pudesse ser superado, como a aversão infantil a cebolas e comida picante.

No fim de maio, meu dicionário estava quase completo.

Tirei fotos de muitas das plantas mais difíceis de achar no Conservatory of Flowers, o jardim botânico do Golden Gate



Park. Depois de revelar, montar e identificar cada uma delas, coloquei os respectivos X no meu dicionário e folheei as páginas para ver quantas flores faltavam. Só uma: a flor de cerejeira. Fiquei irritada comigo mesma por aquele descuido.

Havia muitas cerejeiras na área da baía de São Francisco; dezenas de variedades só no Japanese Tea Garden. Mas o período de floração era curto – durava apenas alguns dias, no máximo semanas, dependendo do ano – e eu tinha ficado distraída demais durante a primavera para capturar seu breve instante de beleza.

Grant saberia onde encontrar uma flor de cerejeira, mesmo agora, muito depois da época. Anotei o nome da única flor que faltava em um pedaço de papel e o colei do lado de fora da caixa cor de laranja. Já estava na hora de entregá-la para ele.

Coloquei a caixa no banco de trás do carro e a preendi com o cinto de segurança. Era domingo e cheguei à torre de água antes de Grant voltar do mercado dos fazendeiros. Usei a chave sobressalente para entrar, abri o armário da cozinha e me servi de um pão com passas. A caixa, de um laranja berrante sobre a mesa de madeira gasta, ocupava mais

espaço do que devia. Ela parecia chamativa e nova na cozinha pequena, com utensílios antigos e discretos. Estava prestes a levá-la para o andar de cima quando ouvi o caminhão de Grant parar no caminho de cascalho.

Ele abriu a porta e foi direto para onde estava a caixa.

– É o dicionário? – perguntou.



Assenti, entregando-lhe o pedaço de papel com o nome da flor que faltava.

– Mas ainda não está completo – falei.

Grant deixou o pedaço de papel cair no chão e abriu a tampa. Olhou os cartões, admirando as fotografias uma de cada vez. Virei uma delas para lhe mostrar o significado da flor escrito no verso, então a guardei de volta e fechei a tampa em cima dos seus dedos.

– Você pode olhar mais tarde – falei, pegando o papel do chão e o agitando no ar à sua frente. – Agora, preciso que me ajude a encontrar isto.

Grant ergueu o pedaço de papel e leu o nome da flor que faltava. Balançou a cabeça.

– Uma flor de cerejeira? Você vai ter que esperar até abril.

Minha câmera bateu contra a mesa.

– Quase um ano inteiro? Não posso esperar tanto tempo.

Grant riu.

– O que você quer que eu faça? Que transplante uma cerejeira para a minha estufa? Mesmo assim, ela não daria flores.

– Então, o que eu posso fazer?

Ele pensou por um instante, sabendo que eu não desistiria tão facilmente.



– Procure nos meus livros de botânica – sugeriu.

Franzi o nariz e me inclinei para a frente até estar perto o suficiente para beijá-lo, mas não o fiz. Em vez disso, esfreguei meu nariz em seu rosto com a barba por fazer e mordi sua orelha.

– Por favor?

– Por favor, o quê? – perguntou ele.

– Por favor, sugira algo mais bonito do que uma ilustração de um livro técnico.

Grant olhou pela janela. Parecia enfrentar um debate interior. Era quase como se tivesse uma flor de cerejeira temporã no bolso e tentasse decidir se eu era importante e confiável o bastante para recebê-la. Por fim, assentiu.

– O.k. – falou. – Venha.

Grant cruzou a porta. Coloquei a câmera em volta do

pescoço e acompanhei seus passos. Atravessamos o caminho de cascalho e subimos os degraus da casa principal. Ele tirou uma chave do bolso e abriu a porta dos fundos, que dava para uma área de serviço. Uma blusa feminina num tom claro de cor-de-rosa tremulava no varal. Grant me conduziu até a cozinha, onde as cortinas estavam fechadas e os balcões, empoeirados e escuros. Todos os eletrodomésticos estavam desligados das tomadas e o silêncio total da geladeira era perturbador.



Atravessamos uma porta de vaivém para a sala de jantar. A mesa tinha sido empurrada para o lado e havia um saco de dormir estendido sobre o chão de madeira. Reconheci o blusão de Grant e algumas meias emboladas ao lado dele.

– Isso é de quando você me expulsou da minha própria casa – falou, sorrindo e apontando para a bagunça.

– Você não tem um quarto aqui?

Grant fez que sim com a cabeça e disse:

– Mas já faz uma década que não durmo nele. Para dizer a verdade, só estive no andar de cima uma vez desde que minha mãe morreu.

As escadas se assomavam à minha esquerda, com um corrimão de madeira grosso que fazia uma curva na lateral da sala. Grant deu um passo na direção delas.

– Venha – chamou-me. – Quero lhe mostrar uma coisa.



Lá em cima, havia um corredor longo, com portas fechadas dos dois lados. Ele terminava diante de cinco degraus. Nós os subimos e passamos curvados por uma porta baixa.

O aposento pequeno era mais quente do que o restante da casa e cheirava a poeira e tinta seca. Antes mesmo de localizar a janela triangular, tapada com madeira, eu soube que estávamos no ateliê de Catherine. Quando meus olhos se ajustaram à penumbra, vislumbrei as paredes revestidas de lambris, a mesa de desenho comprida e as prateleiras de



materiais de pintura. Na prateleira mais alta, havia uma fileira de potes de vidro cheios até a metade com tinta roxa e pincéis presos em poças endurecidas cor de alfazema e pervinca. Um cordão dava a volta no cômodo, e, presos a ele com pregadores de madeira, estavam desenhos – flores grandes, retratadas com traços elaborados em grafite e carvão.

– Minha mãe era uma artista – disse Grant, indicando suas obras com um gesto abrangente. – Ela passava horas aqui em cima todos os dias. Durante a maior parte da minha vida, desenhou apenas flores: raras, tropicais, de floração curta, delicadas. Tinha medo de não ter a flor correta para expressar o que queria dizer em determinado momento.

Ele me levou até um arquivo de carvalho num canto e abriu uma gaveta. Cada pasta estava etiquetada com o nome de uma planta e todas continham um único desenho. Grant correu os dedos pelas pastas até chegar à do álamo-branco.

Pegou-a e a abriu: estava vazia. O desenho estava no quarto azul, ainda embrulhado em uma fita de seda com o dia e hora do nosso primeiro encontro.

Grant guardou a pasta e vasculhou os arquivos até encontrar o desenho de uma flor de cerejeira. Ele o colocou sobre a mesa de desenho vazia e saiu pela porta.

Eu me sentei, admirando o trabalho. Os traços eram rápidos e confiantes; as sombras, profundas e complexas. A flor enchia a página inteira e sua beleza era quase insuportável. Mordi o lábio.



Grant voltou, observando minha expressão enquanto eu observava o papel.

– Definição? – perguntou.

– Boa educação.

Ele balançou a cabeça.

– Efemeridade. A beleza e a transitoriedade da vida.

Desta vez ele tinha razão, então assenti.

Grant ergueu um pé de cabra que havia pegado e arrancou a chapa de madeira da janela. A luz jorrou pelo vidro quebrado, incidindo sobre o tampo da mesa como um holofote. Ele posicionou o desenho sobre os retângulos iluminados e se sentou na beira da mesa.

– Fotografe – falou, acariciando primeiro a câmera e depois meu corpo.

Ele me observou tirar a câmera do estojo e direcioná-la para a imagem. Eu a fotografei de todos os ângulos possíveis: de pé, de cima de uma cadeira e então parada em frente à janela, bloqueando a luz forte. Ajustei a velocidade do obturador e o foco. Inclínada sobre a mesa, sentia o olhar de Grant sobre meus dedos, meu rosto e meus pés. Gastei um filme inteiro. Ele não desviou os olhos enquanto eu colocava um segundo rolo na máquina e depois um terceiro. Minha pele se arrepiava sob o seu olhar, como se meu corpo se estendesse para ele sem a permissão da minha mente.



Quando terminei, guardei o desenho de volta na pasta.

No dia seguinte, revelaria as fotos e meu dicionário estaria completo. Apontei a câmera para onde Grant estava sentado na mesa, imóvel, e observei seu rosto pelo visor.

A luz do sol iluminava seu perfil. Dando uma volta, capturei seu rosto na luz e na sombra. A câmera clicava enquanto eu andava ao seu redor, olhando para o topo de sua cabeça e seguindo a linha de seus cabelos até a gola da camisa. Enrolei suas mangas para cima e fotografei seus antebraços, o músculo firme e protuberante do seu punho, seus dedos grossos e unhas cheias de terra. Tirei seus sapatos e fotografei as solas dos seus pés. Quando o filme acabou, tirei a câmera do pescoço.

Desabotoei minha blusa e a tirei também.

O arrepio desapareceu da pele dos meus braços e surgiu na de Grant. Subi na mesa.

Ele se sentou com as pernas cruzadas sob o corpo e se virou para me encarar, então espalmou as mãos sobre a minha barriga e as manteve ali. Seus dedos subiam e desciam enquanto eu respirava fundo. Meus próprios dedos, agarrados às beiradas da mesa, estavam brancos.

Ele moveu as mãos até a parte de trás do meu sutiã, soltando-o com delicadeza, um fecho de cada vez.

Desgrudando meus dedos do tampo da mesa, passou o sutiã primeiro por um dos meus braços e depois pelo outro. Agarrei



as beiradas novamente, apertando-as como se tentasse manter o equilíbrio num barco agitado.

– Tem certeza? – perguntou ele.

Fiz que sim com a cabeça.

Ele me deitou na mesa, segurando minha cabeça enquanto ela baixava sobre a superfície dura. Tirou o restante das minhas roupas e então as suas.

Deitando-se ao meu lado, Grant começou a beijar meu rosto. Virei a cabeça para a janela, com medo de que sua nudez me causasse repulsa. O único adulto que eu tinha visto nu foi Mamãe Ruby e a imagem daquele corpo molhado e pelancudo me assombrara durante meses.

Os dedos hábeis de Grant percorreram meu corpo. Ele era tão cauteloso comigo quanto seria com um botão delicado e tentei me concentrar em seu toque, no calor que ele provocava na minha pele, no entrelaçamento dos nossos corpos. Ele me desejava e eu sabia que já havia muito tempo que sentia isso. Mas sob a janela estava o jardim de rosas e, por mais que meu corpo reagisse ao seu toque, minha mente parecia vagar por entre as plantas, quase 10 metros abaixo dali. Grant se deitou sobre mim. O jardim estava em plena floração, as rosas desabrochadas e pesadas. contei e categorizei cada um dos arbustos, começando as rosas vermelhas, subindo e descendo as fileiras: 16 tons, desde vermelho-claro até o escarlata. A boca de Grant deslizou até minha orelha, aberta e molhada. Havia 22 roseiras cor-de-



rosa, se eu contasse com as corais. Grant começou a se mover depressa, seu próprio prazer ofuscando seu cuidado, e fechei os olhos para suportar a dor. Por trás de minhas pálpebras, vi as rosas brancas, que eu não havia contado.

Prendi a respiração até Grant sair de cima de mim.

Virei de frente para a janela e Grant colou seu corpo às minhas costas. Seu coração batia contra a minha espinha.

Contei as rosas brancas desabrochadas sob o sol poente, 37

ao todo, mais do que qualquer outra cor.

Inspirei fundo, meus pulmões se enchendo de decepção.



# AFTER DARK



*16*

POR TRÊS DIAS FRENÉTICOS, deixamos mensagens para Catherine: folhas pontiagudas de babosa, pesar, coladas com fita adesiva à janela de sua cozinha, como uma cerca; amores-perfeitos cor de sangue, pense em mim, amontoados em um jarro de vidro minúsculo na varanda; ramos de cipreste, tristeza, entrelaçados na grade de metal do portão de ferro batido.

Mas Catherine não dava sinal de tê-las recebido e não enviava nada para Elizabeth em troca.





17



MINHAS ROUPAS MIGRARAM para a casa de Grant na mala do meu carro. Meus sapatos foram em seguida, depois meu cobertor marrom e, por fim, minha caixa azul. Era tudo o que eu tinha. Ainda pagava o aluguel para Natalya no primeiro dia de cada mês e, às vezes, tirava um cochilo no meu carpete branco e felpudo depois do trabalho, mas à medida que o verão avançava, eu passava cada vez menos tempo no quarto azul.

Meu dicionário de flores estava pronto. A fotografia que havia tirado do desenho de Catherine completou a listagem e o dicionário e o guia de Elizabeth se aposentaram para uma existência empoeirada no topo da estante de Grant. As caixas



de foto azul e laranja ficavam lado a lado na prateleira do meio, a de Grant em ordem alfabética de flores; a minha, de significados. Duas ou três vezes por semana um de nós enfeitava a mesa de jantar com flores ou deixava um ramo de goivinho-da-praia no travesseiro do outro, mas raramente consultávamos as caixas. Tínhamos decorado cada cartão e já não discutíamos sobre as definições como quando nos conhecemos.

Na verdade, não discutíamos sobre nada. Minha vida com Grant era pacífica e tranquila e eu poderia gostar disso não fosse a certeza esmagadora de que tudo estava prestes a acabar. O ritmo de nossa vida juntos me lembrava os meses anteriores ao meu processo de adoção, quando Elizabeth e eu sulcávamos a terra, marcávamos meu calendário e

aproveitávamos nosso tempo juntas. Aquele verão com Elizabeth tinha sido muito quente; o que eu estava passando com Grant, também. O calor enchia a torre de água, que não tinha ar-condicionado, como se fosse um líquido e Grant e eu ficávamos estirados em nossos respectivos andares à noite, tentando respirar. A umidade pesava como as coisas que evitávamos dizer um ao outro e mais de uma vez me aproximei dele com a intenção de confessar meu passado.

Mas não conseguia. Grant me amava. Seu amor era tranquilo porém firme e a cada declaração sua eu me sentia desfalecer tanto de prazer quanto de culpa. Não merecia seu amor. Se ele soubesse a verdade, me odiaria. Eu tinha mais certeza disso do que já tivera de qualquer outra coisa na vida.



Meu carinho por ele só piorava a situação. Havíamos nos tornado cada vez mais íntimos, nos beijávamos a cada encontro e despedida e até dormíamos lado a lado. Ele acariciava meu cabelo, meu rosto e meus seios à mesa de jantar e em todos os três pisos da torre de água. Fazíamos amor com frequência e até aprendi a gostar disso. Mas, logo depois, quando nos deitávamos juntos, nus, seu rosto demonstrava uma satisfação incontida que eu sabia não estar refletida no meu. Eu sentia que meu eu verdadeiro e indigno estava fora do alcance de suas mãos ávidas, escondido de seu olhar apaixonado. Meus sentimentos por Grant também pareciam ocultos e comecei a imaginar uma esfera em volta do meu coração, tão dura e lustrosa quanto a casca da avelã, impenetrável.

Grant não parecia notar meu distanciamento. Se em

algum momento sentiu que meu coração era um objeto inalcançável, jamais me falou.

Nós nos separávamos e nos reuníamos em um ritmo previsível. Durante a semana, nossos caminhos se cruzavam por uma hora às noites. Nos sábados, passávamos a maior parte do dia juntos, indo para o trabalho de manhã no mesmo carro e parando depois para comer, caminhar ou ficar olhando as pipas na orla. Aos domingos, ficávamos cada um em seu canto. Eu não o acompanhava ao mercado dos fazendeiros e estava sempre na rua quando ele voltava, almoçando em um restaurante em frente à baía ou atravessando a ponte sozinha. Mas eu sempre voltava à torre



de água para o jantar, para aproveitar as refeições mais criativas e elaboradas de Grant. Ele passava a tarde inteira cozinhando. Quando eu entrava, já havia tira-gostos sobre a mesa da cozinha. Ele descobriu que, se eu tivesse algo para beliscar, não o atazanaria até a entrada estar pronta, o que muitas vezes só acontecia bem depois das nove.

Naquele verão, Grant abandonou os livros de receitas –

que carregou para o andar de cima e enfiou debaixo do sofá –

e passou a criar cada refeição do zero. Disse-me que se sentia menos pressionado se não ficasse comparando o resultado com a foto que ilustrava a receita. E devia saber, também, que seus pratos eram melhores do que qualquer coisa que poderia fazer com base num livro, melhores do que qualquer

coisa que eu havia comido desde que saíra da casa de Elizabeth.

No segundo domingo de julho, após uma longa caminhada pela praia de Ocean Beach voltei para casa mais faminta do que de costume, minha barriga embrulhada de fome e nervosismo. Tinha passado em frente à Gathering House e a visão das jovens à janela, nenhuma delas conhecida, fez meu estômago doer. Suas vidas não seriam como elas sonhavam. Eu compreendia isso, embora a minha estivesse muito melhor do que eu teria esperado. Isto é, se houvesse me permitido esperar alguma coisa. Eu sabia que era a exceção e acreditava que mesmo a minha boa sorte não passava de um momento fugaz naquela vida que seria longa, dura e solitária.



Grant havia servido fatias de baguete recheadas de alguma coisa – cream cheese, talvez, ou algo mais extravagante –, com ervas picadas, azeitonas e alcaparras. Os tiragostos estavam dispostos em fileiras numa travessa de cerâmica quadrada. Comecei em uma ponta e fui subindo e descendo as fileiras, enfiando as rodela inteiras em minha boca, uma a uma. Ergui os olhos antes de comer a última e Grant estava me observando com um sorriso.

– Você quer? – perguntei, apontando a única que restava.

– Não. Você vai precisar para esperar o próximo prato. A costela assada ainda vai demorar 45 minutos.

Comi a última rodela e resmunguei.

– Não vou aguentar esperar tanto assim.

Grant suspirou.

– Você diz isso toda semana. E, depois de comer, sempre fala que valeu a pena esperar.

– Não falo nada – respondi, mas ele tinha razão.

Meu estômago digeriu o cream cheese com um barulho alto. Eu me debrucei sobre a mesa e fechei os olhos.

– Você está bem?

Assenti. Grant preparou o restante da refeição em silêncio enquanto eu cochilava na mesa. Quando abri os



olhos, a carne fumegante estava ao meu lado. Eu me apoiei em um cotovelo só.

– Corta para mim? – pedi.

– Claro.

Grant acariciou minha cabeça, meu pescoço e meus ombros, beijando minha testa antes de pegar a faca e fatiar a carne. Ela estava vermelha no meio, do jeito que eu gostava, e coberta por uma casca de algo picante. O molho era uma mistura de cogumelos exóticos, batatas-doces e nabos. Era a coisa mais gostosa que eu já havia provado.

Meu estômago, no entanto, não concordou com a avaliação de minha boca sobre a comida. Bastaram apenas algumas garfadas para que eu soubesse que ele não seria capaz de segurar o jantar. Voando pelas escadas acima, eu me tranquei no banheiro e expeli todo o conteúdo do meu estômago na privada. Dei a descarga, abri a torneira da pia e o chuveiro, esperando que o barulho da água abafasse a série de barulhos de vômito que fiz em seguida.

Grant bateu à porta, mas não abri. Ele foi embora e voltou meia hora depois, mas continuei sem atender às suas batidas fracas. Não havia espaço o bastante para eu me deitar no chão do banheiro com o corpo esticado, então dobrei minhas costas contra a banheira de cerâmica. Corri os dedos pelo piso de azulejos brancos hexagonais, desenhando flores de seis pétalas nele. Já passava das onze horas quando



saí do banheiro, as marcas das divisórias dos azulejos profundas na pele do meu rosto e do meu ombro nu.

Torci para que Grant estivesse dormindo, mas ele estava sentado com as costas eretas no sofá, as luzes da casa todas apagadas.

– Foi a comida? – perguntou.

Balancei a cabeça em uma negativa. Não sabia o que era, mas definitivamente não tinha sido a comida.

– A costela estava incrível.

Eu me sentei ao seu lado, nossas coxas vestidas com o

mesmo brim escuro se tocando.

– O que foi então?

– Estou doente – respondi, evitando seus olhos.

Eu não acreditava nisso e ele também não. Quando criança, eu vomitava por estar perto das pessoas: bastava eu ser tocada ou ameaçarem me tocar. Pais adotivos se agigantando diante de mim, enfiando meus braços desobedientes em um casaco, professores arrancando chapéus da minha cabeça, seus dedos se demorando por tempo de mais no meu cabelo embaraçado, todos eles causavam convulsões incontroláveis em meu estômago. Uma vez, logo depois de me mudar para a casa de Elizabeth, fizemos um piquenique no jardim na hora do jantar. Como em todas as refeições daquele outono, eu tinha comido demais e, incapaz de me mexer, deixara Elizabeth me pegar



no colo e me levar para dentro de casa. Ela mal havia me colocado no chão da varanda quando vomitei em cima do corrimão.

Olhei para Grant. Ele vinha me tocando, intimamente, havia meses. Sem me dar conta, eu já esperava que isso fosse acontecer.

– Vou dormir no sofá – falei. – Não quero que você me toque.

– Eu não vou tocar – disse Grant, pegando minha mão e colocando-me de pé. – Suba comigo.

Fiz o que ele pediu.





AFTER DARK



*18*

NA MANHÃ DA AUDIÊNCIA de adoção, acordei ao nascer do sol.

Sentando-me na cama, me virei e recostei na parede fria com o edredom puxado até o queixo. Uma luz preguiçosa entrava pela janela, com raios suaves iluminando minha penteadeira e a porta aberta do armário. Em vários aspectos, o quarto estava igual a quando eu havia entrado nele, um ano antes: a mesma mobília, o mesmo edredom branco e as mesmas pilhas de roupas, muitas das quais ainda estavam grandes para mim. Porém, à minha volta, havia vários sinais da garota que eu me tornara: pilhas de livros emprestados da biblioteca em cima da mesa, sobre jardinagem e botânica;



uma foto tirada por Carlos, minha e de Elizabeth com as bochechas coladas uma na outra, rosadas por causa do inverno; e uma lixeira cheia de desenhos de flores que eu fizera para Elizabeth, mas não considerara bons o suficiente para lhe entregar. Aquela era minha última manhã naquele quarto como uma criança em processo de adoção, então olhei ao redor dele, como sempre fazia – analisando os objetos como se eles pertencessem à outra pessoa. Amanhã, pensei.

Amanhã me sentirei diferente. Vou acordar, olhar à minha volta e ver um quarto meu – uma vida minha – e nunca mais serei levada embora

novamente.

Descendo o corredor sem fazer barulho, tentei ouvir Elizabeth. Embora fosse cedo, fiquei surpresa com o silêncio da casa e ao ver a porta de seu quarto fechada. Imaginava que ela fosse estar tão insone quanto eu. O dia anterior havia sido meu aniversário e, por mais que Elizabeth tivesse preparado cupcakes e nós os tivéssemos coberto com glacê roxo em forma de rosas grossas, a expectativa da minha adoção ofuscará a festa. Depois do jantar, ficamos lambendo a cobertura, distraídas, nossos olhares se desviando para a janela enquanto esperávamos o céu escurecer para que o novo dia começasse. Deitada em minha cama sem conseguir dormir, usando a longa camisola florida que Elizabeth me dera de presente, eu me sentia mais agitada do que em todas as vésperas de Natal da minha vida juntas. Talvez Elizabeth também não tivesse conseguido dormir, pensei, e continuasse na cama até tarde porque passara metade da noite em claro.



## AFTER DARK

O vestido que tínhamos comprado estava dentro do banheiro, pendurado num gancho atrás da porta em uma capa de plástico. Eu lavei o rosto e escovei meus cabelos antes de tirá-lo do cabide.

Foi difícil colocá-lo sem Elizabeth, mas eu estava determinada. Queria ver a expressão em seu rosto quando ela acordasse e me visse pronta, sentada à mesa da cozinha, esperando. Queria que ela entendesse que eu estava pronta.

Sentando-me na beirada da banheira, pus o vestido ao

contrário, puxei o zíper para cima e então girei a roupa até o fecho estar alinhado com minha coluna. As fitas eram grossas e difíceis de amarrar. Depois de várias tentativas frustradas, me contentei com um nó frouxo na nuca. Fiz o mesmo em volta da cintura.

Quando desci para a cozinha, o relógio em cima do fogão marcava oito horas. Abri a geladeira, analisei as prateleiras cheias e escolhi uma embalagem pequena de iogurte de baunilha. Puxei o lacre e cutuquei uma camada de creme grossa com a colher, mas não estava com fome. Comecei a ficar nervosa. Elizabeth nunca tinha dormido até tarde, nenhuma vez durante todo aquele ano que passei com ela.

Fiquei uma hora inteira sentada à mesa da cozinha, sem desgrudar os olhos do relógio.

Às nove, subi as escadas e bati à porta do seu quarto. O

laço em volta do meu pescoço tinha afrouxado e a frente do vestido estava caída demais, expondo minha caixa torácica protuberante. Sabia que não estava tão glamourosa quanto



parecera na loja. Quando Elizabeth não abriu nem falou nada, girei a maçaneta. A porta estava destrancada.

Empurrando-a com cuidado, entrei no quarto.

Os olhos de Elizabeth estavam abertos, fixos no teto. Ela não os desviou dali quando atravessei o quarto e parei ao lado da cama.

– São nove horas – falei.

Elizabeth não respondeu.

– Nossa audiência com a juíza é às onze. Não devíamos estar indo, para nos apresentarmos na recepção e tudo o mais?

Ela continuou ignorando minha presença. Eu me aproximei um passo e me inclinei para a frente, pensando que ela talvez ainda estivesse dormindo, embora seus olhos estivessem arregalados. Tive uma colega de quarto que costumava dormir assim e todas as noites eu esperava que ela pegasse no sono primeiro para poder fechar suas pálpebras. Não gostava da sensação de ser observada.

Comecei a balançar Elizabeth de leve. Ela não piscou.

– Elizabeth – chamei, num sussurro. – É a Victoria.

Pressionei meus dedos em seu pescoço. Sua pulsação batia tranquila, como se marcasse os segundos até a minha adoção. Levante-se, supliquei em silêncio. A ideia de perder a audiência, de ter que adiá-la por mais um mês, uma semana ou até mesmo um dia era incompreensível. Comecei a sacudi-



la, agarrando seus ombros com as mãos. Sua cabeça balançou frouxa sobre o pescoço.

– Pare com isso – disse ela enfim, sua voz quase inaudível.

– Você não vai levantar? – perguntei com a voz falhando.

– Nós não vamos para a audiência?

Lágrimas escorreram dos olhos de Elizabeth, que não ergueu a mão para secá-las. Segui o trajeto delas com meu olhar e vi que o travesseiro já estava molhado onde elas caíram.

– Não consigo – disse ela.

– Do que você está falando? Eu posso ajudar você.

– Não – falou Elizabeth. – Não consigo. – Então, ficou muito tempo calada. Eu me inclinei para tão perto dela que, quando ela finalmente voltou a falar, seus lábios roçaram minha orelha. – Isto não é uma família – disse ela baixinho. –

Só eu e você, sozinhas nesta casa. Não é uma família. Não posso fazer isso com você.

Eu me sentei ao pé da cama. Elizabeth não se moveu, não tornou a falar, mas eu fiquei sentada ali pelo resto da manhã, esperando.



19





O ENJOO NÃO PASSOU, mas aprendi a escondê-lo.

Vomitava no chuveiro todas as manhãs até o ralo começar a entupir. Depois disso, não tomava banho, ia correndo até meu carro antes de Grant se levantar e dizia que era por causa de Renata e de uma quantidade enlouquecedora de casamentos de verão. O mal-estar me acompanhava o dia inteiro. O perfume das flores no trabalho piorava a sensação, mas o frio da câmara frigorífica trazia alívio. À tarde, eu cochilava entre os baldes gelados.

Não sei quanto tempo eu poderia ter continuado assim se Renata não tivesse me confrontado lá dentro. A porta de metal pesada se fechou com um clique alto e ela me acordou na escuridão, cutucando-me de leve com a ponta dos dedos.

– Você acha que não sei da sua gravidez? – perguntou.



Meu coração esmurrou sua casca dura como uma noz.

Gravidez. A palavra flutuou no ar entre nós, indesejada.

Minha vontade era de que ela pudesse sair deslizando por baixo da porta até a rua e entrar no corpo de alguém que a quisesse. Havia muitas mulheres que sonhavam com a maternidade, mas nem eu nem Renata éramos uma delas.

– Não estou grávida – contestei, mas sem a força com que pretendia.

– Pode negar o quanto quiser, mas vou fazer um seguro-saúde para você antes que este bebê esteja para nascer e você acabe dando à luz na porta da

minha loja.

Não me mexi. Renata ameaçou me chutar outra vez, mas acabou cutucando delicadamente meu abdome, que só então notei estar mais gordo.

– Levante daí – ordenou – e vá se sentar à mesa. A pilha de papéis que você precisa assinar é tão grande que vai levar a tarde quase toda.

Eu me levantei e saí da câmara frigorífica, passando pelos papéis empilhados em cima da mesa e saindo em direção à calçada. Depois de tentar vomitar sem sucesso na sarjeta, comecei a correr. Renata me chamou várias vezes, cada vez mais alto, mas não olhei para trás.

Quando cheguei à mercearia na esquina da Rua 17 com a Potrero Avenue, estava exausta e sem fôlego. Sentei-me no meio-fio, ofegante. Uma senhora com um saco cheio de compras se deteve, colocando a mão sobre meu ombro e



perguntando-me se eu estava bem. Afastei sua mão com um tapa e ela deixou suas compras caírem. Em meio à comoção das pessoas que se juntavam à nossa volta, entrei na loja.

Comprei uma embalagem com três testes de gravidez e voltei andando para o quarto azul, a caixa de papel leve parecendo uma pedra na minha mochila.

Natalya ainda estava dormindo com a porta do quarto aberta. Havia meses que não a fechava mais, desde que eu tinha praticamente deixado de morar ali, e sempre a batia

com força quando eu chegava de surpresa. Depois de fechá-la sem fazer barulho, me tranquei no banheiro.

Fiz xixi nos três bastões e os alinhei na beirada da pia.

Era para demorar três minutos, mas não demorou.

Abrindo a janela do banheiro, eu os atirei para fora um de cada vez. Eles quicaram e foram parar no telhado plano de brita que ficava somente meio metro abaixo da janela, os resultados ainda visíveis. Sentei-me na tampa da privada e apoiei a cabeça nas mãos. A última coisa que eu queria era que Natalya soubesse; o fato de Renata saber já era ruim o bastante. Se Mamãe Ruby descobrisse, iria se mudar para o quarto azul para me dar ovos fritos dia e noite e colocar as mãos na minha barriga de cinco em cinco minutos.

Fui até a cozinha e subi no balcão. Natalya e sua banda sempre iam para o telhado desse jeito, mas eu nunca havia tentado. A janela sobre a pia da cozinha era pequena, mas não impossível de atravessar, nem mesmo com o meu corpo em estado de dilatação.



O telhado estava sujo, com guimbas de cigarro e uma garrafa de vodka vazia. Engatinhando por cima delas, juntei os três testes de gravidez e os coloquei no meu bolso.

Levantei-me devagar, tonta por causa do esforço e da altura, e olhei à minha volta.

A vista era impressionante, tanto por eu nunca tê-la

notado quanto pela paisagem em si. O telhado era longo – do tamanho de um quarteirão inteiro – e cercado por um muro de concreto baixo. Para além dele, a cidade se estendia desde o centro, passando pela Bay Bridge, até Berkeley: uma ilustração perfeita de si mesma, o movimento dos faróis traseiros nas autoestradas como um borrão vermelho. Andei até a beira do telhado e me sentei, respirando aquela beleza, esquecendo por um instante que tudo na minha vida estava prestes a mudar, mais uma vez.

As pontas dos meus dedos correram desde o meu pescoço até o meu umbigo. Meu corpo já não era meu. Ele fora ocupado, invadido. Não era o que eu queria, mas não havia escolha; o bebê cresceria dentro de mim. Eu não poderia fazer um aborto. Não poderia ir a uma clínica, tirar a roupa e ficar nua na frente de um estranho. A ideia de me submeter a uma anestesia, de perder a consciência enquanto um médico fazia o que quisesse com meu corpo, era uma ofensa fora de cogitação. Eu teria o bebê e depois decidiria o que fazer com ele.

Um bebê. Repeti as palavras várias vezes, esperando por alguma ternura ou emoção, mas não senti nada. Em meu



torpor, eu tinha apenas uma convicção: Grant nunca poderia saber. O entusiasmo em seus olhos, a visão imediata que ele teria da família que formaríamos, isso era mais do que eu conseguiria suportar. Eu podia prever exatamente como seria: eu, sentada à mesa de piquenique, esperando Grant se sentar para que eu pudesse botar para fora as palavras que mudariam nossas vidas. Eu começaria a chorar antes de

terminar de falar, mas mesmo assim ele entenderia. E iria querer. O brilho em seus olhos seria a prova de sua devoção ao nosso filho, enquanto minhas lágrimas seriam a prova da minha incapacidade de ser mãe. A certeza de que eu iria decepcioná-lo (e a incerteza de como ou quando isso iria acontecer) me impediria de compartilhar do seu entusiasmo, me manteria isolada de suas declarações de amor.

Eu precisava ir embora, rápida e silenciosamente, antes que Grant descobrisse o motivo de minha partida. Isso iria magoá-lo, mas não tanto quanto me ver fazer as malas e afastar para sempre o filho dele, sem que ele pudesse fazer nada a respeito. A vida que Grant desejava ter comigo não era possível.

Era melhor que ele nunca soubesse como havíamos chegado perto.



---



20

ERAM QUATRO DA TARDE e Elizabeth ainda não tinha saído da cama. Eu estava sentada à mesa da cozinha, usando o dedo para comer pasta de amendoim direto do pote. Pensei em fazer um jantar para ela, canja de galinha ou chili, algo com um cheiro atraente. Mas, até aquele momento, eu só havia aprendido a fazer sobremesas: bolo de amoras, torta de pêssgo e mousse de chocolate. Não parecia certo comer sobremesa antes de jantar, em especial naquele dia, em que não tínhamos absolutamente nada para comemorar.

Afastando a pasta de amendoim, comecei a vasculhar a despensa quando fui surpreendida por uma batida à porta.

Não precisei olhar pela janela para ver quem era. Tinha ouvido aquela batida vezes suficientes para saber. Meredith.

Ela bateu mais forte. Em instantes giraria a maçaneta e a porta estava destrancada. Eu me agachei na despensa. O som da porta da frente batendo me alcançou na escuridão.



Os grãos de feijão e arroz sobre as prateleiras chacoalharam dentro de suas latas.

– Elizabeth? – chamou Meredith. – Victoria?

Ela atravessou a sala de estar e entrou na cozinha. Seus passos contornaram a mesa e pararam em frente à janela da pia. Prendi a respiração, imaginando seus olhos correndo ao longo das videiras frondosas, procurando sinais de movimento. Ela não encontraria nenhum. Carlos tinha levado

Perla para acampar, como todos os anos. Finalmente, ouvi Meredith dar meia-volta e subir até o andar de cima.

– Elizabeth? – chamou outra vez. E então, baixinho: –

Elizabeth? Você está bem?

Subi as escadas sorrateiramente, parando no último degrau e me agachando atrás da parede, fora de vista.

– Estou descansando – sussurrou Elizabeth. – Eu só precisava descansar um pouco.

– “Descansando”? – perguntou Meredith. Algo na voz de Elizabeth a irritara e seu tom de voz deixou de soar preocupado para se tornar acusador. – São quatro da tarde!

Você perdeu a audiência. Deixou a mim e à juíza lá, à toa, olhando uma para a cara da outra, nos perguntando onde você e Victoria... – Ela parou no meio da frase. – Onde está Victoria?

– Ela estava aqui agora mesmo – falou Elizabeth, com a voz fraca.



Horas atrás, tive vontade de gritar. Tinha saído do lado da sua cama ao meio-dia, quando já não tinha mais dúvida alguma de que faltaríamos à audiência.

– Você procurou na cozinha? – perguntou Elizabeth.

Quando Meredith voltou a falar, pareceu estar mais perto de mim.

– Sim, olhei. Mas vou olhar de novo.



Eu me levantei e comecei a descer as escadas na ponta dos pés, mas era tarde.

– Victoria – falou Meredith. – Volte aqui.

Dei meia-volta e segui Meredith até meu quarto. Mais cedo, tinha trocado o vestido por um short e uma blusa e ele estava jogado sobre minha mesa. Meredith se sentou e começou a passar os dedos sobre as flores de veludo.

Arranquei o vestido dela e o amassei, formando uma bola, que joguei debaixo da cama.

– O que está acontecendo? – exigiu saber Meredith, no mesmo tom acusador que havia usado com Elizabeth.

Dei de ombros.

– Nem pense que vai ficar parada aí sem dizer nada.

Tudo estava indo às mil maravilhas, Elizabeth te ama, você está feliz... e de repente vocês não aparecem para a audiência de adoção? O que você fez?

– Eu não fiz nada! – gritei.



Pela primeira vez na minha vida isso era verdade, mas Meredith não tinha motivo para acreditar em mim.

– Elizabeth está cansada, você ouviu o que ela disse –  
continuei. – Deixe a gente em paz.

Eu me enfiei na cama, puxei as cobertas e me virei para a parede.

Com um suspiro alto e impaciente, Meredith se levantou.

– Tem alguma coisa errada – falou. – Ou você fez algo terrível, ou Elizabeth não está em condições psicológicas de ser mãe. De qualquer forma, não sei mais se este é um bom lugar para você.

– Não cabe a você decidir o que é bom ou não para Victoria – disse Elizabeth com um fiapo de voz.

Eu me sentei na cama e olhei em sua direção. Ela se segurava com força ao batente da porta, como se fosse cair sem o seu apoio. Um roupão cor-de-rosa claro envolvia seu corpo. Seus cabelos caíam em mechas embaraçadas sobre os ombros.

– É exatamente a mim que cabe decidir isso – disse Meredith, andando na direção de Elizabeth. Ela não era nem mais alta, nem mais forte, mas pareceu enorme diante da figura fragilizada de Elizabeth. – Não caberia mais se você tivesse comparecido à audiência às 11 da manhã. E, pode



acreditar, eu estava prestes a abrir mão da tutela desta criança. Mas parece que não vai ser assim. O que ela fez?

– Ela não fez nada.

Eu não conseguia ver o rosto de Meredith, não conseguia ver se ela acreditava em Elizabeth.

– Se Victoria não fez nada, serei obrigada a lhe dar uma

advertência por escrito por faltar a uma audiência marcada, por suspeita de negligência. Ela comeu alguma coisa hoje?

Estiquei minha camisa para a frente, onde ainda havia manchas de pasta de amendoim do meu lanche, mas nenhuma das duas olhou para mim.

– Não sei – disse Elizabeth.

Meredith balançou a cabeça.

– Foi o que pensei. – Ela se dirigiu para a porta do quarto, passando por Elizabeth. – Vamos terminar isto na sala. Victoria não precisa participar da conversa que teremos agora.

Eu não as segui até o andar de baixo. Não queria ouvir.

Queria que tudo voltasse a ser como no dia anterior, quando eu acreditava que Elizabeth iria me adotar. Rolando para a beirada da cama, enfiei o braço embaixo dela até encontrar meu vestido amarrotado. Eu o puxei para junto de mim na cama, apertando-o contra o meu peito e escondendo o rosto no veludo. O vestido ainda conservava o cheiro da loja, de madeira nova e limpa-vidros, e me lembrei da sensação dos



braços de Elizabeth debaixo das minhas axilas e cruzados com força sobre meu peito, da expressão em seu rosto quando nossos olhares se encontraram no espelho.

Eu podia ouvir fragmentos de uma discussão vindos do andar de baixo: Meredith, principalmente, com a voz

exaltada. O que ela tem é você ou nada, falou num determinado momento. Não me venha com essa besteira de que ela merece algo melhor. Isso é desculpa. Será que Elizabeth não sabia que ela era tudo o que eu queria? Que eu jamais iria querer outra coisa? Encolhida debaixo do edredom, o calor do verão me pareceu denso e sufocante. Eu lutava para respirar.

Eu tinha recebido uma chance, uma última chance, e de alguma maneira, sem querer, estraguei tudo. Fiquei esperando Meredith subir as escadas pisando firme e dizer as palavras que eu nunca havia imaginado que fosse ouvir: Elizabeth deu o aviso de desistência. Arrume suas coisas.



---



*21*

NA MANHÃ DE DOMINGO, comi algumas bolachas salgadas e esperei o enjojo passar. O que não aconteceu.

Entrei no carro mesmo assim e atravessei a cidade, parando três vezes no meio-fio para vomitar nos bueiros. O aumento da população mundial era um fenômeno que não conseguia compreender enquanto parava uma vez após outra.

Grant não estava em casa, como eu já sabia. Ele estaria na traseira do caminhão, entregando flores cortadas para filas de moradores da região. Fazia apenas três noites que eu não aparecia, o que não era um tempo tão longo para mim ou para nossa relação, e eu o imaginava trabalhando, com pressa, pensando na refeição extravagante que pretendia preparar. Jamais passaria pela sua cabeça que eu fosse perder um jantar de domingo. Pelo menos eu tinha avisado a



ele, pensei, enquanto usava a chave reserva enferrujada para entrar. Não era minha culpa que Grant tivesse esquecido.

Atenta para ouvir se o caminhão chegasse, arrumei minhas coisas depressa. Peguei tudo que era meu e várias coisas que não eram, incluindo a bolsa de viagem de Grant, um saco de lona grande e verde-oliva, que se camuflaria bem no meio do mato. Enfiei dentro dele roupas, livros, uma lanterna, três cobertores e toda a comida que havia no

armário. Antes de fechar o zíper, acrescentei uma faca, um abridor de latas e o dinheiro que ele guardava dentro do freezer.

Entulhei minhas coisas no banco de trás do carro e voltei para buscar minha caixa azul, o dicionário de Elizabeth e o guia de flores. No carro, preendi os três no banco do carona com o cinto de segurança e então subi de volta a escada em espiral até o segundo piso. Fui até a estante e peguei a caixa cor de laranja de Grant. Abrindo-a, repassei as fotos uma por uma, refletindo se deveria ou não levá-las. Eu tinha feito aquilo, tudo ali dentro era meu. Mas a ideia de ter uma cópia em um lugar seguro me reconfortava, especialmente quando os próximos meses da minha vida seriam tudo menos seguros. Se alguma coisa acontecesse com a caixa azul, eu sempre poderia voltar para pegar a cor de laranja.

Deixei a caixa no meio do chão e tirei um pequeno quadrado de papel da minha mochila. Ele estava dobrado ao meio e ficou em pé sobre a caixa, como um marcador de lugar



num jantar formal. No meio do papel, eu havia colado uma foto de uma rosa branca, do tamanho de uma moeda. Eu a havia pegado de uma pilha de fotografias descartadas no quarto azul e recortado a imagem com cuidado para que sobrasse apenas a flor. Debaixo dela, onde deveria estar o nome, escrevera uma só frase em tinta permanente.

Uma rosa é uma rosa é uma rosa.

Grant entenderia, mesmo que não aceitasse, que aquele era o fim.



# AFTER DARK





# *Parte 3*

# *Musgo*





1

EU IRIA VOLTAR PARA O QUARTO AZUL; teria o bebê entre suas paredes que lembravam água. Sabia disso da mesma forma que sabia que Grant estava me procurando –

não tinha nenhuma prova, mas também não tinha nenhuma dúvida. Ele não sabia onde ficava o quarto azul, mas eu tinha certeza de que tinha informações suficientes para conseguir encontrá-lo. Até ele desistir, eu teria que ficar escondida.

Poderia levar meses ou um ano inteiro. Eu estava preparada para esperar.

Adolescentes embriagados não me assustavam mais, então voltei a morar no meu jardim na McKinley Square.

Agora tinha uma faca e experiência sexual. Eles não



poderiam fazer nada que já não houvesse sido feito antes e, olhando meu reflexo na vitrine de uma loja de conveniência, duvidava que alguém fosse tentar. Indiferente tanto em relação ao meu corpo em transformação quanto à minha condição de sem-teto, eu não trocava de roupa, não procurava tomar banho nem transitar pelos bairros mais ricos. As semanas começaram a se mostrar na minha pele.

Sentia falta de Renata e do meu trabalho, mas não podia voltar para a Bloom. Seria o primeiro lugar onde Grant me procuraria. Em vez disso, me escondi debaixo dos arbustos

de urze, que haviam crescido e se multiplicado na minha ausência. Suas sementes podiam ficar no solo por meses ou anos – décadas até – antes que vida nova brotasse delas. Eu me sentia consolada ao me enroscar com a bolsa de viagem de Grant entre os galhos daquela planta. Deixei o restante das minhas coisas no carro, que estacionava em uma rua diferente a cada dia. Se Grant o visse, iria reconhecê-lo –

mesmo sem a placa e com a caixa azul bem escondida debaixo dos meus pertences –, então eu o deixava afastado de Potrero Hill, nos bairros de Bernal Heights ou Glen Park, e às vezes até mais longe, em Hunters Point. Já estava dormindo no parque havia semanas quando me toquei de que poderia passar as noites no carro. Mas não queria fazer isso. O cheiro de terra, saturada pelo excesso de água, se infiltrava em meus sonhos e apaziguava meus pesadelos.

Em meados de agosto, empoleirada no trepa-trepa da McKinley Square, vi Grant. Ele se aproximava pela Vermont



Street, subindo a colina enquanto seus olhos percorriam os sobrados modernos e as casas vitorianas. Parou e trocou algumas palavras com um pintor que estava em cima de um andaime inclinado. Tinta turquesa pingava de um pincel e caía sobre um pano perto do sapato de Grant. Ele se agachou e tocou a tinta fresca, então falou algo para o pintor, que deu de ombros. Grant estava três quarteirões mais abaixo e eu não conseguia ouvi-lo, mas pude notar que ele não estava sem fôlego mesmo depois daquela subida íngreme.

Revirei os arbustos, fechei a bolsa e atravessei a rua com ela, entrando na loja da esquina. Quando voltei a morar na McKinley Square, falei para o dono da loja que estava fugindo de uma família violenta. Pedi que ele me escondesse caso meu irmão viesse me procurar. O homem tinha recusado, mas depois de tanto tempo comprando todas as minhas refeições em sua loja sempre vazia, eu sabia que ele não teria coragem de me expulsar dali.

O dono da loja ergueu os olhos quando entrei correndo com minha bolsa pesada e rapidamente abriu a porta atrás dele. Contornei o balcão às pressas, atravessei a porta e subi um lance de escadas. Ajoelhando-me, engatinhei até a janela da frente do apartamento pequeno e pouco mobiliado. O chão de madeira cheirava a cera líquida com aroma de limão e parecia grudento contra as minhas canelas. As paredes eram pintadas de amarelo-vivo. Aquele lugar não chamaria a atenção de Grant.



Agachando-me debaixo da janela, espiei por sobre o parapeito. Grant já havia subido as escadas até o parque e passado pelos balanços, cujos assentos vazios oscilavam ao vento. Ele girou o corpo e eu me abaixei. Quando tornei a levantar a cabeça, ele estava parado no limiar do gramado, onde os torrões verdes e espessos se encontravam com a vegetação rasteira e silvestre do bosque. Ele pressionou uma bota contra o tronco de uma sequoia antes de atravessar a camada macia de terra adubada e se ajoelhar diante da verbena branca. Prendi a respiração enquanto Grant corria os olhos pelo declive, com medo de que ele notasse o arbusto de urze podado e a marca do meu corpo, com a barriga redonda, debaixo dele.

Mas ele não se deteve ali. Em vez disso, voltou-se para a verbena e inclinou a cabeça. Eu estava longe demais para ver as pétalas delicadas em que ele afundou o nariz, longe demais para escutar suas palavras sussurradas, mas sabia que ele estava rezando.

Pressionei a testa contra o vidro e senti meu corpo sendo atraído em sua direção pela força do meu desejo.

Sentia falta do seu cheiro doce e natural, da sua comida e do seu toque. Do modo como pousava as palmas quadradas de suas mãos, que cheiravam a terra mesmo depois de serem lavadas, sobre as minhas faces enquanto me olhava nos olhos. Mas eu não podia ir ao seu encontro. Ele faria promessas e eu repetiria suas palavras por querer acreditar em sua visão de nossa vida juntos. Mas, com o tempo, nós



dois descobriríamos que minhas palavras eram vazias. Eu fracassaria. Esse era o único resultado possível.

Fechando os olhos, eu me obriguei a me afastar da janela. Meus ombros se curvaram para a frente, minha barriga pressionada contra as coxas abertas. O sol aqueceu minhas costas. Se eu soubesse rezar, teria acompanhado Grant. Teria pedido por ele, por sua bondade, sua lealdade e seu amor improvável. Teria rezado para que ele desistisse, virasse a página e recomeçasse. Poderia até ter rezado por seu perdão.

Mas eu não sabia rezar.

Em vez disso, fiquei como estava, encolhida no chão da sala de estar de um estranho, esperando Grant desistir, se esquecer de mim e ir para casa.





---

2



OBSERVEI MEREDITH IR EMBORA em seu carro.

Depois de nos visitar semanalmente durante dois meses, ela enfim decidira marcar uma nova audiência com a juíza. Para dali a seis meses.

Elizabeth pôs uma fatia extra de bacon em um sanduíche e o colocou na minha frente. Eu o peguei, dei uma mordida e assenti. Ela não dera o aviso de desistência, como eu imaginei que faria, mas estava diferente de antes da adoção frustrada: parecia muito nervosa e passava o tempo todo se desculpando.

– Vai passar voando – disse ela –, com a colheita, as festas de fim de ano e tudo o mais.



Voltei a assentir e engoli em seco, esfregando os olhos, recusando-me a chorar. Desde que havíamos perdido a audiência, eu vinha repassando as cenas do ano anterior na minha cabeça sem parar, buscando pistas do que eu fizera de errado. A lista era longa: cortar o ramo do cacto, agredir o motorista do ônibus escolar e mais de uma declaração de ódio. Mas Elizabeth parecia ter perdoado meus acessos de raiva. Ela parecia entendê-los. Cheguei à conclusão de que o motivo de sua indecisão repentina era meu crescente apego a ela ou então minhas lágrimas. Sentindo meus olhos se encherem d'água, fechei-os e me inclinei para a frente, pressionando a testa contra a mesa.

– Sinto muito, de verdade – falou Elizabeth baixinho.

Tinha dito isso centenas de vezes ao longo das últimas semanas e eu acreditava nela. Elizabeth parecia sentir muito.

No que eu não acreditava, no entanto, era que ela ainda quisesse ser minha mãe. Piedade, eu sabia muito bem, era diferente de amor. A julgar pelo que eu tinha ouvido de sua conversa na sala de estar, Meredith deixara claro para Elizabeth quais eram as minhas opções. Eu não tinha mais ninguém além dela. Concluí que foi uma sensação de obrigação que impedira Elizabeth de dar o aviso de desistência. Depois de terminar o sanduíche, limpei as mãos na calça jeans.

– Se já tiver acabado, me espere no trator – falou Elizabeth. – Vou lavar a louça e encontro você lá.



Do lado de fora, eu me encostei no pneu alto, observando as videiras. Estava sendo um bom ano. Elizabeth e eu tínhamos desbastado e adubado na medida certa; as uvas que restavam estavam gordas e começavam a ficar doces. Eu passara o outono trabalhando ao lado dela no vinhedo, escrevendo redações de três parágrafos sobre as estações, o solo e o cultivo de uvas; memorizando guias de plantas e suas famílias. Nos fins de tarde, como no ano anterior, acompanhava Elizabeth enquanto ela caminhava pelo terreno provando as uvas.

Conferi meu relógio. Tínhamos uma longa noite de degustação pela frente e eu estava ansiosa para começar.

Mas Elizabeth não apareceu, nem depois de 5 minutos, nem

depois de 10. Decidi voltar para casa. Tomaria um copo de leite e ficaria observando-a terminar de limpar a cozinha.

Quando cheguei à varanda, ouvi sua voz, meio irritada, meio suplicante. Ela estava ao telefone. Entendi na mesma hora por que Elizabeth tinha me deixado esperando no trator e, com a mesma rapidez, percebi que a culpa de eu não ter sido adotada não era minha. Era de Catherine. Se ela tivesse aparecido, se tivesse respondido com palavras ou flores, se não tivesse deixado Elizabeth tão sozinha, tudo teria sido diferente. Elizabeth teria saído da cama, amarrado as fitas do meu vestido e teríamos nos encontrado com a juíza, acompanhadas de Grant e Catherine. Transbordando de raiva, irrompi na cozinha como um furacão.

– Eu odeio essa mulher! – gritei.



Elizabeth ergueu os olhos. Ela moveu a mão para tapar o fone. Saltando para a frente, arranquei o aparelho dela.

– Você destruiu a porra da minha vida! – gritei, batendo o fone contra a base em seguida.

A ligação foi cortada, mas o fone ricocheteou do gancho, caiu no piso de madeira e ficou pendurado a poucos centímetros do chão. Elizabeth colocou a cabeça entre as mãos e se apoiou no balcão. Ela não parecia surpresa nem ofendida por minha explosão repentina. Esperei que dissesse alguma coisa, mas ela ficou um bom tempo calada.

– Victoria, sei que você está com raiva – falou por fim. –

E tem todo o direito de estar. Mas não fique com raiva de Catherine. Fui eu que estraguei tudo. Ponha a culpa em mim.

Eu sou sua mãe... você não sabia que é para isso que as mães servem?

Os cantos da sua boca se ergueram um pouco, formando um sorriso irônico e cansado. Olhei-a nos olhos.

Cerrando os punhos, dei as costas para ela, implorando a mim mesma para que não a atacasse. Mesmo no auge da minha raiva, eu entendia que, acima de tudo, queria continuar com Elizabeth.

– Não – respondi quando me senti calma o suficiente para falar. – Você não é minha mãe. Seria se Catherine não tivesse destruído minha vida.



Enquanto subia as escadas, furiosa, levei um susto ao vislumbrar um movimento na janela da frente. Um caminhão se aproximava depressa pela entrada de veículos. Reconheci o perfil de Grant debruçado sobre o volante. Freios cantaram e cascalho subiu pelos ares enquanto ele estacionava em frente à casa.

Fui correndo para o segundo andar ao mesmo tempo em que Grant subia a passos firmes os degraus da varanda.

Quando cheguei lá em cima, encostei-me na parede, sumindo de vista. Grant não bateu nem esperou que Elizabeth viesse atender a porta.

– Você tem que parar – falou ele, sem fôlego.

Elizabeth atravessou a sala. Eu a imaginei parada diante dele, somente a tela da porta separando seus corpos.

– Eu não vou parar – declarou ela. – Uma hora ela vai aceitar meu perdão. Precisa aceitar.

– Ela não vai fazer isso. Você não conhece mais minha mãe.

– O quê? O que você quer dizer com isso?

– Exatamente o que falei. Você não a conhece.

– Não estou entendendo – sussurrou Elizabeth, sua voz quase inaudível em meio a um som persistente de batidas.

Parecia ser o pé de Grant na varanda ou os nós de seus dedos contra a armação da tela. Era um barulho nervoso, impaciente.



– Só vim aqui para pedir que você pare de ligar... por favor.

Um silêncio pairou entre os dois.

– Você não pode me mandar esquecê-la. Ela é minha irmã.

– Talvez – disse Grant.

– Talvez? – A voz de Elizabeth subiu de tom de repente.

Eu conseguia imaginar seu rosto vermelho, quente. Será que ela estava perseguindo a mulher errada? Será que Grant nem sequer era seu sobrinho?

– Só estou dizendo que ela não é a irmã que você conheceu. Por favor, acredite em mim.

– As pessoas mudam – falou Elizabeth. – O amor, não.

Laços familiares, não.

Houve mais um período de silêncio e desejei poder ver seus rostos, saber se estavam com raiva, indiferentes ou à beira das lágrimas.

– Sim – disse Grant finalmente. – O amor muda.

Ouvi passos e soube que ele estava indo embora.

Quando tornei a escutar sua voz, ela vinha de longe.

– Minha mãe não para de encher potes de geleia com fluido de isqueiro. Tem um monte deles enfileirados no parapeito da janela da cozinha. Ela diz que vai incendiar seu vinhedo.



– Não. – Elizabeth não parecia chocada nem temerosa, apenas incrédula. – Ela não faria isso. Não importa quanto ela tenha mudado em 15 anos. Catherine ama estas videiras tanto quando eu. Sempre amou.

A porta do caminhão bateu.

– Só achei que você deveria saber – disse ele.

O motor deu a partida com um ruído baixo, mas

continuou parado na entrada para carros. Imaginei os olhares de Grant e Elizabeth se cruzando, analisando-se mutuamente em busca da verdade.

Por fim, Elizabeth chamou seu nome.

– Grant? Você não precisa ir embora. Sobrou comida do jantar e você é bem-vindo.

Rodas giraram no cascalho.

– Não. Eu não deveria ter vindo e não vou voltar. Ela nunca poderá saber que estive aqui.







3

ESPEREI UM SEGUNDO MÊS e depois um terceiro, só por precaução, passando o dinheiro do aluguel por baixo da porta de Natalya no dia do vencimento. No final de outubro, os enjoos tinham melhorado. A náusea só voltava quando eu não comia o bastante, o que era raro. Tinha dinheiro de sobra para as refeições. O que tinha pegado de Grant e minhas próprias economias eram suficientes para me deixar bem alimentada durante toda a gravidez, mas eu sabia que não precisaria esperar tanto.

Quando as folhas começaram a cair, tive certeza de que Grant havia desistido. Eu me imaginava olhando pelas janelas da sua torre de água e observando-o encaixotar os livros de poetas românticos e cobrir a caixa cor de laranja



com um pano escuro, os gestos calculados de um homem com um passado a esquecer. Haveria muitas mulheres no mercado de flores, mais bonitas, exóticas e sensuais do que eu jamais seria. Ele não demoraria a encontrar uma, se é que isso já não tinha acontecido. Porém, ao mesmo tempo em que tentava me convencer disso, a imagem de Grant me vinha à mente, seu blusão com capuz cobrindo-lhe a testa. Eu nunca o vira olhar para outra mulher que passasse pela sua barraca, nenhuma vez.

No dia que senti o primeiro chute do bebê, voltei para o quarto azul. Arrastei a bolsa de viagem pela cidade até meu carro e segui para o apartamento. Fiz três viagens para carregar tudo para o andar de cima. A porta de Natalya estava aberta e parei diante da sua cama, observando-a

dormir. Ela havia acabado de retocar a tintura do cabelo e a franha branca do seu travesseiro estava manchada com listras cor-de-rosa. Cheirava a vinho doce e a cravos e não se mexeu. Eu a sacudi para acordá-la.

– Ele apareceu? – perguntei.

Natalya cobriu os olhos com o cotovelo e suspirou.

– Sim. Algumas semanas atrás.

– O que você disse?

– Só que você tinha sumido.

– Sumi mesmo.

– É. Onde você estava?



Ignorei a pergunta.

– Você disse a ele que eu ainda estava pagando o aluguel?

Ela se sentou na cama e balançou a cabeça.

– Eu não tinha certeza se o dinheiro era mesmo seu.

Ela estendeu o braço e botou a mão na minha barriga.

Nas últimas semanas, eu tinha deixado de parecer gorda para parecer indiscutivelmente grávida.

– Renata me contou.

O bebê chutou outra vez, suas mãos e seus pés pressionando meus órgãos, raspando as paredes do meu fígado, coração e baço. Tive ânsias e corri para a cozinha, vomitando na pia. Deixando-me cair no chão, senti o enjoo ir e vir no ritmo dos movimentos do bebê. Achava que o mal-estar do início da gravidez já tinha ficado para trás; também achava que havia superado a vontade de vomitar sempre que alguém me tocava. Uma das minhas duas suposições estava errada.

Renata tinha contado para Natalya. Não havia motivos para acreditar que não havia contado para Grant. Escalei os armários da cozinha e vomitei uma segunda vez na pia.

Havia um novo cartaz na vitrine da Bloom. Horário de atendimento reduzido, fechada aos domingos. Quando cheguei no começo da tarde, a loja estava trancada e com as



luzes apagadas, embora o cartaz indicasse que deveria estar aberta. Bati à porta e, quando Renata não veio atender, bati outra vez. A chave estava no meu bolso, mas não a usei.

Sentei-me no meio-fio e fiquei esperando.

Quinze minutos depois, Renata voltou, carregando a embalagem prateada de um burrito para viagem. Observei a luz se refletir do alumínio para os muros dos prédios pelos quais ela passava. Eu me levantei, mas não olhei em sua

direção, nem mesmo quando ela parou bem na minha frente.

Mantive os olhos fixos nos meus próprios pés, ainda visíveis abaixo da minha barriga.

– Você contou para ele? – perguntei.

– Ele não sabe?

O tom de espanto e acusação em sua voz me fez recuar.

Eu me afastei do meio-fio, cambaleando em direção à rua.

Renata me segurou firme, colocando a mão no meu ombro.

Quando levantei a cabeça, seus olhos pareciam mais gentis do que suas palavras.

Ela meneou a cabeça para a minha barriga.

– Para quando é o bebê?

Dei de ombros. Não sabia e não me importava. Ele nasceria quando chegasse a hora. Eu não iria a um médico e não daria à luz num hospital. Renata parecia compreender tudo isso sem que eu precisasse lhe dizer.



– Minha mãe vai ajudar você. E não vai lhe cobrar nada.

Ela acha que essa é a missão dela no mundo.

Eu conseguia ouvir aquelas palavras saindo da boca de Mamãe Ruby, com seu sotaque mais carregado e suas mãos no meu corpo. Balancei a cabeça.

– Então, o que você quer de mim? – perguntou Renata, sem esconder a frustração de suas palavras curtas e pausadas.

– Quero trabalhar – falei. – E não quero que você conte para Grant. Nem que voltei, nem que estou grávida.

Ela suspirou.

– Ele merece saber.

Assenti.

– Eu sei disso. – Grant merecia um monte de coisas, todas elas melhores do que eu. – Você não vai contar para ele?

Renata balançou a cabeça.

– Não. Mas não vou mentir. Não pode trabalhar comigo, não com Grant me perguntando todos os sábados se você voltou para o emprego. Eu nunca soube mentir e não quero aprender agora.

Eu me encolhi no meio-fio e Renata se sentou ao meu lado. Quando verifiquei minha pulsação debaixo da pulseira do relógio, os batimentos eram quase imperceptíveis. Não



conseguiria outro emprego. Mesmo antes de engravidar, as chances eram mínimas. Na minha condição atual e cada vez

mais evidente, seria impossível. O dinheiro que havia economizado acabaria. Eu não seria capaz de me alimentar nem de comprar todas as coisas que tornam as crianças tão absurdamente caras.

– Então, o que vou fazer? – Meu desespero se transformou em raiva ao sair do meu corpo, mas Renata não hesitou.

– Pergunte a Grant.

Eu me levantei para ir embora.

– Espere um instante.

Renata abriu a porta da Bloom e foi até a registradora.

Levantando a bandeja de dinheiro, retirou um envelope vermelho lacrado, com meu nome escrito com capricho na parte da frente e me entregou, junto com um maço de notas de 20 dólares.

– Seu último pagamento.

Não contei o dinheiro, mas era claramente mais do que ela me devia. Depois que o guardei na mochila, ela me entregou o envelope e seu burrito ainda embalado.

– Proteína – falou. – É o que minha mãe sempre diz.

Ajuda a formar o cérebro do bebê. Ou talvez sejam os ossos, não me lembro.

Eu agradeci, virando-me para descer a ladeira.



– Se precisar de qualquer coisa – disse ela enquanto eu me afastava –, sabe onde me encontrar.

Passei o resto do dia no quarto azul, lutando contra ondas de enjoo enquanto o bebê se agitava dentro de mim.

Eu estava sentada de pernas cruzadas no chão branco e felpudo, onde o envelope vermelho jazia como uma mancha de sangue. Não conseguia me decidir entre abri-lo ou enfiá-lo debaixo do tapete e me esquecer de sua existência.

Por fim, resolvi que precisava saber. Seria duro ler as palavras de Grant, mas pior ainda seria passar a gravidez toda sem saber se ele adivinhara o motivo da minha partida repentina.

Porém, quando abri o envelope, não era o que eu esperava. Era um convite de casamento: Bethany e Ray, no primeiro fim de semana de novembro, em Ocean Beach.

Faltavam menos de duas semanas para a cerimônia. Eu estava convidada, escreveu Bethany no verso, mas será que eu também poderia cuidar das flores? O que ela mais queria era constância, seguida de paixão. O oposto da flor de cerejeira, pensei, encolhendo-me diante da lembrança da tarde no ateliê de Catherine e de tudo que aquele momento havia se tornado. Eu sugeriria madressilva, decidi, devoção. A própria resistência da trepadeira sugeria uma constância que eu nunca havia experimentado, mas que eu torcia para que Bethany tivesse.

Ela havia incluído seu número de telefone na mensagem e pedido para que eu ligasse no final de agosto. A data tinha





# AFTER DARK

passado havia muito tempo e ela provavelmente já havia encontrado outra florista, mas eu tinha que tentar. Era minha única fonte de renda que eu tinha em vista no que seria um longo e improdutivo inverno.

Bethany atendeu no segundo toque e engasgou ao ouvir minha voz.

– Victoria! – disse ela. – Eu tinha desistido de você! Já encontrei outra florista, mas aquela mulher está prestes a perder o trabalho, independentemente de eu ter pagado um adiantamento.

Ela e Ray me encontrariam no dia seguinte. Eu lhe ensinei como chegar à minha casa.

– Espero que você fique para o casamento – falou Bethany antes de desligar. – Acho que seu buquê foi o começo de tudo, sabe?

– Vou ficar, sim – respondi. E levaria algo parecido com cartões de visita.

Perguntei a Natalya se poderia receber Bethany e Ray no andar de baixo e ela concordou. Mais cedo na manhã seguinte, comprei uma mesa de carteador e três cadeiras dobráveis em um brechó em South San Francisco. Elas couberam no porta-malas do meu carro, mas tive que amarrar a tampa com uma corda. Além da mobília, comprei um vaso de cristal cor-de-rosa com uma pequena lasca por 1

dólar e uma toalha de mesa de renda branca com forro de



plástico rosa por 3. Embrulhei o vaso na toalha e segui até em casa pelas vias secundárias.

Antes de Bethany e Ray chegarem, montei a mesa no escritório vazio. Depois de cobri-la com a toalha de renda, coloquei o vaso de cristal no centro, cheio de flores do meu jardim na McKinley Square. Ao lado do vaso, deixei minha caixa de fotos azul. Conferi duas vezes a ordem alfabética enquanto esperava a porta se abrir.

Isso finalmente aconteceu e Bethany surgiu no vão mais bonita do que eu me lembrava. Ray era mais atraente do que eu havia imaginado. Eles formariam um lindo casal de noivos, pensei, carregando longas tiras ondulantes de madressilvas pela areia branca.

Bethany abriu os braços para me abraçar e deixei, meu ventre era uma bola entre nós duas. Ao olhar para baixo, ela soltou um arquejo e colocou as mãos na minha barriga.

Perguntei-me quantas vezes teria que aturar isso durante os meses seguintes, tanto de pessoas conhecidas como de completos estranhos. A gravidez parecia anular as leis sociais tácitas de espaço individual. Detestava a ideia quase tanto quanto a sensação de outro ser humano crescendo dentro do meu corpo.

– Meus parabéns! – falou Bethany, me abraçando outra vez. – Para quando é?



# AFTER DARK

Era a segunda vez que me faziam essa pergunta em dois dias e eu sabia que, quanto maior ficasse minha barriga, mais iria ouvi-la. contei os meses na minha cabeça.

– Fevereiro – respondi. – Ou março. Os médicos não sabem ao certo.

Bethany me apresentou a Ray e nós trocamos um aperto de mãos. Gesticulando para a mesa e as cadeiras, convidei-os a sentar. Acomodei-me de frente para eles, pedindo desculpas por ter demorado tanto a ligar.

– Estamos simplesmente felizes por ter ligado – disse Bethany, apertando o braço grosso do noivo. – Falei muito de você para Ray.

Empurrei a caixa azul na direção deles. Ela brilhava sob as luzes fluorescentes do escritório.

– Posso fazer qualquer coisa que vocês quiserem para o casamento. O mercado de flores tem quase tudo, mesmo que esteja fora de estação.

Bethany abriu a tampa e eu me encolhi, como se ela estivesse tocando meu corpo outra vez.

Ray pegou o primeiro cartão. Nos anos seguintes, eu veria muitos homens se mostrarem desconfortáveis diante do meu dicionário de flores, as luzes fluorescentes lançando uma sombra repulsiva em seus rostos nervosos. Mas Ray não foi um deles. Seu físico enganava; ele discutia emoções como as amigas de Annemarie, com uma mistura de entusiasmo



# AFTER DARK

loquaz e indecisão. Eles se detiveram num dos primeiros cartões, acácia, assim como Grant e eu, mas por motivos totalmente diferentes.

– Amor secreto – disse ele. – Gostei.

– “Secreto”? – perguntou Bethany. – Por que secreto?

Seu tom fingia ofensa, como se Ray estivesse sugerindo que eles escondessem seu amor do mundo.

– Porque o que temos é secreto. Quando meus amigos falam sobre suas namoradas ou esposas, reclamando ou contando vantagem, fico quieto. O que nós temos... é diferente. Quero que continue assim. Intocado. Secreto.

– Humm – disse Bethany. – Entendo.

Ela virou o cartão e observou a foto da acácia, uma flor sedosa, dourada e esférica, que pendia de um caule delicado.

Havia mais de um pé de acácia na McKinley Square.

Esperava que eles estivessem em flor.

– O que você pode fazer com isso? – perguntou-me ela.

– Depende do que mais vocês querem. A acácia não é uma flor para arranjos de centro de mesa. Eu provavelmente a usaria para envolver a base de um buquê, deixando suas mãos meio escondidas.

– Gostei disso – falou Bethany. Ela se virou para Ray: –

O que mais?



No fim das contas, eles se decidiram por rosas marroquinas fúcsia, lilases cor-de-rosa claros, dalias creme, madressilvas e acácias douradas. Eles teriam que trocar os vestidos das madrinhas: a seda vinho não combinaria.

Bethany ficou aliviada por serem de uma loja de departamentos, e não encomendados. As flores eram o mais importante, disse ela, confiante, e Ray concordou.

Quando eles se levantaram para ir embora, eu lhes disse que entregaria as flores ao meio-dia e voltaria para o casamento às duas.

– Posso ajeitar seu buquê no último minuto – falei para ela –, se for preciso.

Bethany me abraçou outra vez.

– Seria maravilhoso – disse ela. – Meu maior medo é que as rosas se desmanchem de repente, quando a marcha nupcial começar a tocar, e tanto meu casamento quanto minha boa sorte acabem indo por água abaixo.

– Não se preocupe – falei. – Flores não costumam entrar em combustão espontânea.

Olhei de Bethany para Ray enquanto falava. Ela sorriu.

Eu estava falando de Ray, não das flores, e ela entendeu.

– Eu sei – disse ela.

– Você se importa se eu levar alguns cartões de visita?

Estou começando meu negócio aqui – falei, meneando a cabeça para as paredes brancas.



– Claro que não! – respondeu Bethany. – Leve seus cartões! Ah, sim! Esquecemos de dizer: leve também um convidado. – Bethany indicou minha barriga e piscou.

O bebê deu um chute e eu voltei a ficar enjoada.

– Vou levar sim – falei. – Os cartões, não um convidado.

Obrigada.

Bethany pareceu constrangida e Ray corou enquanto a arrastava em direção à porta.

– Obrigada – disse ela. – De verdade. Nunca vou conseguir agradecer o bastante.

Parada diante da porta de vidro, observei os dois subirem a ladeira até o carro. Ray passou o braço em volta da cintura de Bethany. Sabia que ele a estava consolando, garantindo-lhe que aquela jovem estranha e solitária com um talento mágico para as flores estava feliz por ser mãe solteira.

Eu não estava.



# AFTER DARK



4



COMPREI UM VESTIDO PRETO na Union Square e quatro dúzias de íris roxas de um balde na Market Street. O

vestido preto disfarçava minha barriga, o que reduziria o número de mãos atrevidas. As íris seriam meus cartões de visita. Recortei papel cor de alfazema em retângulos e fiz um furo em cada um deles. De um lado, escrevi a palavra Mensagem em uma caligrafia rebuscada, inspirada na de Elizabeth. Do outro, Victoria Jones, Florista, com minha própria letra. Incluí o telefone de Natalya.

Havia apenas um obstáculo, que acabou se revelando mais complicado do que eu imaginava. Ainda tinha o cartão de compras em atacado de Renata, mas não poderia comprar minhas flores no mercado. Grant ia para lá todos os dias, exceto aos domingos. Eu não poderia comprar flores no



domingo para um casamento no sábado seguinte. Havia planejado ir de carro até o mercado atacadista mais próximo, em San Jose ou Santa Rosa, mas, quando comecei a procurar, descobri que não havia mais nenhum em todo o Norte da Califórnia. Floristas viajavam centenas de quilômetros no meio da noite para comprar flores em São Francisco.

Cogitei comprar as flores no varejo, mas, depois de calcular os custos, percebi que não teria lucro dessa forma.

Talvez até perdesse dinheiro. Então, na sexta-feira anterior ao casamento, fui de carro até a Gathering House, subi as escadas de cimento e bati na porta pesada.

Uma garota magra de cabelos loiros, quase brancos, me deixou entrar.

– Alguém aqui precisa de trabalho? – perguntei.

A loira desceu o corredor e não voltou. Um grupo de garotas no sofá me encarava com expressões desconfiadas.

– Eu morei aqui – falei. – Agora sou florista. Tenho um casamento amanhã e preciso de ajuda para comprar as flores.

Algumas das garotas de levantaram e cruzaram a sala para se juntarem a mim à mesa de jantar.

A título de entrevista, fiz três perguntas às garotas, escutando suas respostas uma de cada vez. Diante da primeira – “Você tem um despertador?” – todas fizeram que



sim com a cabeça, muito sérias. A segunda – “Você sabe chegar à Rua 6 com a Brannan de ônibus?” – eliminou uma ruiva baixinha e gorducha que estava sentada à ponta da mesa. Ela disse que não andava de ônibus de jeito nenhum.

Eu a despachei com um peteleco no ar.

Perguntei às duas meninas restantes para que elas precisavam do dinheiro. A primeira, uma latino-americana chamada Lilia, desfiou uma longa lista de desejos, alguns essenciais, outros supérfluos. Seus marcadores de texto estavam secando, o hidratante estava acabando e ela não tinha nenhum sapato que combinasse com a roupa que seu namorado lhe dera de presente. A última coisa a mencionar

foi o aluguel, como se só depois tivesse se lembrado dele.

Gostei do nome dela, mas não de suas respostas.

Eu não conseguia ver os olhos da última garota por baixo de sua franja comprida. Quando ela a tirava de cima do rosto, deixava a mão na testa. Mas sua resposta foi simples e exatamente a que eu queria ouvir. Se não pagasse o aluguel, seria despejada. Sua voz se embargou ao dizer isso e ela tentou esconder o rosto no suéter de tricô, até que apenas seu nariz ficasse visível acima da gola rolê. Eu precisava de alguém desesperado o suficiente para ouvir o despertador às três e meia da manhã e realmente sair da cama; aquela garota não me decepcionaria. Eu lhe disse para me encontrar no ponto de ônibus da Brannan, a um quarteirão do mercado de flores, às cinco da manhã do dia seguinte.



Ela se atrasou. Não a ponto de eu não conseguir terminar os arranjos a tempo, mas o bastante para me deixar aflita. Eu não tinha um plano B e preferiria deixar Bethany esperando no altar sem um buquê do que correr o risco de encontrar Grant. Todas as vezes que eu pensava nele, meu corpo doía e o bebê se agitava. Mas a garota chegou, correndo e sem fôlego, 15 minutos depois da hora combinada. Ela havia dormido no ônibus e perdido o ponto, mas trabalharia rápido para compensar. Eu lhe entreguei meu cartão de compras em atacado, um maço de notas e uma lista de flores.

Enquanto a garota estava lá dentro, eu patrulhava o lado de fora do galpão, com medo de que ela tentasse fugir

com o dinheiro. Estava preocupada com as várias saídas de emergência e esperava que tivessem alarmes. Porém, meia hora depois, ela apareceu com os braços cheios de flores.

Entregou-as para mim junto com o troco e então voltou ao mercado para buscar a segunda metade. Quando voltou, nós duas guardamos as flores no meu carro e seguimos de volta para Potrero Hill em silêncio.

Eu havia coberto o chão do andar de baixo com um plástico grosso. Natalya tinha dito que eu poderia fazer o que quisesse ali durante o dia, desde que não atrapalhasse os ensaios de sua banda à noite. Os vasos que tinha comprado em uma promoção estavam alinhados no centro da sala, já cheios d'água, com um rolo de fita e alfinetes ao lado.

Começamos a trabalhar sentadas no chão. Enquanto a menina observava, eu lhe ensinei a tirar os espinhos das



rosas, a aparar folhas e a cortar os caules na diagonal. Ela preparou as flores enquanto eu fazia os arranjos.

Trabalhamos até eu começar a sentir câibras nas pernas, meu corpo pesado sobre o chão. Fui ao andar de cima para me alongar e buscar as acácias e madressilvas que tinha colhido. Eu as guardara na prateleira do meio da geladeira, perto de uma embalagem de rolinhos de canela e de um galão de leite. Juntei tudo e levei para o andar de baixo, estendendo a caixa de doce para a garota.

– Obrigada – disse ela, pegando dois rolinhos. – Meu nome é Marlena, caso você tenha esquecido.

Eu havia me esquecido. Marlena tinha pouca coisa de memorável. Tudo nela era comum e até isso era escondido por seus cabelos longos e suas roupas folgadas. Ela balançou a cabeça e soprou com força para cima, fazendo sua franja se dividir e se assentar dos lados de seus olhos. Seu rosto, que eu finalmente conseguia enxergar, era redondo, com a pele lisa e sem marcas. Usava um blusão de lã imenso que ia quase até seus joelhos e a deixava parecida com uma criança que tivesse se perdido dos pais. Quando terminou de comer, sua franja voltou a cair sobre o rosto; ela não a afastou.

– O meu é Victoria – falei. Entreguei-lhe uma íris alta de um vaso ao lado da mesa. Ela leu o cartão.

– Você tem sorte – falou. – É uma empresária com um bebê a caminho. Duvido que muitas de nós consigamos ter tanto sucesso quanto você.



Não lhe contei sobre os meses que havia passado na McKinley Square, ou sobre o pavor que sentia todas as vezes que me lembrava de que a massa inquieta crescendo dentro de mim se tornaria uma criança: um ser vivo que gritaria e sentiria fome.

– Algumas vão ter, outras não – falei. – É sempre a mesma história.

Acabei de comer meu rolinho de canela e voltei a trabalhar. Horas se passaram e, de vez em quando, Marlena

fazia uma pergunta ou elogiava meus arranjos, mas eu trabalhava em silêncio ao seu lado. Minha mente estava repleta de lembranças de Renata, da minha primeira manhã com ela no mercado de flores, aprendendo a fazer as compras, e de como, mais tarde naquele mesmo dia, sentada à sua mesa longa, ela aprovava cada buquê que eu montava com um aceno de cabeça.

Quando terminamos, Marlena me ajudou a colocar as flores no carro e peguei meu dinheiro.

– De quanto você precisa? – perguntei.

Marlena estava preparada para aquela pergunta.

– Sessenta dólares – respondeu. – Para pagar o aluguel no dia primeiro. Então poderei ficar mais um mês.

Eu contei três notas de vinte e, depois de hesitar um pouco, lhe dei uma quarta.



– Tome 80 – falei. – Ligue para o telefone que está no cartão todas as segundas-feiras. Eu lhe direi quando tiver mais trabalho.

– Obrigada – disse ela.

Eu poderia ter levado Marlena em casa, afinal, o casamento ficava a poucos quarteirões da Gathering House, mas estava cansada de companhia. Esperei que ela dobrasse a esquina antes de entrar no carro e seguir até a praia.

O casamento foi perfeito. As rosas não se desmancharam; as madressilvas ondularam ao vento, mas não se enroscaram. Depois da cerimônia, parei na entrada do estacionamento e entreguei uma íris para cada convidado.

Ninguém tocou minha barriga. Não fui à festa.

Não tinha contado a Natalya sobre meu negócio, então raramente saía de casa e sempre atendia o telefone.

“Mensagem”, falava, num tom que era uma mistura de pergunta e afirmação. Os amigos de Natalya lhe deixavam recados e eu colava bilhetes na porta de seu quarto. Os clientes se apresentavam, explicavam seus eventos e eu fazia uma série de perguntas para identificar seus desejos ou os convidava a irem até o escritório no andar de baixo para uma consulta. Os amigos de Bethany tinham dinheiro e nenhum deles jamais perguntou o preço de uma flor. Eu cobrava mais quando precisava de dinheiro e menos quando o negócio começou a prosperar.



Enquanto esperava o telefone tocar e minha agenda ficar cheia, fiz mais dois pares de caixas. Não gostava da ideia de estranhos sentando-se à mesa e remexendo em minha caixa azul. Além disso, precisava de uma versão organizada por flores, como a de Grant. Peguei os negativos que havia guardado e revelei novas fotografias, montando-as em cartolina branca e guardando-as em caixas de sapato que catava no lixo. Deixei um jogo sobre a mesa do andar de baixo e dei o outro para Marlena, pedindo que ela

memorizasse cada cartão. Levei a caixa azul de volta para o meu quarto, mantendo-a em segurança atrás da fileira de cadeados.

Fui chamada para fazer um chá de bebê em Los Altos Hills, um aniversário de 1 ano num flat na California Avenue e um chá de panela no Marina District, bem em frente ao meu restaurante favorito. Depois, tive três festas de fim de ano e uma de Ano-novo na casa de Bethany e Ray. Aonde quer que fosse, eu levava um balde de íris com meu cartão anexado. Em janeiro, Marlena já havia ganhado dinheiro suficiente para o depósito de garantia de seu aluguel e eu tinha 16 casamentos agendados para o verão.

Não aceitei nenhum serviço para o mês de março e meus compromissos para fevereiro estavam me deixando nervosa.

Havia quatro galões de plástico com dictamos brancos nos cantos do meu quarto azul. Nascimento. Sem luz, as plantas jamais floresceriam. Eu mantinha a luz apagada e tentava adiar o inevitável.



Mas, apesar do meu pavor, o bebê continuava a crescer dentro de mim. No final de janeiro, minha barriga estava tão grande que precisei empurrar o banco do carro o mais para trás possível. Mesmo assim, ela ficava a poucos centímetros do volante. Quando o bebê esticava um cotovelo ou um pé, parecia que estava tentando assumir a direção do carro. Eu usava roupas masculinas, camisas e blusões grandes e longos demais e calças de elástico bem abaixo da barriga. De vez em quando passava por gorda, mas durante quase todo o tempo ainda era



alvo de mãos curiosas.

No último mês de gestação, encontrei meus clientes o mínimo possível e entregava as flores bem antes de os convidados chegarem, deixando os baldes de íris para trás.

Minha aparência cada vez mais largada destoava das mulheres bem-vestidas e eu percebia, por mais que elas fingissem o contrário, que isso as deixava desconfortáveis.

Mamãe Ruby começou a aparecer com frequência, sem se esforçar muito para inventar desculpas. Natalya parecia magra, disse-me da primeira vez, então preparou uma receita de tofu ao forno. Nem Natalya, que não estava nada magra, nem eu comemos. Tofu era uma das poucas comidas que eu não conseguia engolir. Quando Natalya viajou em sua primeira turnê de um mês – sua banda havia conquistado um leque mais amplo de fãs – joguei fora a comida junto com a travessa de vidro pesada. Sozinha no apartamento, passei a espiar pela janela antes de sair e, se Mamãe Ruby estivesse



na calçada, voltava para o quarto azul e trancava todos os seis cadeados.

Eu sabia que Renata havia contado à mãe sobre minha gravidez. Natalya jamais a teria convidado tantas vezes à sua casa e Renata, apesar de ter me despedido, se importava com meu bem-estar – como inexplicavelmente havia se importado desde que nos conhecêramos. De manhã bem cedo, enquanto fazia arranjos no andar de baixo, eu a via passar em sua caminhonete, a caminho da loja. Nossos olhares se cruzavam e ela acenava –

às vezes eu acenava de volta –, mas nunca parava e eu nunca me levantava.

Preparando-me para a chegada do bebê, eu havia feito um enxoval mínimo, com o que era indispensável para recém-nascidos: cobertores, uma mamadeira, leite em pó, pijamas e um gorro. Não conseguia pensar em mais nada. Mergulhada em um verdadeiro torpor, comprei tudo isso sem a menor expectativa ou ansiedade. Não estava com medo do parto.

Mulheres davam à luz desde o começo dos tempos. Mães morriam, bebês morriam; mães sobreviviam, bebês sobreviviam. Mães criavam seus filhos ou os abandonavam, meninos ou meninas, saudáveis ou deficientes. Eu pensava em todos os resultados possíveis e nenhum me parecia mais suportável do que os outros.

No dia 25 de fevereiro, acordei encharcada e a dor começou logo em seguida.

Natalya ainda estava em turnê e me senti grata por isso.

Tinha imaginado que precisaria morder os travesseiros para



abafar os sons do parto, mas não houve necessidade. Era sábado, os prédios comerciais vizinhos estavam fechados e nosso apartamento estava vazio. Abri a boca ao sentir a primeira contração e um rosnado grave saiu de algum lugar dentro de mim. Não reconheci minha voz nem a dor intensa em meu corpo. Quando ela passou, fechei os olhos e me

imaginei flutuando em um mar azul-escuro.

Flutuei por um minuto, talvez dois, antes de a dor voltar, mais forte do que antes. Virando-me de lado, senti as paredes da minha barriga ficarem duras como aço, fechando-se ao redor do bebê e empurrando-o para baixo. O carpete felpudo se soltou em tufo molhados entre os meus dedos e, quando a dor passou, esmurrei punhos furiosos contra as partes esburacadas.

O cheiro dos dictamos brancos e da terra úmida parecia chamar o bebê, e tudo o que eu queria era sair dali. Seria diferente no cimento frio da calçada, pensei, em meio ao tráfego e ao barulho da rua. O bebê entenderia que o mundo não o receberia de braços abertos, que não havia nada de tenro ou convidativo nele. Eu andaria até a Mission Street, compraria um donut e o bebê se embriagaria com a cobertura de chocolate e decidiria continuar sem nascer. Sentada em um banco de plástico duro, a dor pararia; tinha que parar.

Arrastando-me para fora do quarto azul, tentei me levantar. Mas não consegui. As contrações eram uma força arrebatadora, que me puxava para baixo. Engatinhei até o banco alto em frente ao balcão da cozinha e apoiei o pescoço



em sua barra de metal baixa. Talvez ele se quebrasse, pensei com algum otimismo. Talvez minha cabeça saísse rolando, decepada, e tudo aquilo acabasse. Abri a boca e mordi o metal à medida que a contração seguinte tomava conta de mim.

Quando a dor passou, tive sede. Deslizando ao longo da parede até o banheiro, debrucei-me sobre a pia, abri a torneira e levei punhados d'água à boca. Não era o suficiente.

Abri o chuveiro e entrei na banheira, o fluxo constante enchendo minha boca e descendo pela garganta. Virei-me e deixei a água encharcar minhas roupas e escorrer pelo meu corpo. Fiquei nessa posição, com o topo da cabeça apoiado na parede, sentindo a pressão na base das minhas costas, até a água quente acabar e eu ficar ali, tremendo, com as roupas molhadas.

Saindo do chuveiro, inclinei-me sobre a pia e comecei a xingar, minha voz grave e furiosa. Eu odiaria aquela criança por isso. Todas as mães devem desprezar seus filhos em segredo pela dor imperdoável do parto. Naquele momento, compreendi minha própria mãe tão claramente como se tivéssemos acabado de ser apresentadas. Eu a imaginei saindo às escondidas do hospital, sozinha, com o corpo partido em dois, abandonando seu bebê bem embrulhado, o bebê que havia substituído seu corpo antes perfeito, sua existência livre de dor. A agonia e o sacrifício eram imperdoáveis. Eu não merecia perdão. Olhando-me no espelho, tentei imaginar o rosto da minha mãe.



A dor lancinante da contração seguinte me fez dobrar o corpo, pressionando a testa contra a torneira de metal curva.

Quando levantei a cabeça e tornei a encarar meu reflexo, não foi o rosto da minha mãe imaginária que vi, mas o de Elizabeth. Seus olhos brilhavam como costumavam brilhar durante a

colheita, selvagens e cheios de expectativa.

Eu queria, mais do que tudo, estar com ela.



5



GRITEI POR Elizabeth.

Minha voz soava nervosa, desesperada, na verdade. Era cedo, mas uma lua prematura se erguia sobre o trailer de Perla, fazendo a estrutura retangular baixa lançar uma

sombra escura colina acima, até onde eu estava. Elizabeth respondeu ao meu chamado na mesma hora, virando-se e correndo pela sombra. Ela entrou e saiu da escuridão até chegar à minha frente. O luar iluminava uns poucos cabelos grisalhos em suas têmporas. Nas sombras, seu rosto era um conjunto de ângulos e linhas acentuados por dois olhos redondos e carinhosos.

– Aqui – falei. Meu coração batia audivelmente.

Estendi uma única uva, esfreguei-a contra minha blusa úmida e tornei a estendê-la.



Elizabeth pegou a uva e olhou para mim. Sua boca se abriu e fechou. Ela mordeu uma vez, mastigou, cuspiu os caroços, engoliu e mordeu de novo. Sua expressão mudou. A tensão se dissipou e o açúcar da fruta pareceu adocicar sua pele. Seu rosto assumiu um tom rosado e viçoso e, sem um só instante de hesitação, ela me tomou em seus braços fortes.

Minha grande façanha se espalhou pelo ar à nossa volta até nós duas estarmos envolvidas, protegidas por uma bolha de alegria. Eu me apertei contra seu corpo, orgulhosa, radiante, passando meus braços em volta de sua cintura, com meus pés imóveis e meu coração disparado.

Segurando-me com os braços estendidos, ela fitou meus olhos.

– Sim – disse ela. – Finalmente.

Já estávamos havia quase uma semana procurando a

primeira uva madura da estação. Um aumento repentino na temperatura havia causado um pico tão súbito na doçura dos frutos que era impossível avaliar com precisão as milhares de plantas. Elizabeth começou a me dar ordens freneticamente, como se eu fosse uma extensão de sua língua. Acres permaneceram

intocados

enquanto

nós

duas

nos

separávamos e percorríamos fileira por fileira, chupando o miolo das uvas, mastigando suas cascas e cuspidando as sementes. Elizabeth me deu uma vara pontuda e em cada videira cujo fruto eu provava, riscava um O ou um X, seus símbolos para sol e sombra, seguidos pela proporção de açúcares e taninos. Comecei pela fileira ao lado da estrada: O



71:5; passei para trás dos trailers: X 68:3; e então subi a colina sobre a adega: O 72:6; Elizabeth estava a vários acres de distância, mas de vez em quando voltava para refazer meus passos, provando cada segunda ou terceira fileira e comparando seus resultados às minhas anotações.

Ela não precisava ter questionado minha habilidade e agora sabia disso. Beijou minha testa e me inclinei em



direção ao seu corpo na ponta dos pés. Pela primeira vez em meses, me sentia querida, amada. Elizabeth se sentou na encosta da colina e me puxou para junto dela. Ficamos ali, em silêncio, observando a lua subir no céu.

A concentração que a proximidade da colheita exigia de nós havia nos feito relaxar com relação ao alerta de Grant.

Não tínhamos tempo para pensar em Catherine e sua ameaça. Agora, cercadas por uvas maduras, com nossas veias pulsando de amor uma pela outra e pelo vinhedo, as palavras dele nos voltaram à mente. Senti uma onda de nervosismo.

– Você está preocupada? – perguntei.

Elizabeth ficou calada, pensativa. Antes de falar, virou-se para afastar minha franja de cima dos meus olhos, acariciando a lateral do meu rosto. Então, fez que sim com a cabeça.

– Com Catherine, sim. Não com o vinhedo.

– Por quê?



– Minha irmã não está bem. Grant não falou muito, mas não era preciso. Ele estava apavorado. Você entenderia se tivesse visto o rosto dele e se tivesse conhecido minha mãe.

– O que você quer dizer?

Não conseguia entender o que a mãe morta de Elizabeth tinha a ver com a situação atual de Catherine, ou com o medo no rosto

de Grant.

– Minha mãe era doente mental – falou Elizabeth. – Eu nem a vi durante seus últimos anos de vida. Tinha muito medo. Ela não se lembrava de mim ou então se lembrava de alguma coisa terrível que eu fizera e me culpava por sua doença. Era terrível, mas eu não deveria tê-la deixado sozinha, não deveria ter deixado o fardo nas costas de Catherine.

– O que você poderia ter feito? – perguntei.

– Poderia ter cuidado dela. Agora é tarde demais. Faz quase 10 anos que ela morreu. Mas ainda posso cuidar de minha irmã, mesmo que ela não queira. Já falei com Grant sobre isso e ele concorda que seja uma boa ideia.

– O quê? – Eu estava chocada.

Elizabeth e eu vínhamos provando uvas 12 horas por dia durante uma semana. Não conseguia imaginar quando ela tivera tempo de falar com Grant.



– Ele precisa de nós, Victoria, e Catherine também. A casa deles é quase tão grande quanto a nossa, haverá espaço suficiente para todos nós.

Balancei a cabeça lentamente, aumentando a velocidade à medida que assimilava o que Elizabeth estava sugerindo.

Meu cabelo se agitava ao redor das minhas orelhas e batia em meu nariz. Ela queria que fôssemos morar com Catherine.

Queria que eu vivesse com a mulher que tinha destruído minha vida e ajudasse a cuidar dela.

– Não – falei, levantando-me com um salto e me afastando dela. – Você pode ir, mas eu não vou.

Quando encarei Elizabeth, ela desviou o olhar e minhas palavras ficaram suspensas no ar entre nós.



---

6



EU QUERIA ELIZABETH.

Queria que ela me abraçasse como no vinhedo, que limpasse meu rosto e meus ombros suados com o mesmo toque gentil e cuidadoso com que havia lavado minhas mãos perfuradas pelos espinhos. Queria que ela me enfaixasse com gaze, me carregasse até a mesa de café da manhã e me dissesse para não subir em árvores.

Mas ela estava fora de alcance.

E, mesmo que tivesse alguma maneira de chamá-la, ela não viria.

De repente, vomitei na pia. Tentei respirar, mas não houve tempo para isso. As contrações me atingiram como uma onda imensa e tive certeza de que iria me afogar. Peguei o telefone e disquei o número da Bloom. Renata atendeu. Por



trás dos meus arquejos desesperados, percebi que ela havia compreendido. Ela bateu o telefone com força.

Minutos depois, estava na sala de estar. Eu havia engatinhado de volta para o quarto azul e meus pés saíam da portinhola.

– Que bom que você ligou – disse Renata.

Deitada de lado, puxei meus pés para dentro do quarto até ficar toda encolhida. Quando Renata tentou olhar para dentro, fechei a porta na sua cara.

– Ligue para sua mãe – falei. – Ela tem que vir tirar esse bebê de dentro de mim.

– Já fiz isso – respondeu Renata – e ela estava aqui por

perto. Provavelmente de propósito. Ela tem um sexto sentido para essas coisas. Vai chegar a qualquer momento.

Gritei e rolei de barriga para baixo, ficando de quatro.

Eu não a ouvi chegar, mas de repente Mamãe Ruby estava ali, tirando minha roupa. Suas mãos estavam por todo o meu corpo, dentro e fora dele, mas eu não me importava.

Ela tiraria o bebê. Eu estava preparada para tudo o que ela precisasse fazer. Se tivesse sacado uma faca e me cortado em duas no ato, eu não teria sequer desviado o olhar.

Ela esticou o braço e levou um copo de papel com um canudo aos meus lábios. Bebi algo doce e gelado. Em seguida, ela limpou os cantos da minha boca com um pano.



– Por favor – pedi –, por favor. Não importa o que você precise fazer. Só tire essa coisa de dentro de mim.

– Isso é você quem vai fazer – disse ela. – É a única pessoa que pode dar à luz esse bebê.

O quarto azul estava em chamas. A água não deveria ser inflamável, mas lá estava eu, me afogando e pegando fogo ao mesmo tempo. Não conseguia respirar nem enxergar. Não havia ar ali dentro; não havia saída.

– Por favor – repeti, minha voz falhando.

Mamãe Ruby se agachou, seus olhos na altura dos

meus, nossas testas se tocando. Colocou meus braços em volta dos seus ombros e, mudando de posição, tirei os joelhos do chão e me apoiei em meus pés, como se ela pudesse me tirar daquela água fervente, mas ela não se moveu. Nós estávamos agachadas e ela estava ouvindo.

– O bebê está vindo – falou. – Você vai trazer essa criança ao mundo. É a única que pode fazer isso.

Foi nesse exato momento que entendi o que ela estava me dizendo. Comecei a chorar, meus gritos cheios de remorso. Dessa vez, não havia escapatória. Eu não poderia virar as costas e ir embora sem assumir o que tinha feito.

Havia somente uma saída e era dolorosa.

Finalmente, meu corpo se rendeu. Parei de lutar e o bebê começou a se mover, de forma lenta e excruciante, em direção aos braços ansiosos de Mamãe Ruby.





7



ERA UMA MENINA. NASCEU ao meio-dia, apenas seis horas depois de a minha bolsa estourar. Pareceram seis dias e, se Mamãe Ruby tivesse me dito que foram seis anos, eu teria acreditado. Saí do parto com uma sensação de paz e triunfo e o sorriso que me saudou no espelho do banheiro horas depois não pertencia à criança revoltada e rancorosa que catava baldes de cardo de valas à beira da estrada. Era um sorriso de mulher, de mãe.

Mamãe Ruby disse que foi um parto perfeito, que o bebê era perfeito e acrescentou que eu seria uma mãe perfeita. Ela deu banho na neném com um pano úmido, enquanto Renata foi comprar fraldas, então colocou o embrulho quente nos meus braços pela primeira vez. Eu esperava que ela estivesse dormindo, mas não estava. Seus olhos abertos apreendiam



minha expressão cansada, meus cabelos curtos, minha pele branca. Seu rosto se contorceu no que parecia um sorriso torto e, em sua expressão sem palavras, eu vi gratidão, alívio e confiança. Queria, desesperadamente, não desapontá-la.

Mamãe Ruby levantou minha blusa, aninhou meu seio em sua mão e pressionou contra minha pele o rosto da bebê, que abriu a boca e começou a mamar.

– Perfeito – repetiu Mamãe Ruby.

Ela era perfeita. Soube disso no instante em que saiu do meu corpo, branca, molhada e chorando. Além dos indispensáveis 10 dedos nas mãos e nos pés, do coração

pulsante, dos pulmões que inspiravam e expiravam, minha filha sabia gritar. Ela sabia se fazer ouvir. Sabia estender a mão e se agarrar ao peito. Sabia o que precisava fazer para sobreviver. Não sei como tanta perfeição pôde se desenvolver num corpo tão imperfeito quanto o meu, mas, quando olhei para seu rosto, vi claramente que tinha sido possível.

– Ela tem nome? – perguntou Renata ao voltar.

– Não sei – respondi, acariciando a orelha coberta de penugem da bebê enquanto ela mamava. Não tinha pensado no assunto. – Ainda não a conheço.

Mas conheceria. Eu iria ficar com ela, criá-la e amá-la, mesmo que ela tivesse que me ensinar como. Segurando nos braços minha filha recém-nascida, senti como se tudo no



mundo que até então estivera fora do meu alcance agora fosse possível.

Essa sensação permaneceu comigo por exatamente uma semana.

Mamãe Ruby ficou conosco até quase meia-noite e voltou bem cedo na manhã seguinte. Durante as oito horas que passei sozinha com a bebê, fiquei ouvindo sua respiração, contando as batidas do seu coração e observando seus dedos se abrirem e se fecharem. Cheirei sua pele, sua saliva e o sebo branco que havia resistido ao banho de Mamãe Ruby e se aninhado nos vincos de seus braços e suas pernas. De tanto alisar cada centímetro de seu corpo, meus próprios dedos

ficaram sujos daquela secreção.

Mamãe Ruby me dissera que a bebê dormiria por seis horas ou mais na primeira noite, exausta por causa do parto.

É o primeiro presente que uma criança dá à mãe, falou-me antes de ir embora, mas não o último. Aceite-o e durma também. Tentei, mas minha mente estava maravilhada demais com aquela criança, que não existia no mundo apenas um dia antes e cuja vida havia nascido do meu próprio corpo. Ao observar minha filha dormir, compreendi que ela estava segura e sabia disso. Senti uma onda de adrenalina diante daquela simples conquista. Na manhã seguinte, quando ouvi Mamãe Ruby encaixar uma chave na fechadura do andar de baixo, não tinha pregado o olho nem por um instante.



Ela carregou sua enorme bolsa até o andar de cima e a abriu diante da porta do quarto azul. A bebê estava acordada e mamando. Quando largou o peito, Mamãe Ruby auscultou seu coração e a colocou em um cesto de pano com uma mola de metal que, de algum modo, também era uma balança.

Ficou surpresa ao ver quanto peso minha filha havia ganhado

– o que, segundo ela, era incomum durante as primeiras 24

horas. A bebê choramingou e começou a sugar o ar. Mamãe Ruby pressionou sua cabeça contra meu outro seio, então puxou-o de leve com o indicador para ver se minha filha estava pegando o peito corretamente.

– Coma bastante, garotona – falou.

Nós duas ficamos observando a bebê mamar, com seus olhos fechados e suas têmporas pulsando. Aquela era a última coisa que eu esperaria fazer na vida: amamentar.

Porém, Mamãe Ruby insistiu que era o melhor para nós duas, que assim ela cresceria saudável, nós estabeleceríamos um vínculo e meu corpo recuperaria sua forma. Mamãe Ruby estava orgulhosa e me falava isso duas ou três vezes por hora. Nem todas as mães tinham a paciência ou a abnegação necessária, disse, mas ela sabia que eu teria. Não a havia desapontado.

Eu também estava orgulhosa. Orgulhosa por estar produzindo tudo de que minha filha precisava e por suportar a pressão incansável da sua mandíbula, a sensação do líquido passando de dentro do meu corpo para o dela. A bebê mamou por mais de uma hora, mas não me importei.



Amamentar me dava tempo para analisar seu rosto, memorizar seus cílios curtos e retos; sua sobrancelha sem pelos; os minúsculos pontinhos brancos que salpicavam seu nariz e suas bochechas. Quando seus olhos se abriam ligeiramente, eu analisava a íris cinza-escura, buscando sinais dos tons de castanho ou azul que assumiriam mais tarde. Perguntei-me se ela se pareceria comigo ou com Grant, ou se puxaria a um dos avós, que eu nunca havia conhecido.

Ainda não via nada de familiar nela.

Mamãe Ruby preparou ovos mexidos enquanto lia em voz alta um livro sobre como cuidar de recém-nascidos.

Depois me fez perguntas sobre o texto, ao mesmo tempo em que me dava de comer com pequenas garfadas. Escutei cada palavra e repeti as respostas *ipsis litteris*. Quando a bebê adormeceu, Mamãe Ruby parou de ler e se recusou a prosseguir, mesmo quando eu implorei.

– Durma, Victoria – falou, fechando o livro. – É a coisa mais importante. Os hormônios pós-parto podem distorcer a realidade se não forem inibidos por generosas doses de sono.

Ela estendeu os braços para que eu lhe entregasse a bebê. Embora o sono já estivesse me dominando, hesitei em lhe passar minha filha. Eu temia que a separação fosse irreversível. O prazer que o contato com ela me oferecia era novo e incerto; tinha medo de que, se abrisse mão dela, não fosse capaz de suportar seu toque quando a pegasse de volta.



Mamãe Ruby, no entanto, não entendia minha hesitação. Ela pegou a criança e a tirou de mim e, antes que eu pudesse protestar, já estava dormindo.

Mamãe Ruby não foi a única a me visitar naquela primeira semana. No dia seguinte ao parto, Renata comprou um colchão de penas para o quarto azul e um moisés para a bebê, carregando-os até o segundo piso em duas viagens. Ela

voltava todas as tardes com almoço para nós duas. Eu ficava deitada no meu colchão novo com a porta aberta, a bebê adormecida com a bochecha apertada contra meu seio nu, enquanto eu comia macarrão instantâneo ou sanduíches com as mãos. Renata ficava empoleirada em um banco alto.

Conversávamos pouco. Nem eu nem ela conseguíamos nos comunicar diante da minha nudez, mas nosso silêncio se tornou menos incômodo com o passar dos dias. A bebê mamava, dormia e voltava a mamar. Se estivesse colada ao meu corpo, pele com pele, ela ficava feliz.

Na terça-feira, enquanto Renata e eu comíamos no silêncio com o qual já estávamos habituadas, Marlena bateu à porta. Eu havia parado de atender o telefone e tínhamos um jantar de aniversário para o dia seguinte. Renata a deixou entrar e ela ficou maravilhada com a bebê. Marlena segurou, embalou e acalmou minha filha com uma naturalidade que fez Renata erguer as sobrancelhas e balançar a cabeça. Pedi que Renata pegasse um dinheiro na minha mochila para dar



a Marlena. Ela teria que cuidar das flores para o jantar sozinha.

– Não – disse Renata. – Ela fica aqui. Eu cuido das flores.

Renata pegou o dinheiro e minha agenda de eventos, onde eu havia anotado a lista de compras e o endereço do restaurante. Folheou a agenda: eu não tinha nenhum outro compromisso pelos próximos 30 dias.

– Voltarei amanhã com o almoço – falou. – E então trarei os arranjos para você aprovar.

Ela se virou para Marlena e apertou sua mão desajeitadamente debaixo da bebê, que dormia em seus braços.

– Meu nome é Renata – apresentou-se. – Fique aqui o máximo que puder hoje e volte amanhã também. Eu lhe pagarei a mesma coisa que você costuma ganhar por hora.

– Só para segurar a bebê? – perguntou Marlena.

Renata assentiu.

– Pode deixar – prometeu a garota. – Obrigada. – Ela girou o corpo em câmera lenta e a bebê suspirou em seu sono profundo.

– Obrigada – falei para Renata. – Estou precisando de um cochilo.



Havia dias que eu não dormia de verdade, sempre alerta às necessidades da bebê. No fim das contas, parecia que eu tinha o gene maternal, pensei, lembrando-me das palavras que Renata dissera enquanto seguíamos para o nosso primeiro jantar juntas.

Ela se aproximou do colchão onde eu estava deitada, com minha mão esticada para fora da porta até a sala de estar. Parou diante de mim como se procurasse um jeito de me abraçar, mas então desistiu e cutucou minha mão carinhosamente com o dedão do pé. Eu o agarrei e ela sorriu.

– Até amanhã – falou.

– O.k.

As botas de Renata desceram as escadas com um ruído baixo. O batente de metal da porta chacoalhou quando ela saiu.

– Qual é o nome dela? – perguntou Marlena, beijando a testa adormecida da bebê.

Ela se sentou em um dos bancos altos, mas a bebê se agitou. Então, Marlena se levantou outra vez e começou a andar de um lado para outro na sala, balançando-se devagar.

– Não sei – respondi. – Ainda estou pensando.

Na verdade, ainda não tinha nem considerado o assunto, mas sabia que precisava começar a pensar. Embora não estivesse fazendo nada além de amamentar, trocar fraldas e ninar minha filha, não parecia haver espaço, mental



ou físico, para nada mais. Marlena foi até a cozinha, a bebê se aninhando em seu peito e apertando a bochecha rosada contra seu ombro. Então, começou a cozinhar com uma das mãos. Sem a menor dificuldade. Eu não sabia cozinhar e definitivamente não seria capaz de fazê-lo com uma só mão e um bebê no ombro.

– Onde você aprendeu? – perguntei.

– A cozinhar?

Fiz que sim com a cabeça.



– E a cuidar de bebês – acrescentei.

– Meu último lar adotivo tinha uma creche. A mulher ficou comigo porque eu estudava em casa e ajudava com as crianças. Não me importava. Era melhor do que ir para a escola.

– Você estudou em casa? – perguntei.

A lembrança da lista de tarefas na porta da geladeira de Elizabeth me veio à mente; conferi meu relógio por reflexo.

– Sim – disse ela –, nos últimos anos. Estava tão atrasada que o juizado achou que isso pudesse ajudar a me recuperar, mas só me atrasei mais ainda. Quando fiz 18

anos, desisti da escola e me mudei para a Gathering House.

– Eu também estudei em casa – falei.



Era uma da tarde. Elizabeth estaria acabando de secar e guardar o último prato enquanto me obrigava a repetir a lição pela décima vez.

Algo ferveu no fogão e Marlena acrescentou sal. Fiquei surpresa que ela tivesse encontrado algo para cozinhar nos armários vazios. A bebê acordou com um sobressalto e Marlena a passou para o outro ombro, inclinando-a de um jeito que pudesse ver o que estava cozinhado. Depois murmurou algo baixinho, uma oração ou um poema, não consegui identificar. A bebê fechou os olhos.

– Você é melhor com crianças do que com flores – falei.

– Estou aprendendo – respondeu ela, sem parecer ofendida.

– É – respondi, observando-a trabalhar. – Eu também.

Enquanto Marlena picava, a cabeça da bebê balançava de leve.

– Você deveria dormir – disse-me ela. – Enquanto a bebê está tranquila. Logo, logo ela vai sentir fome de novo.

Assenti.

– O.k. – falei. – Me acorde se ela precisar de alguma coisa.

– Pode deixar. – Marlene se voltou para o fogão.

Fechei a porta, esperando o sono chegar. A cantiga de ninar singela de Marlena flutuava pela fresta e a melodia me



era familiar. Enquanto eu flutuava rumo à inconsciência, perguntei-me se alguém teria cantado para mim quando eu era bebê, alguém que não me amava, que me devolveria para adoção.

Na manhã de sábado, uma semana depois do parto, Mamãe Ruby chegou e começou sua rotina. Fez um monte de perguntas sobre meus sangramentos, cólicas e apetite.

Buscou provas de que eu havia jantado na noite anterior e auscultou o coração da bebê antes de pô-la na balança de pano.

– Duzentos e vinte gramas – anunciou Mamãe Ruby. –

Você está se saindo muito bem!

Ela desembrulhou a bebê e trocou a fralda. Enquanto fazia isso, o cordão umbilical, que eu nunca havia tocado e tentava não olhar, se soltou.

– Parabéns, meu anjo – sussurrou Mamãe Ruby junto ao rosto adormecido de minha filha, que arqueou as costas e estendeu os braços, com os olhos ainda fechados.

Mamãe Ruby limpou o umbigo da bebê com o conteúdo de um frasco sem rótulo. Então a enrolou novamente, devolvendo-a para mim.

– Nenhuma infecção, comendo e dormindo bem e ganhando peso – disse ela. – Você está tendo alguma ajuda?

– Renata trouxe comida – falei. – E Marlena esteve aqui por alguns dias.



– Ótimo. – Andando pelo cômodo, ela recolheu seus livros, cobertores, toalhas, frascos e tubos.

– Já vai? – perguntei, surpresa. Estava acostumada a tê-

la comigo durante a maior parte da manhã.

– Você não precisa mais de mim, Victoria – disse, sentando-se ao meu lado no sofá e passando o braço em volta dos meus ombros. Ela me puxou até meu rosto estar colado ao seu peito. –

Olhe só para você. É mãe. Acredite, existem muitas mulheres lá fora que precisam mais de mim do que você.

Assenti e não protestei.

Ela se levantou e deu uma última volta pela sala. Seu olhar se deteve nas latas de leite em pó que eu havia comprado antes de dar à luz.

– Vou doar isto aqui – falou, enfiando as latas em sua bolsa já cheia. – Você não vai precisar delas. Voltarei no sábado que vem e dois sábados depois também, só para conferir quanto peso ela vai ter ganhado. Ligue se precisar de alguma coisa.

Tornei a assentir e a observei descer as escadas com passos leves. Ela não havia deixado o número de seu telefone.

Você é mãe, repeti para mim mesma. Esperava que as palavras me tranquilizassem, mas, em vez disso, senti algo familiar tremer dentro de mim. O tremor começava no fundo



do meu estômago e ganhava velocidade à medida que subia rumo ao espaço cavernoso que antes abrigava a bebê.

Pânico.

Tentei respirar para afastar aquela sensação.



# AFTER DARK

---

8



EU ME ARREPENDI do meu ultimato.

Você tem que escolher: ou eu, ou sua irmã. Foi isso que minhas palavras exigiram. Elizabeth não correu atrás de mim, o que deixou clara sua escolha.

Passei a noite inteira e boa parte da manhã tramando.

Meu desejo era simples: ficar com Elizabeth, só com ela. Mas não conseguia pensar em uma maneira de convencê-la. Não podia fazer birra ou implorar. Eu conheço você?, perguntaria ela com uma expressão divertida nos olhos, enquanto eu implorava para comer a massa dos seus muffins. Não poderia me esconder. Elizabeth me encontraria, como sempre. Não poderia me amarrar aos pés da cama e me recusar a sair; ela cortaria as cordas e me carregaria dali.



Havia apenas uma possibilidade: colocar Elizabeth contra a irmã. Ela precisava ver quem Catherine era de verdade: uma mulher egoísta e rancorosa que não merecia sua atenção.

E então, de repente, encontrei a solução. As batidas do meu coração se tornaram ensurdecadoras enquanto eu me mantinha deitada, imóvel, revirando a ideia em minha cabeça, pensando nos possíveis contratemplos. Não havia nenhum. Da mesma forma que Catherine tinha frustrado minha adoção, ela me oferecera os meios de que precisava para continuar com Elizabeth, só com ela. Eu ganharia a batalha que Catherine iniciara inadvertidamente, antes mesmo de ela saber que fizera isso.

Eu me levantei devagar. Tirei minha camisola e vesti

uma calça jeans e uma blusa. No banheiro, esfreguei meu rosto com água gelada e sabonete com mais força do que o normal, minhas unhas traçando linhas na espuma branca.

Olhando meu reflexo no espelho, procurei sinais de medo, ansiedade ou apreensão pelo que estava por vir. Mas meus olhos estavam inexpressivos e meu queixo firme de determinação. Havia apenas uma maneira de eu conseguir o que queria. Não havia como ignorar isso.

Elizabeth estava na cozinha lavando a louça. Havia uma tigela de mingau de aveia frio sobre a mesa.

– Os trabalhadores já chegaram – disse Elizabeth, meneando a cabeça na direção da colina onde estivéramos na



noite anterior. – Tome seu café e calce os sapatos antes que eu deixe você para trás. – Ela se virou para a pia.

– Eu não vou – respondi.

Os ombros de Elizabeth se curvaram e pude ver que ela não estava surpresa, mas decepcionada.

Abri a despensa e tirei uma bolsa de lona vazia de um gancho.

Estava quente na varanda, embora ainda fosse cedo.

Desci a passos lentos a longa entrada para carros, em direção à estrada. Mais uma vez, Elizabeth não foi atrás de mim.



Desejei que estivesse mais fresco; desejei ter preparado uma sacola com comida. Estaria com calor e faminta ao me sentar na vala em frente à fazenda de flores. Mas eu esperaria. O

tempo que fosse necessário para Grant sair, mesmo que tivesse de passar a noite na beira da estrada. Em algum momento, o caminhão dele passaria sacolejando pelo portão aberto, deixando a casa vulnerável.

Quando isso acontecesse, eu entraria escondida para buscar o que precisava.





9

RENATA NÃO VEIO NO DOMINGO. Nem Marlina. Fiquei no quarto azul pelo que me pareceu o dia quase inteiro, amamentando a bebê e dormindo, mas quando saí, com a bexiga cheia e o estômago vazio, ainda eram 10 da manhã.

Apoiando-me no banco da cozinha, fiquei em dúvida entre tomar um banho ou preparar algo para comer. A bebê estava dormindo no quarto azul e eu estava faminta, mas o cheiro do meu próprio corpo, uma mistura de leite materno com óleo de bebê com aroma de damasco, estava me fazendo perder o apetite. Decidi tomar uma ducha.

Fechei e tranquei a porta do banheiro por hábito, tirando a roupa e entrando debaixo da água quente. Meus olhos se fecharam e, embora me sentisse culpada, aproveitei aquele breve instante de solidão. Quando peguei o sabonete,



ouvi um grito agudo. Mesmo abafado pela porta trancada, o som era muito alto. Continuei a ensaboar meu corpo. Só um minuto, pensei. Só uma ducha rápida e já volto. Espere.

Mas ela não podia esperar. Seu choro subiu tanto de tom quanto de volume, entrecortado por soluços baixos e desesperados. Comecei a passar xampu a toda velocidade e deixei a água entrar nos meus ouvidos, tentando bloquear o som. Não funcionou. Eu tinha a estranha sensação de que poderia ter descido as escadas, saído do prédio e atravessado a cidade, mas ainda assim conseguiria ouvi-la; era como se

seu choro estivesse conectado ao meu corpo por algo mais do que ondas sonoras. Ela precisava de mim, me desejava como se estivesse faminta, e a fome se transferia do seu corpo para o meu.

Rendendo-me ao som, saí do banho, com espuma agarrada ao cabelo e escorrendo como rios brancos pelas minhas pernas. Atravessei correndo a sala de estar e estiquei os braços para dentro do quarto azul, pegando a bebê que estava tensa, aos berros. Apertei seu rosto contra meu seio ensaboadado. Ela abriu a boca, soluçou, engasgou e chupou o bico, repetindo todo o processo duas ou três vezes antes de se acalmar o suficiente para mamar. No chuveiro, a água caía na banheira de cerâmica vazia e escorria pelo ralo.

Deslizei pela parede e me sentei na poça que se formara aos meus pés. Se tivesse uma toalha limpa, poderia ter ido buscá-la. Mas não havia nenhuma e não haveria por um bom tempo. Eu não era Marlena. Não conseguiria segurar a bebê,



carregar um saco de roupa suja ladeira acima e colocar moedas de 25 centavos em máquinas sacolejantes enquanto tinha uma boca faminta agarrada a meu seio exposto. Queria ter pensado em lavar as roupas antes que a bebê tivesse nascido.

Queria ter pensado em um monte de coisas, mas agora era tarde. Eu deveria ter comprado fraldas, mantimentos e roupas de bebê. Deveria ter juntado os panfletos de todos os restaurantes do bairro e decorado o número de um serviço de entrega em domicílio. Deveria ter procurado uma creche, uma babá ou as duas coisas. Deveria ter comprado uma pilha de

livros sobre como cuidar de bebês e lido cada um deles.

Deveria ter escolhido um nome.

Não podia fazer nada disso agora.

A bebê e eu usaríamos toalhas sujas, dormiríamos em lençóis sujos e usaríamos roupas sujas. A ideia de fazer qualquer outra coisa que não fosse amamentar e tentar nutrir meu próprio corpo era insuportável demais para que eu sequer a cogitasse.

Nós sobrevivemos à segunda, à terça e à quarta-feira, sozinhas exceto por uma breve visita de Renata para nos deixar comida. Era primavera; as vendas estavam aumentando e Renata não havia colocado ninguém no meu lugar. Marlena me ligou para dizer que tiraria o mês para visitar parentes no sul da Califórnia. Disse que voltaria a tempo para os compromissos de abril. O telefone não voltou a tocar.



Na quinta-feira, a bebê comeu o dia inteiro. Ela acordou pela primeira vez pouco depois das seis da manhã e mamou sem parar, adormecendo a cada meia hora. Se eu tentasse tirá-la do peito, ela acordava sobressaltada com um grito ensurdecedor. Só dormia com o rosto colado na minha pele nua e, quando eu tentava soltá-la, por mais que seu sono parecesse profundo, ela chorava por mais leite.

Eu me resignei com minha própria fome e passei a manhã ouvindo os sons da primavera invadirem o

apartamento pela janela aberta da cozinha. Pássaros, freios de carros, um avião, o sinal de uma escola. Acariciava o ombro macio da bebê enquanto ela dormia, dizendo a mim mesma que passar fome era um sacrifício razoável para ter uma criança tão bonita quanto ela. Porém, com o avançar do dia, a fome passou do meu estômago para o meu cérebro.

Comecei a ter alucinações, não visuais, mas olfativas: almôndegas imaginárias, um molho fervente e algo de chocolate preto assando.

Pelo meio da tarde, eu estava convencida de que havia uma refeição de vários pratos na cozinha. Saí do quarto azul com a bebê ainda presa ao meu seio. Quando vi o fogão desligado, sem nada sobre ele e com o forno vazio, quase chorei. Coloquei a bebê sobre o balcão e a acariciei distraidamente, enquanto procurava algo para comer. No fundo do armário, encontrei uma lata de sopa. A bebê resmungou e começou a chorar. O som enfraqueceu os músculos da minha mão até eu não ter mais forças para girar



o abridor. Desistindo na metade da lata, empurrei a tampa para trás com uma colher e bebi a sopa fria, sem nem respirar. Quando acabou, atirei a embalagem de alumínio na pia. O barulho alto assustou a bebê e ela parou de chorar por tempo suficiente para que eu apertasse seu rosto contra meu peito. Eu a carreguei de volta para o quarto azul, sem satisfazer minha fome.

A sexta-feira começou como a quinta, exceto pelo fato de

eu estar 24 horas mais exausta e tão faminta quanto a bebê insaciável. Comi amendoins na cama enquanto ela mamava.

Mamãe Ruby tinha me alertado de que a bebê teria fases de crescimento e eu me consolei com essa ideia. Aquilo deveria estar acabando. Não tinha muito mais para lhe dar, pensei, colocando o dedo debaixo do pedaço de pele flácida que costumava ser um seio firme e farto.

Ao meio-dia, afastei a bebê adormecida do meu peito e vi que seus lábios estavam vermelhos. Meus mamilos estavam secos e tinham rachado por causa da sucção constante. Além do leite, ela estava engolindo meu sangue. Não era de se espantar que eu estivesse exausta. Logo não restaria nada de mim. Eu a deitei com cuidado na cama, rezando para que continuasse dormindo pelo menos dessa vez. Ainda havia uma bandeja da comida que Marlena fizera no congelador.

Mas a bebê acordou assim que a larguei, erguendo o queixo na direção do meu mamilo ferido. Suspirei. Não era possível que ainda estivesse com fome, mas peguei-a de volta e deixei que tentasse tirar mais leite do meu peito murcho.



Ela sugou apenas duas ou três vezes antes de voltar a dormir, seu queixo caindo, despertou novamente quando tentei largá-la. Então soltou um barulho gorgolejante de sucção e fez um bico com os lábios.

Levei-a de volta ao seio com mais força do que pretendia.

– Se está com fome, então coma – falei, frustrada. – Não pegue no sono.

Ela fez uma careta e se agarrou ao peito.

Suspirei, arrependendo-me por ter sido impaciente.

– Muito bem, garotona – falei, experimentando as palavras de Mamãe Ruby.

Elas soaram forçadas e falsas. Acariciei os cabelos da bebê, um tufo preto e ralo que crescia sobre sua orelha.

Quando ela adormeceu outra vez, levantei-me devagar e a levei até o moisés. Talvez ela achasse aquele espaço pequeno e acolchoado confortável, pensei, baixando-a um centímetro de cada vez. Consegui deitá-la ali, mas antes mesmo de retirar meus braços, ela voltou a chorar.

Fiquei parada diante dela, ouvindo seu choro. Precisava comer. A cada hora que continuava com o estômago vazio, perdia um pouco mais de contato com a realidade, mas não conseguia suportar o som de seus gritos. Boas mães não deixavam seus bebês chorarem. Boas mães colocavam as necessidades dos filhos em primeiro lugar – e eu queria, mais



do que tudo, ser uma boa mãe. Se ao menos dessa vez pudesse fazer alguma coisa da maneira certa por outra pessoa, isso compensaria toda a mágoa que eu havia causado.

Apanhando-a de volta, andei de um lado para outro da sala. Meus mamilos precisavam de um descanso. Cantarolei,



balancei o corpo e me movi como tinha visto Marlena fazer, mas a bebê não se acalmava. Ela virava o rosto sem parar e começou a sugar o oxigênio frio, buscando alimento. Sentei-me no sofá e apertei uma almofada macia e redonda contra a sua bochecha. Não consegui enganá-la. Ela começou a chorar mais alto, chupando o ar, engasgando e estendendo os braços curtos por sobre a cabeça. Não era possível que estivesse com fome, repeti para mim mesma; ela não precisava comer.

O rosto da bebê ficou vermelho como o sangue que ainda escorria do meu mamilo. Andei até o cesto e a coloquei lá dentro.

Na cozinha, esmurrei o balcão de azulejos. Estava faminta; a bebê, não. Precisava cuidar de mim mesma.

Precisava que ela esperasse só uma hora, enquanto eu forrava o estômago e meus mamilos descansavam. Do outro lado da sala, eu podia ver seu rosto, agora quase roxo de desespero. Ela me queria; não entendia que meu corpo não era o mesmo que o seu.

Saí da sala, afastando-me do barulho, e parei diante da janela de Natalya. Não poderia dar o peito a ela. Não depois de amamentar por quase 36 horas seguidas. Ela havia



sugado todo o leite do meu corpo e então passado para algo mais profundo, mais precioso, algo conectado ao meu coração ou ao sistema nervoso. Não estaria satisfeita até me devorar por completo, até ter sugado cada fluido, pensamento e emoção. Eu me tornaria uma casca vazia, desorientada, e ela

ainda estaria com fome.

Não, decidi, ela não poderia mamar mais. Mamãe Ruby só voltaria no dia seguinte e não havia nem sinal de Renata.

Eu sairia para comprar leite em pó e só lhe daria mamadeira até que meus mamilos se curassem. Resolvi deixá-la no cesto e ir e voltar correndo até a mercearia. Levá-la até lá seria arriscado demais. Alguém poderia ouvir seu choro faminto e angustiado e perceber minha incompetência. Alguém poderia tirá-la de mim.

Peguei minha carteira e desci correndo as escadas antes que mudasse de ideia. Subi a ladeira e desci do outro lado, sem parar a fim de deixar carros ou pedestres passarem.

Ultrapassei todos à minha frente. Meu corpo, ainda se recuperando do parto, parecia estar se rasgando ao meio.

Sentia uma queimação que começava no meio das minhas pernas e se espalhava pela minha espinha acima até a nuca, mas não parei de correr. Dizia a mim mesma que estaria de volta antes de a bebê notar minha ausência. Eu lhe daria uma mamadeira nos meus braços e, após dias de amamentação, ela finalmente ficaria satisfeita.

O sinal estava fechado para pedestres no cruzamento movimentado da Rua 17 com a Potrero Avenue. Parei de



correr e esperei. Recuperando o fôlego, observei carros e pedestres seguindo apressados em todas as direções. Ouvi um motorista buzinar e soltar um palavrão; um adolescente

em uma bicicleta Schwinn cor de laranja cantar algo alto e alegremente; e um cachorro em uma coleira curta rosnar para um pombo atrevido. Mas não ouvi minha filha. Embora estivesse a quarteirões do apartamento, fiquei chocada.

Nossa separação tinha sido simples e surpreendentemente completa.

Meus batimentos cardíacos voltaram ao normal.

Observei a luz ficar verde, depois vermelha, depois verde outra vez. O mundo seguia seu ritmo frenético, indiferente à bebê que chorava a seis quarteirões dali, à bebê que eu tinha dado à luz mas cujos gritos já não ouvia mais. O bairro continuava existindo como na semana anterior e na quinzena antes dela, como se absolutamente nada tivesse mudado. O

fato de minha vida ter virado de cabeça para baixo não importava a ninguém e, ali fora, naquela calçada, longe da fonte do tumulto, meu pânico pareceu injustificável. A bebê estava bem. Estava alimentada e podia esperar.

Quando o sinal voltou a ficar verde para pedestres, atravessei a rua e caminhei lentamente até a mercearia.

Comprei seis latas de leite em pó, um saquinho de mix de castanhas e frutas secas, uma garrafa de suco de laranja e um sanduíche de peru da padaria. No longo caminho de volta para casa, devorei punhados do mix. Meus seios incharam e começaram a vazar. Eu a deixaria mamar uma última vez,



pensei, a ternura preenchendo o espaço que eu havia criado entre nós duas.

Entrei e subi as escadas. O apartamento estava silencioso e parecia vazio e, por um momento, foi fácil imaginar que eu estava voltando para casa depois de fazer uma entrega de flores, que iria tomar um banho e tirar uma soneca, sozinha. Meus passos não faziam barulho no carpete, mas a bebê acordou assim mesmo, como se pudesse sentir minha presença. Ela começou a chorar.

Eu a tirei do cesto e nós nos acomodamos no sofá; ela tentava mamar através do algodão fino e encharcado da minha camiseta. Levantei a blusa e ela começou a sugar.

Suas mãos enrugadas apertaram meu dedo esticado enquanto ela se agarrava ao seio, como se o fato de meu mamilo estar em sua boca não bastasse para provar que eu estava de volta. Enquanto ela mamava, comi o sanduíche.

Uma fatia fina de peru caiu em cima de sua têmpora, subindo e descendo ao ritmo de suas mamadas frenéticas. Eu inclinei a cabeça, comendo o peru diretamente do seu rosto e beijando-a ao mesmo tempo. Ela abriu os olhos e me encarou. Onde esperava raiva ou medo, vi apenas alívio.

Jamais a deixaria novamente.



*10*



JÁ ERA NOITE QUANDO voltei à casa de Elizabeth.

Ao ver o brilho fraco das janelas do segundo piso, imaginei-a sentada à minha mesa, com livros escolares grossos abertos à sua frente, esperando. Eu nunca tinha perdido um jantar sequer; ela devia estar preocupada. Depois de esconder a bolsa de lona pesada debaixo da escada da varanda dos fundos, entrei. A tela da porta rangeu quando a abri.

– Victoria? – chamou Elizabeth do andar de cima.

– Sou eu – respondi. – Estou em casa.





*11*

MAMÃE RUBY VOLTOU NO SÁBADO, conforme havia prometido. Ela se sentou no chão à porta do quarto azul.

Virei o rosto para o outro lado. A gravidade do que eu havia feito me atormentava e tinha certeza de que Mamãe Ruby saberia. Uma mulher que vinha até outro bairro para fazer um parto antes mesmo de ser chamada saberia quando um bebê estava em perigo. Esperei a acusação.

– Victoria, me dê a bebê – disse ela, confirmando meus medos. – Vamos, me dê a criança.

Enfiei meu dedo mindinho entre o mamilo e a gengiva da bebê como Mamãe Ruby havia me ensinado. Ela parou de sugar. Tentei limpar o sangue seco do seu lábio esfregando o



polegar em sua boca, mas não consegui. Passei-a por sobre meu ombro, sem me virar.

Mamãe Ruby a apanhou com um suspiro.

– Oh, garotona – disse ela. – Que saudades de você.

Esperei Mamãe Ruby se levantar e ir embora, levando minha filha junto, mas ouvi apenas o som da balança.

– Ganhou 340 gramas! – falou Mamãe Ruby com a voz exultante. – Você está comendo sua mãe viva?

– Quase isso – murmurei.



Minhas palavras foram absorvidas pelas paredes, sem que ela as ouvisse.

– Saia daí, Victoria – ordenou ela. – Vou fazer uma massagem nos seus pés ou preparar um queijo quente para você. Deve estar exausta depois de cuidar tão bem desta criança.

Eu não me mexi. Não merecia seus elogios.

Mamãe Ruby esticou a mão para dentro do quarto e começou a acariciar minha testa.

– Não me obrigue a entrar neste quarto – falou –, porque você sabe que vou fazer isso.

Sim, eu sabia. O leite em pó que eu tinha comprado estava aos meus pés, ainda dentro da sacola, a prova do meu crime. Chutei a lata mais para o canto, girei o corpo e me arrastei pela portinhola, meus pés saindo primeiro. Sentei-me



no sofá e esperei que Mamãe Ruby enxergasse a verdade. Mas ela não olhou para meu rosto. Em vez disso, levantou minha blusa e esfregou o conteúdo de um tubo lilás nos meus mamilos rachados. A sensação era refrescante e aliviou a ardência.

– Fique com isso – falou Mamãe Ruby, fechando a palma da minha mão em volta do tubo. Ela ergueu meu queixo e fitou meus olhos cheios de culpa, abatidos. – Você está dormindo? – perguntou.

Pensei na noite anterior. Depois que terminei de comer o sanduíche, a bebê e eu fomos direto para o quarto azul, onde

ela se agarrou novamente ao meu corpo e fechou os olhos.

Então mamou, engoliu e dormiu em um ritmo excruciante. E

deixei que fizesse isso, aceitando a dor como punição. Não dormi.

– Estou – menti. – Muito bem.

– Ótimo. Sua filha está cada vez mais saudável. Estou muito orgulhosa de você.

Olhei pela janela e não respondi.

– Está com fome? – perguntou Mamãe Ruby. – Precisa de mais ajuda? Quer que eu prepare alguma coisa antes de ir embora?

Eu estava faminta, mas não conseguiria suportar outro elogio. Balancei a cabeça.

Mamãe Ruby me devolveu a bebê e guardou a balança.



– Então está bem – falou.

Ela encarava meu rosto, buscando alguma pista.

Estiquei o pescoço para o outro lado. Não queria que ela me visse.

Ela se levantou para ir embora e eu me pus de pé para acompanhá-la. De repente, não temia mais que olhasse meu rosto e visse meu erro; era mais apavorante pensar que ela sairia como se nada tivesse acontecido, ignorando o que eu

fizera, sem tomar nenhuma atitude para me impedir de repetir aquilo. Mas Mamãe Ruby apenas sorriu e se inclinou para me beijar antes de partir.

Eu queria contar para ela, limpar minha consciência e implorar por seu perdão, mas não sabia como.

– É difícil – foi tudo o que consegui dizer, meu sussurro direcionado às suas costas enquanto ela descia as escadas.

Não foi o suficiente.

– Eu sei, meu amor – respondeu Mamãe Ruby. – Mas você está conseguindo. Existe uma mãe dentro de você, uma boa mãe. – Ela terminou de descer os degraus.

Não, não existe, pensei com amargura. Eu queria lhe dizer que nunca tinha amado ninguém e pedir que me explicasse como se podia esperar que uma mulher incapaz de amar fosse mãe, uma boa mãe. Porém, ao mesmo tempo em que pensava nessas palavras, sabia que elas não eram verdadeiras. Eu havia amado, mais de uma vez. Só não tinha



reconhecido isso antes de fazer tudo ao meu alcance para estragar as coisas.

Ao chegar ao pé da escada, Mamãe Ruby se deteve e virou-se para trás. Parecia pequena e ignorante e minha confiança nela parecia inapropriada. Ela não passava de uma velha intrometida, pensei. Uma espécie de chave girou dentro de mim e senti a criança revoltada que eu costumava ser

voltar à tona. Tudo o que eu queria era que Mamãe Ruby fosse embora.

– E nome? – perguntou. – Essa garotona já tem algum?

Balancei a cabeça.

– Não.

– Logo, logo ele lhe virá à mente.

– Não, não virá – respondi com rispidez.

No entanto, Mamãe Ruby já havia saído.

Depois que ela foi embora, aconcheguei a bebê no moisés e, por um pequeno milagre, ela dormiu como um anjo durante a tarde quase toda. Tomei um banho quente e demorado. Meu corpo estava tomado por um desespero palpável – uma sensação formigante, de dormência – e esfreguei meus braços e pernas como se aquele nervosismo fosse externo e pudesse escorrer pelo ralo abaixo. Quando saí do banho, minha pele estava cor-de-rosa e manchada de arranhões vermelhos. O desespero havia se recolhido para alguma parte mais profunda e secreta de mim. Fingi estar



limpa e revigorada, ignorando seu zumbido grave e persistente. Depois de vestir calças largas e um blusão, esfreguei o creme do tubo lilás nas partes irritadas dos meus braços e pernas.

Peguei um copo de suco de laranja e me sentei no chão, olhando para dentro do moisés. Quando a bebê acordasse e

terminasse de comer, iríamos dar um passeio. Eu carregaria o cesto até o andar de baixo, sairia de casa e o ar fresco faria bem a nós duas. Talvez a levasse até a McKinley Square para lhe dar uma aula sobre a linguagem das flores. Ela não reagiria, mas tenho certeza de que entenderia. Tinha o tipo de olhos que, quando abertos, me davam a impressão de entender tudo o que eu falava e grande parte do que não era dito. Eram profundos e misteriosos, como se ela ainda estivesse conectada ao lugar de onde viera.

Quanto mais a bebê dormia, mais o desespero diminuía, até eu quase conseguir me convencer de que havia superado sua pressão. Talvez minha breve escapulida até a mercearia não tivesse causado nenhum dano permanente e eu fosse, como insistia Mamãe Ruby, capacitada para aquela tarefa.

Não era realista pensar que eu poderia me afastar sem traumas da maneira como tinha vivido por 19 anos. Haveria contratempos. Eu tinha passado a vida inteira sendo rancorosa e solitária e não poderia, da noite para o dia, me tornar amorosa e dedicada.

Deitando-me no chão ao lado da bebê, aspirei o cheiro de palha úmida do cesto. Estava prestes a dormir. Mas, antes



que pudesse fechar os olhos, a respiração ritmada de minha filha foi substituída pelo som familiar da sua boca aberta, procurando meu peito.

Olhei para dentro do moisés e ela me fitou de volta, com os olhos arregalados e a boca se mexendo. Tinha me dado uma chance de dormir, mas eu a desperdiçara. Ficaria horas, talvez dias, sem ter outra. Eu a peguei. Meus olhos se encheram de lágrimas que escorreram quando sua boca se fechou. Sequei o rosto com as costas da mão. A sucção implacável no meu peito resgatou o desespero de onde quer que ele houvesse se escondido; seu assobio era como o rugido de uma concha, um reflexo de algo mais grandioso.

A bebê mamou por uma eternidade. Passando-a de um lado para o outro, eu conferia meu relógio. Uma hora inteira havia passado e ela ainda estava apenas na metade da mamada. Meu suspiro se tornou um gemido quando ela se agarrou outra vez ao seio.

Quando ela finalmente dormiu, tentei substituir o mamilo, ainda rígido entre seus lábios, pelo meu dedo mindinho, mas ela abriu os olhos cansados e começou a grunhir, reclamando.

– Bem, para mim chega – falei. – Preciso de um descanso.

Coloquei-a no sofá e me espreguicei. Seus grunhidos se tornaram uma série de resmungos baixinhos. Suspirei. Sabia



o que ela queria e como lhe dar. Tinha a impressão de que aquilo deveria ser muito simples. Talvez fosse para outras mães, mas não para mim. Eu havia suportado seu toque por horas, dias, semanas a fio; só precisava de alguns instantes

sozinha. Quando fui até a cozinha, ela começou a chorar com mais intensidade. O som me atraiu de volta.

Sentei-me e a peguei nos braços.

– Só mais cinco minutos – falei –, depois vamos sair.

Você não precisa mamar mais.

Mas quando a devolvi ao moisés, ela chorou como se eu estivesse mandando-a por um rio abaixo, como se nunca mais fosse me ver novamente.

– O que você quer? – perguntei, o desespero em minha voz beirando a raiva.

Tentei balançar o moisés como Marlena havia feito, mas assim que comecei ela quicou lá dentro e chorou mais ainda.

– Não é possível que você esteja com fome – falei em tom de súplica, aproximando-me da sua orelha pequena para que ela pudesse me ouvir, apesar do barulho de seu choro.

Ela virou o rosto na direção do meu e tentou se agarrar ao meu nariz. Um som histérico escapou do meu corpo; uma bufada que poderia ser confundida com um riso por algum observador alheio à minha explosão iminente.

– Está bem – disse. – Tome.



Levantei a blusa e forcei seu rosto contra meu peito. Ela lutou para abrir a boca contra a pressão da minha mão.

Quando finalmente conseguiu, parou de chorar e começou a sugar.

– Esta é a última vez. É melhor aproveitar.

Minhas palavras eram ameaçadoras e eu as escutava como se viessem de outra pessoa.

Ainda amamentando, segurei a bebê com uma das mãos e entrei engatinhando no quarto azul, estendendo a outra para apanhar a sacola onde estava o leite em pó. Seis latas se espalharam no chão. Quando fui pegar uma, a bebê deixou escapar meu mamilo e começou seu choro angustiado.

– Estou bem aqui – falei, atravessando a sala e a colocando sobre o balcão da cozinha, mas minhas palavras não serviram de consolo para nenhuma de nós duas.

A bebê se contorcia no balcão enquanto eu despejava o conteúdo da lata em uma mamadeira e enroscava a tampa.

Encostando o bico de plástico contra seus lábios, esperei que ela abrisse a boca. Quando isso não aconteceu, afastei seus lábios com os dedos e enfiei o bico à força. Ela engasgou.

Respirei fundo e tentei me acalmar. Carregando a bebê e a mamadeira para o sofá, sentei-me e a ajeitei com a cabeça aninhada na dobra do meu cotovelo. Dei um beijo no espaço entre suas sobrancelhas. Ela tentou chupar meu nariz outra vez e enfiei a mamadeira em sua boca aberta. Ela mamou



uma vez e depois virou o rosto, o líquido escorrendo pelo canto de sua



boca. Começou a gritar.

– Então você não está com fome – falei, depositando a garrafa com força demais ao meu lado e fazendo um jato fino do líquido espirrar pelo bico. – Se não quer comer isso, não está com fome.

Eu a devolvi ao moisés com cuidado. Iria deixá-la chorar por dois ou três minutos, só para provar que estava falando sério. Quando a pegasse de volta, ela aceitaria a mamadeira.

Teria que aceitar.

Mas não. Eu a deixei chorar por mais cinco minutos e depois por mais 10. Tentei com ela nos meus braços. Tentei com ela deitada no cesto. Tentei deitá-la no meu colchão de penas e estender a mamadeira para dentro do quarto, mas ainda assim ela se recusava a mamar. Acabei desistindo e fechando a porta. A bebê ficou chorando na escuridão do quarto azul, sozinha.

Deitando-me no chão da sala de estar, meus olhos se fecharam involuntariamente. O barulho do choro se tornou distante e desagradável, não mais insuportável. Por um longo tempo, me esqueci da origem daquele som ou do motivo pelo qual eu havia tentado interrompê-lo. Ele passava pelo meu corpo sem me tocar. A névoa da minha exaustão era impenetrável.

Só depois que o choro parou, eu acordei, sobressaltada.

Senti uma onda de pavor, achando que tinha matado a bebê.



Talvez horas sem comida e um quarto sem luz fossem suficientes para matar um recém-nascido. Sabia tão pouco a respeito deles, de crianças, de seres humanos. Parecia uma piada de mau-gosto me deixar sozinha com um bebê, responsável por outra vida. Escancarei a porta do quarto azul, mas, antes mesmo que eu pudesse estender a mão para sentir seu pulso, ela começou a chorar.

Fui invadida pela emoção, pelo alívio, mas também por uma decepção inegável, seguida imediatamente de vergonha.

Apertei a bebê contra meu corpo, beijando sua testa numa tentativa de mascarar o desespero que já não conseguia esconder. Enfiei a mamadeira em sua boca. Ela aprenderia a tomar o leite em pó. Amamentar era demais para mim. Eu jamais conseguiria manter aquele ritmo e, se quisesse ficar com a bebê, precisava encontrar uma maneira de ser mãe com a qual pudesse lidar. Dessa vez minha filha tentou mamar, mas seus lábios estavam fracos de fome e o plástico era duro e indiferente.

O bico deveria estar com defeito. Era a explicação mais lógica para sua recusa teimosa. Das centenas de mamadeiras que havia na loja, eu tinha comprado a mais barata. Atirei-a em direção à cozinha e ela ricocheteou na parede, caindo no chão. A bebê começou a chorar.

Eu a acomodei no moisés e me afastei. Meus seios estavam cheios e pingavam no carpete manchado, mas eu não lhe daria meu leite. Era demais para mim. Compraria



uma mamadeira nova e ela a tomaria. Meu pânico então iria passar.

Desci a escada dois degraus de cada vez, o choro da bebê ficando mais alto à medida que a distância entre nós duas aumentava. Correndo para a calçada, corri pelo quarteirão mais rápido do que nunca. Atravessei as ruas sem o menor cuidado, voando na mesma direção de quando havia comprado o leite em pó no dia anterior. Mas, quando cheguei à Vermont Street, em vez de dobrar para a direita, virei para a esquerda. Não pensei para onde estava indo e só parei de correr quando cheguei aos degraus da McKinley Square.

Enterrando meus pés pesados na grama cortada, mergulhei na verbena branca, rolando para dentro da minha caverna debaixo da urze e fechando os olhos. Eu me daria cinco minutos. Apenas cinco minutos no parque e, quando voltasse para a bebê, conseguiria lidar com a situação. Cobri minha cabeça com o braço, procurando na escuridão pelo cobertor de lã marrom que não estava ali. O sono tornou a me puxar para suas profundezas e me senti protegida, amparada, consolada. Não havia nada além da escuridão, da solidão e das pétalas brancas da verbena rezando por mim e pela criança da qual eu não me permitiria lembrar.



# AFTER DARK



12

QUANDO ENTREI NO QUARTO, Elizabeth disse que sentira minha falta .

Ela não perguntou onde eu estivera e eu não lhe dei nenhuma explicação. Enfiei-me na cama, escondendo minha cabeça com as cobertas e me virando de lado, dando as costas para a mesa à qual ela estava sentada.

– Eu amo você, Victoria – disse ela, baixinho. – Espero que saiba disso.

Na primeira vez que Elizabeth havia declarado seu amor, eu acreditara nela. Agora suas palavras corriam pelo meu coração como água sobre uma pedra. Ouvi a cadeira se arrastar contra o piso de madeira e senti o colchão se



afundar quando ela se sentou na beira da cama. Elizabeth pôs a mão sobre meu ombro.

– O que ela fez?

Fiz a pergunta de modo repentino e espontâneo e senti o corpo de Elizabeth se encolher. Ela ficou um bom tempo calada. Por fim, deitou-se de costas ao meu lado.

– Certa vez amei um homem – limitou-se a dizer. – Faz muito tempo. Ele era inglês e veio para cá fazer um estágio em uma das maiores vinícolas da região, a poucos quilômetros daqui. Eu nunca me sentira tão feliz na vida. E

então Catherine, minha irmã, minha melhor amiga, o roubou de mim.

Elizabeth rolou de lado e pousou seu braço sobre o meu corpo. Fiquei tensa, mas não reclamei, esperando que ela continuasse.

– Um ano depois, Grant nasceu. Durante anos, não conseguia olhar para meu sobrinho sem pensar no pai dele, sem relembrar tudo o que eu tinha perdido. Mas o pai dele havia ido embora; nem sei se chegou a saber que Catherine estava grávida. Ela criou Grant totalmente sozinha.

Elizabeth se aproximou até suas pernas dobradas se encaixarem no espaço entre meus joelhos. Quando voltou a falar, seu rosto estava tão apertado contra o cobertor sobre minha cabeça que precisei me esforçar para ouvi-la.



– Eu tive uma chance de perdoá-la – sussurrou. – Uma vez, quando Grant ainda era um bebê, Catherine veio falar comigo no mercado de flores. Pediu desculpas, chorando, e me falou quanto sentia minha falta. Era a minha chance de trazê-la de volta para a minha vida, mas, em vez disso, eu a rechacei. Não deveria ter feito isso. Eu lhe disse coisas horríveis, que não me deixam dormir à noite.

Ela mereceu, pensei. Catherine merecia tudo o que

Elizabeth tinha dito e mais. A ideia de que Elizabeth estava prestes a se mudar para a casa da mulher que a havia traído enchia meu peito de raiva. Respirei fundo, instando-me a ter paciência.

Esperei Elizabeth falar pelo que pareceram horas, tensa sob seu toque carinhoso. Mas ela ficou quieta, sua história havia terminado. Quando comecei a temer que tivesse pegado no sono, ela se levantou e saiu do quarto na ponta dos pés.

Ouvi a pia do banheiro se abrir e se fechar, o som da descarga, da porta do quarto bater e então o silêncio foi total.

Saí da cama.

No andar de baixo, atravessei de fininho a cozinha e saí pela porta dos fundos. O saco de lona estava debaixo dos degraus, onde eu o havia escondido, cheio e pesado. Eu o peguei, segurando-o contra o peito. Dentro dele, os potes de vidro retiniram, se reacomodando.

Mais cedo, agachada dentro da vala, eu havia decidido exatamente para onde iria e segui depressa em direção à estrada. Não havia luar, mas as estrelas iluminavam a



propriedade enquanto eu caminhava para a extremidade noroeste do terreno. Ali, espremidas entre o concreto do mercado de fazendeiros e a estrada, as videiras ficavam empoeiradas e estavam quase sempre secas. No outono, as uvas continuavam amargas muito depois de os outros acres já terem amadurecido.

Abri a tampa do primeiro pote de geleia. Fluido de isqueiro transbordou e desceu contornando a rosca na borda do vidro. Lentamente, derramei-o no tronco da videira, segurando o pote longe do meu corpo para que o líquido não escorresse e pingasse sobre meus pés descalços. Quando o primeiro pote se esvaziou, abri o segundo, descendo a fileira.

Aquilo parecia não ter fim e comecei a andar depressa, sem tomar cuidado, o fluido de isqueiro saindo de minhas mãos num jato frenético e molhando as plantas. Quando cheguei ao fim da fila, refiz meus passos, apanhando os jarros vazios que se acumulavam no chão.

No primeiro degrau da varanda – no mesmo lugar em que eu e Elizabeth havíamos nos sentado uma vez, fazendo um cordão de flores de camomila – alinhei os potes de geleia, um depois do outro, e então retornei à cozinha para pegar fósforos.

Comecei a voltar em direção à estrada, procurando a trilha molhada. Ela terminava à beira da entrada para carros.

Dei um passo para trás. Segurando um punhado de palitos de fósforos, risquei-os contra a faixa áspera e larga da caixa.

Um deles se acendeu e os demais o acompanharam depressa.



A chama descia em direção às pontas dos meus dedos.

Esperei o calor ficar primeiro desagradável, depois doloroso antes de atirá-la no chão.



Depois de uma pausa, ouviu-se um barulho como o de um rio turbulento, seguido por uma série veloz de estalos altos. Então veio o calor. Dei meia-volta e corri em direção à casa, como havia planejado, para buscar uma panela d'água.

No entanto, o fogo foi mais rápido do que eu. Ao olhar por sobre o ombro, vi as chamas fugindo de mim, seguindo uma trilha invisível por entre o mato e as videiras. Esperava que o fogo fosse se limitar aos troncos das plantas que eu havia encharcado, que fosse crepitar ali até eu correr de volta para buscar a água, mas ele não esperou.

Saltei os degraus de três em três e entrei correndo na cozinha. Depois de colocar os fósforos de volta no lugar, gritei por Elizabeth. Ela se levantou imediatamente. Eu a ouvi entrar no meu quarto com passos firmes, chamando meu nome.

– Aqui embaixo! – berrei.

Eu estava à beira da pia, enchendo uma panela de sopa com água. Os canos da casa velha faziam barulho e a água descia lentamente, em ondas sussurrantes.

Agarrando a panela cheia, atravessei a cozinha no mesmo instante em que Elizabeth descia as escadas. Então nos viramos, ombro a ombro, nosso olhar atraído pela luz.



O céu estava roxo. As estrelas haviam desaparecido.

Diante dos nossos olhos, o fogo mergulhou na vala do acostamento, mais de 400 metros de cardo seco se

incendiando de uma só vez. A muralha de chamas que se ergueu parecia subir até a metade do céu. As propriedades ao redor desapareceram atrás dela, deixando Elizabeth e eu completamente sozinhas.

Como eletricidade em cabos de força, o fogo se espalhou em linhas retas por todo o vinhedo.



# AFTER DARK

---

13



ACORDEI COM O NASCER DO SOL. Meu corpo estava dolorido, minha bochecha marcada pela vegetação. Havia dormido por seis horas, talvez sete. Sentando-me, eu me ajeitei e saí das duas poças circulares que havia debaixo da urze.

A cidade estava despertando. Motores voltavam ruidosamente à vida, os sons de freios e do canto dos pássaros enchiam o ar. Na rua junto ao parque, uma menina em idade escolar saía de um ônibus. Estava sozinha e andava a passos rápidos, com um buquê de flores nas mãos. Não conseguia ver o que ela carregava.

Suspirei. Queria mais do que tudo ser aquela garota, voltar a ser criança e carregar crócus, pilriteiro ou delfínios,



em vez de baldes de cardo. Queria vasculhar todo o norte da baía de São Francisco até encontrar Elizabeth e pedir desculpas, implorar por seu perdão. Queria recomeçar minha vida, tomar um rumo que não me levasse àquele momento, a acordar sozinha em um parque municipal, com minha filha largada num apartamento vazio. Cada decisão que eu havia tomado me conduzira até ali e eu queria mudar tudo: o ódio, a culpa e a violência. Queria almoçar com a menina revoltada

que tinha sido aos 10 anos para alertá-la sobre essa manhã e dar-lhe as flores que a conduziriam por um caminho diferente.

Mas eu não podia voltar atrás. Havia apenas o agora: esse jardim no meio da cidade e minha filha, que me esperava. A ideia me encheu de pavor. Eu não sabia o que iria encontrar quando voltasse ao apartamento. Não sabia se ela ainda estaria gritando, ou se o tempo, a solidão e a fome teriam afogado minha filha tão completamente quanto uma maré enchente.

Eu havia fracassado com ela. Menos de três semanas depois de dar à luz e fazer promessas para nós duas, eu havia fracassado por duas vezes consecutivas. O ciclo continuaria. Promessas e decepções, mães e filhas, indefinidamente.





14

MEUS BRAÇOS COMEÇARAM a tremer intensamente, a água da panela espirrando em Elizabeth. Os respingos frios a tiraram de sua letargia. Ela correu para o telefone na cozinha enquanto eu saía em disparada pela porta da frente, tropeçando nos potes de geleia enquanto descia voando os degraus.

A água na panela não seria suficiente para salvar uma videira sequer. Ao olhar para o incêndio, tive certeza disso.

Ainda assim, eu tinha que tentar. Acres queimavam e o calor era atordoante. Tudo o que Elizabeth cultivara a vida inteira seria destruído se eu não agisse. Só lhe restaria a terra calcinada. Elizabeth ficaria sozinha e sem lar. Eu tinha que apagar o fogo, ou jamais conseguiria olhar no seu rosto novamente.



A meio caminho da estrada, joguei a água em uma fila de videiras em chamas. Se houve algum chiado, se pelo menos uma labareda se rendeu, eu não pude escutar nem ver. De perto, o rugido do fogo era ensurdecador e a fumaça tinha um cheiro adocicado. O aroma me fazia lembrar das maçãs carameladas de Elizabeth e percebi que sua doçura vinha das uvas perfeitamente maduras torrando.

Da varanda, Elizabeth me chamou. Eu me virei. O fogo se refletia em seus olhos vidrados, impotentes. Ela cobriu a boca com uma das mãos e pousou a outra sobre o coração.

Eu lhe dei as costas, a atrocidade do meu erro tão pesada

quanto a fumaça nos meus pulmões. Não importava que minha intenção não fosse causar aquele dano todo. Assim como jamais importaria que eu tivesse feito aquilo para ficar com ela, porque a amava. Eu precisava apagar o incêndio. Se fracassasse, perderia tudo.

Sem que essa fosse uma decisão consciente, arranquei minha camisola e comecei a golpear as chamas com ela, tentando abafá-las. O algodão fino, respingado de fluido de isqueiro, explodiu em minhas mãos. Elizabeth correu na minha direção, desesperada. Gritou para que eu me afastasse do fogo, mas continuei girando a camisola em chamas em volta da cabeça alucinadamente. Faíscas saíam voando do tecido queimado e Elizabeth precisou se agachar para evitá-las enquanto corria até mim.

– Você está louca? – berrou. – Volte para casa.



Eu me aproximei mais do fogo, o calor intenso e ameaçador. Uma fagulha perdida chamecou meu cabelo, subindo por um cacho e fundindo-se com meu couro cabeludo. Elizabeth deu um tapa na minha testa e a dor do golpe foi boa, merecida.

– Vou apagar o fogo! – gritei. – Me deixe em paz!

– Com o quê? – exigiu saber Elizabeth. – Com suas próprias mãos? Os bombeiros já estão vindo. Você vai morrer se ficar aqui, balançando as mãos no ar como uma idiota.



Ainda assim, não recuei. As chamas saltaram para mais perto de onde eu estava.

– Victoria... – Elizabeth havia parado de gritar e seus olhos arregalados se encheram d'água. Eu me esforcei para ouvir suas palavras em meio ao rugido do fogo. – Não vou perder meu vinhedo e minha filha na mesma noite. Não vou.

– Quando continuei sem me mexer, ela se lançou para cima de mim, agarrando-me pelos ombros e me sacudindo. – Está me ouvindo? – berrou. – Não vou!

Eu me desvencilhei de suas mãos e ela segurou um dos meus braços, puxando-me em direção à casa. Enquanto eu lutava, Elizabeth puxou com mais força e senti meu ombro se deslocar com um estalo. Ela deu um grito agudo e me soltou.

Desabando no chão, puxei os joelhos para junto do meu peito nu. O fogo me cercou como um cobertor e ouvi o som distante da porta do trailer batendo atravessar o calor. Elizabeth gritou para que eu me levantasse, puxou meus pés e me



chutou nas costelas. Quando tentou me carregar, soltei um urro e a mordi como um animal selvagem.

Por fim, ela me deixou em paz.



# AFTER DARK



15

QUANDO VOLTEI, A BEBÊ estava acordada no moisés.

Seus olhos arregalados piscavam para o teto e ela não chorou quando me viu. Peguei sua mamadeira na cozinha, despejei o leite velho na pia e preparei mais. Parei diante da bebê e encostei a mamadeira em seus lábios. Ela abriu a boca, mas não sugou. Apertei o bico e observei o líquido escorrer em um filete pela sua língua. Ela engoliu duas vezes antes de adormecer no cesto.

Tomei um banho e comi uma tigela de cereais no telhado. Sempre que passava pelo moisés, parava para analisar o rosto da bebê. Se ela abrisse os olhos, eu colocava a mamadeira em seus lábios. Ela aprendeu a sugar, lenta e



serenamente, sem a ferocidade ansiosa com que costumava devorar meu seio. Levou um dia inteiro para terminar uma mamadeira de leite em pó. Não chorou. Não deu sequer um resmungo.

Antes de ir para cama, troquei sua fralda encharcada, mas não a tirei do moisés. Ela parecia confortável ali e tive medo de quebrar a paz frágil que havíamos alcançado, de que meu pânico voltasse ao som de seu primeiro grito. Em vez disso, movi o cesto para o sofá, onde nos acomodamos em um quadrado iluminado pelo luar. Ofereci-lhe uma mamadeira fresca e seus lábios formaram um círculo perfeito em torno do plástico âmbar. Bolhas minúsculas correram ao

longo da mamadeira enquanto ela sugava água, ferro, cálcio e proteína por buraquinhos microscópicos. Nunca tinha visto seus olhos tão arregalados, dois círculos concêntricos e pequenos triângulos brancos analisando meu rosto. Quando terminou, o bico de borracha escapou da sua boca e ela estendeu os dedinhos em direção ao meu rosto. Baixei a cabeça até meu nariz estar a poucos centímetros de suas mãos. Ela abriu e fechou os dedos no espaço entre nós duas, apertando com força.

Antes de eu perceber que estava chorando, uma lágrima pingou da ponta do meu queixo na bochecha da bebê. Ela deslizou em um filete até a beirada da sua boca e seus lábios vermelhos fizeram um bico de surpresa. Eu ri e as lágrimas escorreram mais depressa. O perdão evidente em seus olhos e seu amor sem censuras me aterrorizavam. Assim como



Grant, minha filha merecia muito mais do que eu poderia lhe dar. Queria que ela carregasse ramos de pilriteiro, que risse com facilidade e amasse sem medo. Mas eu não podia lhe oferecer nada disso, não podia lhe ensinar o que não sabia.

Seria apenas uma questão de tempo até meu veneno macular sua perfeição. Ele transpiraria do meu corpo e ela o sorveria com a prontidão de uma criança faminta. Eu tinha magoado todas as pessoas que conhecera na vida; queria, desesperadamente, salvá-la dos perigos de ser minha filha.

Eu a levaria para Grant pela manhã.

Ele preservaria sua bondade e lhe ensinaria tudo o que ela precisava saber. Renata tinha razão: Grant merecia conhecer a filha. Ele merecia sua doçura, sua beleza e sua lealdade inabalável.

Quando afastei meu rosto, os olhos da bebê estavam fechados. Deixei o cesto no sofá e me tranquei no quarto azul.

A noite cheirava a musgo, folhas secas e terra úmida em meu apartamento de argamassa e concreto, a quarteirões e quarteirões de distância de qualquer coisa verde ou em crescimento.

Pela manhã, saí do apartamento apressada. Depois de dar à bebê o resto da mamadeira da noite anterior, eu a levei no moisés até meu carro. Ela passou a viagem toda acordada.

Tinha dormido a noite inteira ou, mesmo que não tivesse, não havia chorado. Eu dormira profundamente e sem sonhar, mas acordei com a prontidão agitada das pessoas exaustas.



Meu corpo doía, meus seios cheios pareciam estar em chamas e eu sentia calor na manhã fria. Baixei as janelas e a bebê fez uma careta ao sentir o vento forte.

Seguindo a rodovia em direção ao norte, atravessei a ponte e peguei a primeira saída ladeada por árvores. Não tinha tempo para ir até um dos viçosos parques estaduais, mas não faria diferença. A primavera havia sido chuvosa. Eu encontraria aquilo de que precisava em qualquer floresta densa e pouco iluminada. Parei em um estacionamento com

vista para a baía e para a ponte Golden Gate, cor de ferrugem e reluzente sob o sol do começo da manhã. O lugar já estava cheio de pessoas que iam fazer trilha, calçadas com botas e enchendo de água garrafas de plástico de cores vivas.

Pegando o moisés por suas alças entrelaçadas, comecei a descer uma trilha. Ela se bifurcou uma vez, depois outra.

Escolhi o caminho menos ensolarado e tremi ao caminhar pela vegetação rasteira e fria. Pessoas passavam e se derretiam com minha filha até eu sair da trilha principal e pegar um caminho com uma placa que dizia: Área de reflorestamento. Proibida a entrada. Passei o cesto por cima da corrente fina e sumi de vista em meio a um círculo de sequoias.

A bebê não deu um pio quando a deitei no chão da floresta, o pedaço careca de sua nuca pressionando-se contra o húmus macio. Ela olhou para as sequoias, seus olhos azuis de visão embaçada analisando as árvores altas, os retalhos de



luz, o céu cinzento e talvez até o que havia além dele. Não duvidei disso.

Peguei uma espátula larga e chata que havia enfiado no bolso de trás da calça jeans e comecei a raspar o musgo verde e esponjoso dos troncos das sequoias. O musgo caiu no chão em tiras longas e peludas e o dispus com esmero sobre o fundo e as laterais do moisés, certificando-me de que os pedaços mais macios e perfumados ficassem ao redor da cabeça da bebê.

Quando o cesto estava todo coberto, guardei a espátula

de volta no bolso, apanhei minha filha, que havia adormecido, e a deitei com cuidado sobre a camada de musgo.

Amor materno.

Era tudo o que eu podia lhe dar. Esperava que algum dia ela compreendesse.

A chave reserva de Grant estava no mesmo lugar de sempre, dentro do regador de latão enferrujado na varanda.

Destranquei a porta e carreguei o moisés coberto de musgo até a cozinha, colocando-o ao lado da escada em espiral do canto. De onde a bebê estava deitada, podia ver os três andares, o que ela pareceu achar muito divertido. Ela continuou a observar em silêncio, com os olhos apertados, enquanto eu zanzava pela cozinha, acendendo o fogão com um fósforo e enchendo uma chaleira com água. Fazia quase



um ano que eu não preparava um chá ali, mas tudo continuava exatamente como antes.

Sentei-me à mesa enquanto esperava a água ferver. A bebê estava tão quieta que era fácil esquecê-la ou imaginar que eu tinha voltado apenas para surpreender Grant com uma xícara de chá sobre a mesa lascada. Sentia falta dele.

Sentada em sua torre de água, olhando pela janela para sua fazenda de flores, era impossível ignorar esse fato. E logo sentiria falta da bebê. Afastei esse pensamento e me mantive concentrada nas flores que se estendiam pelos campos.



A bebê fez um som entre um suspiro e um grasnido assim que a água começou a ferver. O vapor embaçou a janela da cozinha. Perguntei-me se ela poderia tomar chá de hortelã. Talvez fizesse bem para seu estômago, a acalmasse, e eu havia trazido a mamadeira quase vazia, porém me esquecera da lata de leite. Derramando o líquido espesso pelo ralo, enxaguei a mamadeira e a enchi até a metade de água fervente, completando com água da bica. Joguei um saquinho de chá dentro e enrosquei a tampa. O nariz da bebê se enrugou de surpresa quando sentiu o gosto do chá, mas seus lábios sugaram o bico, famintos e sem reclamar. O vapor da água ainda fervente se assentou sobre nós. A umidade no ar deixou o musgo mais verde.

Equilibrei a mamadeira na lateral do moisés para que a bebê pudesse mamar enquanto eu enchia uma panela de sopa com água e acendia outra boca do fogão. Queria que o musgo sobrevivesse o máximo possível. Enquanto ela



mamava, a torre de água se enchia de vapor quente e ondulante. Carreguei o cesto pelos dois lances de escada até a cama de Grant. Ela já estava dormindo quando cheguei ao topo – um sono profundo, sossegado, que me deixou preocupada com minha escolha para sua alimentação.

Largando o moisés no meio do colchão de espuma, deitei-me ao seu lado, baixando o rosto até poder sentir sua respiração rápida contra meu lábio superior.

Fiquei ali – nossos narizes quase se tocando, nossas

respirações em harmonia – até o sol estar perigosamente alto no céu e Grant poder chegar a qualquer momento. Fechando os olhos, afastei meu rosto. A bebê emitiu um barulhinho de sucção que era o mesmo de quando meu mamilo se soltava de sua boca e a lembrança fez meus seios doerem. Arranquei um pequeno pedaço de musgo da beirada do moisés e o esfreguei em sua bochecha e seu queixo, enfiando-o na dobra de seu pescoço. O musgo pulsou ao ritmo das batidas de seu coração.

Afastando-me com esforço, desci as escadas. A panela no fogão estava quase vazia. Depois de enchê-la até a borda, eu a devolvi ao fogo e atravessei silenciosamente a porta.

Meu carro seguiu derrapando pela longa entrada de terra e continuei em direção à rodovia sem olhar para trás. O

que começara como uma dor vaga e difusa havia se centralizado no meu seio esquerdo. Quando eu tocava o mamilo, a dor atravessava minha carne e descia pela minha espinha. Comecei a suar. As janelas estavam abertas e liguei



o ar-condicionado também, mas ainda sentia calor. Olhando pelo retrovisor, vi o banco vazio em que antes a bebê estivera.

Não havia nada além de um rastro fino de terra e um cacho da espessura de um fio de cabelo de musgo verde vivo.

Liguei o rádio e passei pelas estações até encontrar alguma coisa alta e vibrante, com muitos pratos ressoando e uma voz incompreensível. Lembrou-me a banda de Natalya.

Acelerei, passei voando pela ponte e pelos cruzamentos, sem deixar que os sinais vermelhos ou amarelos me retardassem.

Precisava do quarto azul. Precisava me deitar, fechar os olhos e dormir. Não sairia dali durante uma semana, se é que voltaria a sair algum dia.

Estacionei em frente ao apartamento cantando pneus, o para-choque colado ao do carro de Natalya. O porta-malas dela estava aberto. Caixas e malas se empilhavam na calçada. Era difícil saber se ela estava chegando ou partindo.

Saí do carro sem fazer barulho, na esperança de conseguir entrar às escondidas no quarto azul e trancar todos os cadeados sem que ela notasse.

Atravessei de fininho o escritório vazio e quase trombei com Natalya ao pé da escada. Ela não me deu passagem.

Levantei a cabeça e pude notar pela sua expressão que meu rosto parecia tão quente quanto eu o sentia.

– Você está bem? – perguntou ela. Assenti e tentei passar, mas ela continuou parada. – Sua cara está mais rosa do que meu cabelo.



Ela tocou minha testa e puxou a mão de volta, como se tivesse se queimado. Passei por ela à força, mas tropecei e caí no último degrau. Nem tentei me levantar, subindo a escada de quatro. Natalya me seguiu. Deixando-me cair no quarto azul, fechei a porta atrás de mim.

Natalya bateu.

– Tenho que ir – disse ela, num sussurro, cheia de medo. –  
Nossa turnê foi prorrogada... vou ficar fora seis meses, no mínimo. Só passei aqui para pegar algumas coisas e falar que você pode usar meu quarto, se quiser.

Não respondi.

– Tenho mesmo que ir – repetiu ela.

– Então vá logo – consegui dizer.

Algo atingiu a porta com um baque alto, provavelmente o pé de Natalya.

– Não quero voltar daqui a seis meses e sentir o cheiro do seu cadáver apodrecendo – falou, chutando a porta mais uma vez.

A próxima coisa que ouvi foi o som dos seus sapatos descendo a escada a passos firmes e a porta do carro batendo. O motor do veículo roncou e deu a partida. Então ela foi embora.

Será que ela ligaria para a mãe?, perguntei-me. Será que perceberia que a bebê tinha sumido e me denunciaria para as autoridades? Se Natalya fosse ligar para alguém, eu esperava



que fosse para a polícia; preferiria ir para a cadeia a enfrentar Mamãe Ruby e sua decepção.

Deitei-me sobre meu lado esquerdo no colchão de penas, meu seio era uma esfera dura apoiada contra ele. Meu corpo,

que não parecia me pertencer, tremia incontrolavelmente. Eu estava morrendo de frio. Vesti todos os agasalhos que tinha e me enfiei debaixo do cobertor marrom. Mas nem isso me aqueceu, então deitei embaixo do colchão. Fiquei ali, mal conseguindo respirar, meu corpo e mente uma tempestade de gelo sob uma nuvem carregada. O frio que sentia se tornou negro e vertiginoso e tive o pensamento fugaz e reconfortante de que o sono em que estava entrando seria eterno, um estado do qual talvez jamais retornasse.

Muito ao longe, sirenes ressoavam, ficando cada vez mais altas e mais próximas, até parecerem vir do quarto de Natalya. Lampejos de luz passaram por baixo de minha porta.

Em seguida, tão de repente quanto haviam surgido, as luzes se apagaram.

Por um breve instante, o quarto ficou escuro e silencioso como a morte. Então a porta foi arrombada e ouvi o som de pés subindo as escadas.





*16*

EU ESTAVA DEITADA EM UMA ambulância, presa com correias a uma maca de pano branca. Não conseguia me lembrar de como havia chegado ali. Ainda estava apenas de calcinha e alguém havia coberto meu peito com uma camisola hospitalar.

Ao meu lado, Elizabeth soluçava.

– Você é a mãe dela? – perguntou uma voz.

Abri um olho. Um rapaz de uniforme azul-escuro estava sentado perto da minha cabeça. Pela janela, luzes passavam depressa e se refletiam em seu rosto suado.

– Sim – respondeu Elizabeth, ainda chorando. – Quero dizer, não. Ainda não.



– Ela está sob a tutela do Estado? – perguntou ele.

Elizabeth assentiu.

– Então você precisa notificar as autoridades imediatamente. Ou eu terei que fazer isso.

O homem falava como se pedisse desculpas e Elizabeth começou a chorar ainda mais. Ele lhe entregou um telefone preto pesado, conectado à lateral da ambulância por um fio espiralado igual ao do aparelho da cozinha de Elizabeth.

Tornei a fechar os olhos. Seguimos noite adentro pelo que pareceram horas

e Elizabeth chorou o tempo todo.

Quando a ambulância parou, mãos enfiaram a camisola hospitalar debaixo dos meus braços. Portas se abriram. Senti uma lufada de ar gelado e, quando abri os olhos, vi Meredith à minha espera. Ela ainda estava de pijama, com uma capa de chuva jogada por cima.

Quando passamos, ela se inclinou para a frente, estendendo a mão para puxar Elizabeth para longe de mim.

– Eu assumo daqui em diante – falou.

– Não me toque – disse Elizabeth. – Nem ouse me tocar.

– Espere no saguão.

– Não vou sair de perto dela!

– Espere no saguão ou vou mandar a segurança expulsar você – disse Meredith.



Enquanto eu era levada, observei por cima dos dedos do meu pé Meredith deixar Elizabeth para trás, parada no corredor, em choque. Ela entrou em um quarto atrás de mim.

Uma enfermeira examinou meu corpo, registrando minhas lesões. Eu tinha queimaduras no couro cabeludo e em volta da barriga, onde o elástico da calcinha de algodão havia derretido. O braço deslocado pendia frouxo ao lado do meu corpo e minhas costas estavam machucadas nas partes



em que Elizabeth me chutara. Meredith anotou os achados da enfermeira num bloco.

Elizabeth tinha me machucado. Não da maneira como Meredith achava, mas, mesmo assim, tinha me machucado.

As marcas eram provas incontestáveis disso. Os ferimentos seriam fotografados e registrados em meu arquivo. Ninguém jamais acreditaria na história de Elizabeth, que ela estava tentando evitar que eu corresse para o meio de um incêndio devastador. Ainda que fosse verdade.

E de repente vi nas marcas do meu corpo uma rota de fuga irrefutável, um caminho para longe dos olhos de Elizabeth, repletos de dor; uma forma de escapar da culpa, do arrependimento e do vinhedo incendiado. Eu não podia encarar o sofrimento que causara à Elizabeth. Jamais poderia. Não era apenas o incêndio, mas também um ano inteiro de transgressões, muitas delas pequenas, outras imperdoáveis. O fato de se tornar minha mãe havia transformado Elizabeth. Um ano depois de eu ter me mudado para sua casa, ela era uma mulher diferente, mais suave,



suscetível ao sofrimento. Se eu continuasse em sua vida, ela apenas continuaria a sofrer. E não merecia isso. De jeito nenhum.

A enfermeira saiu para o corredor. Meredith fechou a porta do pequeno quarto e ficamos sozinhas.

– Ela bateu em você? – perguntou.

Mordi o lábio com tanta força que cheguei a cortá-lo.

Quando engoli, foi uma mistura de sangue e saliva. Meredith me encarava. Respirei fundo. Corri os olhos pelos buracos do isolamento acústico antes de baixá-los para responder à pergunta da única maneira possível, da maneira como Meredith esperava.

– Sim – falei.

Ela saiu do quarto.

Uma palavra e estava acabado. Elizabeth talvez tentasse me visitar, mas eu me recusaria a vê-la. Meredith e as enfermeiras, acreditando que ela era perigosa, me protegeriam.

Naquela noite sonhei com fogo pela primeira vez.

Elizabeth pairava acima de mim, chorando. O som era quase inumano. Eu tentava ir em sua direção, mas os dedos dos meus pés estavam presos ao chão, como se minha carne tivesse se fundido à terra. Então ela começava a gritar, suas palavras embaralhadas pela agonia. Meu corpo se carbonizava antes de eu entender que ela estava declarando



insistentemente seu amor por mim. Aquilo era pior do que seu pranto.

Acordei queimando, meu corpo molhado de suor.



AFTER DARK

17



PASSEI TRÊS DIAS NO HOSPITAL, recuperando-me de uma mastite. Os paramédicos me encontraram com uma temperatura de 40,5 graus. A febre só baixou depois de 48

horas ininterruptas de antibióticos intravenosos, o que, como debatiam os médicos enquanto eu adormecia e recobrava a consciência, eles nunca tinham visto na vida. A mastite era uma infecção comum em lactantes; dolorosa, mas localizada e de tratamento simples. Em mim, havia se tornado uma infecção quase generalizada. A pele fervia em meus seios, mas também nos braços, no pescoço e na parte interna das minhas coxas. Os médicos disseram que não havia registros de casos como o meu.

Quando a febre cedeu, o anseio pela minha filha substituiu o calor intenso. Meu rosto, meu peito e meus



membros ardiam de saudade. Com medo de que os médicos começassem a fazer perguntas sobre uma mãe sozinha no hospital, sem bebê à vista e sem nenhum visitante, fugi antes de receber alta, arrancando o tubo intravenoso e descendo às escondidas pela escada de serviço.

Peguei um táxi até o apartamento vazio e chamei um chaveiro para trocar as fechaduras. Se Natalya voltasse, faria uma cópia para ela. Até que isso acontecesse, não queria ver Mamãe Ruby ou Renata, que haviam criado o hábito de entrar sem bater quando passavam para ver a bebê. Eu não tinha coragem de lhes contar o que fizera.

Naquela mesma tarde, Mamãe Ruby apareceu.

Esmurrou a porta até eu ter certeza de que o vidro iria se quebrar. Espiei pela janela do quarto de Natalya, então voltei à cozinha para tirar o telefone do gancho antes de engatinhar para dentro do quarto azul e fechar a porta. À noite foi a vez de Renata, que bateu com mais força ainda e atirou uma pedrinha contra a janela do segundo andar. Não dei sinal de que havia retornado. Na manhã seguinte, batidas mais suaves me acordaram de um sono profundo e eu soube que Marlena estava de volta. Era hora de retomar o trabalho. Eu lhe contaria a verdade.

Desci as escadas cambaleando, meus olhos apertados contra a luz forte. Marlena entrou como um furacão.

– Ela deve estar enorme! – exclamou. – Como se chama?



Ela subiu a escada correndo e eu a segui devagar.

Quando cheguei ao topo, Marlena estava girando na sala, absorvendo o fato de o apartamento estar vazio. Ela me encarou e seus olhos continham uma só pergunta.

– Não sei – falei, respondendo à pergunta que ela havia feito, mas não a que pairava no ar. – O nome dela. Não escolhi nenhum.

Os olhos de Marlena não se desgrudaram do meu corpo, ainda sustentando a pergunta: Onde ela está?

Comecei a chorar. Marlena se aproximou de mim,

colocando sua mão macia no meu ombro. Eu queria lhe contar tudo. Queria que soubesse que a bebê estava em segurança, que seria amada e talvez até feliz.

Passaram-se minutos até eu conseguir falar e, quando consegui, contei a história de forma simples, sem floreios. Eu a deixei com o pai, que iria criá-la. Não era capaz de ser a mãe que queria. A falta que sentia dela era incapacitante, mas eu havia tomado a melhor decisão para minha filha.

– Por favor – acrescentei depois de terminar. – Não quero mais falar sobre ela.

Atravessei a sala para pegar uma caixa de lenços de papel e minha agenda. Escrevi uma lista pequena em uma folha pautada e a dobrei, colocando-a na mão de Marlena com dinheiro suficiente para as compras.

– Nos vemos amanhã – falei.



Sem esperar que ela fosse embora, engatinhei para dentro do quarto azul e tranquei a porta.

Embalada pela verdade que acabara de contar, adormeci.

Não foram as batidas suaves de Marlena que me acordaram na manhã seguinte, mas as pancadas vigorosas de Renata. Cobri minha cabeça com um travesseiro, mas sua voz me alcançava através das penas.

– Não vou sair daqui, Victoria – gritou. – Acabei de ver Marlena no mercado de flores e sei que você está aí dentro. Se

não abrir, vou ficar esperando Marlena chegar e me deixar entrar.

Não havia mais como evitar. Eu tinha que enfrentá-la.

Desci as escadas, destranquei as portas duplas de vidro e entreabri uma delas.

– O que foi? – perguntei com rispidez.

– Eu a vi – disse Renata. – Hoje de manhã, no mercado.

Achei que você tivesse ido embora com a bebê, sem contar a ninguém para onde estava indo, e então lá estava ela, nos braços dele.

Meus olhos se encheram de lágrimas e ergui os ombros, como se perguntasse o que ela queria de mim.

– Você contou para ele? – perguntou Renata. – Você lhe deu a bebê?



– Não contei nada para ele – falei. – E não quero que você me conte nada. Nunca. – Engoli em seco.

Renata então se acalmou.

– Ela parecia feliz – disse. – Grant parecia cansado, mas...

– Por favor – pedi, enquanto encostava a porta. – Não quero saber. Não vou aguentar.

Fechei e tranquei a porta. Renata e eu ficamos uma de cada lado do vidro, em silêncio. As portas não eram grossas o



suficiente para impedir a conversa, mas nenhuma de nós falou nada. Renata me olhou nos olhos e permiti que o fizesse. Esperava que ela pudesse ver a saudade, a solidão e o desespero. Já era difícil o bastante abrir mão de minha filha.

Seria mais ainda com Renata me trazendo notícias constantes. Ela precisava entender que, para mim, a única maneira de sobreviver à minha decisão era tentar esquecê-la.

Marlena chegou no meu carro, com o porta-malas aberto, e as flores escapando dele. Quando já havia descarregado metade da mercadoria, parou para nos examinar.

– Está tudo bem? – perguntou.

Renata me encarou e desviei o rosto. Ela não respondeu.

Começou a subir a colina em direção à Bloom, seus braços pendendo, derrotados, dos lados do corpo.





# *Parte 4*

# *Recomeços*





# AFTER DARK



1

MENSAGEM, MEU NEGÓCIO de arranjos de flores, cresceu exponencialmente nos meses seguintes. Eu só aceitava pagamento em dinheiro e à vista, e esse estilo informal atraiu um séquito de clientes devotos. Eu não anunciava. Depois de poucos baldes de íris com cartões de visita, o número do meu telefone se espalhou mais rápido do que se eu tivesse pagado para colocar um outdoor luminoso na entrada da Bay Bridge. Natalya não voltou da turnê, então fiquei com o apartamento e mandei um envelope cheio de notas de 100 dólares para o proprietário no dia 1º de junho.

Marlena continuou trabalhando como minha assistente, organizando a agenda, atendendo telefonemas, preenchendo



pedidos de compra e fazendo entregas. Eu supervisionava a confecção dos arranjos e me reunia com clientes nas cadeiras dobráveis no escritório vazio, as caixas de sapato abertas sob as fortes luzes fluorescentes.

Minhas consultas pré-nupciais eram tão requisitadas quanto meus arranjos. Os casais tratavam seus encontros comigo como se fossem visitas a uma cartomante ou a um padre. Muitas vezes passavam horas me contando o que esperavam para seu relacionamento e os desafios que tiveram de enfrentar. Eu registrava apenas algumas de suas palavras, fazendo anotações em uma folha de papel de arroz transparente, que, quando eles terminavam de falar, lhes entregava enrolada e amarrada com uma fita. Embora consultassem essa lista ao escolher as flores e elaborar seus votos matrimoniais, os casais acreditavam que eu previa como seria sua vida conjugal. Bethany e Ray estavam felizes.

Inúmeros outros casais me enviavam cartões-postais da lua de mel, descrevendo seus relacionamentos com palavras como paz, paixão, realização e uma infinidade de características inspiradas pelas flores.

O rápido crescimento da Mensagem – aliado a uma enxurrada de profissionais oferecendo consultoria sobre a linguagem das flores para as inúmeras noivas que Marlena e eu recusávamos – causou uma mudança sutil porém concreta na indústria florista da baía de São Francisco.

Marlena me informava que peônias, calêndulas e lavandas ficavam sobrando nos baldes de plástico no mercado de flores



enquanto tulipas, lilases e flores-da-paixão se esgotavam antes do nascer do sol. Pela primeira vez, havia junquinhos à venda bem depois de seu período de floração natural ter

acabado. No final de julho, noivas ousadas carregavam vasos de cerâmica cheios de flores de morango ou arranjos perfumados de erva-doce sem que ninguém questionasse seu bom gosto. Pelo contrário: ficavam admirados com a simplicidade dos seus desejos.

Se continuasse assim, percebi, diminuiríamos a quantidade de raiva, sofrimento e desconfiança na Terra.

Fazendeiros arrancariam plantações inteiras de dedaleiras para cultivar mil-folhas, as delicadas pencas de flores cor-de-rosa, amarelas e creme oferecendo cura para os corações partidos. O preço da sálvia, dos ranúnculos e dos goivinhos-da-praia aumentaria progressivamente. Ameixeiras seriam plantadas apenas para que seus cachos de flores delicadas fossem colhidos e os girassóis saíam de moda para sempre, desaparecendo das floriculturas, dos armarinhos e da decoração das cozinhas. O cardo seria eliminado de forma compulsiva de terrenos baldios e jardins abandonados.

Nas tardes de verão, enquanto eu trabalhava na estufa que havia construído em cima do telhado com canos de PVC e lona de plástico, cuidando de centenas de pequenos vasos de cerâmica em prateleiras de arame, eu tentava encontrar consolo nessa pequena e intangível contribuição para o mundo. Dizia a mim mesma que alguém, em algum lugar, estaria menos revoltado e sofrido por causa do sucesso



desenfreado da Mensagem. Amizades se fortaleceriam; casamentos durariam mais. Mas eu não acreditava nisso.

Não poderia ganhar o mérito por uma contribuição abstrata ao mundo quando havia causado apenas dor em todos os relacionamentos concretos que tivera na vida: com Elizabeth, por meio de um incêndio criminoso e de uma acusação falsa; com Grant, por abandoná-lo e lhe deixar com uma criança sem nome e desamparada.

E ainda havia minha filha. O fato de tê-la abandonado não saía de minha mente nem por um instante. Eu poderia ter me mudado para o antigo quarto de Natalya, mas continuei dormindo no quarto azul, enroscada sozinha no espaço que um dia havíamos ocupado juntas. Todas as manhãs, ao acordar, eu contava sua idade – os meses e os dias. Sentada diante de noivas tagarelas, tentava me lembrar de suas sobrancelhas quase sem pelos, curvadas para mim, questionadoras, de seus lábios se abrindo e se fechando, ritmados. No apartamento vazio, sua ausência começou a parecer tão real quanto ela costumava ser, agitando a lona plástica da estufa, esgueirando-se como uma luz por baixo da porta do quarto azul. No tamborilar da chuva sobre o telhado plano, eu ouvia sua sucção faminta. A cada 29 dias, um quadrado de luar iluminava o futon no qual havíamos passado nossa última noite juntas e, todos os meses, eu esperava que ele a trouxesse de volta para mim. Em vez disso, o luar iluminava minha solidão e eu me sentava ereta sob seu brilho pálido, lembrando-me de como ela era e imaginando como teria ficado. Sentia minha filha mudando,



crescendo e se desenvolvendo a cada dia, sem mim, a quilômetros dali. Ansiava por estar com ela, testemunhar sua transformação.



Contudo, por mais que quisesse reencontrá-la, eu não iria até ela. O desejo que sentia de estar perto de minha filha me parecia egoísta. Deixá-la com Grant tinha sido o gesto mais amoroso de que já fora capaz e eu não estava arrependida. Sem mim, ela estaria segura. Grant a amaria como havia me amado, com uma devoção incondicional e um zelo afetuoso. Era tudo que eu queria para ela.

Eu só tinha um arrependimento e ele não tinha nada a ver com minha filha. Em uma vida de transgressões, muitas violentas e a maioria injusta, eu só me arrependia do incêndio. Um monte de potes de geleia, um punhado de fósforos e falta de juízo haviam criado um inferno que continuou ardendo muito depois de sua última chama ter se apagado. Ele se espalhou pela mentira que havia me afastado de Elizabeth, provocou brigas durante oito anos de estadia em abrigos e ressurgiu em minha falta de confiança em Grant. Eu me recusara a acreditar que ele me amava ou que continuaria a me amar se soubesse a verdade.

Grant acreditava que sua mãe tinha provocado o incêndio que arruinara a vida de nós dois. Embora ele não falasse no assunto, eu sabia que não a havia perdoado. Mas sua mãe não era a culpada. Foi por minha culpa que o vinhedo pegou fogo; por minha culpa Elizabeth não foi até Catherine; por minha culpa Grant passou o ano seguinte



sozinho, tomando conta de sua mãe doente. Eu não sabia os detalhes da degeneração de Catherine, mas eles ficavam claros na maneira como Grant me amava, delicada e

isoladamente. Ele havia precisado de Elizabeth tanto quanto eu.

Agora era tarde demais. O vinhedo havia se incendiado.

Grant passara toda a vida sozinho, exceto pelos seis meses que ficara comigo. Eu havia perdido a única mulher que um dia tentara ser minha mãe e era tarde para voltar atrás, tarde para resgatar minha infância. Porém, por mais que fosse tarde, este era o pensamento que me atormentava: eu queria voltar para Elizabeth. Queria, mais do que tudo, ser sua filha.

Em meados de agosto, exausta por causa de uma agenda repleta de casamentos de verão e por causa de pensamentos implacáveis sobre minha filha, Elizabeth e Grant, eu me recolhi no quarto azul. Pela primeira vez desde que havia aberto a Mensagem, tranquei todos os seis cadeados e, em vez de atender os clientes, fui dormir.

Marlena me deu cobertura. O apito da chaleira se infiltrava em meus sonhos quando ela preparava chá para os clientes, mas eu não saía do quarto. Os cadeados me impediam de pegar meu carro e ir direto para a torre de água, subir correndo ao terceiro andar e reclamar minha bebê de volta.

Em minhas fantasias, ela ainda estava deitada no moisés, indefesa, com os olhos erguidos para o teto. Na realidade, já estava com 6 meses, já devia conseguir se sentar, agarrar as coisas e talvez até engatinhar pelo chão.



Passei quase uma semana no quarto azul. Marlena não

me perturbou, mas todas as manhãs passava uma folha de papel por baixo da porta. Era a cópia de nossa programação de setembro, cada vez mais cheia à medida que os dias se passavam. Tinha esperado que a procura diminuísse com a queda da temperatura, mas, em vez disso, parecíamos ter cada vez mais pedidos. Por fim, a ansiedade diante do acúmulo de trabalho venceu minha depressão. Peguei uma banana de uma tigela de frutas que Marlena havia enchido e fui até o andar de baixo.

Ela estava sentada à mesa, mordendo a ponta de uma caneta. Sorriu ao me ver.

– Estava prestes a ir à Gathering House para contratar outra assistente – falou.

Balancei a cabeça.

– Estou aqui. O que temos primeiro?

Ela analisou o calendário.

– Nada de muito importante até sexta-feira. Mas depois vamos ter que trabalhar 16 dias seguidos.

Resmunguei, mas no fundo me senti aliviada. As flores eram minha válvula de escape. Com elas em minhas mãos, talvez conseguisse sobreviver ao outono. E talvez, com o passar dos meses, as coisas se tornassem mais fáceis. Era o que eu vinha esperando, mas, até então, não tinha sido assim. Na verdade, parecia estar acontecendo o oposto: a



cada dia que passava, eu me sentia mais desolada e as consequências de minhas decisões me pareciam menos suportáveis. Virei-me para subir a escada de novo.

– Vai voltar para a sua caverna? – perguntou Marlena.

Ela soava desapontada.

– O que mais posso fazer?

Marlena suspirou.

– Não sei. – Ela fez uma pausa e me virei para encará-la.

Parecia que ela sabia, mas estava com dificuldade para encontrar as palavras. – Abriu uma lanchonete nova perto da Bloom – disse por fim. – Pensei que poderíamos comer alguma coisa lá e depois dar um passeio de carro.

– Um passeio?

– É. – Ela olhou pelas janelas em direção à rua. – Para vê-la.

Marlena estava falando de minha filha. Mas, por uma fração de segundo, antes que eu me desse conta disso, achei que estivesse se referindo à Elizabeth e essa me pareceu exatamente a coisa certa a fazer. Eu sabia onde ela morava e como chegar lá. Era tarde demais para eu ser uma criança em sua casa, mas não para pedir perdão pelo que havia feito.

Quando não respondi de imediato, Marlena me encarou, seu rosto esperançoso.

Balancei a cabeça. Eu lhe pedira para nunca falar sobre a bebê e, até então, ela havia respeitado minha vontade.



# AFTER DARK

– Por favor, não faça isso – pedi.

Seu queixo caiu sobre o peito e por um instante ela pareceu não ter pescoço, como uma recém-nascida.

– Nos vemos na sexta – concluí, virando-me para subir as escadas.

Passei a noite inteira imaginando-me em meu carro, indo ao encontro de Elizabeth. Visualizei a entrada de veículos, longa e empoeirada, as uvas de fim de verão pesadas nas videiras. O sol da tarde faria a casa de fazenda branca, com sua pintura descascada, projetar uma sombra retangular e os degraus da varanda rangeriam quando eu os subisse. Elizabeth estaria sentada à mesa da cozinha, com os braços cruzados, olhando para a porta, como se estivesse à minha espera.

A visão se desfez quando percebi que tudo isso poderia não existir mais. Não só os acres de videiras, mas também a mesa da cozinha, a porta de tela e toda a casa. Durante todo o tempo que passara com Grant, eu nunca havia lhe perguntado sobre a extensão do dano causado pelo fogo.

Também não descera a estrada além dos portões da fazenda de flores. Na época, não queria saber.

Eu não poderia ir até lá. Não suportaria ver aquilo, nem mesmo para pedir perdão a Elizabeth.

Mas, depois que a ideia surgiu, eu não conseguia afastá-

la da minha mente. Se pudesse me desculpar, então talvez conseguisse enfim esquecer. Talvez eu parasse de sonhar com



# AFTER DARK

fogo e pudesse levar uma vida tranquila, ainda que solitária, sabendo que Elizabeth compreendia meu remorso. Encolhida no quarto azul, eu pensava sobre como fazer isso. Escrever uma carta seria bem simples. Depois que aprendi o endereço, nunca mais o esqueci. Porém, o medo de que Elizabeth aparecesse à minha porta me impedia de colocar o endereço do remetente no envelope e, sem isso, ela não teria como responder. Embora eu soubesse que não poderia viver olhando pela janela a cada instante, temendo que sua velha caminhonete cinza parasse no acostamento, queria desesperadamente saber sua resposta. Talvez isso até aliviasse um pouco meus anos de culpa.

Quando o sol nasceu, eu soube o que precisava fazer: escreveria para Elizabeth e usaria o endereço da Bloom.

Renata me traria qualquer carta que chegasse. Entreabrindo a porta do quarto azul, tentei escutar algum sinal de Marlena. O apartamento estava silencioso. Fui até o andar de baixo, sentei-me à mesa como o fazia durante uma reunião com clientes e peguei uma folha de papel de arroz e uma caneta hidrográfica azul. Minha mão tremia enquanto a caneta pairava sobre o papel.

Escrevi primeiro a data no canto superior direito, conforme Elizabeth me ensinara. Sem parar de tremer, escrevi seu nome. Não me lembrava do que deveria vir em seguida, se dois pontos ou vírgula. Depois de uma pausa, coloquei os dois.



# AFTER DARK

Olhei para o que havia escrito. O nervosismo deixara minha letra um garrancho, muito longe da perfeição que Elizabeth sempre exigia. Amassei o papel e o joguei no chão, recomeçando do zero.

Uma hora depois, peguei a última folha de papel. Bolas amassadas cobriam o chão ao meu redor. Essa tentativa, por pior que ficasse, teria que servir. A pressão diante da única folha restante fez minha mão tremer mais ainda; minha caligrafia parecia a de uma criança muito jovem, insegura quanto ao formato de cada letra. Elizabeth ficaria decepcionada.

Continuei

assim

mesmo,

lentamente,

determinada. Por fim, consegui escrever uma só linha:  
Eu causei o incêndio. Lamento por isso. Nunca deixei de lamentar.

Assinei meu nome. A carta era breve e tive medo de que Elizabeth a achasse rude e falsa, porém eu não tinha mais nada a dizer. Dobrei o papel, coloquei-no num envelope e o fechei, escrevendo o endereço e o selando. Os selos que eu havia comprado na primavera anterior eram ilustrados por um narciso-amarelo – recomeços –, amarelo e branco sobre um fundo vermelho, com letras douradas celebrando o Ano-novo Chinês. Elizabeth perceberia.

Seguindo a passos rápidos até o final do quarteirão,

puxei a pesada alavanca de metal da caixa de correio e joguei a carta pela fresta antes que mudasse de ideia.



# AFTER DARK

---

2





CERTA TARDE DE OUTUBRO, eu estava sentada no escritório vazio, conferindo, por hábito, a ordem alfabética dos meus cartões enquanto esperava um casal chegar. Os dois só se casariam em abril, mas haviam insistido para que nos reuníssemos logo. A noiva queria que absolutamente tudo – desde a cor da decoração até a letra da música de sua primeira dança – combinasse com as flores que escolheria. Ao longo do verão, eu tinha trabalhado com inúmeras noivas, mas combinar música e flores era novidade até para mim.

Não estava nada ansiosa pela reunião.

Conferi as horas. Quinze para as cinco. Faltavam 15

minutos para os clientes chegarem. Estava na hora de preparar o chá. Eu só bebia um chá de crisântemo que comprava no bairro de Chinatown, as flores desenrolando-se,



suspensas, no líquido escuro. Era um toque agradável para as minhas sessões, algo que os clientes já estavam acostumados a esperar.

Na cozinha, fervei uma chaleira e tomei uma xícara antes de descer a escada. A noiva havia chegado e estava sentada na soleira em frente às portas de vidro. Sozinha, olhava de um lado para o outro da rua. Eu conseguia notar a impaciência em suas costas empertigadas. O noivo chegaria atrasado ou não iria. Mau sinal para um casamento – e noivas sabem disso. Havia meses eu decidira que, em longo prazo, o sucesso de meu negócio dependia de fazer as flores para casais cujas uniões seriam duradouras; já havia recusado mais de um casal por falta de pontualidade ou por testemunhar discussões agressivas sobre os cartões.

Larguei a bandeja e fui em direção à porta. Parei de repente, pressionando as palmas das mãos no vidro. Do lado de fora, pneus cantaram. Então uma caminhonete velha e cinza passou sacolejando, com Elizabeth atrás do volante. No sinal de trânsito da esquina íngreme, o veículo deu ré antes de fazer a curva e desaparecer colina acima. Eu me virei e subi as escadas correndo, entrando no antigo quarto de Natalya, onde me agachei debaixo da janela para esperar a caminhonete passar de volta.

Menos de cinco minutos depois, ela passou. Elizabeth desceu a colina com mais facilidade do que a subira e no instante seguinte já havia virado a esquina, desaparecendo



# AFTER DARK

de vista. Desci as escadas de dois em dois degraus e saí. A noiva sentada no meio-fio se levantou quando me viu.

– Perdão – apressou-se em dizer. – Ele já vai chegar.

Mas ele não chegaria. Havia algo de ensaiado em seu pedido de desculpas, como se houvesse meses ou anos que ela usava as mesmas palavras para justificar a ausência do noivo.

– Não – falei –, ele não vai chegar.

Talvez fosse o chá de crisântemos, mas de repente quis que aquela mulher soubesse a verdade. Ela abriu a boca como se fosse protestar, mas minha expressão a deteve.

– Você não vai fazer nossas flores, não é?

Então, me deu as costas, sabendo qual seria a resposta.

Ela tentaria Renata em seguida; era o que sempre faziam.

Renata tinha o único dicionário de flores idêntico ao meu. Eu pedira que Marlena fizesse uma cópia para ela poucos meses antes, quando começamos a ter mais trabalho do que poderíamos dar conta. Todos os dias, eu encaminhava clientes para a Bloom.

Comecei a subir a colina e vi Renata descendo. Nos encontramos no meio, como eu e Grant havíamos feito antes, na tarde em que ele me trouxera o junquilha. Ela trazia um envelope cor-de-rosa claro. Meus dedos tremiam quando o peguei. Sentei-me no meio-fio e coloquei o envelope no colo.

Renata se sentou ao meu lado.



– Quem é ela? – perguntou.

O envelope parecia quente e o deixei na calçada entre nós duas. Analisei as linhas das palmas vazias das minhas mãos, como se buscasse nelas a resposta à sua pergunta.

– Elizabeth – respondi baixinho.

Ficamos caladas. Renata não fez mais perguntas, porém, quando ergui os olhos, seu rosto ainda estava franzido numa expressão interrogativa, como se eu não tivesse respondido nada. Tornei a baixar os olhos para minhas mãos.

– Ela quis me adotar quando eu tinha 10 anos.

Renata fez um barulho de estalo com a língua. Com uma de suas unhas curtas, puxou uma lasca de metal presa no concreto, mas ela não se soltou.

– E então? – insisti. – O que você fez?

Era uma pergunta que Meredith teria feito, mas, vinda de Renata, demonstrava mais interesse do que acusação.

– Provoquei um incêndio.

Era a primeira vez que eu dizia aquelas palavras em voz alta e a imagem que elas produziram me deram um nó na garganta. Fechei os olhos com força.

– Minha pequena piromaníaca – disse Renata, passando um braço carinhoso em volta dos meus ombros e me



puxando para junto dela. – Por que será que isso não me surpreende?

Virei-me para analisá-la. Ela não sorria, mas seus olhos estavam cheios de ternura.

– Então? – perguntei. – Por que não está surpresa?

Renata tirou uma mecha de cabelo de cima dos meus olhos, as pontas de seus dedos acariciando minha testa. Sua pele era macia. Eu me recostei nela, pressionando a orelha em seu ombro, e quando ela falou, as palavras soaram abafadas.

– Você se lembra da manhã em que nos conhecemos?

Quando você parou em frente à minha loja, procurando emprego, e então voltou horas depois com uma prova do que podia fazer? Você me entregou aquelas flores como se fossem um pedido de desculpas, embora não tivesse feito nada de errado e o buquê estivesse mais próximo da perfeição do que qualquer outro que eu já tivesse visto. Naquele mesmo instante, eu soube que você se sentia indigna, que acreditava ter defeitos imperdoáveis.

Eu me lembrava bem daquela manhã. De como tive medo de que ela descobrisse a verdade sobre minha condição de sem-teto, a verdade sobre minha história.

– Então por que você me contratou? – perguntei.



# AFTER DARK

Renata passou a mão pelo meu rosto. Quando chegou ao queixo, inclinou minha cabeça para cima, fazendo com que eu a olhasse nos olhos.

– Você acha mesmo que é o único ser humano que tem defeitos imperdoáveis? Que foi magoado quase a ponto de entrar em colapso?

Ela me encarou intensamente. Quando desviou o olhar, soube que compreendia que sim, que eu acreditava ser a única.

– Eu poderia ter contratado outra pessoa. Alguém menos imperfeito ou que pelo menos soubesse esconder melhor seus defeitos. Mas ninguém teria seu talento com as flores, Victoria. É um verdadeiro dom. Quando trabalha com elas, tudo em você muda. Seu queixo relaxa. Seus olhos ficam vidrados de concentração. Seus dedos manipulam as flores com um respeito tão delicado que é impossível acreditar que você seja capaz de cometer qualquer ato de violência.

Nunca vou me esquecer do primeiro dia que vi isso. Enquanto observava você fazer arranjos com os girassóis na mesa dos fundos, parecia que eu estava olhando para uma garota completamente diferente.

Eu conhecia a garota de quem ela estava falando. Era a mesma que eu tinha vislumbrado no espelho do provador com Elizabeth, depois de quase um ano em sua casa. Talvez ela tivesse sobrevivido em algum lugar dentro de mim, preservada como uma flor seca – frágil e doce.



# AFTER DARK

Renata pegou o envelope e o agitou no ar entre nós.

– Posso? – perguntou ela.



# AFTER DARK



3



AO SOM DO MARTELO DA JUÍZA, soprei os botões brancos e delicados que havia enfileirado sobre a mesa. Eles se espalharam pelo chão do tribunal. Elizabeth se levantou.

As flores estavam diante do meu lugar quando cheguei, o emaranhado de cravos-de-amor – amor eterno – refletindo-se no tampo envernizado da mesa, esferas macias flutuando nas profundezas da madeira lustrosa. Elas pareciam rígidas e secas contra as pontas dos meus dedos, como se Elizabeth as tivesse comprado para nossa primeira sessão, antes de a audiência precisar ser retomada em uma segunda e uma terceira data. Cravos-de-amor não murchavam nem mofavam. Com o tempo, se tornavam cada vez mais quebradiços, mas, fora isso, não mudavam. Não havia motivo para Elizabeth comprar um buquê novo.



# AFTER DARK

Enquanto ela se postava diante da juíza, negando sistematicamente uma longa lista de acusações, eu partia os caules marrons e sem flores em pedacinhos, arranjando-as como um ninho de pássaro no centro da mesa. Houve uma pausa e o tribunal ficou em silêncio. O pedido de Elizabeth ecoou em meus ouvidos: Gostaria de solicitar que Victoria seja devolvida à minha custódia e que a decisão seja aplicada imediatamente. Não tive coragem de levantar a cabeça, com medo de que meus olhos revelassem meu desejo. Mas quando a juíza voltou a falar foi apenas para pedir que Elizabeth retornasse ao seu lugar. Pelo jeito, seu pedido não merecia uma resposta. Ela se sentou.

À mesa comprida, Meredith estava sentada entre mim e Elizabeth, com um advogado de cada lado. O meu era um homem baixo e gordo. Parecia desconfortável em seu terno, inclinándose para a frente enquanto a juíza falava e puxando a camisa para afastá-la da nuca. Seu bloco de anotações estava em branco e ele não parecia ter uma caneta. Ficava conferindo as horas em seu relógio por baixo da mesa. Estava louco para ir embora.

Eu também estava. Sem prestar muita atenção enquanto Meredith e a juíza debatiam que tipo de abrigo atenderia às minhas necessidades, eu mexia na coleção de caules partidos em cima da mesa, dispondo-a no formato de um peixe com três barbatanas, uma coroa pontiaguda e, por fim, um coração assimétrico. Os gravetos quebradiços me distraíam do fato de estar tão perto de Elizabeth, a menos de



# AFTER DARK

cinco braços de distância. A juíza definiu o abrigo de acordo com a disponibilidade de vaga. Meredith anotou a decisão nos meus arquivos, atravessando o tribunal em direção à bancada da juíza com uma pilha grossa de papéis nas mãos.

A juíza fez uma pausa, orientou Meredith a acrescentar meu nome a todas as listas de espera por abrigos provisórios e então assinou a primeira folha da pilha. Oito anos depois, quando eu fosse emancipada, ainda estaria sozinha. Mesmo que não dissessem exatamente isso, suas palavras haviam selado meu futuro.

A juíza pigarreou. Meredith voltou ao seu lugar. No silêncio que se seguiu, compreendi que esperavam que eu erguesse os olhos, mas não o fiz. Com um dedo, abri um buraco no coração de gravetos que havia criado, alargando-o até enxergar meu rosto refletido no tampo da mesa. Fiquei surpresa ao ver como parecia velha e revoltada. Ainda assim, não levantei a cabeça.

– Victoria – falou a juíza. – Você tem algo a dizer?

Não respondi. Do outro lado do meu advogado, a promotora tamborilava suas unhas longas e pintadas contra a mesa, saliências ovais e vermelhas pressionadas contra mãos enrugadas. Ela queria que eu testemunhasse contra Elizabeth num processo criminal, mas me recusei.

Levantei-me devagar. Tirei do bolso punhados de cravos, botões amarronzados que eu havia arrancado de um buquê na loja de presentes do hospital. Dois meses após a noite do incêndio, eu ainda estava no hospital, transferida da unidade



de queimados para a ala psiquiátrica até Meredith conseguir encontrar um abrigo para mim.

Passei por baixo da mesa e atravessei o tribunal.

– Quero que você reflita sobre as consequências de se recusar a testemunhar – disse a juíza quando parei diante dela. –

Não é só uma questão de lutar pelos seus direitos e por justiça. Trata-se de proteger outras crianças.

Os adultos naquele tribunal acreditavam que Elizabeth era uma ameaça. A ideia era tão absurda que eu quase caí na gargalhada. Mas sabia que, se eu risse, logo começaria a chorar e então talvez nunca mais conseguisse parar.

Em vez disso, empilhei os cravos sobre a bancada. Meu coração está partido. Era a primeira vez que dava uma flor a alguém que não entendia seu significado. O gesto parecia subversivo e estranhamente poderoso. Quando me virei para ir embora, Elizabeth se levantou, compreendendo a mensagem das flores. Nossos corpos ficaram frente a frente e, naquele breve e silencioso instante, a energia entre nós duas era tão quente quanto o fogo que havia nos separado.

Comecei a correr. A juíza bateu o martelo. Meredith me chamou de volta. Escancarando as portas do tribunal, desci correndo seis lances de escada, irrompendo porta afora por uma saída de emergência. Parei sob a luz forte da tarde. Não importava para onde eu fugisse. Meredith me alcançaria. Ela me levaria de volta para o hospital, me colocaria num abrigo

ou me internaria num reformatório. Durante oito anos, eu



seria transferida de uma instituição para outra, sempre que ela viesse me buscar. Então, no meu aniversário de 18 anos, seria emancipada e estaria sozinha.

Estremeci. Embora o céu estivesse claro e azul, era um dia frio de dezembro. Deitei-me no chão ali mesmo, pressionando o rosto contra o cimento quente.

Queria ir para casa.



# AFTER DARK



4

DEZ ANOS TINHAM SE PASSADO E, mesmo assim, Elizabeth me queria.

Sua carta, dobrada em um pequeno quadrado e enfiada no meu sutiã, se apertava contra a minha pele enquanto eu trabalhava ao lado de Marlena naquela noite. Eu decepcionei você, escrevera ela. Também nunca deixei de lamentar. E

então, no fim do bilhete, logo acima de seu nome: Por favor, por favor, venha para casa. Duas ou três vezes por hora eu pegava o papel e lia as frases curtas, até memorizar não só as palavras, mas o formato exato de cada letra. Marlena não perguntou nada, apenas trabalhou com mais afinco para compensar minha distração.

Eu iria encontrar Elizabeth. Havia tomado essa decisão no instante em que li sua carta, sentada no meio-fio ao lado



# AFTER DARK

de Renata. Tinha me levantado com a intenção de ir imediatamente para o meu carro, cruzar a ponte e seguir até o vinhedo. Mas então vi Marlena trabalhando, entrei para ajeitar um buquê e depois peguei outro. Horas se passaram.

Tínhamos uma festa de aniversário no dia seguinte e logo depois dois casamentos. Agora era oficial: o outono havia se tornado tão agitado quanto os meses de verão, cheio de noivas exigentes e supersticiosas que prefeririam se casar em um dos últimos domingos da estação do que recorrer a outra florista. Para mim, elas eram as piores. Não tinham condições de oferecer mais dinheiro do que as outras noivas pelos meses de verão e planejar cerimônias extravagantes com elegância e gratidão, mas eram ricas o bastante para frequentar os mesmos círculos e sofrer com as constantes comparações. Noivas de outono eram inseguras e os homens com os quais se casavam eram permissivos demais. No mês anterior, três noivas diferentes tinham nos ligado para consultas de última hora, nas quais tudo o que havíamos planejado foi descartado e tivemos que recomeçar do zero na véspera da cerimônia.

Mas não eram apenas os prazos apertados que faziam com eu me demorasse ao lado de Marlena. A emoção de saber que Elizabeth ainda me queria tinha aliviado não só a dor da última década, mas também a saudade que sentia de minha filha. Enquanto não fosse ao seu encontro, a promessa contida na carta de Elizabeth permaneceria intacta. Se batesse à sua porta, correria o risco de deparar com uma mulher diferente daquela de que me lembrava – mais velha,





sem dúvida, e talvez mais triste ou revoltada – e isso me parecia um risco grande demais.

Naquela noite, dormi um sono agitado, acordando de poucas em poucas horas, louca para pegar o carro e ir até a casa de Elizabeth. Pela manhã, no entanto, a atração do vinhedo havia diminuído. Resolvi esperar uma semana, duas no máximo, e então iria vê-la, totalmente preparada para qualquer coisa que pudesse encontrar.

Já havia tomado banho e trocado de roupa quando o telefone tocou. Caroline. Estava esperando sua ligação.

Durante nossa consulta, ela não soubera dizer o que esperava de uma florista ou do casamento. Além disso, ficava chorosa sempre que eu fazia uma pergunta que ela não soubesse responder – ou seja, sempre que perguntava qualquer coisa mais complicada do que seu nome ou a data do casamento. Deveria ter recusado o serviço, mas gostava do noivo, Mark, e acho que foi por isso que aceitei a tarefa. Ele a provocava de um jeito que parecia de certa forma encorajador, em vez de depreciativo.

Atendi no primeiro toque. Quando estava tentando me decidir se lhe pedia para vir ou mentia, dizendo que estava ocupada, atravessei o quarto e a vi sentada no meio-fio do outro lado da rua, com Mark ao seu lado. Ela ergueu os olhos para mim. Seus punhos estavam cerrados, mas ela abriu uma das mãos lentamente para acenar. Abri a janela e desliguei o telefone.



# AFTER DARK

– O.k., me dê um minuto – pedi, assim como Natalya fizera quando bati à sua porta pela primeira vez.

E, assim como Natalya, não me apressei. Fui até a cozinha e preparei uma xícara de chá, ovos cozidos e torradas. Se fôssemos recomeçar os buquês do zero – e eu não tinha dúvidas de que iríamos –, provavelmente passaria as 24 horas seguintes trabalhando sem parar. Comi o lanche e bebi dois copos de leite com calma antes de descer as escadas.

Caroline me abraçou quando abri a porta. Ela devia ter quase 30 anos, mas usava o cabelo preso em duas tranças longas, o que a deixava com uma aparência muito mais jovem. Quando se sentou à mesa diante de mim, vi que seus olhos azuis estavam marejados.

– O casamento é amanhã – falou, como se eu tivesse me esquecido disso. – E acho que confundi tudo. – Ela arquejou e bateu no peito com a mão espalmada.

Mark se sentou ao seu lado e deu um tapinha em suas costas com o punho fechado. Caroline riu e soluçou.

– Ela está tentando conter as lágrimas – disse ele. – Se chorar assim tão perto do casamento, sem dúvida vai aparecer tudo nas fotografias.

Caroline tornou a rir e uma lágrima escapou pelo canto do olho. Ela a secou com uma unha manicurada e beijou Mark.



# AFTER DARK

– Ele não entende quanto é importante – falou. – Não conhece Alejandra e Luis, então não sabe o que aconteceu na lua de mel deles.

Assenti como se me lembrasse desse casal e das flores que tinha escolhido para ele.

– Então, em que posso ser útil? – perguntei com o máximo de paciência que consegui reunir.

– Sabe aquela velha pergunta, se você só pudesse comer cinco comidas pelo resto da vida, quais seriam? – Fiz que sim, embora ninguém nunca tivesse me perguntado aquilo. – Bem, não consigo tirar isso da cabeça. Escolher flores para um casamento é como escolher as cinco características que você quer que ele tenha para o resto da vida. Como escolher uma coisa dessas?

– Ela fala para o resto da vida como se o casamento fosse uma doença incurável – disse Mark.

– Você sabe do que estou falando – atalhou ela, examinando as mãos.

Eu não prestava muita atenção à conversa dos dois, pensando nas cinco comidas que escolheria. Donuts, sem dúvida. Será que eu precisava ser específica ou poderiam ser sortidos? Sortidos, decidi, com ênfase no de maple.

Caroline e Mark discutiam entre rosas vermelhas e tulipas brancas: amor versus declaração de amor.



# AFTER DARK

– Mas se você me amar e não me disser, como vou saber? –  
perguntou ela.

– Ah, você vai saber – disse Mark, erguendo as  
sobrancelhas e correndo os dedos do joelho até o topo da coxa dela.

Olhei pela janela. Donuts, frango assado, cheesecake e  
sopa de abóbora bem picante. Faltava uma. Deveria ser fruta, legume ou verdura,  
se eu quisesse sobreviver mais de um ano  
com essa dieta imaginária, mas não conseguia pensar em  
nada de que gostasse tanto para comer todos os dias.

Tamborilei os dedos na mesa e olhei para o céu  
estranhamente azul para a estação.

Foi então que descobri exatamente o que seria e soube  
que precisava ir, naquele mesmo instante, ao encontro de  
Elizabeth. As uvas estavam maduras. Eu vinha contando os  
dias quentes de outono – 12 seguidos – e, ao ver os raios de  
sol entrarem na sala escura, repletos de grãos de poeira, tive  
certeza de que as uvas estavam prontas para serem colhidas.

Também tive certeza de que Elizabeth ainda não as havia  
descoberto. Não posso dizer como sabia disso, mas eu sabia:  
da mesma forma que, pelo que tinha ouvido falar, algumas  
mães e filhas, um dia conectadas por um cordão umbilical, sabiam antes  
de serem avisadas que a outra estava doente ou  
em perigo. Eu me levantei. Caroline e Mark já haviam  
passado para heliotrópio versus gerânio silvestre, sem que eu  
tivesse ouvido quem ganhara o debate entre tulipas e rosas.



# AFTER DARK

– Por que você está se limitando tanto? – perguntei, com mais rispidez do que pretendia. – Nunca lhe falei que era preciso se limitar a um determinado número de flores para o buquê.

– Mas onde já se viu uma noiva carregando um buquê com 50 tipos diferentes de flores? – perguntou ela.

– Então, crie uma tendência – respondi. Caroline era do tipo que gostaria de fazer isso. Peguei meu bloco de anotações e uma caneta. – Olhe nas caixas, consulte os cartões um por um e anote todas as características que quer em seu casamento. Então nós juntaremos tudo o que pudermos no último minuto – falei. – Mas desista de combinar as flores com os vestidos das madrinhas.

– Os vestidos são amarelo-esverdeados – disse Caroline, encabulada, como se os tivesse comprado prevendo aquele exato momento. – Vão combinar com qualquer coisa.

Eu já estava na metade da escada. Precisava ligar para Marlena. Ela seria capaz de fazer o pedido sem mim e o faria depressa e com profissionalismo. Seus arranjos não eram bonitos – ela não havia progredido muito ao longo dos meses

–, mas sabia de cor as flores e suas definições e não confundiria duas espécies diferentes de gerânio. A reputação da Mensagem dependia do conteúdo do buquê, não do mérito artístico dos arranjos, e no quesito conteúdo Marlena era impecável.



# AFTER DARK

Ela atendeu no primeiro toque e percebi que também estava esperando esse telefonema.

– Venha para cá – pedi.

Marlena resmungou. Desliguei sem lhe dizer que não estaria quando ela chegasse, ou que Caroline e Mark estavam no processo de compor aquele que possivelmente seria o buquê mais complexo da história dos casamentos de São Francisco. Não havia razão para assustá-la.

Peguei minhas chaves e desci os degraus de dois em dois.

– Marlena está a caminho – disse para Caroline e Mark ao passar pela mesa para sair.

Conduzi meu carro pelas estradas como havia feito tantas vezes: com Grant, sozinha e, da última vez que passara por ali, com a bebê. Ao me aproximar da fazenda de flores, apertei a palma da mão contra a têmpora esquerda para bloquear minha visão periférica. Não vi a casa, a torre de água ou as plantações. Podia ter reunido coragem para encontrar Elizabeth, mas não suportava a ideia de ver Grant ou minha filha no mesmo dia.

Parei no acostamento do outro lado da entrada da fazenda de Elizabeth. Um ônibus escolar passou, seguido por uma caminhonete marrom lotada de gente. Quando a estrada ficou vazia, saí do carro em direção à tranquilidade do campo e olhei para o outro lado.



# AFTER DARK

À primeira vista, o vinhedo estava exatamente como eu me lembrava dele. O longo caminho de entrada, a casa de fazenda no meio, as videiras se estendendo em fileiras paralelas à estrada. Eu me recostei no carro, buscando sinais do dano que havia causado. O vinhedo tinha sido replantado, a terra calcinada fora revolvida e as cinzas desapareceram havia tempos; até mesmo o cardo retornara à vala, tão alto e seco quanto na noite do incêndio. Somente a espessura das videiras revelava a história do fogo: no quadrante sudoeste da propriedade, seus troncos tinham a metade da grossura daqueles em frente à entrada de veículos. As folhas das plantas mais jovens eram de um verde mais brilhoso e a quantidade de frutos em seus galhos, perceptivelmente maior. Eu me perguntei se as uvas das videiras novas já teriam chegado ao padrão de qualidade exigido por Elizabeth.

Atravessei a estrada. A casa parecia idêntica, mas a fileira de barracões havia desaparecido – destruída pelo fogo, imaginei. O trailer de Carlos também não estava mais lá, porém eu duvidava que o metal houvesse derretido. Era mais provável que ele tivesse encontrado outro emprego ou ido embora e Elizabeth tenha resolvido se livrar do trailer. Sem os anexos deteriorados, a casa parecia mais uma pousada do que um vinhedo produtivo. A pintura branca era reluzente e impecável e havia um par de cadeiras de balanço de madeira vermelha na varanda. Atrás da cortina rendada da janela da cozinha, a luz estava acesa.



# AFTER DARK

Detendo-me no último degrau, ouvi um som baixo, como uma lufada de vento, seguido pelo barulho distante de água se derramando. Elizabeth estava no jardim. Com as costas pressionadas contra as tábuas brancas das paredes externas, contornei sorrateiramente a casa. Encontrei-a agachada no chão, descalça, a poucos passos de onde eu estava. Havia lama em seus calcanhares e, quando ela se inclinou para a frente, vi que as curvas de seus pés estavam limpas e rosadas.

– De novo? – perguntou, erguendo um anel de arame com um cabo de madeira gasto.

Afastei-me da parede para ter uma visão melhor do jardim. No caminho em frente às rosas, havia uma bacia cheia até a metade com água e sabão, para fazer bolhas, com espirais iridescentes se refletindo no líquido grosso. Um bebê de olhos redondos tentava pegar o anel de metal com uma das mãos, enquanto apertava a borda da bacia com a outra.

Ele estava sentado no chão usando apenas uma fralda de pano enquanto seu corpo nu se balançava, a barriga saliente oscilando sobre o bumbum instável. Elizabeth colocou sua mão livre atrás das costas dele para ampará-lo e, aproveitando esse momento de distração, o bebê conseguiu agarrar o anel e puxá-lo, ainda cheio de sabão, para dentro da boca. Começou a mordê-lo furiosamente.

– Não, não, garotinha – falou Elizabeth, puxando sem sucesso o cabo de madeira. – Isso é para fazer bolhas, não é um mordedor.





# AFTER DARK

A bebê não reagiu à repreensão. Depois de uma pausa, Elizabeth fez cócegas na sua barriga nua até ela rir, desprendendo a mandíbula do aro de metal. Elizabeth limpou os restos de sabão da boca da bebê com o polegar.

– Agora observe – disse Elizabeth.

Ela mergulhou o aro na solução e soprou-o. Bolhas choveram sobre a bebê, deixando círculos molhados em seus ombros e testa ao estourarem.

Seu cabelo tinha crescido; cachos escuros cobriam a metade de cima das suas orelhas e se enroscavam para cima na nuca. Sua pele cor de creme estava mais morena, provavelmente por causa das horas que passava no jardim, e dois dentes de baixo haviam nascido na gengiva lisa na qual, meses antes, eu passara o dedo. Eu poderia não tê-la reconhecido se não fossem seus olhos – aqueles olhos redondos, profundos, azul-acinzentados –, que se voltaram para mim e encararam meu rosto, interrogativos, como na manhã em que eu a deixara no cesto forrado de musgo.

Recuando em silêncio, eu me virei e saí correndo em direção à estrada.



# AFTER DARK

5



SENTADA ENTRE AS PLANTAS que estavam ali havia décadas, eu examinava as poucas flores desabrochadas.

Grant havia podado as rosas. Meio centímetro abaixo de cada extremidade cortada, um botão gordo brotava do caule, o ponto de partida para uma nova flor. Como todos os anos, Grant teria rosas para o Dia de Ação de Graças.

Depois de 25 anos sozinho, Grant havia reatado com Elizabeth. Chocada, fui imediatamente para a fazenda de flores. Parei o carro na estrada e – como já havia jogado a chave fora – escalei o portão de Grant. Em vez de bater à porta da torre de água, me refugiei no jardim de rosas. O

sorriso tímido de minha filha brincava atrás das minhas pálpebras; sua alegria, rodopiando como a água cheia de sabão na bacia, me preenchia. Ela estava com Elizabeth e estava feliz. Eu supunha, pela naturalidade da interação entre as duas, que o vinhedo era seu lar permanente. Essa



ideia fez com que eu sentisse a solidão de Grant com a mesma pungência com que experimentara a felicidade de minha filha.

Uma hora se passou. Ainda em êxtase por conta da visão inesperada de minha garotinha, ouvi as botas de Grant se aproximarem por trás de mim. Senti meu coração reverberar, exatamente como quando nos conhecemos no mercado de flores, e puxei os joelhos até o peito como se quisesse abafar o som. Grant alinhou suas botas com as minhas e se sentou ao meu lado, seus ombros tocando os meus. Ele enfiou algo atrás da minha orelha que retirei em seguida. Uma rosa branca. Ergui a flor contra o sol e sua sombra se projetou sobre nós dois. Ficamos um bom tempo sentados ali, em silêncio.

Por fim me afastei, virando-me em sua direção. Fazia mais de um ano que não via Grant e ele parecia ter envelhecido mais do que esse tempo. Rugas finas sulcavam sua testa séria, mas seu cheiro forte de terra continuava o mesmo. Voltei à posição de antes até nossos ombros se tocarem novamente.

– Como ela é? – perguntei.

– Linda – respondeu ele. Sua voz soava tranquila, ponderada. – Geralmente tímida a princípio. Mas depois, quando estende os braços e agarra as nossas orelhas com suas mãozinhas gordas... não há nada que se compare a isso no mundo. – Ele se interrompeu por um instante, arrancando uma pétala da rosa que eu segurava e apertando-a contra os



lábios. – Também adora flores. Gosta de arrancá-las, cheirá-

las e é até capaz de comê-las se você não ficar de olho.

– Sêrio? Ela ama as flores como nós?

Grant assentiu.

– Você tem que ver como ela sorri quando começo a falar os nomes das orquídeas na estufa: oncidium, dendrobium, bulbophyllum e epidendrum, fazendo cócegas no seu rosto com cada uma delas. Não vou ficar surpreso se a primeira palavra que ela disser for “orquídea”.

Visualizei o rosto redondo de minha filha, suas bochechas coradas por conta do calor da estufa, apertado contra o peito de Grant para evitar as cócegas das flores.

– Estou tentando ensinar a ela a ciência por trás das plantas – disse Grant. O sorriso que tomou seus lábios era cheio de recordações. – Mas, até agora, não deu muito certo.

Ela pega no sono quando começo a tagarelar sobre a história da família Betulaceae ou sobre como o musgo cresce sem raízes.

O musgo cresce sem raízes. Suas palavras me deixaram sem fôlego. Durante uma vida inteira estudando a biologia das plantas, eu nunca havia pensado nisso. Agora parecia o único fato que eu precisava, desesperadamente, ter compreendido.

– Qual o nome dela? – perguntei.



– Hazel. – Avelã. Reconciliação. Grant puxou uma raiz teimosa de capim-

colchão, evitando meus olhos. – Achei que algum dia ela traria você de volta para mim.

Naquele momento, ela havia nos reunido. A raiz do capim-colchão se soltou. Grant seguiu o broto seco até o seu próximo ponto de encontro com a terra.

– Você está zangado? – perguntei.

Grant demorou um bom tempo para responder. Outra raiz se soltou e ele puxou a planta inteira, enroscando o longo cordão de capim em volta do seu indicador grosso.

– Devia.

Ele tornou a ficar calado, lançando o olhar ao longo da sua propriedade.

– Ensaiei minha raiva 100 vezes desde que encontrei Hazel. Você merece ouvir.

– Sei que mereço – concordei. – Vá em frente.

Eu o encarei, mas ele não me olhou de volta. Não iria dizer as palavras que havia ensaiado. Embora tivesse todo o direito, não estava com raiva e não queria me fazer sofrer.

Não era da sua natureza.

Algum tempo depois, Grant balançou a cabeça, bufando.

– Você fez o que precisava fazer – falou. – E eu fiz o que precisava fazer.



Entendi que suas palavras significavam que eu tinha razão quando supus que minha filha morava no vinhedo.

Grant a deixara com Elizabeth.

– Jantar? – ofereceu ele de repente, virando-se para mim.

– Você vai cozinhar? – perguntei.

Ele assentiu e me levantei.

Comecei a andar em direção à torre de água, mas Grant pegou minha mão e me levou até a varanda da casa principal.

Deixei que ele me conduzisse, notando pela primeira vez que a casa havia sido pintada e as janelas trocadas.

A mesa da sala de jantar estava posta, o tampo de madeira envernizado exposto, exceto por dois descansos de mesa em uma ponta, guardanapos de pano dobrados, talheres de prata polidos e pratos finos de porcelana branca com flores azuis nas bordas. Eu me sentei e Grant serviu água num copo de cristal de uma jarra antes de desaparecer atrás da porta de vaivém que conduzia à cozinha. Ele voltou com um frango assado inteiro em uma bandeja de prata.

– Costuma cozinhar tudo isso só para você? – perguntei.

– Às vezes. Quando não consigo tirá-la da cabeça. Mas hoje cozinhei para você. Assim que a vi pular o portão, acendi o forno.

Ele cortou as duas coxas com uma faca e as colocou no meu prato antes de fatiar o peito. Voltou à cozinha para pegar



# AFTER DARK

uma tigela de molho e uma travessa longa de legumes assados: beterrabas, batatas e pimentões de cores vibrantes.

Enquanto me servia, terminei de comer a primeira coxa.

Larguei o osso limpo em cima de uma poça de molho e Grant se sentou em uma cadeira de frente para a minha.

Eu tinha tantas perguntas. Queria que ele descrevesse cada dia desde que ele encontrou a bebê no cesto forrado de musgo. Queria saber como ele se sentiu quando fitou os olhos da filha pela primeira vez, se sentiu amor ou medo, e como ela acabou indo morar com Elizabeth.

Queria fazer perguntas, mas em vez disso devorei o frango como se não tivesse feito uma única refeição desde a última vez que Grant cozinhou para mim. Comi as duas coxas, as duas asas e então parti para o peito. O sabor da carne se misturava em minha memória com o sabor de Grant, de seus beijos depois de cozinhar, da maneira como me tocava, somente quando eu pedia, no ateliê e em todos os três andares da torre de água. Eu o abandonara, abdicara de seu toque, sua comida, e nada jamais o havia substituído.

Quando levantei a cabeça, ele me observava comer, como tantas outras vezes, e percebi, pela expressão em seus olhos, que nada havia me substituído tampouco.

Quando terminei, o frango na bandeja de prata era uma estátua de ossos. Olhei para o prato de Grant. Era difícil saber se ele tinha comido alguma coisa. Eu esperava que sim.



Esperava que não tivesse devorado a ave inteira. Mas quando ele me perguntou se eu queria ver o quarto de Hazel e tentei



## AFTER DARK

me levantar, senti o peso da comida dentro de mim. Deixei Grant praticamente me carregar até o andar de cima. Ele abriu a última porta do longo corredor e me ajudou a sentar na beira de uma cama de solteiro. Eu me deitei. Grant levantou minha cabeça e colocou um travesseiro debaixo dela. Então, passou em frente a uma cadeira de balanço e pegou um álbum de fotografias cor-de-rosa de uma estante.

– Elizabeth fez isto para ela – falou, abrindo o livro.

A primeira página continha um desenho de uma flor de aveleira feito por Catherine. Tinha sido arrancado de seu arquivo, plastificado e preso ao álbum com cantoneiras douradas. O nome de minha filha, Hazel Jones-Hastings, estava escrito abaixo dele, com a caligrafia elegante de Elizabeth, junto com a data de seu aniversário, 1º de março, que não era o dia certo. Ele virou a página.

Em uma foto emoldurada, Hazel estava deitada em seu cesto forrado de musgo, exatamente como eu a havia deixado.

Senti meu estômago embrulhar e meus olhos se encherem d'água ao recordar meu amor por ela naquele momento, devastador e incapacitante. Na página seguinte, a cabeça de Hazel estava pressionada contra o peito de Grant em um canguru, com um chapéu branco mole amarrado debaixo de seu queixo. Ela estava dormindo. Havia duas ou três fotos de

cada mês de sua vida: o primeiro sorriso, o primeiro dente e a primeira refeição, tudo capturado com uma atenção cheia de carinho.



Fechei o álbum e o entreguei a Grant. Era tudo o que eu queria saber.

– Este é o quarto dela? – perguntei.

– Quando ela vem me visitar. Geralmente nos sábados à tarde, ou depois que eu volto do mercado dos fazendeiros aos domingos.

Ele correu a mão ao longo da grade de um berço vazio enquanto devolvia o álbum à prateleira. Quando se deitou ao meu lado, senti seu corpo quente tocar meu braço.

Olhei ao redor do quarto. As ilustrações de flores de Catherine, quadrados de 30 centímetros em grafite, estavam penduradas em molduras cor-de-rosa com passe-partout brancos e grossos. As molduras combinavam com os móveis: um berço, uma cadeira de balanço, uma mesa de cabeceira e uma estante, tudo cor-de-rosa estampado com margaridas brancas.

– A casa está bonita – falei. – Você fez tanta coisa em um ano...

Grant balançou a cabeça.

– Um ano e meio – corrigiu-me. – Comecei um dia depois de lhe mostrar o ateliê da minha mãe. Nas tardes em que você fazia hora extra, eu vinha correndo para casa para arrancar papel de parede, refazer o acabamento dos pisos.

Queria que fosse uma surpresa. Esperava que algum dia morássemos

aqui juntos.



Eu tinha ido embora sem me despedir, sem ao menos contar para Grant que estava grávida. E ele havia passado todo esse tempo construindo um lar para mim, sem saber se eu voltaria ou quando.

– Sinto muito – falei.

Um silêncio pairou entre nós e lembrei-me dos primeiros meses da minha gravidez, quando fui dormir pela segunda vez na McKinley Square, enjoada, suja e desgredada. A imagem me causou desconforto. Na época, estava tão chocada que não sentia medo de nada: todo o meu senso de autopreservação havia desaparecido.

– Também sinto muito – disse Grant.

Descolei meu corpo do seu e o olhei nos olhos. Ele estava falando sobre a nossa filha, o quarto dela vazio ao nosso redor.

– Você entregou Hazel? – perguntei.

Não era uma acusação e, pela primeira vez na vida, o tom da minha voz expressava exatamente o que eu queria dizer, que minha curiosidade era inocente e avassaladora.

Grant assentiu.

– Não queria fazer isso. Eu a amei assim que a vi. Meu amor por ela era tão grande que me esqueci de comer, de

dormir e de cuidar das flores durante todo o mês de março.

Então tinha sido o mesmo para Grant que fora para mim, pensei: demais.



Ele se virou para mim, seu corpo grosso apertado contra o meu e a parede.

– Queria tanto fazê-la feliz – disse ele. – Mas não parava de cometer erros. Dava comida de mais para ela, me esquecia de trocar sua fralda ou então a deixava muito tempo no sol enquanto eu trabalhava. Ela nunca chorava, mas a culpa não me deixava dormir à noite. Achava que estava decepcionando minha filha e a você também. Não conseguia ser o pai que queria, não sozinho, não sem você. E tinha medo, mesmo quando escolhi o nome dela, de que você nunca mais voltasse.

Grant ergueu sua mão pesada e a passou pelo meu cabelo. Pressionou o rosto contra minha cabeça e senti sua barba por fazer espetar minha pele.

– Eu a levei até Elizabeth – disse ele. – Foi a única coisa em que consegui pensar. Quando apareci na sua varanda com a bebê no cesto, ela chorou e nos levou até a cozinha.

Fiquei duas semanas na casa dela e, quando fui embora, não trouxe Hazel comigo. Ela sorriu pela primeira vez nos braços de Elizabeth. Não suportei a ideia de separá-las.

Grant me envolveu com seus braços e apoiou o rosto na minha orelha.

– Talvez tenha sido apenas minha desculpa para abandoná-la – sussurrou. – Mas era impossível para mim.

Passei o braço por baixo de seu peito. Quando ele me abraçou forte, retribuí o gesto.



– Eu sei – respondi.

Também tinha sido impossível para mim e ele sabia disso sem que eu precisasse falar. Ficamos abraçados como se estivéssemos nos afogando, sem que nenhum dos dois buscasse a segurança do litoral, e continuamos assim por um bom tempo, sem falar, apenas respirando.

– Você contou a Elizabeth sobre mim? – perguntei.

Grant assentiu.

– Ela queria saber de tudo. Achava que poderia relatar todos os momentos de cada dia que você tinha vivido desde a última vez que se viram no tribunal e sempre ficava decepcionada porque eu não conseguia.

Grant me contou sobre as vezes em que ficava sentado à mesa de Elizabeth, um rosbife assando no forno, com Hazel adormecida em seus braços. Por que você não perguntou?, insistia ela quando Grant não sabia o que eu havia feito no meu aniversário de 16 anos, se eu tinha cursado o ensino médio ou o que mais gostava de comer no café da manhã.

– Ela riu quando contei que você não gostava de lírios e me disse que você também não era muito fã de cactos.

Afastei o rosto do peito de Grant para encará-lo. O canto

de sua boca se curvou para cima e eu soube que ele tinha ouvido a história toda.

– Ela lhe contou tudo? – perguntei.



Grant assentiu. Deixei minha cabeça cair de volta, pronunciando as palavras seguintes junto ao seu peito.

– Até sobre o incêndio?

Ele fez que sim de novo, pressionando o queixo contra minha testa. Por fim, fiz a pergunta que vinha guardando dentro de mim havia tanto tempo.

– Como você pôde não saber a verdade?

Grant não respondeu de imediato. Quando o fez, suas palavras saíram com um longo suspiro.

– Minha mãe está morta.

Imaginei que, com essa afirmação, ele pretendia colocar um ponto final às minhas perguntas, então não o pressionei.

Mas, depois de uma pausa, ele prosseguiu.

– É tarde demais para perguntar a ela. Mas acho que ela acreditava ter causado o incêndio. Àquela altura, não me reconhecia durante a maior parte do tempo. Já se esquecia de comer, se recusava a tomar o remédio. Na noite do incêndio, eu a encontrei no ateliê, observando o fogo.

Lágrimas escorriam pelo seu rosto. Ela teve um acesso de tosse e então começou a sufocar, como se tivesse fumaça nos pulmões. Eu me aproximei dela, coloquei meus braços em volta dos seus ombros. Ela parecia tão pequena. Eu devia ter crescido uns 30 centímetros desde a última vez que me aninhara em seus braços. Entre soluços, ela murmurava a mesma frase, sem parar: Eu não queria fazer isso.



Imaginei o céu roxo, as silhuetas de Catherine e de Grant na janela, e senti de novo o desespero que havia experimentado diante do calor do fogo. Catherine também o sentira. Naquele momento, fomos iguais, as duas devastadas pela nossa compreensão limitada da realidade.

– E depois? – perguntei.

– Ela passou um ano desenhando jacintos. Usava lápis, carvão, tinta, pastel. Por fim, começou a pintar em todo tipo de superfície, desde telas enormes até pequenos selos: caules roxos altos com centenas de flores minúsculas. Todos para mim, dizia. Nenhuma era boa o suficiente para Elizabeth.

Todos os dias, ela tentava outra vez.

Jacinto. Por favor, me perdoe. Eu me lembrei dos potes de tinta roxa na prateleira mais alta do ateliê de Catherine.

– Foi um bom ano – disse Grant. – Um dos melhores que tivemos. Ela voltou a tomar o remédio e tentava comer.

Sempre que eu passava pelo terreno embaixo de sua janela

quebrada, ela gritava lá do alto que me amava. Às vezes, quando passo em frente à casa, ainda olho para cima, esperando vê-la.

Catherine jamais abandonara Grant, nem mesmo quando ficou doente. Sozinha, sem ajuda de ninguém, ela havia conseguido fazer o que nem eu nem ele tínhamos sido capazes: manter e criar um filho. O respeito que me invadiu foi profundo e inesperado. Olhei para Grant para ver se ele



também o sentia. Seus olhos, vidrados e arregalados, estavam fixos nos desenhos da mãe.

– Ela amava você – falei.

Ele passou a ponta da língua pelo lábio superior e concordou:

– Eu sei.

Havia um quê de surpresa em sua voz e eu não sabia se era pelo fato de a mãe o haver amado tanto ou por finalmente entender quanto esse sentimento era profundo. Ela estava longe de ter sido uma mãe perfeita. Mas Grant, agora um adulto, era forte, carinhoso, além de um fazendeiro bem-sucedido. Ninguém poderia dizer que ela não o criara bem –

ou pelo menos bem o suficiente. Senti uma onda de gratidão por aquela mulher que nunca conheci; a mulher que tinha criado o homem que eu amava.

– Como ela morreu? – perguntei.



– Um dia ela não levantou da cama. Quando fui vê-la, não estava respirando. Os médicos disseram que foi a combinação de álcool e dos remédios controlados. Ela sabia que não devia beber, mas costumava levar uma garrafa escondida para a cama. No fim das contas, seu corpo não aguentou.

– Lamento.



Era verdade. Lamentava por Grant e por não poder conhecê-la. Lamentava que Hazel jamais fosse conhecer a avó.

Abracei Grant uma última vez. Puxando meu braço de baixo dele, beijei sua testa.

– Você tem sido bom para Hazel – falei, com a voz trêmula. – Bom demais. Obrigada.

Passei por cima do seu corpo e me levantei.

– Não vá embora – pediu ele. – Fique aqui comigo. Por favor. Farei o jantar para você todas as noites.

Examinei os desenhos na parede: crócus, prímula e margaridas – flores para uma menina. Eu não conseguia encarar Grant, não conseguia pensar em sua comida. Se olhasse apenas mais uma vez nos seus olhos ou sentisse o cheiro de qualquer coisa no forno, seria impossível partir.

– Preciso ir – falei. – Por favor, não me peça para ficar.

Eu me importo muito com minha filha para atrapalhar sua vida agora

que ela está feliz, bem cuidada e amada.

Grant se levantou. Passou os braços em volta da minha cintura e me puxou para junto dele.

– Mas ela não tem a mãe – disse. – Nada pode substituir isso.

Suspirei. Seu tom não era acusatório, intimidador nem persuasivo.



Suas palavras eram verdadeiras.

Desci as escadas e Grant me seguiu. Ele me ultrapassou na sala de jantar e abriu a porta da frente. Atravessei-a depressa.

– Venha para o Dia de Ação de Graças – convidou-me. –

Teremos rosas.

Comecei a andar em direção à estrada, a passos lentos e pesados. Por mais que tivesse recusado o convite de Grant para ficar, na verdade não queria ir embora. Depois de ouvir as risadinhas de minha filha, depois de ver outra vez Elizabeth desempenhando o papel de mãe – sua voz tão firme e carinhosa quanto eu me lembrava –, não conseguia me obrigar a partir. Não queria atravessar a ponte de volta e me esconder no quarto azul. Acima de tudo, percebi com surpresa, não queria ficar sozinha.

Esperei ouvir o clique da porta da frente se fechando.

Então, dei meia-volta e entrei agachada na estufa mais próxima.

Precisava de flores.



---

# 6



O BUQUÊ QUE TINHA FEITO na fazenda de Grant se balançava entre meus joelhos enquanto eu dirigia, percorrendo o curto caminho de volta até a casa de Elizabeth.

Estacionei em frente à propriedade e subi a longa entrada de veículos. Uma suave luz alaranjada brilhava na janela da cozinha. Àquela altura da estação, eu esperava

encontrar Elizabeth já fazendo as degustações noturnas pelo vinhedo, com Hazel em seu colo, mas parecia que elas ainda estavam terminando de preparar o jantar. Eu me perguntava como ela conseguia cuidar do vinhedo com a bebê e se a qualidade da colheita ficaria prejudicada. Não conseguia imaginá-la permitindo que isso acontecesse.



Eu me detive na varanda, espiando pela janela da frente.

Hazel estava sentada à mesa da cozinha, numa cadeira de bebê, presa pelo cinto de segurança. Elizabeth tinha lhe dado banho e trocado sua roupa desde quando eu a vira no jardim.

Seu cabelo molhado, mais escuro e cacheado do que antes, estava partido para o lado e preso com um prendedor. Um babador verde amarrado atrás do seu pescoço estava respingado de algo branco e cremoso e ela lambeu o resto do que tinha comido das pontas dos dedos. Elizabeth estava de costas para mim, lavando a louça. Quando ouvi a água pia sendo fechada, fui para trás da porta de entrada.

Inclinando a cabeça, mergulhei o nariz no buquê que criara. Havia flor de linho, de aveleira e não-te-esqueças-de-mim. Rosas brancas e cor-de-rosa, helenium e pervinca, prímula e montes e montes de campânula. Botei musgo aveludado entre os caules bem amarrados, de modo quase imperceptível, e salpicara o arranjo com as pétalas roxas e brancas das sálvias mexicanas da fazenda de Grant. O buquê era enorme, mas ainda assim nem de longe era o suficiente.

Respirando fundo, bati.

Elizabeth passou em frente à janela e abriu a porta.

Hazel estava encaixada em seu quadril, com a bochecha apoiada no ombro de Elizabeth. Estendi as flores.

Um sorriso se espalhou no rosto de Elizabeth. Em sua expressão, vi reconhecimento e alegria, mas não a surpresa que esperava. Quando ela me olhou dos pés à cabeça, eu me senti como uma filha voltando de uma colônia de férias para



junto da mãe que se preocupava desnecessariamente. Só que, em vez de férias, tinha sido minha adolescência inteira, minha emancipação, minha experiência como sem-teto e como mãe solteira. Além disso, não se poderia dizer que a preocupação de Elizabeth tinha sido desnecessária. Mas, naquele instante, os anos que haviam se passado desde que eu saíra de sua casa pareceram curtos e distantes.

Abrindo a tela, ela estendeu o braço por cima do buquê, passando-o em volta do meu pescoço. Eu me apoiei no ombro que Hazel tinha deixado livre e ficamos ali, em um abraço desajeitado, até a bebê começar a escorregar do quadril de Elizabeth. Ela a empurrou de volta para cima e me afastei para olhar as duas. O rosto de Hazel estava escondido; Elizabeth secava lágrimas dos cantos dos olhos.

– Victoria! – exclamou. Em seguida, fechou a mão em volta dos meus dedos e seguramos o buquê juntas. Por fim, ela o pegou. –

Senti sua falta.

– Eu também – falei.

Ela então segurou a tela aberta e meneou a cabeça, convidando-me a entrar.

– Você já jantou? Sobrou um pouco de sopa de lentilhas e fiz sorvete de baunilha hoje à tarde.

– Acabei de comer – respondi. – Mas aceito o sorvete.

Hazel ergueu a cabeça do ombro de Elizabeth e bateu palmas.



– Você já comeu o seu, garotinha – disse Elizabeth, beijando o topo da cabeça da menina e entrando na cozinha.

Ela pôs Hazel no chão e a bebê se agarrou às suas pernas. Debruçando-se do freezer até o balcão sem dar um passo, Elizabeth conseguiu pegar um pote de sorvete, uma tigela e uma colher.

– Subindo – disse ela quando acabou de encher a tigela.

Hazel estendeu as mãos para cima e Elizabeth se abaixou para apanhá-la com um só braço. – Vamos sentar à mesa com sua mãe.

Meu coração disparou diante da maneira casual como Elizabeth se referiu à minha maternidade, mas Hazel, é claro, não estranhou.

Lavei as mãos na pia e me sentei. Elizabeth arrastou a

cadeira alta de modo que ela ficasse de frente para mim, mas, quando se inclinou para colocar a bebê lá dentro, Hazel gritou e se agarrou à nuca de Elizabeth.

– Não, obrigada, tia Elizabeth – brincou ela com calma, interrompendo o grito de Hazel.

Então tirou a cadeira de bebê do caminho e arrastou uma cadeira normal para o seu lugar, sentando-se com Hazel apertada contra seu corpo.

– Ela vai se acostumar com você – declarou. – Precisa de um tempinho para se acostumar.

– Grant me disse.



– Você esteve com ele?

Assenti.

– Agora há pouco. Vim aqui antes, mas quando vi você no jardim com Hazel, fiquei tão surpresa que saí correndo.

– Fico feliz que tenha voltado.

– Eu também.

Elizabeth empurrou a tigela de sorvete pela mesa e nossos olhares se cruzaram. Eu estava de volta. Talvez não fosse tarde demais, afinal.



Tomei uma colherada gelada e cremosa. Quando ergui os olhos, Hazel tinha se virado para mim. Ela me espiava timidamente, com os lábios finos entreabertos. Voltei a encher a colher, levando-a em câmera lenta até a boca, mas no último instante, girei-a na direção de sua língua. Ela engoliu, abriu um sorriso e escondeu o rosto no peito de Elizabeth. Então, levantando a cabeça, abriu a boca novamente. Peguei uma segunda colherada de sorvete e a enfiei entre seus lábios.

O olhar de Elizabeth oscilava entre o rosto da bebê e o meu.

– Como você tem passado? – perguntou.

– Bem – respondi, evitando seu olhar.

Ela balançou a cabeça.



– Nada disso. Quero saber exatamente como você tem passado, desde que nos vimos pela última vez no tribunal.

Quero saber tudo. Pode começar me dizendo para onde foi quando fugiu de lá.

– Não cheguei longe. Meredith me pegou e me mandou para um abrigo, como tinha prometido.

– Foi terrível?

Havia pavor em seus olhos ao fazer essa pergunta e eu soube que ela esperava que eu confirmasse seus piores

pesadelos sobre como minha vida tinha sido ao longo da última década.

– Para as outras garotas, sim – falei com sarcasmo, lembrando-me da adolescente que eu tinha sido e todo o mal que causara. – Para mim, só foi terrível porque eu não estava aqui com você.

Os olhos de Elizabeth se encheram de lágrimas, Hazel bateu na mesa com punhos impacientes. Eu lhe dei outra colherada e ela esticou os braços, como se quisesse que eu a pegasse. Olhei para Elizabeth.

Ela assentiu, encorajando-me.

– Vá em frente.

Com as mãos trêmulas, segurei Hazel por baixo dos braços, erguendo-a e puxando-a para mim. Ela era mais pesada do que eu imaginava. Quando a coloquei no meu colo, ela balançou o bumbum contra o meu abdome e enfiou a



cabeça debaixo do meu queixo. Afundei o rosto no cabelo em sua nuca. Seu cheiro era como o de Elizabeth: óleo de cozinha, canela e sabonete de limão. Respirei fundo, envolvendo sua cintura com meus braços.

Hazel enfiou a mão na tigela, mergulhando os dedos no creme derretido. Elizabeth e eu ficamos observando-a comer, o sorvete pingando em seu vestido de linho sem babador. Sua testa, concentrada, parecia tão séria quanto a do pai.

– Onde você mora? – perguntou Elizabeth.

– Tenho um apartamento. E um negócio, também. Faço arranjos de flores para casamentos, aniversários, eventos em geral.

– Grant diz que você é incrível. Ele me falou que as mulheres fazem filas de dobrar o quarteirão, que esperam meses para comprar suas flores.

Dei de ombros.

– Tudo o que sei aprendi aqui – reconheci.

Olhei em volta, lembrando-me da tarde em que Elizabeth cortou um lírio ao meio em cima de uma tábua naquela mesma mesa. Tudo era exatamente como eu me recordava – a mesa e as cadeiras, o balcão limpo e a pia funda de porcelana branca. A única coisa nova era uma pintura, uma reprodução de um jacinto roxo, do tamanho de uma caixa de fósforos, que pairava numa moldura de vidro



azul apoiada no parapeito da janela, ao lado da fileira de garrafinhas azuis.

– Foi Catherine que lhe deu? – perguntei, indicando a pintura com a cabeça.

Elizabeth fez que não.

– Foi Grant. Catherine morreu antes de pintar um jacinto que achasse bom o suficiente para mim. Mas este era o favorito de Grant e ele me deu de presente.

– É lindo.

Elizabeth assentiu.

– Também adoro.

Ela se levantou e trouxe a pintura até a mesa, colocando-a entre nós duas. Eu analisei a maneira como as flores se juntavam em volta do caule, suas pétalas pontiagudas se encaixando como peças de um quebra-cabeça. Algo na configuração delas me fazia acreditar que o perdão deveria vir naturalmente, mas que, naquela família, não tinha sido assim. Pensei nas décadas de mal-entendidos, desde as rosas amarelas até o incêndio, nas tentativas frustradas de perdoar e ser perdoado.

– Tudo mudou – disse Elizabeth, como se lesse meus pensamentos. – Grant e eu, depois de tantos anos, voltamos a ser uma família. Espero que você volte a fazer parte dela. Já sentimos saudades de mais de você, não é, Hazel?



Minha filha estava concentrada na tigela, já vazia àquela altura. Ela a virou de cabeça para baixo, pegando-a de volta e analisando o círculo cremoso que deixara em cima da mesa.

Com seus dedos, espalhou o creme em círculos, uma pintura abstrata e açucarada sobre a madeira.

A mão de Elizabeth se aproximou da minha em cima da mesa. Ela a ofereceu para mim e, ao fazê-lo, tive a sensação de que estava me oferecendo um caminho de volta àquela

família, na qual eu era amada – como filha, como mulher e como mãe. Peguei sua mão. Hazel enfiou a dela, grudenta e quente, entre nossas palmas.

Porém, mesmo com o perdão tão claro nas palavras de Elizabeth, eu ainda tinha uma pergunta:

– O que aconteceu com o vinhedo?

O pavor que senti foi o mesmo que percebi na voz de Elizabeth quando me perguntou sobre minha adolescência nos abrigos. Nós duas tínhamos imaginado o pior.

– Nós o replantamos. O prejuízo foi considerável, mas nada em comparação ao fato de ter perdido você. Durante anos, as videiras novas foram finas e as ervas daninhas grossas. Eu só saía de casa no outono, para fazer a degustação, e mesmo assim porque Carlos quase derrubava minha porta todas as noites.

O trailer não estava mais lá. Carlos também não.



– Ele voltou para o México há um ano, depois que Perla foi para a faculdade – explicou Elizabeth. – Os pais dele estavam velhos e doentes. Eu tinha finalmente aprendido a lidar com minha dor e a cuidar do meu vinhedo. Não precisava mais dele.

Então a perda de minha filha também teria ficado mais fácil, se eu tivesse esperado tempo suficiente. Mas uma década é tempo de mais para esperar. Eu pressionei o nariz contra os cabelos encaracolados de Hazel, aspirando

novamente seu cheiro doce.

– As uvas devem estar quase boas – falei.

– Provavelmente. Há três dias que não confiro. É mais difícil agora – ela inclinou a cabeça para Hazel –, mas vale a pena.

– Quer minha ajuda? – perguntei, indicando o vinhedo com um gesto.

– Quero – respondeu Elizabeth, sorrindo. – Vamos.

Então pegou um pano de prato úmido do escorredor e limpou as mãos e o rosto de Hazel enquanto ela se contorcia.

Do lado de fora, subimos no trator vermelho. Elizabeth foi na frente e eu a segui depois de lhe passar Hazel. A menina se sentou no colo dela, estendendo os braços para tocar o volante, mas, quando o motor deu partida, se virou para enterrar o rosto no peito de Elizabeth, pressionando a orelha contra sua axila para abafar o som. Fomos sacolejando



pela estrada, passando por onde o trailer costumava ficar, até a colina em que eu havia encontrado a uva madura, no ano em que causei o incêndio. Elizabeth desligou o motor.

O vinhedo estava silencioso. Hazel se afastou de Elizabeth, olhando por sobre as videiras em direção à casa.

Seus olhos sonolentos acompanharam a linha do telhado até as janelas do andar de cima. Quando me viu, levou um susto, como se tivesse se esquecido de que eu estava ali, mas então

abriu um sorriso lento, tímido, radiante. Estendendo os braços na minha direção, soltou um gritinho de prazer. O

som agudo abriu uma rachadura fina na casca de noz que envolvia meu coração, tão perfeitamente quanto teria partido uma delicada taça de cristal.

Eu a puxei para mim. Descemos do trator e nos agachamos junto às videiras. Hazel apertou o rosto contra um cacho de uvas e me juntei a ela. Peguei uma fruta, cortei-a com o dente e dei um pedacinho para minha filha. Ela já havia sido iniciada nesse ritual. Juntas, mascamos a casca e degustamos o miolo macio, passando-o de uma bochecha para a outra.

Eu sorri. 75/7. As uvas estavam maduras.





# 7

COLOQUEI MINHA CAIXA AZUL na estante, no espaço vazio ao lado da caixa cor de laranja de Grant. As duas se encaixaram perfeitamente entre um livro de botânica e uma antologia de poesia, no espaço que costumavam ocupar no ano anterior, quando Grant e eu moramos juntos na torre de água.



Era Dia de Ação de Graças. Eu tinha passado a manhã ajudando Grant, picando legumes e verduras, espremendo batatas e colhendo rosas para a mesa. Elizabeth chegaria a qualquer momento. Hazel também. Grant queria que tudo estivesse perfeito. Quando eu o deixara na cozinha, ele estava andando de um lado para outro em frente ao molho, conferindo com tanta frequência a temperatura do forno que



## AFTER DARK

fazia o ar quente quase todo sair. O peru só ficaria pronto à noite, mas eu não me importava. Não iria a lugar nenhum.

Havia deixado o vinhedo apenas duas vezes desde a noite em que degustara as uvas com minha filha. Uma para ajudar Marlena com um casamento de 500 convidados –

nosso maior evento até então – e outra, no dia anterior, para fazer minhas malas. Depois de esvaziar o apartamento, fui à Gathering House e ofereci moradia grátis para quem quisesse trabalhar como assistente de florista. Duas garotas se ofereceram e eu as contratei imediatamente, levando-as para meu apartamento. Marlena estava esperando, ansiosa, e fiquei observando enquanto ela mostrava o local para as garotas e depois explicava a programação. Elas escutaram em silêncio enquanto Marlena descrevia as várias tarefas pelas quais seriam responsáveis. Virei-me para ir embora, confiante de que não precisariam de mim num futuro próximo, porém Marlena me puxou de lado com uma expressão de desespero nos olhos.

– Mas elas não conhecem as flores – sussurrou.

– Você também não conhecia – lembrei-lhe, mas isso não pareceu tranquilizá-la.

Prometi que voltaria em breve. Só precisava de um pouco mais de tempo.

Puxando a bolsa de viagem pesada de Grant até o terceiro andar, pensei na promessa que fizera à Marlena. Eu adorava a Mensagem, a expressão nos rostos das noivas



quando lhes entregava sua lista de flores, os cartões de agradecimento que chegavam todos os dias pelo correio.

Marlena e eu estávamos construindo algo. Bethany e Ray já haviam nos contratado para seu primeiro, quinto e décimo aniversário de casamento. Bethany me dava os créditos por se sentir tão realizada em seu relacionamento; eu lhe dava os créditos pelo crescente sucesso do meu negócio. Não iria decepcioná-la. Também não iria decepcionar Marlena.

Algum dia, eu seria capaz de ter as duas coisas ao mesmo tempo: um trabalho e uma família. Iria para São Francisco pelas manhãs e voltaria para casa na hora do jantar, como qualquer outra mãe que trabalha fora. Buscaria Hazel na casa de Elizabeth, a colocaria em sua cadeirinha no carro, voltaria com ela para a fazenda de flores e nos sentaríamos à longa mesa de refeições. Grant faria a comida, que cortaríamos para Hazel em pedacinhos bem pequenos e conversaríamos sobre o nosso dia, admirados com o crescimento de nossos negócios, de nossa filha, de nosso amor. Nos dias de folga, levaríamos Hazel à praia, Grant carregando-

a nos ombros até ela ter idade suficiente para correr com segurança à beira-mar, suas pegadas na areia crescendo a cada mês.

Um dia, eu conseguiria fazer tudo isso.

Mas ainda não.

Por ora, eu sabia que reunir minha família exigiria todas as minhas forças e toda a minha atenção. Por mais que estivesse preocupada, Marlena entendia isso. A tarefa que



tinha à minha frente era descomunal. Eu precisava aceitar o amor de Grant e de Elizabeth, além de conquistar o de minha filha. Jamais poderia, sob circunstância alguma, abandoná-los outra vez.

A ideia me enchia tanto de alegria quanto de pavor.

Eu já havia morado com Grant antes e fracassado.

Assim como já havia morado com Elizabeth e com Hazel. E sempre fracassara.

Dessa vez, disse a mim mesma, correndo os olhos pelo antigo quarto de Grant, seria diferente. Eu faria as coisas mais devagar, entraria em nossa família não convencional de um modo com o qual pudesse lidar. Minha experiência com a amamentação me ensinara os perigos de mergulhar de

cabeça em algo e se arriscar a um colapso. Era por isso que eu tinha decidido viver sozinha na torre de água por um tempo. Hazel continuaria com Elizabeth, visitando-nos cada vez mais frequentemente e por períodos mais longos. Quando meu medo se transformasse em confiança – em minha família, mas especialmente em mim mesma –, eu me mudaria para a casa principal com Grant e Hazel iria morar conosco.

Elizabeth estaria ali perto para nos apoiar. E a torre de água, Grant prometeu, sempre seria minha para uma escapulida, um momento de solidão. Era tudo de que eu precisava para ficar.

Abri a bolsa e comecei a tirar minhas coisas, empilhando calças jeans, camisetas e sapatos pelos cantos, pendurando blusas e cintos em uma fileira de pregos



enferrujados na parede. Lá fora, o portão se abriu com um rangido. Fui até a janela e vi Elizabeth entrar com um carrinho de bebê, voltando para fechar o trinco. Os sapatinhos de verniz de Hazel despontavam sob um chapéu de lona largo, puxado para baixo para proteger seu rosto do sol.

Encontrei meu único vestido dentro da bolsa e o peguei.

Despi-me às pressas e troquei de roupa. Era um vestido de algodão preto abotoado na frente, com um cinto fino do mesmo tecido. Calcei minha sandália rasteira vermelho-escura e coloquei um colar de cristal que Elizabeth me dera, um que Hazel gostava de pegar.

Penteando meus cabelos curtos com os dedos, voltei à janela. Elizabeth já estava no primeiro degrau da varanda, onde parou o carrinho e abriu a capota. Hazel apertou os olhos contra a luz do sol. Seu olhar subiu pela torre de água e acenei pela janela do terceiro piso. Ela sorriu e esticou os braços para cima, como se quisesse que eu a tirasse do carrinho.

Elizabeth viu seu gesto e se inclinou para pegá-la. Com a bebê no quadril, enfiou a mão debaixo do banco do carrinho e tirou algo dali, erguendo-o para que eu visse.

Uma mochila em forma de joaninha. Sabia que dentro dela havia o pijama de Hazel, fraldas e uma muda de roupa.

O rosto de Elizabeth estava repleto de alegria e de uma coragem obstinada; não tinha dúvidas de que o meu também.

Olhar para minha filha me enchia de um amor que eu antes



achava ser incapaz de sentir e pensei no que Grant tinha dito na tarde em que reapareci em seu jardim de rosas. Se fosse verdade que o musgo não tinha raízes e que o amor materno poderia crescer espontaneamente, vindo do nada, talvez eu tivesse me enganado ao me julgar incapaz de criar minha filha. Talvez os indiferentes, os rejeitados, os mal-amados pudessem aprender a dar amor com tanta abundância quanto qualquer outra pessoa.

Minha filha estava prestes a passar sua primeira noite comigo. Nós leríamos um pouco e nos sentaríamos na cadeira

de balanço. Depois, tentaríamos dormir. Talvez ela ficasse assustada. Talvez eu me sentisse assoberbada, mas iríamos tentar novamente na semana seguinte e na outra. Com o tempo, nos acostumaríamos uma à outra e eu aprenderia a amá-la como uma mãe ama sua filha, de forma imperfeita e sem raízes.

Fim...



O dicionário de flores de Victoria

## A

Abacaxi (*Ananas comosus*). . . Você é perfeito(a)

Abutilão (*Abutilon*). . . Meditação Acácia (*Acacia*). . . Amor secreto

Açafrão (*Crocus sativus*). . . Evite excessos Açafrão-do-prado (*Colchicum autumnale*). . . Meus melhores dias já passaram

Acanto (*Acanthus*). . . Astúcia

Acônito (*Aconitum*). . . Cavalheirismo Açucena (*Hippeastrum*). . . Orgulho  
Agapanto (*Agapanthus*). . . Carta de amor Álamo-branco (*Populus alba*). . . Tempo Álamo-negro (*Populus nigra*). . . Coragem  
Alecrim (*Rosmarinus officinalis*). . . Recordação  
Alerce (*Larix decidua*). . . Audácia Alface (*Lactuca sativa*). . . Indiferença  
Allium (*Allium*). . . Prosperidade



Alquequenje (*Physalis alkekengi*). . . Farsa  
Amaranto (*Amaranthus*). . . Imortalidade Ameixa-  
preta (*Prunus domestica*) . . . Mantenha suas promessas

Amendoeira, flor de (*Amygdalus communis*). . .

Indiscrição

Amora-preta (*Rubus*). . . Inveja

Amor-perfeito (*Viola*). . . Pense em mim Anêmona (*Anemone*). . . Desamparo

Angélica (*Polianthes tuberosa*). . . Prazeres perigosos  
Angélica do litoral ibérico (*Angelica pachycarpa*). . .

Inspiração

Arméria (*Armeria*). . . Solidariedade Arquilégia (*Aquilegia*). . . Abandono  
Árvore-de-judas (*Cercis*). . . Traição Áster (*Aster*). . . Paciência

Áster monte-cassino (*Aster*). . . Paciência Áster-italiana  
(*Aster amellus*). . . Adeus Astromélia (*Alstroemeria*). . . Devoção Ave-do-  
paraíso (*Strelitzia reginae*). . . Esplendor Aveia  
(*Avena sativa*). . . O poder de sedução da música



# AFTER DARK

Avelã (*Corylus*). . . Reconciliação Avenca (*Adiantum capillus  
veneris*). . . Discrição Azaleia (*Rhododendron*). . . Paixão frágil e passageira  
Azedinha (*Rumex acetosa*). . . Amor de pai e mãe  
Azevinho (*Ilex*). . . Previdência

## B

Babosa (*Aloe vera*). . . Pesar

Batata (*Solanum tuberosum*). . . Benevolência Begônia (*Begonia*). . . Cautela

Bico-de-papagaio (*Euphorbia pulcherrima*). . . Mantenha o bom humor

Boca-de-leão (*Antirrhinum majus*). . . Presunção Bouvárdia  
(*Bouvardia*). . . Entusiasmo Brinco-de-princesa (*Fuchsia*). . . Amor humilde  
Buganville (*Bougainvillea spectabilis*). . . Paixão Buquê-de-noiva  
(*Spiraea*). . . Vitória





# AFTER DARK

## C

Cactos (Opuntia). . . Amor ardente Calêndula (Calendula). . . Luto

Cambará (Lantana). . . Rigor

Camélia (Camellia). . . Meu destino está em suas mãos

Camomila (Matricaria recutita). . . Ânimo diante das adversidades

Campainha-de-inverno (Galanthus) . . . Consolação e esperança

Campânula (Campanula). . . Gratidão Campânula-branca (Campanula medium) . . .

Constância

Capuchinha (Tropaeolum majus). . . Patriotismo

Caqui (Diospyros kaki). . . Enterre-me em meio ao esplendor da natureza

Cardo (Cirsium). . . Misanthropia

Castanha-portuguesa (Castanea sativa). . . Faça-me justiça

Cauda-de-raposa

(Amaranthus

caudatus).

.

.

Desamparado(a), porém não indefeso(a) Celidônia  
(Chelidonium majus). . . Alegrias virão



Cerefólio (Anthriscus). . . Sinceridade Cerejeira, flor de (Prunus cerasus). . . Efemeridade Chicória (Cichorium intybus). . . Frugalidade Chorão-das-praias (Carpobrotus chilensis). . . O seu olhar me petrifica

Ciclame (Cyclamen). . . Vaga esperança Cicuta-negra (Ammi majus). . . Fantasia Cinco-em-rama (Potentilla). . . Filha amada Cipreste (Cupressus). . . Luto

Cizirão (Lathyrus latifolius). . . Prazer duradouro Clemátis (Clematis). . . Pobreza

Coentro (Coriandrum sativum). . . Valor oculto Copo-de-leite (Zantedeschia aethiopica). . . Modéstia Coreópsis (Coreopsis). . . Sempre alegre

Corniso (Cornus). . . Amor intocado pela adversidade

Cosmos (Cosmos bipinnatus). . . Alegria na vida e no amor

Couve (Brassica oleracea). . . Lucro Cranberry (Vaccinium). . . Cura para dor de cotovelo Cravina (Dianthus). . . Amor puro

Cravina barbatus (Dianthus barbatus). . . Bravura



# AFTER DARK

Cravina-branca (*Dianthus*). . . Apresse-se

Cravo amarelo (*Dianthus caryophyllus*). . . Desprezo

Cravo branco (*Dianthus caryophyllus*) . . . Meigo(a) e encantador(a)

Cravo listrado (*Dianthus caryophyllus*). . . Não posso ficar com você

Cravo rosa (*Dianthus caryophyllus*). . . Nunca esquecerei você

Cravo vermelho (*Dianthus caryophyllus*). . . Meu coração está partido

Cravo-da-índia (*Syzygium aromaticum*). . . Eu o(a) amei, mas  
você não percebeu

Cravo-de-amor (*Gypsophila paniculata*). . . Amor eterno

Crisântemo (*Chrysanthemum*). . . Verdade Crista-de-galo (*Celosia*). . . Afetação

Crócus (*Crocus*). . . Alegria juvenil

## D

Dafne (*Daphne*). . . Gosto de você como você é Dália (*Dahlia*). . . Dignidade

Dedaleira (*Digitalis purpurea*). . . Falsidade



# AFTER DARK

Delfínio (*Delphinium*). . . Leviandade Dente-de-leão (*Taraxacum*). . . Oráculo do campo Dictamo-branco (*Dictamnus albus*). . . Nascimento Dracena (*Dracaena*). . . Você está prestes a cair em uma armadilha

## E

Edelvais (*Leontopodium alpinum*). . . Nobre coragem  
Epilóbio (*Epilobium*). . . Pretensão Equinácea  
(*Echinacea purpurea*). . . Força e saúde Erva-de-são-joão

(*Hypericum*

*perforatum*).

.

.

Superstição

Erva-doce (*Foeniculum vulgare*). . . Força Erva-dos-burros (*Oenothera biennis*). . . Inconstância Ervilha-de-cheiro (*Lathyrus odoratus*). . . Prazeres delicados

Escabiosa (*Scabiosa*). . . Amor malfadado Escada-de-jacó (*Polemonium*). . . Desça

Escovinha (*Centaurea cyanus*). . . Felicidade na vida de solteiro(a)



Espirradeira (*Nerium oleander*). . . Cuidado Esporinha (*Consolida*). . . Leveza

Estrela-de-belém (*Ornithogalum umbellatum*). . . Pureza

Eucalipto (*Eucalyptus*). . . Proteção Eufórbia (*Euphorbia*). . . Persistência **F**

Figueira (*Ficus carica*). . . Discussão

Filipêndula (*Filipendula ulmaria*). . . Inutilidade Flor-da-

paixão (*Passiflora*). . . Fé Flor-de-cera (*Hoya*). . . Suscetibilidade Flor-de-

mel (*Lobularia maritima*). . . Valor além da beleza

Flox (*Phlox*). . . Nossas almas estão unidas Framboesa (*Rubus*). . . Remorso

Frésia (*Freesia*). . . Amizade duradoura **G**



Gardênia (*Gardenia*). . . Requite

Genciana (*Gentiana*). . . Valor intrínseco Gengibre (*Zingiber*). . . Resistência

Gerânio

cheiroso (Pelargonium). . . Amizade verdadeira  
silvestre (Pelargonium). . . Devoção inabalável  
vermelho (Pelargonium). . . Estupidez Gérbera (Gerbera). . . Animação

Giesta (Cytisus). . . Humildade

Girassol (Helianthus annuus). . . Falsa riqueza  
Gladíolo (Gladiolus). . . Você parte meu coração  
Glicínia (Wisteria). . . Seja bem-vindo(a) Glória-da-  
manhã (Ipomoea). . . Faceirice Goivinho-da-  
praia (Malcolmia maritima). . . Você sempre será lindo(a) para mim

Goivo-amarelo (Cheiranthus). . . Fidelidade na adversidade

Gramíneas (Poaceae). . . Submissão

Groselheira (Ribes). . . Você me mata com seu olhar de desdém



## H

Hamamélis (Hamamelis). . . Fascínio Helenium (Helenium). . . Lágrimas

Heliotrópio (Heliotropium). . . Amor devoto

Hemerocale (Hemerocallis). . . Faceirice Hera (Hedera helix). . . Fidelidade

Hibisco (Hibiscus). . . Beleza delicada Hortelã-pimenta

(Mentha). . . Sensação de ternura Hortênsia (Hydrangea). . . Apatia

## I

Ibéris (Iberis). . . Indiferença

Íris (Iris). . . Mensagem

## J

Jacinto

azul (Hyacinthus orientalis). . . Constância



branco (Hyacinthus orientalis). . . Beleza

roxo (Hyacinthus orientalis). . . Por favor, me perdoe Jacinto-dos-

campos (Hyacinthoides non-scripta). . .

Constância

Jasmim-carolina

(Gelsemium

sempervirens).

.

.

Separação

Jasmim-de-madagascar (*Stephanotis floribunda*). . .

Felicidade no casamento

Jasmim-neve (*Jasminum multiflorum*). . . União Jasmineiro-bastardo (*Solanum jasminoides*). . . Você é delicioso(a)

Jasmineiro-branco (*Jasminum officinale*). . . Afabilidade Junquilha (*Narcissus jonquilla*). . . Desejo L

Laburnun (*Laburnum anagyroides*). . . Beleza meditativa Laranja (*Citrus sinensis*). . . Generosidade

Laranjeira, flor de (*Citrus sinensis*). . . Sua pureza é tão grande quanto seu encanto

Lavanda (*Lavandula*). . . Desconfiança Liatris (*Liatris*). . . Tentarei novamente



Lilás (*Syringa*). . . Primeiros sentimentos de amor Limão (*Citrus limon*). . . Deleite

Limoeiro, flor de (*Citrus limon*). . . Descrição Linho (*Linum usitatissimum*). . . Sinto a sua ternura Líquen (*Parmelia*). . . Depressão

Lírio (*Lilium*). . . Majestade



Lírio-do-bosque (*Trillium*). . . Beleza modesta Lírio-do-vale (*Convallaria majalis*). . . Retorno da felicidade

Lisianto (*Eustoma*). . . Reconhecimento Lobélia (*Lobelia*). . . Malevolência

Lótus (*Nelumbo nucifera*). . . Pureza

Loureiro (*Laurus nobilis*). . . Glória e sucesso Louro (*Laurus*

*nobilis*). . . Não mudarei nem morto(a) Lupino (*Lupinus*). . . Imaginação

## M

Maçã (*Malus domestica*). . . Tentação Macieira, flor de (*Malus domestica*). . . Predileção



Macieira silvestre, flor de (*Malus hupehensis*). . . Mal-humorado

Madressilva (*Lonicera*). . . Devoção Magnólia (*Magnolia*). . . Dignidade

Malmequer-dos-brejos (*Caltha palustris*). . . Desejo de riqueza

Malva-rosa (*Alcea*). . . Ambição

Manjericão (*Ocimum basilicum*). . . Ódio Manjerona (*Origanum*). . . Vergonha

Margarida (*Bellis*). . . Inocência

Margarida-amarela (*Rudbeckia*). . . Justiça Maria-sem-vergonha

(*Impatiens*). . . Impaciência Marmelo (*Cydonia oblonga*). . . Tentação

Matricária-cheirosa (*Tanacetum parthenium*). . .

Ternura

Mil-folhas (*Achillea millefolium*). . . Cura para um coração partido

Milho (*Zea mays*). . . Fortuna

Mimosa (*Mimosa*). . . Sensibilidade Molucela (*Moluccella laevis*). . . Boa sorte

Morango (*Fragaria*). . . Perfeição



Morrião-dos-passarinhos (*Stellaria*). . . Seja bem-vindo(a)

Mostarda (*Brassica*). . . Estou magoado Murta (*Myrtus*). . . Amor

Musgo (*Bryopsida*). . . Amor materno N

Nabo (*Brassica rapa*). . . Caridade Não-me-esqueças (*Myosotis*). . . Não se esqueça de mim

Narciso (*Narcissus*). . . Autoestima Narciso-amarelo (*Narcissus*). . . Recomeços

Nigela (*Nigella damascena*). . . Perplexidade

Ninfeia (*Nymphaea*). . . Pureza de coração O

Oliva (*Olea europaea*). . . Paz

Orégano (*Origanum vulgare*). . . Alegria

Orquídeas (*Orchidaceae*). . . Beleza refinada



## P

Papoula (Papaver). . . Extravagância fora do comum Pau-  
incenso (Pittosporum undulatum). . . Fingimento Peônia (Paeonia). . . Raiva

Pera (Pyrus). . . Afeto

Pereira, flor da (Pyrus). . . Conforto Pervinca (Vinca minor). . . Boas lembranças  
Pêssego (Prunus persica). . . Seus encantos são inigualáveis

Pessegueiro, flor do (Prunus persica). . . Sou seu(sua) prisioneiro(a)

Petúnia (Petunia). . . Sua presença me acalma Pilriteiro (Crataegus  
monogyna). . . Esperança Pimpinela-escarlata (Anagallis arvensis). . . Mudança  
Primavera-dos-jardins (Primula elatior). . . Confiança Prímula  
(Primula vulgaris). . . Infância Prímula silvestre (Primula veris). . . Reflexão  
Prótea (Protea). . . Coragem

Pulmonária (Pulmonaria). . . Você é minha vida



## R

Ranúnculo (*Ranunculus asiaticus*). . . Você irradia charme

Ranúnculo-amarelo (*Ranunculus acris*). . . Ingratidão

Resedá (*Reseda odorata*). . . Suas qualidades superam seus encantos

Rododendro (*Rhododendron*). . . Cuidado Romã (*Punica granatum*). . . Insensatez Romã, flor de (*Punica granatum*). . . Elegância madura  
Rosa

amarela (*Rosa*). . . Infidelidade

borgonha (*Rosa*). . . Beleza inconsciente branca

(*Rosa*). . . Um coração inexperiente no amor cor de laranja (*Rosa*). . . Fascinação  
cor de pêssego (*Rosa*). . . Modéstia cor-de-rosa (*Rosa*). . . Graça

marroquina (*Rosa*). . . Confissão de amor roxa (*Rosa*). . . Encantamento

vermelha (*Rosa*). . . Amor

Rosa mosqueta (*Rosa rubiginosa*). . . Simplicidade



Ruibarbo (*Rheum*). . . Conselho

## S

Sabugueiro (Sambucus). . . Compaixão Salsinha (Petroselinum  
crispum). . . Festividade Sálvia (Salvia officinalis). . . Boa saúde e vida longa  
Samambaia (Polypodiophyta). . . Sinceridade Sapato-de-  
vênus (Cypripedium). . . Beleza caprichosa Saxífraga (Saxifraga). . . Afeto

Sedum (Sedum). . . Tranquilidade

Sino-dourado (Forsythia). . . Expectativa **T**

Tanaceto (Tanacetum). . . Eu declaro guerra contra você

Tango (Solidago). . . Incentivo cauteloso Tília (Tilia). . . Amor conjugal

Tomilho (Thymus). . . Diligência

Traquélio (Trachelium). . . Beleza negligenciada



Trevo-branco (Trifolium repens). . . Pense em mim Trigo  
(Triticum). . . Prosperidade Trombeta-chinesa

amarelo-alaranjado

(Campsis

radicans) . . . Fama

Tulipa (Tulipa). . . Declaração de amor **U**

Urtiga (Urtica). . . Crueldade

Urze (Erica). . . Solidão

Urze-do-mato (Calluna vulgaris). . . Proteção **V**

Verbasco (Verbascum). . . Tome coragem Verbena (Verbena) . . . Reze por mim

Verônica (Verônica). . . Fidelidade Vícia (Vicia). . . Você é meu arrimo Videira

(Vitis vinifera). . . Abundância



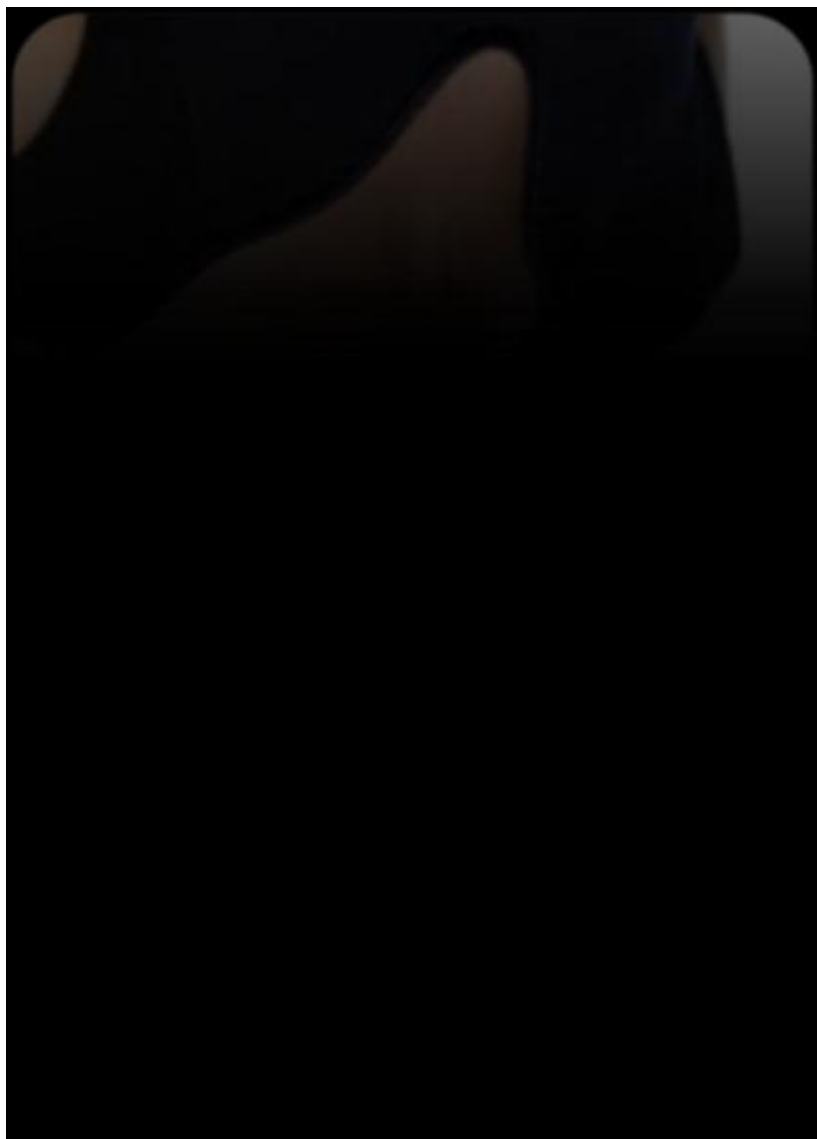
Violeta (Viola). . . Dignidade modesta Violeta-da-lua

(Lunaria annua). . . Honestidade Visco (Viscum). . . Eu supero todos os  
obstáculos **Z**

Zínia (Zinnia). . . Lamento sua ausência



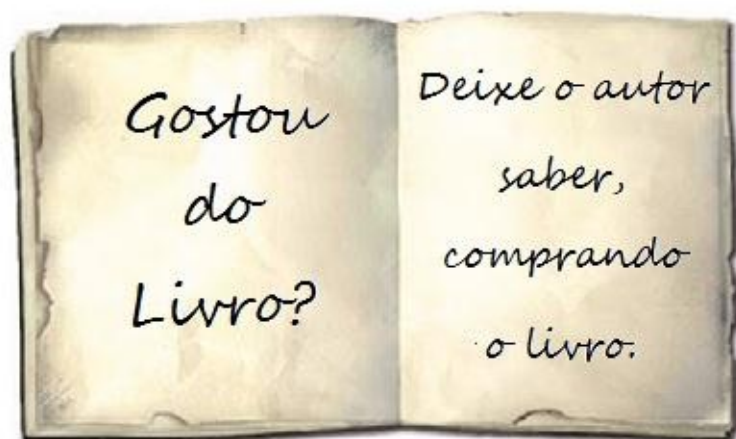
# AFTER DARK











Vanessa Diffenbaugh nasceu em São Francisco. Após estudar pedagogia e escrita criativa na Universidade de Stanford, lecionou arte e redação para jovens de comunidades pobres. Ela e seu marido, PK, têm três filhos: Tre'von, de 18 anos, Chela, de 4, e Miles, de 3. Atualmente, mora com a família em Cambridge.



# AFTER DARK



Esta obra foi traduzida pela **Comunidade After Dark**, que tem como objetivo a tradução de livros ainda **não** lançados no Brasil. É uma tradução sem fins lucrativos. Portanto a venda ou troca deste e-book é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode tê-lo em seus arquivos pessoais, mas pedimos que, **por favor, não hospede este e-book em nenhum outro lugar**. Caso queira tê-lo sendo disponibilizado em arquivo público, entre em contato com a Equipe Responsável pela Comunidade através do e-mail: [tadsuporte@gmail.com](mailto:tadsuporte@gmail.com).

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503>



☾ *All Creatures of the night get together After dark* ☽

